



O Prazer mais Escuro Gena Showalter

Ele podia suportar qualquer dor...exceto a ideia de perde-la

Reyes é um homem possuído. Obrigado pelo demônio da dor, ele está proibido de conhecer o prazer. Entretanto deseja uma mulher mortal. Danika, mais que respirar, e fará o que for necessário pra reclama – la ... mesmo tendo que desafiar os deuses.

Danika está fugindo. Durante meses evitou Reyes mais seus sonhos se veem atormentados por ele, o guerreiro cujo o apaixonado contato não é capaz de esquecer

Capítulo 1



Reyes se achava sobre o telhado de seu castelo em Budapeste, de cinco andares, com os pés apoiados precariamente na cornija¹ mais alta. Por cima de sua cabeça, a lua derramava raios vermelhos e amarelos no céu, parecia sangue mesclado a ouro, escuridão e luz, feridas recém abertas na, interminável, cúpula de veludo negro.

Olhou o vazio que se abria a seus pés, escuro e lúgubre, como se o estivesse esperando com os braços abertos. “Milhares de anos, e ainda me vejo reduzido a isto”.

Soprou um vento gelado que revolveu seu cabelo e acariciou seu peito nu, a tatuagem da odiada mariposa que tinha no pescoço, o fez notar outra vez as pequenas manchas de sangue que tinha na pele. Não era sangue dele, mas sim de um amigo. Cada chicotada contra aquela prova fantasma de vida e morte era como um monte de lascas que avivava o fogo de sua culpa.

Tinha ido tantas vezes ali, desejando coisas que nunca poderiam se tornar realidade... Tinha pedido tantas vezes a absolvição, alívio daquele tortura diária... Se ver livre de sua completa dependência da mutilação e do demônio que a provocava.

Suas preces, entretanto, não tinham encontrado resposta. Nunca encontrariam. Assim eram as coisas, e assim seriam sempre. E sua agonia iria aumentar. Uma vez tinha sido um dos guerreiros imortais dos deuses, mas agora só era um Senhor do Submundo possuído por um dos muitos espíritos que antes estavam confinados em dimOuniak. De favorito a desonrado, de amado a desprezado. Da felicidade à contínua tristeza.

Apertou os dentes. Os mortais conheciam dimOuniak com o nome de “caixa de Pandora”. Ele a conhecia como a causa de sua ruína eterna. Seus amigos e ele tinham aberto aquela caixa séculos atrás; depois tinham se convertido na caixa, porque cada um deles tinha que abrigar a um de seus demônios. “Salta”, disse demônio.

Seu demônio, Dor. Seu companheiro constante. O sussurro tentador que sempre ressoava em sua mente, a entidade escura que sempre desejava um mal inqualificável.

A força sobrenatural contra a qual lutava cada minuto de cada maldito dia.

“Salta”.

—Ainda não.

Alguns segundos mais de impaciência, sabendo que os ossos se fragmentariam com o impacto. Sorriu ao pensar nisso. As lascas de ossos, afiadas como lâminas, cortariam seus órgãos, já danificados, e aqueles órgãos explodiriam como globos cheios de água. Sua pele explodiria por causa do excesso de fluido e, naquela ocasião, o sangue que se derramaria seria o seu. A agonia, uma agonia ditosa, o consumiria. Ao menos, durante um momento. O sorriso se apagou lentamente dos seus lábios. Em dias, ou horas, se não conseguisse feri-lo muito, seu corpo sararia por completo. Despertaria inteiro outra vez, e Dor voltaria a ser a força dominadora de sua mente, uma força a qual não podia negar nada.

Mas... Oh, durante aqueles benditos tics do relógio, antes que seus ossos se reestruturassem, de que seus órgãos se recolocassem, de que sua pele se entrelaçasse de novo e de que o sangue corresse por suas veias, ele experimentaria o nirvana. O paraíso. O êxtase mais doce. Se retorceria no delicioso prazer que lhe provocava a dor. A dor era sua única fonte de prazer. O demônio ronronaria de satisfação, tão embriagado com a sensação que não poderia falar mais, e ele poderia se abandonar a

¹ Molduras sobrepostas que formam saliências na parte superior da parede, porta, etc.

uma paz deliciosa.

Durante um momento. Sempre, somente, durante um momento.

—Não necessito que me recordem mais quão efêmera é minha paz de espírito.

— murmurou para acabar com aquele pensamento tão deprimente.

Sabia que o tempo passava rapidamente. Às vezes tinha a sensação de que um ano não era mais que um dia. Às vezes, um dia não era mais que um minuto.

“Salta”, disse Dor. Depois insistiu: “ Salta! Salta!”.

—Espera um pouco.

Reyes olhou de novo para o chão. As rochas recortadas e ásperas fizeram seus olhos piscarem à luz ensangüentada da lua. Os atoleiros claros que as rodeavam se ondularam por efeito do vento. A névoa se elevava como se fossem dedos fantasmagóricos que o chamavam para que se aproximasse.

—Se cravar uma faca no pescoço de seu inimigo o matas, sim, —disse a seu demônio— mas então tudo terminou, e não fica nada que esperar.

“ Salta!”, o demônio ordenou de um grunhido, impaciente, ansioso, como se fosse uma criança fazendo birra.

—Espera um pouco.

“ Salta, salta, salta, salta!”.

Sim, algumas vezes os demônios eram como uma criança birrenta. Reyes passou uma mão pelo cabelo enredado e arrancou algumas mechas. Só conhecia um modo de sossegar a sua outra metade: a obediência. Nem sequer sabia por que tinha tentado resistir e saborear o momento.

“ Salta!”.

—Quem sabe nesta ocasião volte para inferno. — murmurou Reyes.

Quem dera.

Finalmente, estendeu os braços. Fechou os olhos. Se inclinou...

—Desce daí. —disse alguém atrás dele.

Reyes abriu os olhos e ficou tenso. Se ergueu, mas não se voltou. Sabia que quem estava ali era Lucien, e sentia muita vergonha para olhar seu amigo. Lucien não entenderia o que tinha feito.

—Isso é o que penso fazer, descer. Parte e o farei.

—Já sabe a que me refiro. —respondeu Lucien — Preciso falar com você.

Um aroma de rosas intenso alagou o ar, tão inesperadamente que Reyes poderia ter jurado que o tinham transportado a uma roseira em flor. Para um humano, aquele aroma teria sido hipnótico e calmante, e teria feito qualquer coisa que o guerreiro tivesse pedido. Para Reyes era apenas chato. Depois de passar milhares de anos juntos, Lucien deveria saber que aquela fragrância não tinha nenhum efeito nele.

—Falaremos amanhã. — disse com tensão.

“ Salta!”.

—Vamos falar agora. Depois pode fazer o que quiser.

Depois que ele tivesse admitido seu novo crime? Não, obrigado. Possivelmente a culpa, a vergonha e a pena pudessem lhe causar dor emocional, mas nada disso acalmaria seu demônio, não. Só a dor física lhe produzia alívio, razão pela qual ele sempre tinha protegido seu bem-estar emocional com tanta diligência.

“Sim, e tem feito um trabalho muito bom”.

Passou a língua pelas pontas dos dentes, sem saber exatamente quem tinha

sussurrado aquele pequeno sarcasmo, Dor, ou ele mesmo.

—Neste momento estou em uma situação ruim, Lucien.

—Como outros. Como eu.

—Você, ao menos, tem uma mulher para que dê consolo a você.

—E você tem amigos. Tem a mim.

Lucien, guardião do demônio da Morte, tinha a tarefa de acompanhar às almas humanas ao outro mundo, ou ao céu ou ao mais profundo do inferno. Era estóico, calmo, durante a maior parte do tempo. Transformou-se em seu líder, o homem a quem acudiam todos os guerreiros em busca de ajuda e de guia.

—Fale comigo.

Reyes não gostava de dar trela a seu amigo, mas disse a si mesmo que era melhor que Lucien não se inteirasse do ato tão terrível que tinha cometido. Entretanto, enquanto pensava, se dava conta que era uma falta de coragem de sua parte.

—Lucien. —disse, mas se interrompeu.

—O rastro de Aeron se perdeu, e ninguém sabe onde está. —disse Lucien— Não sabemos o que está fazendo, nem se foi ele quem matou a esses humanos nos Estados Unidos. Maddox me disse que o chamou depois que Aeron escapou do calabouço. Depois, Sabin me disse que você partiu de Roma e do Templo dos Não Mencionados a toda pressa. Quer me dizer aonde foi?

—Não. Mas pode ficar tranquilo. Aeron não voltará a matar mais mortais.

Houve uma pausa, e o aroma de rosas se intensificou.

—Como sabe?—perguntou Lucien. Reyes deu de ombros.

—Deixa que diga a você o que acredito que ocorreu. — Lucien disse então— Acredito que seguiu Aeron com a esperança de poder proteger à garota.

A garota. Aeron tinha seqüestrado a garota. Aeron cumpria ordens dos novos deuses, os Titãs; devia assassiná-la. Entretanto, apenas ao olhar para ela, Reyes tinha permitido que aquela moça invadisse seus pensamentos mais íntimos, que colorisse seus atos mais insignificantes e que o deixasse reduzido a um estado de amor e idiotice.

Com apenas um olhar, ela tinha mudado sua vida, e não para melhor. Entretanto, o fato de que Lucien não queria pronunciar seu nome irritou Reyes. Desejava aquela mulher mais do que desejava que dessem uma martelada na sua cabeça. E para Dor, aquilo era muito.

—E bem?—insistiu Lucien.

—Tem razão. —disse Reyes entre dentes. Por que não ia admitir? Seus amigos não iriam o odiar mais do que ele odiava a si mesmo— Fui em busca de Aeron.

A frase ficou suspensa no ar, tão pesada como correntes, e ele fez uma pausa.

—E o encontrou?

—Encontrei. —disse Reyes, e ergueu os ombros— E também... o destruí.

—O matou?

As lajes de piçarra que cobriam o telhado rangeram sob as botas de Lucien quando este se adiantou.

—Pior ainda. —respondeu Reyes sem se voltar. Olhou para baixo com melancolia— O enterrei.

O som dos passos cessou.

—Enterrou, mas não matou? Não entendo.

—Estava a ponto de matar Danika. Vi a tortura que se refletia em seus olhos, me dei conta de que não queria fazer aquilo. Dei uma navalhada para debilitá-lo e me agradeceu Lucien. Ele me agradeceu. Me rogou que o detivesse para sempre. Me rogou que o decapitasse, mas eu não pude fazê-lo. Levantei a espada, mas não pude fazê-lo. Então pedi a Kane que fosse pegar as correntes de Maddox e que as me levasse. Como Maddox já não as necessita, usei-as para acorrentar Aeron clandestinamente.

Antes, Reyes se via obrigado a acorrentar Maddox à cama todas as noites, e atravessar seu amigo com uma espada seis malditas vezes, sabendo que o guerreiro ressuscitaria na manhã seguinte e que teria que matá-lo de novo. “Grande amigo eu sou”.

Após centenas de anos, Maddox tinha chegado a aceitar sua maldição, mas de todo modo era necessário imobilizá-lo. Maddox era o guardião de Violência, e tinha a tendência a atacar sem aviso, mesmo seus amigos. E com sua força, teria podido destroçar um homem de ferro em segundos. Assim, usavam para atá-lo correntes que os deuses tinham forjado, correntes que ninguém podia abrir sem uma chave apropriada. Nem sequer um imortal.

Como Maddox, Aeron estava indefeso ante o poder daquelas correntes. No princípio, Reyes se negava a usá-las, porque não queria tirar de seu amigo mais liberdade. Logo tinha se transformado em uma necessidade, como tinha sido com seu amigo Maddox.

—Onde está Aeron, Reyes?

—Não vou dizer isso. Aeron não quer ser livre. “E embora quisesse, não acredito que eu o liberasse”.

Ali estava a essência do sentimento de culpa que o consumia.

Houve outra pausa entre eles, cheia de tensão e de espera.

—Posso encontrá-lo por mim mesmo. Sabe.

—Já tento e fracassou; do contrário não estaria aqui.

Reyes sabia que Lucien podia se transportar ao mundo dos espíritos e seguir o rastro psíquico único de cada pessoa. Algumas vezes, entretanto, aquele rastro se desvanecia ou se manchava.

Reyes suspeitava que o rastro de Aeron estivesse manchado, porque o guerreiro não era quem estava acostumado a ser.

—Tem razão. Seu rastro termina em Nova Iorque. — admitiu Lucien— Poderia continuar a busca, mas levaria tempo, e isso é algo que nenhum de nós tem neste momento. Já passaram duas semanas.

Que bem sabia Reyes. Havia sentido cada um daqueles dias como um nó que lhe apertava ao redor da garganta, como uma preocupação que se acrescentava a anterior. Os Caçadores, seus inimigos, estavam procurando a caixa de Pandora com a esperança de poder sugar os demônios para seu interior, tirá-los do corpo dos guerreiros e, desse modo, destruir ao homem e encarcerar à besta.

Se os guerreiros quisessem sobreviver, tinham que encontrar a caixa antes deles. E por mais caótica que fosse a vida. Reyes não estava disposto a deixar que terminasse.

—Me diga onde está, —disse Lucien— e o trarei para a fortaleza. O trancarei no

calabouço. Reyes soltou um bufo.

—Já escapou de lá uma vez. Poderia escapar outra vez, inclusive com as correntes de Maddox. A sede de sangue que o possuiu lhe proporciona uma força que nunca tinha visto antes. É melhor que fique onde está.

—É seu amigo. É um de nós.

—Agora está transtornado, e sabe. A maior parte do tempo nem sequer é consciente de seus atos. Mataria inclusive a você, se pudesse.

—Reyes...

—A destruirá, Lucien.

Danika Ford. A garota. Reyes a tinha visto poucas vezes, mas a desejava com todo seu ser. Era algo que não entendia. Ele era a escuridão, ela era a luz. Ele era a angústia, ela era a inocência. Ele era a pessoa equivocada para ela em todos os sentidos, mas mesmo assim, quando a olhava, parecia que tudo daria certo.

Sabia que na próxima vez que Aeron chegasse até ela, a mataria. Não haveria maneira de pará-lo, porque tinha sido ordenado a Aeron que acabasse com Danika, com a mãe, com a irmã e com a avó desta, e estava indefeso ante os deuses e seus poderes, como todos os outros. O faria.

Reyes se enfureceu e teve que olhar para baixo para se acalmar. No princípio, Aeron tinha resistido a cumprir aquela ordem dos deuses. Era... Não, “tinha sido” um bom homem. Entretanto, a cada dia que passava, seu demônio se fortalecia, tinha lhe gritado com mais fúria e, no final, tinha tomado o controle de sua mente. Naquele momento, Aeron era o demônio que tinha dentro de si. Era a Ira. Obedecia, matava. Enquanto não conseguisse acabar com aquela mulher, só viveria para caçar e assassinar.

Não obstante, no apartamento temporário de Danika, quatorze dias, quatro horas e cinquenta e seis minutos antes, uma pequena parte de Aeron era consciente dos crimes que tinha cometido. Uma pequena parte de si mesmo que odiava aquilo no que se transformou e desejava morrer acima de tudo, terminar com aquele tortura. Se não fosse assim, por que teria pedido a Reyes que o matasse?

“E eu o neguei”.

Não tinha podido machucar ao outro guerreiro, mas, que tipo de monstro deixava que seu amigo seguisse sofrendo, um amigo que tinha lutado por ele, que tinha matado por ele e que o tinha amado?

Tinha que haver outro modo de salvar Aeron e Danika; Reyes pensou pela enésima vez. Tinha passado incontáveis horas meditando sobre isso, mas ainda não tinha achado a solução.

—Sabe onde está a garota?—perguntou Lucien, interrompendo suas reflexões.

—Não, não sei. Aeron a encontrou, eu encontrei Aeron, e então foi quando lutamos. Ela fugiu, e eu não a segui. Agora pode estar em qualquer parte.

E era melhor assim. Reyes sabia, mas de qualquer maneira estava desesperado por conhecer sua situação, o que estava fazendo..., se seguia viva.

—Lucien, cara, por que demora tanto?

Ante aquela segunda intrusão, Reyes por fim se virou. Paris, o guardião da Promiscuidade, estava junto a Lucien. Ambos o olhavam com os olhos entrecerrados. Os raios de cor púrpura da lua caíram a seu redor, mas não sobre eles, como se

aqueles raios coloridos tivessem medo de roçar uma maldade que nem sequer o inferno podia conter.

Ao ser imortal, Reyes os via com clareza, porque sua visão penetrava a escuridão.

Paris era alto, o mais alto de todo o grupo, tinha o cabelo multicolorido, a pele pálida e os olhos de um azul tão puro que nem a poesia mais criativa poderia lhes fazer justiça. Para as mulheres humanas era irresistível, hipnotizador e se jogavam constantemente em seus braços com a esperança de conseguir uma carícia. Um beijo abrasador.

Lucien, embora já tivesse companhia, não era tão afortunado. As mulheres humanas sempre tinham fugido dele. Tinha o rosto cheio de terríveis cicatrizes que lhe davam a aparência dos monstros que só podiam se encontrar nos contos de fadas. Tampouco ajudava o fato de que tivesse os olhos de cores diferentes, um castanho, com o que via o mundo natural, e outro azul, com o que via o mundo espiritual. Ambos prometiam que a morte chamaria logo à porta.

Os dois guerreiros tinham o corpo musculoso de um modo que só se conseguia com horas diárias de exercício. Estavam carregados de armas e preparados para lutar em qualquer momento do dia. Tinha que está-lo.

—Não me lembro de que fôssemos dar uma festa aqui em cima. —disse Reyes.

—Bom, a idade prejudica à memória. —respondeu Paris— Recorda que temos que falar de nossos planos, entre outras coisas.

Reyes suspirou. Os guerreiros faziam o que queriam quando queriam, e nenhum comentário mordaz os ia deter. Sabia de primeira mão, porque ele era exatamente igual.

—Por que não estão procurando os esconderijos de Hidra?

Paris apertou os lábios carnudos, que eram mais próprios de uma mulher, até que formaram uma linha de teimosia. Em seus olhos apareceu um sofrimento que, normalmente, Reyes via em seu reflexo quando se olhava ao espelho, mas rapidamente, a habitual irreverência de seu amigo o substituiu.

—E bem?—perguntou Reyes, ao não obter nenhuma resposta.

Finalmente, Paris disse:

—Mesmo os imortais necessitam uma pausa.

Era evidente que havia algo mais, mas Reyes não insistiu. “Não sou o único que tem segredos”. Várias semanas antes, os guerreiros se dividiram para procurar Hidra, um ser que era metade mulher e metade serpente, e que tinha muito mau humor. Aquela... coisa tinha a tarefa de custodiar alguns dos brinquedos favoritos do rei dos Titãs. Aqueles brinquedos, que na realidade eram armas, supostamente conduziam para a caixa de Pandora. No momento só tinham conseguido uma delas: a Jaula da Coação. E, quanto à localização das demais, só dispunham de algumas pistas duvidosas.

—Sim, mas dada a ameaça que se abate sobre nós, os descansos não têm importância. E sim, sei que tenho que fazer mais por nossa causa. E farei. Depois.

Paris deu de ombros.

—Eu faço o que posso. O Estados Unidos é um país muito grande e estudá-lo de longe é quase tão difícil como viajar por seu território entre tanta gente.

Cada um dos guerreiros tinha ido a países diferentes em busca de pistas para

encontrar a caixa, mas não tinham conseguido nada e tinham retornado a Budapeste para investigar todo o possível dali. Sem afastar a vista de Reyes, Paris perguntou a Lucien:

—Ele disse onde está Aeron ou não?

Lucien arqueou uma sobrancelha.

—Não.

—Eu o adverti que seria difícil. —disse Paris— Está estranho há muitas semanas.

Reyes podia dizer o mesmo de Paris; Paris tinha rugas de fadiga e estresse ao redor dos olhos. Possivelmente ele devesse interrogar seu amigo. Claramente, tinha ocorrido algo a ele, e algo muito importante.

—Nosso tempo está acabando, Reyes. —disse Paris em tom de acusação— Coopere. Nos ajude com isso.

—Os Caçadores estão mais decididos que nunca a acabar conosco. —acrescentou Lucien— Os humanos descobriram o Templo dos Não Mencionados e limitaram nosso acesso a ele. Só achamos um dos quatro artefatos, mas se supõe que necessitamos dos quatro para encontrar a caixa.

Reyes arqueou uma sobrancelha, tal e como tinha feito Lucien um pouco antes.

—E acha que Aeron pode nos ajudar a encontrá-los?

—Não, mas não deve haver desavenças entre nós. E tampouco nos convém nos preocupar com ele.

—Podem deixar de se preocupar. —disse Reyes— Ele não quer que o encontrem. Odeia o que é e no que se transformou, e detesta que o vejam assim. Juro que está contente onde está, ou não o teria deixado lá.

A porta do telhado se abriu de repente e no vão apareceu Sabin, o guardião da Dúvida. O vento balançou seu cabelo negro.

—Pelos deuses. —disse, abrindo os braços— Que demônios acontece?

Ao olhar para Reyes, entendeu tudo, e pôs os olhos em branco.

—Maldito seja, Dor, você sim que é um desmancha-prazeres.

—Por que não está em Roma?—perguntou Reyes.

Acaso todo mundo tinha deixado de procurar a caixa durante a meia hora que ele levava no telhado?

Gideon, o guardião da Mentira, estava perto de Sabin e impediu que o guerreiro respondesse ao dizer:

—Certo, certo, isto sim que parece divertido.

No idioma de Gideon, “divertido” significava aborrecido. O guerreiro não podia dizer uma só verdade sem sentir uma dor atroz. “Dor, exatamente o que eu necessito”, pensou Reyes. Quem dera apenas tivesse que mentir para senti-lo. Que fácil seria sua vida.

—Não teriam que estar ajudando Paris a procurar pelos Estados Unidos?— Perguntou Reyes, mas não se incomodou em esperar que respondessem—. Isto parece um circo. Será que não se pode estar de mau humor e se mutilar um pouco em particular?

—Não. —disse Paris— Não pode. Deixa de mudar de assunto. Nos dê as respostas que queremos.

“Se desfaça deles”, lhe disse o demônio. Reyes observou seus novos hóspedes.

Gideon estava vestido de negro e tinha o cabelo tingido de azul. Tinha piercings em vários pontos das sobrancelhas. Os adornos de prata brilhavam sobre suas pestanas negras. Para os humanos era aterrador.

Sabin também estava vestido de negro, mas tinha o cabelo e os olhos castanhos, e um rosto quadrado e sem malícia que não fazia ninguém pensar que iria assassinar a qualquer um que se aproximasse, rindo enquanto o fazia.

Ambos eram muito obstinados.

—Necessito de tempo para pensar. —respondeu Reyes, com a esperança de ganhar sua compreensão.

—Não tem nada no que pensar. —replicou Sabin— Fará o que tem que fazer, porque é um guerreiro com sentido da honra.

“Realmente? Possivelmente fosse tão fraco como a mulher humana a que desejo. De outro modo, por que ia machucar aqueles que amo, desta maneira?”.

“Sim”, pensou enquanto se encolhia. Era fraco. Era...

—Sabin. —grunhiu assim que se deu conta do que ocorria— Deixa de me enviar dúvidas à mente. Já tenho suficiente com as minhas.

O outro guerreiro deu de ombros timidamente, e nem sequer tentou negar.

—Sinto muito.

—Como está claro que nossa reunião não vai se cancelar, —disse Gideon— eu não vou à cidade, nem vou visitar o Clube Destiny, nem vou provocar alguns quantos gritos de prazer a uma humana. —sentenciou.

Desapareceu pela porta alguns segundos depois, sacudindo a cabeça com exasperação.

—Não cancelem a reunião — disse Reyes aos outros— Apenas... comecem sem mim. —olhou por cima de seu ombro, do céu para baixo. O sinistro tecido da noite o esperava ainda, o chamando para que desse o salto final. — Descerei dentro de um minuto. Paris franziu os lábios.

—Descerá. Que engraçado. Possivelmente nos encontremos lá e possamos brincar de encontrar seu pâncreas outra vez. Obrigá-lo a se regenerar sem deixar que se cure me diverte.

Inclusive Lucien sorriu ao ouvi-lo.

—Oh, divertido! Posso esconder seu fígado desta vez?

Ao ouvir a voz de Anya, Reyes olhou ao céu com resignação.

A deusa de cabelo platinado, Anarquia, apareceu também pela porta e se jogou nos braços de Lucien. Seu aroma de morango impregnou o vento. Aqueles dois não faziam mais nada que se abraçar e arrulhar como dois idiotas, como se esquecessem do mundo que os rodeava.

Reyes tinha demorado bastante para desenvolver simpatia por aquela mulher. Ela pertencia ao Olimpo, como todas as coisas que ele odiava. Provocava o caos por onde passava, algo tão natural para ela como respirar. Entretanto, no final, tinha ajudado a todos os guerreiros, e tinha dado a Lucien uma felicidade que Reyes não podia mais que imaginar.

Sabin tossiu.

Paris assobiou, embora com certa tensão.

Reyes sentiu uma pontada de inveja no peito, uma opressão tão forte no coração que parecia que ia deixar de pulsar. Oxalá não tivesse coração; sem ele, não desejaria

Danika sabendo que não podia tê-la.

Não importava. Ela nunca desejaria a ele. À maioria das mulheres não agradava sua particular marca de prazer e doçura, e a angélica Danika odiaria mais que a maioria. Só o fato de estar perto dele a havia aterrorizado.

Entretanto, possivelmente tivesse podido seduzi-la, fazer com que se suavizasse com ele. Possivelmente..., mas tinha se negado a tentá-lo. As mulheres com as quais se deitava sempre sucumbiam a seu demônio, se embebedavam com ele e desenvolviam um vício por suas predileções. Elas acabavam necessitando também da dor, e a provocavam em todos os que estavam a seu redor.

—Que alguém chame os outros. —disse Reyes com sarcasmo, e com a esperança de dissimular seu sofrimento— Faremos uma festa aqui em cima.

O que estaria fazendo Danika naquele segundo? Estaria com um homem? Estaria se aconchegando contra ele como Anya se aconchegava contra Lucien? Estava morta, enterrada como Aeron? Apertou os punhos; suas unhas se alargaram, cortaram sua pele e se cravaram maravilhosamente bem nele.

—Deixa-o já, Dor. —disse Anya— Está fazendo Lucien perder tempo, e isso me irrita muito.

Quando Anya se zangava ocorriam coisas más. Guerras, desastres naturais.

—Nós já falamos. Já tem toda a informação que necessitava.

—Não toda. —disse Lucien.

—Diga a ele ou o empurrarei eu mesma. —disse Anya— E depois, quando não puder me deter, juro que enquanto esteja se recuperando, encontrarei a sua noiva e a enviarei um de seus idiotas.

Um véu vermelho cobriu os olhos de Reyes apenas por pensar que Danika pudesse sofrer...

—Não vai tocar nela. —disse.

—Vigie esse tom de voz. —interveio Lucien por sua vez.

—Nem sequer sabe onde está. —disse Reyes com mais calma, se maravilhando quão protetor que era Lucien.

Anya sorriu.

—Anya. —disse Reyes em tom de advertência.

—O que?—perguntou ela, toda inocência.

—Aeron tem que estar conosco. —insistiu Lucien.

—O assunto de Aeron já não admite discussão. —grunhiu Reyes— Você não estava ali. Não viu o sofrimento em seus olhos. Não ouviu o tom suplicante de sua voz. Fiz o que tinha que fazer, e o faria outra vez.

Virou e olhou para baixo. Os atoleiros estavam se ondulando contra as pedras que haviam no chão. Ainda o chamavam.

“Liberação”, sussurraram.

Só durante um momento...

—Reyes. —disse Lucien.

Reyes saltou.

Capítulo 2

—O pedido está pronto.

Danika Ford pegou os dois pratos fumegantes. Um hambúrguer gorduroso com cebola e um cachorro quente com molho picante e extra queijo, ambos acompanhados de batatas fritas. Despediam deliciosos aromas que chegavam ao nariz e enchiam sua boca de água.

A última vez que tinha comido tinha sido um sanduíche de carne, na noite anterior. O pão estava crocante e a carne, suculenta. Por desgraça, não tinha tido dinheiro mais que para um.

Ainda ficavam três horas até que terminasse seu turno. Depois poderia voltar a comer. Três horas intermináveis e exaustivas; não ia suportar. “Não dê uma de princesa. Levante o queixo. É uma Ford”.

Seu olhar pousou nos pratos. Passou a língua pelos lábios. Possivelmente uma mordidinha. Que mal ia fazer? Ninguém se daria conta.

Antes de poder se deter, alargou os dedos...—Acredito que está roubando uma de minhas batatas fritas— ouviu que sussurrava um homem.

O outro respondeu:

—E que o espera de alguém como ela?

Danika ficou gelada. Durante um instante esqueceu a fome que tinha e sentiu um milhão de coisas, embora as primeiras fossem a tristeza, a frustração e a vergonha. “Nisto se transformou minha vida”. De viver protegida por sua família a ser uma mulher fugitiva, em uma só noite. De ser uma artista reconhecida a garçone.

—Observe se ainda leva a carteira no bolso quando formos...

A vergonha veio a tona. Não tinha que olhar aos homens para saber que a estavam observando com dureza, julgando-a. Tinham ido comer três vezes no bar do Enrique, e nas três tinham dado uma boa surra na auto-estima de Danika. Não diziam nada grosseiro, sempre sorriam para ela e agradeciam quando lhes levava algo, mas não podiam dissimular o desagrado que brilhava em seus olhos.

Ela tinha posto o nome deles de Os Irmãos Pássaro, tão grande era seu desejo de que voassem.

“Não chame atenção”, disse a si mesma. Essa era sua regra ultimamente.

—Será melhor que não volte a ver você tentando roubar comida. — disse seu chefe. Enrique era o proprietário, além de cozinheiro— E agora depressa. A comida está esfriando.

—Na realidade, está muito quente. Talvez se queimem e apresentem uma queixa.

Os pratos estavam ardendo, mas ela tinha a pele gelada. Fazia semanas que não conseguia se aquecer. Mesmo naquele momento, com o calor que reinava na cafeteria, usava um pulôver que tinha comprado em uma loja de segunda mão daquela mesma rua. Entretanto, para sua consternação, o calor dos pratos não se transmitiu a ela.

Tinha que lhe ocorrer algo bom logo. Não se supunha que o bem e o mal se equilibravam? Ela tinha pensado assim uma vez. Tinha acreditado que a felicidade esperava na volta de um pesadelo. Por desgraça, tinha compreendido que não era assim.

Depois dela, do outro lado do vidro que proporcionava uma vista da vida noturna de Los Angeles, os carros passavam zumbindo e as pessoas passeavam, rindo

despreocupadamente. “Não faz muito, eu também era assim”. Tinha aceitado aquele trabalho e fazia todas as horas extras que podia, porque Enrique pagava em dinheiro vivo e não tinha pedido seu número de seguro social. Era dinheiro, sem dedução de impostos. Danika podia desaparecer a qualquer momento.

Estariam sua mãe, sua irmã e sua avó vivendo assim? Seguiam vivas?

Dois meses atrás, as quatro tinham decidido tirar férias em Budapeste, a cidade favorita de seu avô. Este sempre dizia que era uma cidade mágica. Depois de sua morte, elas tinham ido até lá para honrar sua memória e lhe dar o adeus final.

Um grande engano.

Lá as havia, seqüestrado e alguns monstros as tinham encerrado, criaturas que algumas vezes pareciam humanas e outras não. De vez em quando, Danika tinha visto presas, garras e um rosto fantasmal sob sua pele.

Em um momento de sorte, as tinham resgatado. Entretanto, as tinham recapturado, embora depois a tivessem liberado de novo. Ilesa, mas com uma advertência: “Corra, se esconda. Logo irão caçar você. Se a encontrarem, sua família e você morrerão”.

Então todas tinham escapado. Se separaram com a esperança de que fosse mais difícil as encontrar. Se esconderam. Danika tinha viajado primeiro a Nova Iorque, a cidade que nunca dormia, tentando se perder entre a multidão. Entretanto, de algum modo os monstros a tinham encontrado. Tinha conseguido fugir outra vez, e tinha chegado a Los Angeles de carona. Tinha podido ganhar o dinheiro suficiente para sobreviver e pagar aulas de defesa pessoal.

No princípio, sua família e ela tinham mantido contato, se chamando e deixando números de celulares descartáveis em mãos de amigos de confiança. Depois, a avó de Danika não havia voltado a chamar.

Os monstros a tinham encontrado? A tinham matado?

Na última vez que tinha tido notícias delas, sua avó estava em um pequeno povoado em Oklahoma. Tinha amigos lá; entretanto, nem sequer aqueles amigos tinham voltado a ter notícias delas. A avó Mallory tinha ido ao mercado um dia, e não havia retornado.

O fato de pensar em sua querida avó e na dor que podia ter suportado causava em Danika uma grande dor. Não podia chamar a sua mãe nem a sua irmã e perguntar se tinham notícias. Elas também tinham deixado de chamar. Sua mãe lhe havia dito, durante sua última conversa, que era para preservar a segurança de todo mundo. O rastro das chamadas telefônicas eram fáceis de seguir, e os celulares podiam ser confiscados e usados contra elas.

Os olhos de Danika ardiam. Seu queixo tremia. Não. Não! Não podia se permitir pensar em sua família naquele momento. Isso a paralisaria.

—Está perdendo tempo. —disse Enrique, e a tirou de seus pensamentos— Se mova como disse. Os clientes estão esperando, e se devolverem a comida porque está fria, você pagará.

Ela teve vontade de lhe atirar os pratos na cabeça, mas se limitou a sorrir e deu a volta, com a cabeça alta e as costas retas, para a mesa dos clientes, com o estômago encolhido de medo. Os dois homens lhe cravaram um olhar duro. Eram do tipo comum; usavam roupa econômica e cortes de cabelo comuns. Estavam bronzeados e curtidos; talvez fossem pedreiros. Se fossem, não tinham ido ao restaurante

diretamente depois do trabalho. Estavam asseados; seus jeans e suas camisetas não tinham manchas.

Com as mãos trêmulas de fadiga, ela deixou um prato em frente a cada um deles. Uma mecha de cabelo escuro lhe saiu do coque e caiu pela sua têmpora.

Com as mãos finalmente livres, retirou o cabelo para trás da orelha. Antes de Budapeste era loira e tinha cabelo longo. Depois de Budapeste o tinha cortado na altura dos ombros e o tinha tingido de negro para mudar de aparência. Outro crime dos monstros.

—Sinto muito pela batata frita. —disse ela. Apesar de seu desdém, aqueles homens deixavam boas gorjetas— Não estava tentando comer só queria que se mantivesse no prato.

Mentirosa. Deus, ela nunca mentia.

—Não tem importância. —disse o Pássaro número um, incapaz de dissimular a irritação que sentia.

“Não devolvam a comida. Não devolvam a comida, por favor”. Não podia permitir que lhe reduzissem o pagamento.

—Desejam algo mais?

—Não, obrigado. —respondeu o Pássaro número dois. De novo, palavras amáveis mas com um tom agudo. Pegou um guardanapo de papel, o desdobrou e o pôs no colo.

Danika viu que tinha uma pequena tatuagem de um oito no interior do pulso. Estranho. Ela teria pensado que teria uma mulher morena com uma tocha ensangüentada nas costas.

—Bem, se necessitarem de algo, avisem. Espero que gostem da comida.

—Quando tira folga?—perguntou o número dois bruscamente.

Hei, por que lhe perguntava isso? Por que queria saber quando tinha folga? Danika duvidava que perguntassem por razões românticas, posto que ainda a estavam olhando com um ligeiro desagrado.

—É... eu... não tenho folga.

Ele meteu uma batata frita na boca, mastigou-a e depois lambeu os lábios gordurentos.

—E o que parece a você tirar uma hoje?

—Sinto muito, não posso—disse ela, sem deixar de sorrir— Tenho outras mesas.

Deveria ter acrescentado: “Possivelmente em outra ocasião”. Possivelmente assim o tivesse suavizado para a gorjeta. Entretanto, as palavras se engasgaram na sua garganta. “Vai, vai, vai”.

Deu a volta, e os dois homens desapareceram de sua vista. Seu sorriso também desapareceu. Em seis pernadas, chegou junto a Gilly, a única garçonete que estava de serviço naquela noite além dela. Gilly estava junto a vitrine, enchendo três copos de plástico com diferentes refrescos. Embora Danika devesse estar atenta a seus clientes, necessitava de um momento para recuperar a compostura.

—Que Deus me ajude. —disse. Pousou as mãos sobre a bancada e se apoiou com o quadril na parede. Felizmente, havia uma mureta que a ocultava da vista dos clientes.

—Não vai ajudar. —respondeu Gilly, uma garota de dezesseis anos que fugiu de

casa; embora se alguém lhe perguntasse, respondia que tinha dezoito, é óbvio. Sorriu para Danika com um gesto de cansaço. Ambas faziam turnos de quatorze horas por dia. — Acredito que já nos abandonou.

Semelhante pessimismo não era próprio de alguém tão jovem.

—Me nego a acreditar nisso. Talvez vá ocorrer algo fantástico dentro de poucos dias.

Sim. Claro.

—Bom, para mim esse milagre tão fantástico é que os Irmãos Pássaros se sentaram outra vez em sua seção.

—Está tirando o sarro? Me sorriem e me olham com esnobismo. Não entendo o que tenho feito a eles.

Gilly riu.

—Quer que lhes dê um chute na canela?

—Vamos Gilly, dar chutes na canela é um delito, e algemas não ficariam bem em você.

O sorriso da garota se desvaneceu.

—Eu que o diga.

Em parte, Danika queria dizer a ela que voltasse para casa. A vida com sua mãe não poderia ser tão ruim. Por outra parte admitia que a vida com a mãe de Gilly podia ser muito, muito pior. As coisas que Danika tinha visto nas ruas quando anoitecia, mesmo no pouco tempo que levava ali... Mulheres que se vendiam, surras, overdose de drogas... O que tivesse feito a mãe de Gilly para que a garota terminasse na rua tinha que ter sido grave.

Uma vez, Danika tinha se enganado pensando que o mundo era um lugar magnífico, seguro, cheio de possibilidades. Entretanto, tinha terminado por abrir os olhos.

—Vai a aula pela manhã?—perguntou, começando uma conversa mais tranqüila. Só levava uma semana trabalhando ali, mas todos os dias, Gilly e ela assistiam a aulas de defesa pessoal, para aprender a lutar, a bater e a matar com precisão letal. Além de sua família, aquelas aulas eram a única coisa para o que Danika vivia.

Nunca voltaria a estar indefesa.

Gilly suspirou e a olhou. Danika pensou de novo que parecia muito jovem para levar uma vida assim. Tinha o cabelo escuro, cortado na altura do queixo, e muito liso. Os olhos castanhos e grandes. A pele cor de mel. Estatura mediana, com curvas. Era a inocência mesclada com uma grande sensualidade. Naquele momento, além disso, era a única amiga que Danika tinha.

—Meus pés vão me odiar para sempre, mas sim, vou. E você?

—É óbvio.

—Possivelmente ganhemos do instrutor outra vez. Isso sim que foi divertido.

Ela riu, pela primeira vez em muito tempo.

—Possivelmente.

Alguém tocou uma campainha, cujo som se ouviu por cima das vozes através da cafeteria. Tinha saído outro pedido da cozinha. Entretanto, nenhuma das duas se moveu.

—Na verdade, —disse Gilly— quando Charles nos pediu que o atacássemos,

senti como a raiva se apoderava de mim. Poderia tê-lo matado e depois ter rido.

—Eu também. —respondeu Danika. E tristemente, era verdade.

“Imagine que sou seu inimigo e me mostrem o que aprenderam até agora. Me ataquem”, Charles tinha dito a elas, e as duas tinham obedecido.

Tinham tido que dar cinqüenta e nove pontos nele naquela noite. Felizmente, tinha sabido perder.

Uma fúria escura se apropriou de Danika ao ver imagens mentais de Aeron, Lucien e Reyes. Engoliu em seco. Reyes! Eram seus seqüestradores, os que a tinham atormentado. Homens a quem deveria odiar com todas as suas forças. Aos que odiava. Salvo Reyes.

Sonhava com Reyes constantemente. Acordada, dormindo, não importava. Ele sempre estava em sua mente, como se o tivessem gravado a fogo.

Algumas vezes, ele chegava a derrotar às criaturas que povoavam os pesadelos de Danika. As atacava e lutava violentamente contra elas, e o sangue fluía em forma de rio. E sempre, depois, ele acudia Danika, ensangüentado e dolorido. Sem hesitar, ela o segurava entre seus braços. E ele a beijava por toda parte, lentamente, e cada beijo era outra marca.

Cada segundo que passava ele fazia que o desejasse mais e mais, até que ele fosse a única coisa que podia desejar. Se transformou para ela em algo mais importante que o ar. Era como uma droga, como um vício.

“O que me passa?”. Ele a tinha seqüestrado sem motivo e tinha retido sua família. Não merecia seu desejo! Por que o desejava tão desesperadamente? Era bonito, mas havia outros homens que também o eram. Era forte, mas estava disposto a usar aquela força contra ela. Era inteligente, mas não tinha senso de humor. Nunca sorria. Entretanto, nunca tinha desejado tanto a um homem como desejava a ele.

Como Gilly, ele também tinha o cabelo escuro, os olhos escuros e a pele bronzeada. Era da cor do mel mesclado com o chocolate. Possuía o mesmo tipo de sensualidade, como se tivesse visto o lado mais doloroso do amor e tivesse ficado marcado para sempre.

Entretanto, as semelhanças terminavam aí. Reyes era alto e musculoso. Levava mais facas que roupa, atados com correias à nuca, aos pulsos, aos tornozelos e às coxas, e também pendurados da cintura. Cada vez que ela o tinha visto, estava coberto de feridas de luta, de cortes, de hematomas. Era um soldado.

Todos o eram, aqueles “Senhores do Submundo”, tal e como se chamavam a si mesmos.

Ela os chamava “Senhores dos Pesadelos”, porque de todos os pesadelos que tinha tido em sua vida, nenhum se aproximava daqueles homens.

Aeron tinha asas negras e podia voar como um pássaro, ou como um dragão malévolo. Lucien tinha os olhos de cores diferentes, e os movia de uma maneira hipnótica antes de desaparecer como se nunca tivesse existido. Desprendia um forte aroma de rosas, insidiosamente doce.

A habilidade mágica que possuía Reyes lhe era desconhecida.

Sabia apenas que ele a tinha salvo uma vez. Tinha lutado contra seu amigo por ela. Por quê? Ela se perguntou muitas vezes. Por que estava disposto a machucar seu amigo antes que ela? Por que tinha cuidado dela como se ela fosse sua razão para respirar? Por que, depois, a tinha deixado em liberdade?

“Mas, importa tudo isto? É um deles. É um monstro. Não esqueça”.

Soou outro toque de campainha.

—Garotas!—exclamou Enrique.

Gilly grunhiu.

Danika massageou a nuca. O descanso tinha terminado. Se ergueu e, pela extremidade do olho, viu que um de seus clientes movia o braço para chamar sua atenção. Disse a Gilly:

—Estarei em sua casa às... quatro e meia da manhã? Parece bom para você?

—Que sejam as cinco. Sim. Estarei cansada, mas preparada.

Gilly se voltou e pegou as bebidas.

Danika se afastou. Passou dez minutos atendendo aos Irmãos Pássaro; levou-lhes guardanapos, canudos e café. Ao menos, isso afastou Reyes da cabeça.

O Pássaro número um deixou cair o garfo duas vezes, e ela teve que lhe levar um novo em cada ocasião. O Pássaro número dois lhe pediu que preenchesse seu copo. Depois, um guardanapo limpo. Quando ela tentou partir, depois de ter levado o último prato para eles, o número dois a agarrou pelo pulso para detê-la e, ao sentir seu contato, Danika notou que seus nervos se eriçaram. Não lhe repreendeu; cada centavo contava. Entretanto, perguntou-lhe amavelmente o que necessitava e de um suave puxão, escapou dele.

—Nós gostaríamos de falar com você. — o tipo tentou agarrá-la de novo.

Ela se retirou. Se voltasse a tocá-la, possivelmente saltasse. Nenhum estranho podia lhe pôr as mãos, por nenhum motivo. Já não.

—Sobre o que?

Naquele momento, entraram no bar uma mãe com seu filho pequeno, e a campainha que havia sobre na porta anunciou sua chegada.

—Sobre o que?—repetiu ela.

—De um trabalho. De dinheiro.

Danika abriu olhos como pratos. Deus santo. Pensavam que fosse uma prostituta? Então isso era o que queriam dizer com “alguém como ela”. Era estranho que a tivessem tocado de uma maneira tão desdenhosa e de todo o modo queriam pagar por seus serviços.

—Não, obrigado. Estou contente onde estou, fazendo o que faço.

Bom, não realmente contente, mas eles não tinham por que saber.

—Danika. — Enrique a chamou— Há gente esperando.

Os homens olharam para a entrada e franziram o cenho.

—Mais tarde. —disse o número dois.

Não, se ela pudesse evitar. Sério, uma prostituta? Danika, que estava mais perto da porta que Gilly, pegou dois menus e acompanhou aos recém chegados a uma mesa. Estavam um pouco desalinados, magros, com a roupa manchada e enrugada. Não deixariam uma boa gorjeta, mas de todo o modo lhes dedicou um sorriso genuíno, embora com um pouco de inveja.

Sentia falta da sua mãe desesperadamente.

—O que lhes trago para beber?

—Água. —disseram em uníssono.

O menino olhou com melancolia os refrescos que havia em uma mesa ao lado, e Danika inclinou a cabeça, observando atentamente, com seus olhos de artista, todas

as possibilidades para lhe fazer um retrato. Os desejos humanos sempre se simplificavam quando tudo, salvo o essencial, se afastava.

“Mas não vai pintar mais, não se lembra?”.

Reprimiu a tristeza, porque não podia se permitir senti-la, e entregou os menus aos clientes.

—Voltarei dentro de um momento com as bebidas e tomarei nota.

—Obrigado. —disse a mãe.

No caminho para o balcão, o Pássaro número dois voltou a agarrá-la pelo braço e apertou os dedos. Danika ficou muito tensa e se enfureceu.

—A que hora sai?

—Não saio.

—Estamos perguntando isso por seu próprio bem. O mundo é um lugar muito mau e, a menos que você seja uma das más, não deveria andar por aí sozinha.

—Se voltar a me tocar, — sussurrou entre dentes, fazendo caso omissos de sua falsa preocupação— lamentará. Não sou uma prostituta, e não quero ganhar nenhum dinheiro, entendem?

Ambos ficaram olhando para ela com assombro, e ela se afastou outra vez para evitar cometer uma estupidez. No balcão serviu as bebidas da mãe e do filho com as mãos trêmulas. Seu coração pulsava com violência. Respirou profundamente para se acalmar.

Ao voltar para a mesa que estava servindo, evitou passar perto dos Irmãos Pássaro. Quando a mãe se deu conta de que tinha levado um refresco ao menino, abriu a boca para protestar, mas Danika a deteve com um gesto da mão, que seguia tremendo. Não tinha conseguido se acalmar muito, então. Voltou a tomar ar.

—Cortesia da casa. — sussurrou.

Enrique nunca dava nada de presente, nem sequer a suas garçonetes, e lhe subtrairia o dólar noventa e sete centavos que custava o refresco de seu pagamento se soubesse.

—Se lhe parecer bem, claro.

O rosto do menino se iluminou de felicidade.

—Sim, mamãe? Por favor, por favor, por favor. A mãe sorriu para Danika com agradecimento.

—Está bem. Muito obrigada.

—De nada. Já sabem o que vão pedir?—perguntou, e tirou uma pequena caderneta e um lápis, do bolso.

Pediram a comida e, enquanto anotava, Danika olhou a seu redor. Acabava de entrar outra família. Cada vez se sobressaltava menos quando chegava gente à cafeteria. Nos primeiros dias, tinha um medo constante de que Reyes aparecesse e a levasse pela força.

Gilly se aproximou da família, que tinha se sentado na única mesa livre, e olhou para Danika. Sorriram com cansaço.

—Anotou tudo?—perguntou a mulher. Ela olhou a caderneta.

—Sim. Dois hambúrgueres, um simples, outro completo, os dois com batatas fritas.

A mulher assentiu.

—Muito bem. Obrigada.

—De nada. Não demorará. —disse Danika. Arrancou a página da caderneta e se dirigiu para Enrique.

O Pássaro número um a agarrou de novo.

—Olhe, não acreditamos que seja uma prostituta. Só queremos falar com você. Vão ocorrer coisas más.

Antes que Danika pudesse se controlar, reagiu por instinto. Viu a rosto de sua irmã, com uma expressão de pânico, na noite que as tinham seqüestrado de seu quarto de hotel e as tinham levado a fortaleza como prisioneiras dos monstros. Ouviu a voz de sua mãe: “Possivelmente sua avó esteja morta. Talvez a tenham assassinado”.

Viu tudo vermelho e a fúria voltou a se apoderar dela. “Ataca! Não voltará a se sentir indefesa!”. Deu um murro no nariz do homem e o quebrou. O sangue lhe salpicou a camisa e o prato, e o Pássaro soltou um uivo de dor enquanto apalpava a rosto com as mãos.

Depois daquele uivo houve um silêncio sepulcral na cafeteria. Alguém soltou uma maldição. Um líquido caiu no chão. Tudo ressoou com força na mente de Danika, e a tirou de sua neblina mental de vingança.

Ficou boquiaberta.

O Pássaro número dois emitiu um ofego, com os olhos muito abertos.

—O que demônios pensa que está fazendo, desgraçada?

—Eu... eu...—Danika se pôs a tremer. Ficou imóvel, lutando contra o pânico. Acabava de chamar a atenção de todo o mundo. Muita atenção, e nenhuma boa— Os avisei que não me tocassem.

—O agrediu!—disse o número dois, e ficou em pé ameaçadoramente. Agarrou-a pelos ombros e a empurrou para trás— É como eles! “Tome cuidado”, disseram-me, “porque talvez seja inocente”. Não acreditei, mas obedeci. Não deveria tê-lo feito. Acaba de demonstrar que é desprezível. Possivelmente sim seja uma prostituta depois de tudo. Sua prostituta.

“É como eles”, tinha espetado aquele homem. Como quem?

—Sinto muito. Não queria... Eu... sinto muito.

—Que alguém chame à polícia!

Oh, Deus. Ia ter que fugir outra vez. Se aquilo saísse no jornal... De novo, seu coração pulsava violentamente.

Enrique saiu da cozinha e as portas duplas bateram atrás dele. Era um homem grande, alto e gordo, e imponente. Rugiu:

—Está despedida. E esse é o menor de seus problemas. Vá para a parte de trás esperar à polícia.

É obvio que estava despedida.

—Irei, —disse ela— assim que me pague. Me deve...

—Vá agora mesmo à parte de trás! Está assustando aos clientes!

Danika olhou para a mãe e o filho. A mulher tinha agarrado ao menino de forma protetora, e com a outra mão apartava afastava o copo de refresco. Ambos a estavam olhando com pânico. “A mim? Mas eu só estava me defendendo”.

Afastou o olhar e viu Gilly. A moça tinha uma expressão preocupada, e era evidente que pensava apoiar Danika. Ficaria sem trabalho e sem o pagamento daquele dia.

—Esperarei à polícia em meu apartamento. —mentiu.

—Não, nada disso. — disse Enrique— Você...

Ela deu a volta e saiu da cafeteria rapidamente, com a cabeça alta e os ombros erguidos. Felizmente, ninguém tentou detê-la, nem sequer o Pássaro número dois. Fazia uma boa noite e havia muita gente pela rua. Sentiu como se estivesse em meio a luz dos holofotes, e como se todo mundo a estivesse observando.

Deus, o que ia fazer?

Acelerou o passo; quase corria. Tinha quarenta dólares no bolso, o que era suficiente para tomar um ônibus a qualquer lugar. Aonde podia ir? Possivelmente a Geórgia. Estava bastante longe e, além disso, Oklahoma ficava no caminho. Poderia procurar sua avó.

Acabava de pensar nisso quando sentiu um forte impacto nas costas, tão brutal que caiu ao chão de um beco escuro. O ar escapou de seus pulmões e o queixo golpeou contra o cimento. Viu estrelas brancas atrás das pálpebras.

—Maldita!—grunhiu-lhe um homem junto à têmpora. O Pássaro número dois. Depois de tudo, não a tinha deixado escapar— Pensava que ia deixar você partir de novo? É nossa, e vai sofrer como seus amigos. Não está permitido matar a eles, mas você... você vai me suplicar que o faça.

De novo, o instinto fez com que Danika reagisse. “Não grite, só lute. Bata”.

Tinha aquelas palavras gravadas na mente. Quando seu assaltante a agarrou pelo cabelo e a levantou, ela girou. Sentiu uma tremenda dor no couro cabeludo, mas isso não a impediu de lançar o braço para frente para o golpear no pescoço e cortar sua respiração. “Contato”.

Houve um grunhido, um gemido. Ele a soltou.

Danika sentiu um líquido quente entre os dedos. O que...? Então, se deu conta. Ainda levava o lápis da cafeteria na mão, e o tinha cravado na jugular do homem.

—Oh, Meu deus. Oh, Meu deus!

Ficou em pé, e cambaleou. O homem caiu de joelhos e se ouviu um gorgolejo.

A luz da lua iluminava seu rosto pálido, cheio de dor. Tentou falar, mas não emitiu nenhum som.

—Sinto muito!—disse ela, no meio do pânico.

Deu um passo atrás, e depois outro. OH, Deus. “Assassina”, gritou sua mente. “É uma assassina”.

O número dois desabou no chão. Tinha a cabeça virada, e seus olhos se fixaram nela enquanto seu peito ficava quieto. Oh, Deus. Danika notou o sabor de bilis na boca. “Tinha que fazê-lo. A teria matado”.

Sem saber o que fazer, deu a volta e saiu correndo entre as pessoas. Os letreiros de néon iluminavam seus movimentos, e seus próprios ofegos ressoavam em seus ouvidos. Ninguém tentou detê-la.

Duas semanas atrás, em Nova Iorque, um de seus instrutores de defesa pessoal lhe tinha dito que não tinha instintos assassinos.

Oxalá.

“Sou tão má como os monstros”.

Capítulo 3

—Sei onde está sua mulher.

Reyes se ergueu do sofá. A ponta da faca se deteve dentro de seu braço. A tinha cravado profundamente para cortar a veia, mas a ferida sanou rapidamente. O sangue ficou seco na pele.

Tinha saltado do telhado três dias antes, mas já tinha se recuperado o bastante e podia andar. Por desgraça, Dor estava mais ansioso que nunca, e mais exigente também. Queria algo mais, mas Reyes não sabia o que podia ser. Aquele corte não o tinha satisfeito absolutamente.

—Não tem nada a me dizer?

—É tão mau quanto Gideon. — respondeu, olhando a Lucien, que estava no vão da porta.

—Como se eu dissesse mentiras.

Reyes e Lucien estavam sozinhos na sala de jogos. Paris se achava na cidade, se deitando com todas as mulheres que podia para manter as forças, e Maddox e sua mulher, Ashlyn, estavam em seu quarto. Como de costume.

Sabin e outros guerreiros se encontravam na cozinha, preparando um plano para revistar o Templo dos Não Mencionados sem que os humanos soubessem que estavam ali. Entretanto, fazia tempo que não permitiam a Reyes entrar, porque sujava de sangue a mesa.

Reyes duvidava que revistar o templo os conduzisse até o Olho que tudo vê, a Capa da invisibilidade e a Vara de partir, fossem o que fossem aqueles artefatos, mas estava em minoria, assim guardava silêncio. Não obstante, sabia que tinha razão. Se havia algo que encontrar entre as rochas, o musgo e os búzios marinhos, já teriam encontrado. Além disso, a Jaula da coação, que tinham descoberto depois de revistar o Templo de Todos os Deuses, não os tinha ajudado a achar a caixa de Pandora.

Era uma boa arma, sim. Qualquer que fosse trancado naquela jaula se via obrigado a obedecer as ordens que lhe desse seu possuidor. Entretanto, a quem iriam trancar? Até que encontrassem as respostas, suspeitava que Lucien e Anya seguiriam brincando com a jaula como crianças travessas.

—Reyes, —disse Lucien— estávamos falando de Danika.

—Não, não é verdade. —respondeu Reyes. Queria tira-la da cabeça a todo custo.

—Não quer que conte o que sei dela?—inquiriu Lucien.

“Não morda a isca. Está melhor sem sabê-lo”.

—Me conte.

Disse sem poder evitar, com a voz rouca.

—Faz três dias apunhalou a um homem.

Aquele anjo, machucar a um humano? Reyes soltou um bufo de incredulidade.

—Por favor. Agora sim estou certo de que mente.

—Alguma vez menti para você?

Não. Lucien nunca tinha mentido a ele. Reyes teve que tragar bílis, e suas palavras seguintes surgiram tensas, duras.

—Como sabe que fez mal a um homem?

—Mais que isso. O matou. A vítima esteve no hospital dois dias, e morreu esta manhã. Quando me chamaram para que levasse sua alma, vi que levava a marca dos Caçadores.

—O que?—Exclamou Reyes, e ficou em pé de um salto— Estava ferida?
Fizeram algo a ela?

Lucien não respondeu; seguiu contando a história como se Reyes não tivesse falado.

—Enquanto acompanhava o Caçador ao inferno, vi os últimos atos de sua vida.

—Estava ferida?—insistiu Reyes com angústia.

—Sim.

Dor percorreu todos os caminhos de sua mente e afiou as garras contra os laterais de seu crânio.

—Está...?

—Não. Não está morta. —respondeu Lucien rapidamente.

Graças aos deuses. Reyes sentiu tanto alívio que seus ombros afundaram.

—Havia mais Caçadores envolvidos?

—Sim.

—Quantos?

—Um. Quebrou o nariz dele.

—De propósito?

—Sim.

Ele recordava que Danika era doce, amável. Reyes não sabia o que pensar daquela tigresa, mas estava seguro de que se sentia atormentada por suas ações.

—Onde está?

Lucien não respondeu.

—Vamos a Roma dentro de menos de uma semana para revistar de novo o templo. Precisamos desses artefatos.

—Sei.

—Quero que Aeron esteja aqui antes de partirmos.

—Então quer pôr a todos que estão nesta casa em perigo. Quer fazer caso omissos dos desejos de Aeron para satisfazer os seus.

—É um de nós. Precisa de nós mais que nunca.

Reyes saiu da sala na frente de Lucien.

Desde que Anya e Ashlyn se mudaram para lá, a velha fortaleza desmantelada se transformou em um lar. Havia vasos coloridos cheios de flores nas mesas, tecidos quentes, quadros, móveis... No princípio, Reyes sentia receio com as mulheres, mas naquele momento não sabia o que poderia fazer sem elas. Eram como âncoras no meio de uma terrível tormenta.

Seus passos ressoaram pela escada. Dobrou a esquina do terceiro andar e se deteve bruscamente. Lucien o estava esperando na porta de seu quarto com uma expressão decidida.

Morte tinha o poder de pensar em um lugar e se transportar para lá imediatamente.

—Não penso me render. — disse ele — Isso deveria reconfortar você.

Tampouco me renderia se estivesse lutando por sua vida.

Com rosto de poucos amigos, Reyes retomou o passo. Empurrou Lucien com um ombro e abriu a porta de seu quarto. Dentro, se dirigiu diretamente para seu arsenal de armas favoritas.

—Outros pensam como eu, e estão zangados por sua negativa em falar de

Aeron. Pedi a eles que me concedam alguns dias para conseguir que encontre a razão. Depois...

Depois se colocariam em seu pescoço constantemente. Aos olhos de seus amigos, ele estava escolhendo Danika em vez de Aeron, e um guerreiro não escolhia uma mulher por cima de outro guerreiro. Nunca. Reyes não assinalou que Maddox tinha escolhido Ashlyn e que Lucien tinha escolhido Anya. Não repetiu que Aeron preferia morrer a seguir sendo a criatura em que se transformou, e que não estaria contente de retornar à fortaleza. Não serviria de nada. Pior ainda, em parte, ele sentia o mesmo que Lucien.

Tirou seu Sig Sauer e checkou o estado do carregador. Cheio. Bem.

—Vai procurá-la com as armas preparadas?

—Se for necessário, sim.

Reyes meteu no bolso outros três carregadores e uma caixa de munição. Já tinha adagas presas aos tornozelos e estrelas presas ao cinturão.

—Não sabe aonde tem que ir.

—Isso não me deterá. A encontrarei.

Lucien suspirou.

—Eu posso o transportar junto a ela. Pode estar com ela e salvá-la em segundos.

Salvá-la. Isso significava que Danika estava em perigo, ou era um truque? Ele colocou a arma na cintura, pelas costas, e apoiou as mãos sobre a mesa, com a cabeça abaixada. Durante um momento permaneceu em silêncio, sopesando suas opções. Perder tempo procurando Danika ou liberar Aeron, que já notava o sabor de seu sangue na boca?

Nenhuma das duas coisas o seduzia.

Reyes suspirou. Proteger Danika significaria levá-la com ele, à fortaleza, em vez de se afastar dela tal e como tinha pensado. Além disso, aquilo a poria muito perto de Aeron, que estava sedento de morte. E também aumentaria sua própria proximidade com ela. Por mais perigoso que fosse, a idéia era tão sedutora e embriagadora como poderia ser a carícia de uma amante, se acaso Reyes conseguisse sentir prazer na suavidade.

Ter Danika ali... abraçá-la... Seu rosto de anjo apareceu em seu pensamento. Viu enormes olhos verdes que o olhavam com muitas emoções diferentes: medo, esperança, ódio... e desejo? O nariz pequeno, arrebitado. Os lábios carnudos, rosados, que o amaldiçoavam e desejavam que vivesse no inferno para sempre enquanto, em silêncio, lhe prometiam o mais doce dos êxtase. Um corpo delicado, com curvas deliciosas e prontas para receber as carícias de um homem.

Fechou os olhos. De repente, seu nariz estava cheio de seu aroma. Noites tormentosas e inocência, doçura impregnada com um pouco de escuro perigo... Reyes franziu o cenho. Escuro? Perigoso? Ela não era nenhuma dessas duas coisas antes.

—Me dê a mão. — disse Lucien, que de repente tinha aparecido em frente a ele.

Reyes piscou com assombro enquanto olhava seu amigo. Confiava naquele homem, o respeitava e, entretanto, o tinha decepcionado uma e outra vez durante os dias anteriores. Embora não soubesse o que Lucien tinha planejado, deu-lhe a mão sem pensar.

Assim que entraram em contato, um raio atravessou seu corpo como se fosse uma lança. Todos seus músculos se esticaram e relaxaram como se estivessem

conectados a um gerador, e em sua corrente sanguínea derramaram volts de energia elétrica pura.

Aquela dor fez com que se sentisse muito bem. Fechou os olhos para saboreá-lo. Seu demônio ronronou.

De repente, em sua mente se formou uma imagem, embora com incoerência. Só era um contorno. E então, de repente, viu Danika algemada a uma cama, com o cabelo tingido de negro e curto.

Estava tremendo. Tinha lágrimas secas nas rosto, e tinha mordido o lábio inferior com tanta força que tinham brotado pequenas gotas de sangue de sua pele. Naquele momento. Reyes sentiu uma raiva infinita. Danika era uma mulher que merecia prazer e luz, não escuridão e medo.

—Não tem boa aparência. — disse Lucien. O soltou, e a visão terminou — Quanto mais tempo estiver com eles, mais mal lhe farão. Segui o corpo do Caçador morto até seu velório, fiquei ali em espírito e observei aos outros Caçadores que foram ao funeral. Sem saber, eles me guiaram até Danika. Sabem que matou a seu amigo. Parece que a apanharam na mesma noite em que ela o feriu. A mantiveram algemada à cama e drogada. É incapaz de lutar contra eles, está indefesa, impotente...

—Sim!—exclamou Reyes, ofegando— Sim - repetiu.

Não teve que pensar mais no que ia fazer — Me dê Danika e eu darei Aeron. Mas terá que me prometer que, quando ele esteja aqui, proporcionarão a ele a solidão que deseja.

—Prometo — Lucien assentiu— Tem que saber que faço isto, em parte, porque Anya acredita que Danika pode nos guiar até um dos artefatos, e não duvide, quando a garota estiver aqui, a usarei para encontrá-lo.

—E você não o duvide tampouco: não sou eu mesmo quando estou com ela e não sei como vou reagir se a põe em perigo voluntariamente. Agora, me leve a seu lado.

—Primeiro me diga que entende que, embora a salvemos agora, talvez a perca logo. Não deixarei que me culpe se...

—Ela não morrerá. —sentenciou Reyes. Ele não permitiria— Não falemos mais. Me leve a seu lado.

“Lutei por minha vida para perdê-la assim?”. Danika riu amargamente. Acabava de despertar, e não sabia quanto tempo tinha passado nem o que tinham feito a ela. Aquele pensamento lhe produziu náuseas.

Depois de... do ataque, tinha ido correndo a seu desmantelado apartamento para recolher suas coisas. Engano. Deveria ter deixado ali sua arma e sua roupa, mas sem o pagamento daquele dia, sabia que lhe haveria custado muito substituí-las. E, como ainda não tinha aprendido a roubar passando inadvertida, tinha pensado que não ficava mais remédio que recuperar suas coisas.

No apartamento a estavam esperando um grupo de homens estranhos, escondidos entre as sombras, junto à escada de incêndios, como se soubessem que essa era a rota que pegava mais frequentemente. Era como se a tivessem estado espiando e conhecessem seus hábitos.

Ela poderia ter lutado contra um ou dois, possivelmente mesmo com três, mas havia seis, todos com a mesma tatuagem que tinha o homem a quem havia... havia...

nem sequer podia pensar na palavra naquele momento. Entre todos a tinham vencido e a tinham deixado desmaiada.

“Não voltaria a ficar indefesa outra vez, não é?”.

Pouco antes tinha aberto os olhos de novo, e suas esperanças de que esses homens fossem policiais e ela pudesse obter a liberdade sob fiança se desvaneceram. Os policiais não prendiam os detidos a uma cama. Quem eram aqueles tipos? O que queriam dela?

Nada bom, isso estava claro. O pânico encheu seu peito e gelou seu sangue. Sua mandíbula doía do golpe que lhe tinham dado, e não tinha forças. Estava morta de fome e não podia respirar bem.

“Não faça um só ruído”. As correntes eram pesadas e frias. As puxou enquanto olhava a seu redor pelo quarto. Estava bem mobiliado, com poltronas estofadas, almofadões coloridos e uma cômoda de mogno sobre a que pendurava um espelho de moldura dourada.

Seria coisa de Reyes? Não sabia o que pensar. Ele também a tinha retido em um quarto confortável.

Não. Não era coisa de Reyes, disse a si mesma. Ele não era dos que enviava a outros para fazer o trabalho sujo. Se tivesse estado ali, a teria submetido por si mesmo. Então, quem a tinha levado? Amigos do homem a quem havia... ferido, obviamente. Aquelas tatuagens...

Iriam lhe castigar por ter ferido seu companheiro? Acaso pensavam violentá-la? Torturá-la? Oh, Deus. Pensavam também que era uma prostituta e queriam lhe pagar por seus serviços?

Alguém bateu na porta, que se abriu lentamente. Ela conteve um gemido quando viu um homem alto, de aspecto simples, vestido com camisa branca e calças negras, de uns trinta anos. Tinha o cabelo castanho e um aspecto profissional. Não parecia um assassino.

Aquilo não serviu para acalmar o terror de Danika.

Engoliu em seco e tomou ar lentamente.

—Bem, está acordada. — disse o homem—Relaxe, não tenho intenção de fazer mal a você.

—Então, me solte. — disse ela; o tom de súplica de sua voz afundou com sua intenção de parecer forte.

—Sinto muito. As correntes são necessárias.

—Me solte e...

Ele elevou uma mão para silenciá-la.

—Temo que não temos muito tempo. Meu nome é Dean Stefano. Meus amigos me chamam Stefano, assim espero que você também. Você é Danika Ford.

—Me solte, por favor.

—Farei, mas ainda não. Vamos ao ponto, de acordo? O que sabe dos Senhores do Submundo?

Os Senhores? Aquilo tinha relação com seu outro seqüestro? Um risada histérica lhe escapou. Em que tipo de confusão a tinham metido Reyes e seus companheiros?

—Conte-me.

—Nada. — disse Danika, porque não sabia que tipo de resposta queria Stefano

— Não sei nada de nenhum senhor.

—Mentir só vai causar problemas a você, assim vamos tentar de novo. Ficou na casa de um grupo de homens em Budapeste. Não eram homens quaisquer, a não ser os mais violentos que tenha conhecido no mundo. Entretanto, não lhe fizeram mal. E se não lhe fizeram mal, significa que a consideram uma amiga.

—São monstros. —disse ela, e rezou para que isso fosse o que ele queria ouvir — Os odeio. Não sei por que me seqüestraram e não sei por que me deixaram partir. Talvez só para se divertir — a sinceridade e o ódio marcavam cada sílaba— Me solte, por favor. Não queria fazer mal... Foi um acidente e eu...— os olhos de Danika se encheram de lágrimas.

Stefano suspirou.

—A mantivemos drogada enquanto decidíamos o que fazer com você. Drogada, mas segura. Abateu um soldado muito forte, Danika, um dos melhores. Gostamos muito de Kevin. Sua mulher não deixou de chorar desde que lhe comuniquei sua morte. Se nega a comer, e só quer morrer para estar com ele. Tem uma dívida conosco, não acha?

Como ele tinha esperado, certamente, aquelas palavras intensificaram a culpa de Danika.

—Por favor. Só quero ir para casa. Por favor. —disse, apesar de que já não tinha nenhum lugar ao que ir.

A expressão de Stefano não se suavizou.

—Os Senhores, Maddox, Lucien, Reyes, Sabin, Gideon, tal e como chamam a si mesmos. Quer que continue? São demônios, criados nos céus, mas gerados no inferno. Sabia?

Ela piscou e o ar ficou gelado em seus pulmões.

—Demônios?

Alguns meses atrás, o teria escutado com incredulidade. Naquele momento, entretanto, assentiu. Aquilo explicava muitas coisas. Ela tinha visto os rostos de seus captores se transformar em seres esqueléticos. Tinha voado sobre uma cidade nos braços de um homem com asas. Tinha visto alargar presas e afiar as garras. Tinha ouvido grunhidos e gritos de dor e tortura.

Demônios. Como os de seus sonhos, os de suas pinturas secretas. Tinha sabido de algum modo, mesmo quando era menina, que terminaria em Budapeste com Reyes e seus amigos? E depois, com aquele homem? Os pesadelos contra os quais sempre tinha lutado estavam destinadas a prepará-la para tudo aquilo?

—Sim. Oh, sim. Acredite. Vê a verdade. —disse Stefano, e se aproximou da cama. O ódio acabou com sua calma e o transformou em uma besta ameaçadora— A morte é um demônio. A destruição é um demônio. A enfermidade é um demônio. Todos os males do mundo podem se rastrear até sua porta.

Quanto mais ele se aproximava, mais ela se encolhia.

—E o que tem tudo isso a ver comigo?

—Ninguém a quem você queria morreu? Nada do que possuía foi destruído? Alguma vez mentiu a alguém? Alguma vez esteve doente?

—Eu... eu...— Danika não sabia o que dizer.

—Ainda não está convencida de sua traição? Um desses demônios seduziu a minha esposa. Ela era pura e boa, e nunca teria me traído por vontade própria. Entretanto, o demônio que a enganou para que se deitasse com ele a convenceu de

que era má, de que tinha que morrer. Assim se suicidou, e fui eu quem encontrou seu corpo pendurando das vigas da garagem.

Cada uma de suas palavras havia aguçado sua voz. Sua mandíbula se tornou de granito.

Danika conhecia a dor de encontrar sem vida um ser querido. Ela era quem tinha achado a seu avô depois de que sofresse o ataque cardíaco. A imagem de seu corpo pálido e sem vida ainda a obcecava e afetava a suas lembranças do homem vital que ele tinha sido.

—Sinto muito que a perdesse.

Stefano engoliu em seco. Pouco a pouco recuperou a compostura e seguiu falando.

—Sua perda me deu um propósito na vida. É um propósito que compartilho com muitos outros. Os Senhores são a escuridão, e nós somos a luz, e não estamos dispostos a suportar a maldade que nos trouxeram para este mundo, a nosso mundo.

—acrescentou. Fechou os olhos, como se pudesse saborear o delicioso gosto de sua esperança —Quando capturarmos os Senhores e contermos sua maldade de uma vez por todas, as coisas serão como deveriam. Belas... Cheias de paz. Perfeitas.

“Que siga falando. Que não pense em você”.

—E por que os vão capturar? Por que não matá-los?

Lentamente, ele abriu os olhos. A alegria que acabava de mostrar desapareceu de seu semblante. A olhou como se quisesse sondar sua alma. A sensação que Danika teve foi muito estranha.

—Matá-los liberaria os demônios que levam dentro, e as bestas poderiam vagar pela terra, enlouquecidas e sem freio. Precisamos apanhar ao homem e ao espírito juntos. Até que achemos a caixa, ao menos.

—Que caixa?—perguntou ela.

Tentando aparentar que estava relaxada, moveu os pulsos contra as correntes. Estavam muito apertadas, mas ela tinha a pele úmida de suor. Possivelmente pudesse deslizá-las e se liberar. De todo o modo, o que ia fazer? Os que estavam perseguindo a sua família eram demônios, não humanos. Acaso alguma vez seus seres queridos estariam a salvo?

—A caixa de Pandora. —disse Stefano, a olhando atentamente.

Ela abriu olhos como pratos e ficou imóvel. “Isto é um sonho? Ou outro pesadelo, possivelmente?”.

—Está brincando? Isso é um mito. Uma lenda.

Ele cruzou os braços, e o movimento fez com que a camisa lhe marcasse o contorno dos músculos. Era evidente que treinava com pesos e armas, como os Senhores.

—E os demônios não caminham pela terra, suponho. O estômago dela se encolheu de temor. —Vou te contar uma história, de acordo?—continuou Stefano—Escuta com atenção.

Ele fez uma pausa e esperou. Ela assentiu, com a esperança de que isso fosse o que Stefano queria. Obviamente, era.

—Centenas de anos depois da criação do mundo, uma horda de demônios escapou do inferno. Eram as criaturas mais vis que Lúcifer e Hades tinham criado. Eram pesadelos incontroláveis. Em uma tentativa por salvar o mundo, os deuses

usaram os ossos da deusa da opressão para fabricar uma caixa. Com astúcia e precisão, conseguiram capturar esses demônios e encerrá-los na caixa.

—Conheço o resto da história. —disse Danika— Os deuses pediram a Pandora que guardasse a caixa, mas Pandora a abriu.

—Não. Aí é onde se equivoca a lenda. — Stefano a corrigiu— Pandora era uma guerreira, a maior guerreira de seu tempo. A caixa foi entregue para que a custodiasse. Ela nunca a teria aberto, nem sob ameaça de morte.

—E?

—Os soldados de elite dos deuses se enfureceram por não terem sido os escolhidos para a tarefa. Seu orgulho se sentiu ferido. Decidiram demonstrar aos deuses que tinham cometido um engano. Um, chamado Paris, seduziu Pandora, e outros lutaram contra seus guardas. No final, os soldados venceram. Seu líder, que se chama Lucien, abriu a caixa e deixou livres os demônios no mundo inocente uma vez mais. Começou o reinado da Morte e da Escuridão.

Danika se afundou no colchão. Olhou o teto, tentando imaginar Reyes, duro e forte, tal e como Stefano o tinha descrito. Orgulhoso, ciumento. Quando Danika tinha estado com ele, não parecia que lhe importasse muito o que outros pensassem de sua pessoa. Ladrava ordens e soltava mandatos destemperadamente. Era mal-humorado e inquietante.

—E?

—A caixa desapareceu. Ninguém soube quem a tinha levado, nem aonde. Sem outra alternativa, os deuses capturaram aos demônios e os confinaram no interior dos guerreiros que tinham provocado o desastre. Depois os desterraram à terra. Esses homens perderam todo rastro de humanidade; se tornaram em seus demônios e banharam em sangue nosso mundo. E continuam sendo uma praga para nós. Enquanto sigam em liberdade, ninguém estará a salvo.

Stefano esfregou a noz e inclinou a cabeça com uma expressão muito intensa.

—Perguntei isso antes, mas vou perguntar de novo. Pode imaginar um mundo sem raiva, sem dor, sem mentiras e tristeza?

—Não.

Não podia. Durante os dois últimos meses, isso era apenas o que tinha conhecido. Seus únicos companheiros.

—Os Senhores mataram a sua avó, Danika. Sabia?

—Não é verdade! —gritou ela— Talvez esteja viva.

—Não está viva.

—E como sabe?—perguntou Danika com pavor, com a voz rouca— Não pode sabê-lo a menos que a tenha...

—Visto.

Oh, Deus. Aquilo não podia ser verdade.

—A viu?—perguntou fracamente.

—Sim e não. —admitiu ele— Um de meus homens viu a criatura chamada Aeron levando seu corpo sobre o ombro. Desapareceu dentro de um edifício. Do contrário, meu agente o teria seguido. —disse Stefano, e beliscou a ponta do nariz em um gesto de pesar— No princípio, tínhamos pensado em vigiar você e esperar que os Senhores viessem por você de novo. Supusemos que queria ajudar sua causa, e planejavamos apanhar a todos juntos. Entretanto, você não deixava de fugir, como se

não quisesse que a encontrassem. Isso me intrigou.

Como se lhe importassem seus planos! Sua avó estava morta? Um corpo desacordado não era o mesmo que um corpo sem vida. A vovó Mallory podia estar perfeitamente viva, rindo, comendo um prato de sua sopa favorita. Danika imaginou e esteve a ponto de gritar de desespero para que aquilo fosse certo.

Imediatamente, a imagem mudou, e viu sua avó com uma adaga no peito. Não! Queria gritar enlouquecidamente. “As emoções não lhe servem de nada. Sabe. Não pode perder o controle”.

—Tem que nos ajudar a capturá-los, Danika. Queremos nos assegurar de que não façam a outros o que têm feito a você e a mim. Pode castigá-los por ter feito mal a alguém a quem queria. Sua família poderá deixar de fugir, e poderão estar juntos de novo.

Sem a vovó Mallory?

Naquela ocasião não pôde conter um soluço. Seu queixo tremia. As lágrimas se derramaram por seu rosto.

—Me ajude. —pediu Stefano— E eu ajudarei a você. Protegerei você e a sua família até que o último dos Senhores tenha sido capturado. Esses demônios não voltarão a lhes fazer mal. Tem minha palavra de honra.

Saber que sua família estaria a salvo... Danika não teria se importado com os termos do acordo embora tivesse tido que vender sua alma ao diabo. A esperança de que Stefano pudesse ajudar sua mãe e sua irmã era irresistível. A idéia da vingança era entristecedora.

—O que tenho que fazer?

Capítulo 4

Lucien foi transportando, um a um, a todos os guerreiros a um edifício abandonado. Em um momento, todos passaram da fortaleza em Budapeste a algum lugar ensolarado e quente.

Lucien transportou Reyes no final. A última vez que o tinha transportado daquele modo. Reyes tinha vomitado. Naquela ocasião, entretanto, sua preocupação por Danika superava com acréscimo as náuseas.

Reyes abriu os olhos enquanto inalava pó de gesso. A pedra prateada dos muros da fortaleza tinha desaparecido. As comodidades de seu lar se desvaneceram. Estava entre paredes cinza, nuas, sobre um chão de cimento, e rodeado de montes de escombros. As janelas estavam quebradas; os sacos de lixo negros que alguém tinha pendurado sobre elas se desprenderam, e permitiam aos homens olhar para fora, para um mundo desconhecido de... silêncio e calma. Reyes não ouvia nada e não via ninguém.

Outros caminharam silenciosamente pelo edifício, em busca de algum inimigo oculto, com as armas preparadas para a ação. Todos salvo Anya, que tinha ido no lugar de Maddox, tinham uma expressão de desconcerto. Alguns quantos murmuraram:

—Onde estão os Caçadores?

—Não aqui. —respondeu Lucien.

—Onde nos encontramos?—perguntou Reyes com impaciência.

—Nos Estados Unidos. —respondeu Sabin. Com os olhos fechados, inspirou profundamente — Acredito que em Los Angeles. Nenhum outro lugar tem o fedor de Hollywood.

—Exato. —disse Lucien, assentindo.

—Os Caçadores têm uma facção muito grande aqui. —informou Sabin— Uma facção a que eu desprezo com todo meu ser. Seu líder e eu temos uma história em comum, e ele também me odeia, assim devem estar preparados para qualquer coisa. Se uniu aos Caçadores depois de que sua mulher e eu...—deu de ombros com tristeza — Estivemos juntos, mas eu não sou bom para os seres humanos, e as coisas terminaram mau. Os Caçadores o recrutaram e após isso esteve me perseguindo.

Sabin e seus homens levavam muito mais tempo que Lucien e seu grupo lutando contra os Caçadores. Paris, Maddox, Torin, Aeron e Reyes se separaram de Sabin, Strider, Gideon, Cameo, Amun e Kane vários milhares de anos atrás.

Os Caçadores tinham assassinado brutalmente seu amigo Sulco, o guardião da Desconfiança. Depois que os Senhores se vingassem, um grupo deles expressou seu desejo de paz; o que podia ser melhor para uma alma maltratada que o abandono da luta constante entre o bem e o mal, a luz e a escuridão? A outra metade dos Senhores, entretanto, desejava derramar o sangue dos Caçadores pelas ruas da Grécia, criar rios púrpura de dor e terror.

Não tinham conseguido entrar num acordo, e tinham se separado. Até que Sabin tinha levado de novo aquela luta sangrenta a Budapeste.

Embora Reyes houvesse dado as costas à luta todos aqueles anos atrás, já não voltaria a fazê-lo. Estava envolvido, e a paz ilusória se quebrou para sempre. Os Caçadores tinham cortado o pescoço de Torin, recentemente, para debilitá-lo e capturar a todos. Felizmente, tinham fracassado.

Reyes não fracassaria em sua missão. Fosse o que fosse que tivesse que fazer, faria. E se houvesse que destruir aos deuses que, possivelmente estivessem apoiando a busca dos Caçadores, encontraria o modo de fazê-lo.

Não obstante, era difícil imaginar qual podia ser o objetivo dos deuses. Eram misteriosos e inconstantes, como um quebra-cabeça o qual faltassem várias peças. Enquanto os silenciosos Gregos tinham enfurecido Reyes com sua negligência, os críticos Titãs lhe provocavam uma raiva assassina. Afirmavam que queriam que reinasse a harmonia no mundo e nos céus. Diziam que desejavam que lhes rendessem culto e adoração, e que imporiam a liberdade sobre a morte e a destruição. Entretanto, tinham ordenado a morte de Danika, e mesmo a execução de Anya, embora finalmente com Anya tivessem mudado de opinião. E o que estavam fazendo a Aeron...

“Não pense nisso agora”, disse a si mesmo. Já tinha as unhas alargadas, para se cravar nas palmas das mãos. O demônio pediu sedutoramente. “Se corte. Se faça mal”.

—Não.

—Por aqui. —estava dizendo Lucien. Entretanto, se deteve quando Reyes falou, e o olhou com confusão— Ocorre algo?

— Não, estou bem.

Quando Danika estivesse a salvo, metida em sua cama, alimentaria o demônio. Até então não ia se ferir. A perda de sangue não faria mais que debilitá-lo, e precisava ter as forças intactas para o combate que se aproximava. Sabia, por outra parte, que a cada segundo que resistisse, o demônio protestaria com mais raiva. Ele se distrairia mais e mais. Aquela era a maldição de seu demônio. Precisava se cortar, mas ao final, se debilitava como qualquer outro ser que recebesse uma ferida, embora fosse só temporariamente.

—Que estava dizendo?—perguntou a Lucien. Todos o olharam.

Lucien olhou ao teto com resignação.

—Têm à garota uma rua mais à frente. A região está cheia de gente inocente, assim devemos tomar cuidado.

Os inocentes já não importavam para Reyes. Podia parecer frio e cruel de sua parte, mas ele nunca tinha sido um homem fácil. Bom, isso não era verdade de todo; recordava que, antes de ser emparelhado com Dor, ria e brincava com seus amigos.

—Quantos Caçadores a estão custodiando?—perguntou, e notou que um músculo tremia sob seu olho ao pensar na dor que possivelmente estivesse suportando Danika.

Fosse o que fosse o que lhe tinham feito, a vingança de Reyes seria cem vezes maior. Possivelmente odiasse a seu demônio pela tortura que lhe infligia constantemente, mas não duvidaria em lhe entregar as rédeas do controle para que a criatura pudesse desacorrentar seu poder. Dor podia olhar na alma de um humano, encontrar todos seus pontos fracos e lhe cravar centenas de flechas envenenadas em cada um deles até que o humano estivesse gritando, se retorcendo, cravando as unhas na pele para deter a agonia.

—Antes, —respondeu Lucien — havia vinte e três no local.

—Se multiplicam como coelhos. — disse Sabin com um sorriso— Talvez agora sejam centenas.

Lucien se dirigiu à janela mais afastada.

—Ainda faltam muitas horas para que anoiteça. Vou me transportar ao edifício, ficarei no mundo dos espíritos e escutarei. Observarei. Precisamos saber o que lhes disse, e nos inteirar de quais são seus planos.

O único que ouviu Reyes foi a palavra “horas”.

—Se supõe que temos que ficar aqui sem fazer nada?

—Sim. —respondeu Lucien— Se tiverem a região vigiada, eu desabilitarei seus computadores. Depois, ao anoitecer, quando for menos provável que os humanos possam se dar conta de sua altura, sua constituição e das armas que levam, e enviem à polícia para o buscar, você irá para lá. Eu estarei esperando fora do edifício.

Mais inatividade. Mais espera.

Aquilo era doloroso para ele. Reyes tinha vontade de dar um murro em algo, mas sabia que não podia fazê-lo. O demônio se alimentaria daquela dor corporal e lhe pediria mais. Queria o controle.

“Logo”, prometeu-lhe.

Aquela era uma das muitas razões pelas quais tinha afastado Danika da fortaleza, e também uma das razões pelas quais não deveria ter ido resgatá-la. Ela o provocava, e também ao demônio, como se golpeasse com um pau os grades da jaula de uma fera faminta.

Se concedesse ao demônio o poder que estava exigindo, perderia o controle de seus atos. E se ele machucasse Danika? E se desfrutasse fazendo isso? E se sorrisse enquanto reduzia seus ossos a pó? E se a matasse? Ele mesmo tinha encerrado seu amigo Aeron para evitar aquilo; sabia que não poderia viver consigo mesmo se destruísse algo tão precioso.

Alguém deu um golpe em suas costas e o tirou de suas reflexões.

—Tranquilo, amigo —disse uma mulher.

“Se acalme”.

Reyes se voltou e viu Cameo, a guardiã da Tristeza, a única Senhora do Submundo. Rapidamente, afastou a vista. Cameo tinha o cabelo longo e negro, os olhos prateados e a pele da cor dos pêssegos e da nata. Era a encarnação da beleza. Também era uma lutadora forte, feroz, apesar de seu delicioso e esbelto corpo. Não obstante, era difícil olhá-la, porque parecia que toda a tristeza do mundo se filtrava pelos poros de seu corpo e invadia o coração dos outros.

—A tiraremos daí sã e salva. —disse Cameo, com intenção de reconfortá-lo, embora só conseguisse lhe causar uma pontada de dor no peito— Não se preocupe.

Deus, sua voz. Reyes tentou não se encolher ao ouvi-la. Era tão trágica que poderia conduzir qualquer homem ao suicídio.

—Uma vez, os Caçadores seqüestraram a meu amante. —disse ela.

Reyes esfregou o peito. Era possível que alguém se deitasse com Cameo?

— E pôde salvá-lo?

—Oh, não. Teve uma morte horrível. Tiraram seu coração do peito e me enviaram.

—Cameo, se supõe que essa história é para que me tranquilize?

—Sim. Nos venceram uma vez, mas não permitiremos que o façam de novo.

Grande consolo. Reyes se afastou e começou a caminhar de um lugar a outro, pensando. Devia fazer caso omissos das ordens de Lucien e atacar naquele momento? “Deixa que trabalhe. Sabe o que faz. Virá buscar você se ela estiver em perigo”.

Mesmo sabendo disso, o tempo transcorria com grande lentidão. Cada tic do relógio era um batimento do coração de tortura. Ao contrário não pôde relaxar até que começou o entardecer e tudo se voltou de cor dourada e laranja.

—Nunca o tinha visto assim. —disse Paris— Nervoso e distraído.

—Com sorte, será a última vez. —respondeu ele— Já está escuro. Vamos— disse, e se encaminhou para a porta. Anya o agarrou pelo braço.

—Espera carinho. Você não conhece o caminho.

—E você sim?

—Claro. —disse ela— Lucien me conta tudo.

—Então nos guie agora mesmo. Não posso passar um segundo mais encerrado aqui, e acredito que vou entrar em todas as lojas, casas e edifícios que veja, se for necessário.

—Que impaciente. —disse Anya. Estalou a língua e o soltou— Admiro isso em um homem. Sigam meu ritmo. Se puderem.

Então saiu do edifício. Todos os outros a seguiram. O ar quente e carregado se fez fresco e fragrante. Havia uma mescla de bons e maus aromas: a flores frescas, a fumaça dos carros, o pão recém feito e o perfume forte. Havia letreiros de néon de todas as cores pela rua, e se ouviam as buzinas dos carros que passavam a toda

velocidade.

Os passos das pessoas que caminhava em todas as direções não conseguiam afogar o som dos batimentos frenéticos do coração de Reyes. Embora seus companheiros e ele permanecessem entre as sombras todo o possível, os humanos se precaveram de sua presença e de seu aspecto. Alguns se sobressaltavam e se separavam de seu caminho, e outros ficavam olhando para eles.

Muitos sorriam com fascinação, embora aquela não fosse uma típica reação humana. Mesmo as pessoas de Buda era mais respeitosas que amigáveis. Hollywood, havia dito Sabin. Reyes se dava conta de que os humanos sorridentes pensavam que formassem parte da rodagem de um filme.

Paris se deteve algumas vezes para roubar um beijo de uma mulher bem disposta; ele estava tão necessitado ante o demônio que o possuía como todos os outros, assim quando Promiscuidade queria jogar, Paris jogava. Do contrário, se debilitava insuportavelmente. Entretanto, pela primeira vez em todos os anos que tinham vivido juntos, Reyes se deu conta de que Paris não desfrutava daqueles beijos.

Não diminuiu o passo, não esperou seu amigo nem perguntou o que ocorria com ele. Só sentia uma urgência cada vez mais intensa. Anya dobrou uma esquina; seu cabelo comprido e pálido era como um farol na noite. Os dirigiu através de um beco sujo, e quando dobrou outra esquina, sorriu olhando para trás.

—Estamos quase chegamos.

Reyes apalpou sua faca e sua pistola. Eram tão familiares para ele que quase lhe pareciam uma extensão de suas mãos. “Já não falta muito para que a veja”, pensou. Muito em breve começaria a batalha.

Não deixaria um só sobrevivente. Os Gregos, seus criadores, sabiam que era muito fácil que uma divindade caísse; depois de tudo, eles mesmos tinham lutado contra os Titãs, e os tinham derrotado. Em seu esforço por se proteger do mesmo destino, tinham usado o sangue do deus da guerra para criar guerreiros imortais como potente escudo defensivo.

Depois da tragédia de dimOuniak e o assassinato de Pandora, os Gregos os tinham banido à terra com um demônio dentro, e tinham recrutado a outros guerreiros para que ocupassem seu lugar. Embora isso não tenha servido de nada aos Gregos, pensou Reyes com um sorriso de satisfação.

—Só um pouco mais...—murmurou Anya, excitada, era uma boa substituta para Maddox. Anya adorava a violência.

No final do beco, a deusa se deteve bruscamente. Ali estava Lucien, que saiu de entre as sombras e a beijou. Automaticamente, ela passou um braço pela cintura dele, como fazia sempre que estavam juntos.

Reyes afastou o olhar. A visão de seu amor lhe resultava muito difícil de suportar naquele momento.

O beco se dividia em três; à esquerda, reto e à direita. Estavam rodeados por cinco edifícios, mas Reyes não precisou perguntar em qual Danika estava. De repente, percebeu seu aroma de tormenta. Notava seu medo até os ossos, como se pulsasse da veia de tijolo vermelho que se erguia ante ele.

Uma armaria. Que adequado. E irônico, também. Com tudo o que falavam de paz, os Caçadores deveriam ter escolhido uma igreja.

—Há quartos privados sobre a loja. —disse Lucien— Os homens estiveram

muito silenciosos. Parecia que souberam que eu estava aí, esperando.

Reyes notou o sabor de bÍlis na boca.

—Está... viva?

—Sim.

Engoliu em seco. O tom de Lucien tinha algo que não transmitia tranquilidade.

—Mas?

—Segue adormecida. Reyes apertou o punho da faca.

—Quantos Caçadores há no edifício?

—Doze. Alguns já se foram.

—E seu líder?

—É um dos que partiu.

Desgraçado. Reyes o encontraria. Logo. Quando Danika estivesse a salvo, não haveria modo de parar sua fúria.

—Há um homem que a está vigiando—explicou Lucien— Agora está dentro do quarto, a observando enquanto dorme.

—Ele a tocou?

—Não violentamente.

—Então como? Com luxúria? A violentou?

—Não sei.

—É meu. —disse Reyes— Que ninguém mais se aproxime dele.

Lucien assentiu.

—Muito bem. Chegou o momento da batalha.

Mais que preparado, Reyes passou na frente de seus amigos e caminhou para o edifício. Quando entrou na loja, uma campainha tilintou alegremente, anunciando sua presença. O humano que tinha atrás do balcão tinha começado a sorrir, até que viu o duro semblante de Reyes. O sorriso ficou gelado a meio caminho, e os olhos se encheram de ódio.

Que Reyes soubesse, não tinham se visto nunca, mas imediatamente se reconheceram como inimigos.

—Onde está?

—Você matou a meu filho, demônio.

—Eu não conheci a seu filho, Caçador.

—É um câncer deste mundo, todos vocês são, e são responsáveis por todas as mortes. Embora não por muito tempo. Longa vida aos Caçadores!

E, como se tivesse estado esperando Reyes, o homem tirou uma arma semi automática com silenciador de trás do mostrador.

Reyes levantou sua própria pistola. Ambos dispararam ao mesmo tempo. Reyes, para matar. O Caçador, para ferir. Se o matasse, teria liberado ao demônio que tinha dentro, e os Caçadores fariam qualquer coisa para evitar algo assim. A informação era a melhor arma.

Uma bala alcançou o ombro de Reyes, e riu ao sentir aquela maravilhosa bicada. Os miolos do Caçador salpicaram na parede atrás dele. O homem não riu. Reyes sentiu uma pontada de tristeza, mas se recordou que não podia haver paz se os Caçadores seguissem estendendo seu ódio.

Um a menos. Ficavam onze.

—Vá. Deixa algo para os outros. —murmurou Sabin, passando junto a Reyes,

mais à frente do balcão das armas, para uma porta. A abriu, e atrás dela apareceu uma escada estreita.

—Bom trabalho, Dor. —disse Anya, lhe dando um tapinha na cabeça— Agora, os outros já sabem que estamos aqui.

Com aquilo, começou a subir os degraus, atrás de Sabin.

O sangue brotava da ferida de Reyes quando os seguiu.

—Que a minha amada esposa veja sua destruição do céu. —gritou um humano, mas foi abatido pelo som de outra arma com silenciador. Houve um grito. Um gorgolejo. Um ruído seco de um corpo caindo no chão. Passos.

—Verei vocês no inferno, demônios. — gritou outro, mas também foi silenciado rapidamente.

—Está no terceiro quarto à direita. — informou Lucien a Reyes. Tinha aparecido a seu lado de repente.

Chegaram ao andar de cima e correram em diferentes direções. Reyes só encontrou outro Caçador antes de chegar à porta atrás da qual estava Danika. Aquele Caçador também lhe disparou, e o acertou no estômago. Reyes não se deteve. Seu nível de adrenalina era muito alto, e seu demônio estava muito feliz.

Sorrindo, agarrou ao humano e cortou o pescoço dele. Depois deu um chute na porta, sem se incomodar com a fechadura. Era muito lento.

Soou um zumbido e Reyes notou outro balaço, daquela vez na coxa. Seus membros tremeram de debilidade, mas conseguiu seguir em pé. Enquanto sangrava, seu demônio ronronava. Reyes observou o quarto e viu Danika na cama, atada, imóvel. Havia um humano a seu lado, que tremulamente, elevou uma arma e mirou a Reyes.

—Esperei este momento durante muito tempo. — disse com a voz rouca—. Sonhei com ele. O desejei. E agora está aqui.

Reyes viu a tatuagem que o homem tinha no pulso: o símbolo do infinito, simétrico, negro.

—Aqui estou. A tocou?

—Como se importasse a você o que ocorra a uma humana.

Outro disparo. Reyes foi para um lado. Teria desfrutado da dor, mas não queria perder mais sangue. Os cinco minutos seguintes eram muito importantes. Apertou o gatilho de sua pistola e matou o Caçador. O homem desabou sobre o tapete e, imediatamente, Reyes chegou junto à Danika. Tirou as argolas dos tornozelos e dos pulsos dela e a pegou nos braços. Estava muito pálida e cansada, quanto tinha emagrecido? Tinha um hematoma no queixo.

—Danika.

Ela não despertou. Seus braços penduravam e tinha a cabeça inclinada. Além disso, se tivesse despertado teria se afastado dele imediatamente. Reyes teria preferido isso, antes daquela... inatividade.

Depois dele, os sons de luta cessaram e foram substituídos pelos das sirenes dos carros de polícia. Reyes ouviu seus amigos entrando no quarto, mas não se moveu. Abraçou Danika com força e notou sua bochecha contra o pescoço. Tinha a pele muito fria, como o gelo, e os batimentos de seu coração, que Reyes notava contra o peito, eram muito espaçados.

—Lucien?—sussurrou com a voz quebrada e lágrimas nos olhos.

—Estou aqui, meu amigo. Não sei como, mas sabiam que íamos vir e estavam preparados. Embora agora já estejam mortos.

—Não importa. Nos leve para casa.

Capítulo 5

Danika tinha esteve passando frio tanto tempo que despertou ao sentir uma manta quente sobre o corpo. Abriu os olhos de repente e emitiu um ofego. Entretanto, não conseguiu sair por completo de seu pesadelo, e isso a impediu de ver o que a rodeava. Só viu escuridão mesclada com cor arroxeada, a noite sangrando de feridas mortais. Ouviu espadas chocando, demônios rindo perversamente e o ruído de uma cabeça ao cair no chão.

“Morte, morte”, proclamava cada uma de suas exalações.

“Se acalme. Se acalme. Isto não é real. Sabe”.

Sua avó também tinha sofrido sonhos como aquele. Sonhos nos que reinavam os demônios e o mal. Sonhos que tinham empurrado a frágil mulher a tentar se suicidar à idade de sessenta e cinco anos.

Os sonhos não eram premonições do futuro, porque nunca se convertiam em realidade. Ao menos, até que Reyes e seus companheiros tinham entrado em suas vidas. Entretanto, os sonhos sim pareciam o suficientemente reais para serem assustadores, assim Danika entendia a sua avó.

A maioria eram turbulentos, cheios de gritos e cenas macabras. Assim tinham sido durante toda sua vida: de morte sangrenta. Danika despertava daqueles pesadelos e pintava o que tinha sonhado para tentar tirar a loucura de seu subconsciente, e mantê-la fora.

Uma vez, tinha mostrado a seus pais uma daquelas pinturas. Eles tinham se assustado e se aborrecido muito, e a tinham olhado como se fosse um dos monstros que tinha pintado. Assim, nunca tinha deixado que ninguém os visse. Além disso, nem sequer ela gostava de olhá-los.

No extremo oposto, às vezes seus sonhos eram de uma completa serenidade. Os anjos, com as asas de plumas brancas estendidas, flutuavam no céu azul. Sua beleza sempre a deixava assombrada, e despertava sorrindo e cheia de alegria, em vez de suando e tremendo como naquele momento.

—Estou aqui, anjo, estou aqui.

Aquela voz profunda e rica estava em seu pesadelo, e aquelas visões do inferno e do céu, se tornaram uma sedução hipnotizadora. Enquanto esteve ali deitada, o pesadelo se acalmou e a escuridão se desvaneceu, e a luz entrou em sua mente.

Viu um quarto, mas não era o que ela recordava, aquele no qual tinha adormecido. Havia armas penduradas pelas paredes, estrelas, adagas e espadas. Até mesmo tochas. Havia uma penteadeira, mas não havia cadeira. O proprietário alguma vez se sentava nela? Não se olhava no espelho nem se penteava?

O proprietário? Como sabia ela que aquele quarto pertencia a um homem?

Respirou profundamente e percebeu um aroma parecido com sândalo e pinheiro.

Oh, claro que sabia. Aquele era o quarto de um homem em particular. Ao se dar conta, se pôs a tremer. “Possivelmente esteja confusa. Por favor, que eu tenha me equivocado”.

Os lençóis eram de algodão negro. Danika voltou a cabeça e viu que o que a envolvia não era uma manta, mas sim um homem meio nu. Tinha a pele de cor chocolate e mel, e os músculos tensos. Não tinha pêlo no peito, mas sim uma tatuagem ameaçadora, de uma mariposa, que se estendia desde um de seus ombros ao outro, passando pelo pescoço. Uma mariposa ameaçadora. Duas palavras que podiam usar para descrever a um só homem. Reyes.

—Oh, Deus.

Levantou de repente, escapando dele. Ofegando, se moveu até a borda da cama sem se voltar. Recordou um fragmento de sua conversação com Stefano.

—E se tentam me matar?—tinha perguntado.

—Não o farão.

—Como sabe? Não pode estar tão seguro.

—São homens. Você é uma mulher. Pense. Além disso, poderiam ter ferido você antes, e não o fizeram.

—Me advertiram que me mantivesse afastada deles.

—Por quê?

—Não sei.

—Averigue. Averigue tudo o que possa. Quais são suas armas, seus pontos fracos, seus planos, seus gostos e o que lhes desagrade. Levará um celular com você. É pequeno e fácil de esconder. Darei um dia para que você se instale. Depois, falaremos todas as noites, se for possível.

—E você? Você não é uma mulher. Seguindo sua lógica, o matarão se o vêem aqui.

—Quando eles chegarem, eu terei ido e estarei observando de outro lugar, se for possível. Outros ficarão aqui para cuidar de você, para se assegurar de que os Senhores não têm intenção de fazer mal a você, assim não tema nada. Estes homens estão dispostos a sacrificar a vida para que esses demônios sejam derrotados. Não deixe que seu sacrifício seja em vão.

—Como? Oh, não. Não quero que ninguém sacrifique nada.

—Se sentiria melhor se dissesse que fugirão assim que cheguem os Senhores?

—Sim.

—Então, fugirão.

Tinham feito?

Lentamente, Reyes se sentou a seu lado, e os olhos de ambos se encontraram. Ele tinha os olhos tão escuros como a pele. Turbulentos. Ela, um pouco úmidos. Reyes franziu os lábios. Ela baixou o olhar enquanto estudava o resto de seu corpo. Tinha três feridas que estavam se curando: uma no ombro, outra no estômago e a terceira, em uma coxa.

—Onde estou?—perguntou em um sussurro.

—Em minha casa.

—Em Budapeste?

—Sim.

Danika entrecerrou os olhos. Tinha um vazio na mente e não recordava

absolutamente nada de como tinha chegado de um lugar a outro.

—Como vim até aqui? Como me encontrou?

Ele afastou o olhar.

—Sabe que não sou humano, não sabe?

Algo que ela teria preferido não saber, e uma conversa que teria sido melhor não começar.

—Veio me buscar?

—Sim.

—Por quê?

—Tenho a sensação de que sempre irei buscar você. —disse ele. Seu tom de voz era de irritação, e tinha uma expressão acusatória que deixava a culpa sobre os ombros de Danika.

Uma vez mais, ela entrecerrou os olhos.

—Deixa que adivinhe. Sempre virá me buscar por que você gosta de me fazer mal. Bom, e por que não me matou enquanto dormia? Não teria podido lutar. Poderia ter cortado meu pescoço com facilidade. No fim das contas, isso é o que vai fazer no final, não? Ou mudou de opinião?

Ele apertou a mandíbula. Permaneceu em silêncio.

—Apanhou ao resto de minha família? Reyes não respondeu.

—Me responda, maldito seja! Sabe onde estão? Estão vivas?

—Não fiz nada a elas. Tem minha palavra.

—Mentiroso!—Danika saltou da cama sem se dar conta do que fazia e o esbofeteou, e lhe deu murros nas feridas para lhe infligir o maior dano possível— Sabe algo. Tem que saber algo.

Ele fechou os olhos e sorriu de felicidade.

A cólera de Danika se intensificou.

—Isto parece divertido para você?

Cega pela fúria, sem saber de onde saía o desejo, se lançou para ele e cravou os dentes no pescoço tão profundamente que notou o sabor de sangue.

Ele gemeu. Entrelaçou as mãos em seu cabelo, mas não para afastá-la, mas sim para atraí-la mais para si. Ela não resistiu; não pôde. As brasas de sua fúria e de sua vulnerabilidade estavam se enredando e se recolocando para formar algo imensamente mais doce. O calor de Reyes era tão bom... tão extremamente bom... Ele a queimava no mais profundo da alma. Notava as chamas que a devoravam. E gostava. Gostava de lhe fazer mal, gostava de pôr a boca em seu corpo; entretanto, também a envergonhava que gostasse.

Notou que, entre suas pernas, o membro de Reyes se inchava e se endurecia. Quando ele gemeu uma segunda vez, o som se mesclou com o de Danika. Ele se arqueou para ela, e lhe arranhou o peito, e os bicos.

Um grunhido animal encheu os ouvidos de Danika ao mesmo tempo que notava suas mãos na cintura, a agarrando com força. Ele esfregou os quadris contra ela. De novo. Danika queria que o fizesse mais vezes. Entretanto, um momento depois, ele ficou imóvel.

—Basta. Danika, tem que parar.

Não, não queria parar. Queria... que demônios estava fazendo? Mordiscando ao inimigo? Ficou boquiaberta. Ofegando, se retirou de um salto. Os braços de Reyes

caíram de ambos os lados de seu corpo, e seus traços adotaram uma expressão tensa. Ela limpou a boca com o dorso da mão. Estava tremendo, e tinha um sabor metálico na língua.

Reyes se moveu e cobriu o colo com o lençol. Tinha o rosto avermelhado, acaso estava envergonhado? Brotava sangue de seu pescoço e escorregava por seu peito como um riacho diminuto. Enquanto ela o observava, o sangue secou e as marcas da dentada desapareceram quase por completo.

“É um monstro”, Danika se recordou. “É um monstro”.

O horror que sentiu por seus sentimentos, por seus atos, e também pelos dele, deve ter se refletido em seu rosto, porque Reyes disse:

—Nada de contato. Se não me tocar, eu tampouco a tocarei.

—Não se preocupe. —respondeu ela. Sentiu um violento tremor e cruzou os braços.

—Bem. —Reyes fez uma pausa e observou o corpo de Danika. Estava comprovando se tinha feridas, ou era algo mais erótico?— O que esses homens fizeram a você?

Sua pergunta estava desprovida de emoção; claramente, não se importava com a resposta. Aquela indiferença irritou Danika. O odiava, então, por que queria que se importasse?

—Eles...

De repente sentiu um enjôo e ouviu um grunhido. Se deu conta de que era dele. Seus olhos fecharam; notava as pálpebras tão pesadas que já não podia mantê-los abertos. Seu nível de adrenalina se afundou, supôs, e tinha roubado todas as suas forças.

Quanto tempo fazia que não comia? Stefano não tinha lhe dado nenhum alimento, só alguns goles de água de vez em quando. E lhe tinha injetado algo, algo que tinha posto sua mente fora de controle, a lançando ao céu antes de deixá-la cair sobre um oceano contra o qual tinha se quebrado em mil pedaços.

—Danika, o que esses homens fizeram a você?

“Estúpida, não baixe a guarda perante Reyes!”. Danika abriu os olhos. O mundo, ao seu redor, estava impreciso, e ele não era mais que uma mancha escura a frente a seus olhos. A tinha agarrado pelos ombros e a estava sacudindo brandamente. Quando sua visão clareou, Danika se deu conta de que a expressão de Reyes, que normalmente era muito dura, parecia quase de ternura e preocupação.

—Nada de contato. —disse ela, arrastando as palavras ao falar— Concordamos com isso.

—Shiu. Relaxe. Falaremos mais tarde.

—Vá ao inferno.

Ele não teve nenhum problema para entendê-la.

—Não tivemos uma vez esta conversa? Já estou nele.

“Luta contra isto! Luta contra ele!”. Danika tentou, tentou seriamente, mas havia um túnel negro que a estava chamando, que a arrastava para o abismo.

—Onde está minha mãe? E minha irmã? E minha avó?

—Estou seguro de que estão bem.

Alguns dedos acariciaram sua testa e, com suavidade, colocaram seu cabelo atrás das orelhas.

—Quero... vê-las. Não vou... dormir. Não pode me obrigar. Tenho fome.

—Eu darei algo de comer a você.

Um contato suave como o de uma pétala de flor... nos lábios? Sim, sentiu lábios contra a comissura de sua boca.

Ela inalou profundamente e, de repente, se inundou no aroma de homem e de especiarias, e se sentiu inexplicavelmente feliz por isso.

—Odeio você. — disse. Oxalá pudesse dizê-lo com sinceridade.

—Sei. — sussurrou ele, e sua respiração cálida soou em ouvido— Agora durma, anjo. Está a salvo. Não permitirei que nada mais ocorra a você.

Ela cambaleou, e de repente notou o colchão fresco contra as costas. Fogo por cima e gelo por debaixo. Incapaz de seguir resistindo, caiu no túnel. A inconsciência a reclamou.

Estava ali, em sua cama. Sua cama.

Esperar que despertasse tinha sido uma lição de controle sobre si mesmo, e Reyes tinha começado a temer que ela nunca o fizesse. Depois, quando tinha aberto os olhos e aquelas pestanas largas se separaram para revelar as pupilas de cor verde como as esmeraldas, ele tinha recebido uma lição verdadeira de tortura.

Dor não gostou que Reyes começasse a sair do quarto nas pontas dos pés. “Mais. Quero mais dentes e unhas e dor”.

—Não.

O demônio rugiu em sua mente.

Reyes seguiu avançando e só deu a volta uma vez para olhar para Danika. Seu cabelo negro estava estendido sobre o travesseiro e tinha o rosto onde frequentemente ele pousava o seu. Aquilo fez com que se sentisse orgulhoso. Naquele momento, possivelmente Danika estivesse inalando seu aroma, fazendo com que formasse parte dela.

Ou possivelmente não.

Danika dormia nervosamente, com os olhos se movendo atrás das pálpebras, sem deixar de tremer, emitindo pequenos gemidos de alarme. Estaria sonhando com o que os Caçadores lhe tinham feito? O que lhe tinham feito? A tinham torturado para lhe arrancar as respostas? A tinham violentado?

Não tinha lhe respondido quando o tinha perguntado; de fato, não havia dito nada. Não a tinha pressionado, porque tinha empalidecido e em seus olhos se refletiu um grande pânico.

Reyes desceu as escadas para a cozinha com os punhos apertados. Logo. Logo voltaria a vê-la e saberia a verdade. Tinha que sabê-lo. E possivelmente então, houvesse esquecido o horror que tinha visto em sua expressão quando ela se deu conta de que ele gostava que o mordesse.

Na cozinha, abriu a porta da geladeira. Paris era quem fazia as compras, assim Reyes nunca sabia o que ia encontrar. A seleção daquele dia era frios em fatia e pão. Então, um sanduíche.

—Onde está Aeron?—inquiriu Lucien a suas costas— Eu cumpri minha parte do trato. Chegou o momento de que cumpra a sua. Reyes não se voltou.

—O levarei a ele pela manhã.

— Não, me levará a ele agora.

Reyes tirou um pacote de presunto e outro de peru. Olhou ambos e deu de ombros. Não sabia qual Danika preferiria, assim faria um sanduíche de cada.

—Danika está faminta e fraca. Quando tiver me ocupado dela, estarei a sua disposição.

Lucien, que normalmente era muito calmo, grunhiu.

—Cada segundo que Aeron passe encerrado, será uma agonia para ele. Nossos demônios não podem suportar que seus anfitriões estejam encerrados, e você sabe. Certamente, Ira está gritando para que a liberem neste momento.

—Será que tenho que recordar que ele mesmo me pediu que o encerrasse? Além disso, quando Aeron volte aqui, também terá que estar encerrado. Que diferença faz que a prisão esteja em outro lugar? E, por último, te recordo que ele não quer estar perto de nós.

Reyes deixou os pacotes de frios no balcão e pegou o pão.

—E se estiver morrendo? Somos imortais, é certo, mas em algumas circunstâncias podemos morrer, como qualquer ser vivo. Outra coisa que você sabe perfeitamente.

—Não está morrendo.

—Como sabe?

—Porque sinto seu desespero ardendo dentro de mim cada minuto do dia. À medida que passa o tempo é mais forte, e estou seguro de que Aeron é mais fraco contra Ira. Apenas peço que me conceda umas horas mais. Por mim, por Danika e por Aeron.

Houve uma pausa tensa. Reyes pôs duas fatias de frios entre as fatias de pão e as esmagou.

—Está bem. —respondeu Lucien— Umas horas mais. Depois, se afastou. Suas botas ressoaram com força no chão. Quando esteve de novo a sós, Reyes fez três sanduíches mais, pôs uvas em uma terrina e verteu o conteúdo de uma vasilha de suco em um copo alto.

—Nossa, menino, vai dar de comer a um exército?

Reyes olhou para trás e viu Sabin apoiado contra o marco da porta, com os braços cruzados. Era tão moderno como Paris, com aquela camisa tão tola de Piratas do Caribe, mas carecia do refinamento deste.

—Danika tem fome.

—Supus isso. Mas, sendo tão pequena como é, não acredito que possa comer tudo isso. Além disso, acaba de passar três dias com os Caçadores. Devem tê-la deixado morrer de fome, interrogá-la sobre o que aconteceu e depois, quando tiver as respostas, lhe dar de comer.

Sabin avançou e estendeu o braço para um dos sanduíches.

Reyes agarrou seu amigo pelo pulso.

—Faça seus próprios sanduíches ou cortarei sua mão. E ela não é cúmplice dos Caçadores.

Sabin arqueou uma sobrancelha.

—Como sabe?

—Você não se aproxime dela, e deixa em paz a comida.

—Desde quando é tão generoso?—perguntou Gideon do outro lado, enquanto agarrava um dos sanduíches sem que Reyes pudesse fazer nada para evitar.

“Generoso” significava “miserável” no mundo ao reverso de Gideon.

—Se afaste. — grunhiu Reyes.

Os dois riram.

—Sim, o que você disser. — respondeu Sabin, e roubou um sanduíche com a mão livre.

Reyes apertou os dentes. “Não vou apontar uma arma a meus amigos. Não vou apontar uma arma a meus amigos”.

—Oh, que bom! Comida. — Anya apareceu na cozinha, com Ashlyn a seu lado, ambas de braços dados—Me pareceu que estava percebendo o aroma de uma genialidade culinária.

—É de Danika. — disse Reyes com tensão.

—Mas eu gosto muito de peru. — disse Anya com uma careta— Além disso, quando eu faço um sanduíche para mim, não tem o mesmo gosto do que quando o faz outro. A comida preparada por um homem tem algo delicioso...

—Isso não é meu problema. Que Lucien prepare algo para você.

Outra careta.

—Está fora, recolhendo almas.

—Então, Paris.

—Foi à cidade.

—Pois não tem mais remédio que passar fome.

—Eu farei algo de comer. —disse Ashlyn, acariciando brandamente o ventre.

Estava grávida, e começava a se notar. — E enquanto cozinheiro, eu gostaria que me contasse como está Danika.

—Está bem. — respondeu Reyes laconicamente.

—Me faça algo também. —pediu Sabin a Ashlyn— Estou morto de fome, e o sanduíche que roubei me encheu muito pouco.

—Eu estou completamente cheio. — disse Gideon, querendo dizer o contrário.

—Deveria lhes dar vergonha pedir a uma mulher grávida que lhes prepare a comida. —disse Anya.

—Hei!—Sabin sacudiu um dedo ante a espantosa deusa— Você também vai permiti-lo. Que diferença há?

—Grávida ou não, eu também vou deixar que me faça um sanduíche.

Ao ouvir aquela voz, todo mundo se virou, e houve uma exclamação coletiva.

—Torin!

Com um grande sorriso, Ashlyn se aproximou do guerreiro para lhe dar um abraço. Anya a agarrou pelo ombro e a puxou para trás.

—É Enfermidade, carinho. —lhe disse— Se o toca ficará doente, não se lembra?

—Oh, é certo. —disse Ashlyn, mas seguiu sorrindo ao Torin— Me alegre muito de que esteja melhor.

Torin lhe devolveu o sorriso, embora com uma expressão manchada de tristeza e desejo.

—Eu também.

Estava tal e como Reyes o recordava antes que os Caçadores tivessem cortado seu pescoço. Tinha o cabelo muito claro e comprido, as sobrancelhas negras e os olhos brilhantes e verdes. Era muito bonito e masculino, e também parecia um ser

sobrenatural. Levava umas luvas negras que o cobriam das pontas dos dedos até o ombro, porque não podia tocar a nenhum outro ser vivo sem o contagiar com uma enfermidade. Nem sequer a um imortal; os guerreiros não ficariam doentes se ele os tocava, mas sim estenderiam uma praga terrível.

—Como se encontra?—quis saber Reyes.

—Melhor. —disse Torin, e olhou o prato de sanduíches— Tenho fome.

—Nem o sonhe—respondeu Reyes—. Me alegre muito que esteja melhor, mas não tanto para compartilhar.

O sorriso de Torin perdeu a melancolia.

—Quase faz que deseje seguir prostrado na cama. Teria que me levar a comida com um sorriso. Ah. Sabe uma coisa?—perguntou, se voltando para Anya— Seu amigo está subindo pela colina. Não deixa de gritar que quer te pôr em seu colo e te dar umas boas palmadas, assim decidi não matá-lo, tal e como me indicou Lucien. O tipo tem uma faca presa à coxa, mas é a única arma que detectei. Chegará à porta em qualquer momento...

Toc, toc.

Anya deu alguns tapinhas.

— William chegou!

—O que está fazendo aqui?—perguntou Reyes— Lucien lhe disse que não voltasse ou o mataria, e você o odeia.

—Odiá-lo? O adoro! Inclusive me assegurei de que voltasse ficando com seu livro favorito. E, para sua informação, Lucien só estava brincando quando falava de matá-lo. Agora são muito amigos, juro. — disse a deusa, e saiu da cozinha dando palmadas de felicidade.

—William!—ouviram todos na cozinha, alguns instantes depois.

—Onde está meu livro?

—Onde está meu abraço, ursinho?

—É o mesmo William que deixava Lucien louco enquanto Anya estava se recuperando da perda da chave?—perguntou Ashlyn, quando Maddox entrou na cozinha e a abraçava por trás. — E a que livro se refere?

—É o mesmo. —respondeu Maddox — Quanto ao livro, não sei. Este William não me parece precisamente um intelectual. Por outro lado, não me deu a impressão de que Lucien e ele fossem muito amigos. Acredito que alguém deveria trancar esse homem até que Lucien volte.

—Parece que Anya o aprecia. —afirmou Ashlyn— Eu digo que o deixemos em paz. Quantos mais sejamos, mais diversão, não?

Reyes pôs os olhos em branco. Ultimamente, parecia que todos os dias eram uma festa na fortaleza.

Enquanto Ashlyn e os homens se encetavam em uma discussão sobre quem ia cozinhar o que e sobre o que deviam fazer com o misterioso William, Reyes conseguiu escapar por fim, com cuidado de segurar o prato e o copo de suco para que não caísse nada. “Odeio você”, Danika tinha lhe dito.

“Sei”, tinha respondido ele, e o dizia de verdade. Tinha aprisionado a ela e a sua família, e Danika tinha todos os motivos para desprezá-lo. Entretanto, naquele momento ele queria lhe dar algo bom. Algo pelo que pudesse sorrir nos anos

seguintes. Embora fosse uma simples refeição.

Subiu as escadas sem derramar uma gota. O mais provável era que ela estivesse adormecida. Não queria despertá-la, mas sabia que era o melhor para ela. Estava muito pálida e tinha olheiras muito marcadas, e isso era motivo de preocupação para ele. Precisava se alimentar.

Entrou no quarto, mas se deteve bruscamente quando chegou na beira da cama. Sua boca secou ao ver que os lençóis estavam revoltos e o colchão vazio.

Danika tinha ido.

Capítulo 6

Aeron estava agachado em sua prisão subterrânea. A fúria corria por suas veias. Estava furioso consigo mesmo, com os deuses, com seu demônio. Com Reyes. “Deveria ter me matado. Agora é muito tarde. Quero viver. Quero saborear a morte dessas mulheres”.

A escuridão deveria tê-lo envolto por completo, mas fazia tempo que seu demônio tinha tomado o controle. Seus olhos brilhavam com uma cor vermelha, e lançavam raios púrpura a todos os pontos para os quais olhava. Estava rodeado de barro e pedras. Estava enterrado tão profundamente na terra que ouvia os gritos dos condenados, percebia o aroma de enxofre e de carne queimada que saía das portas do inferno. Ele pensava que Lucien era o único guerreiro que tinha acesso ao inferno, mas parecia que Reyes também o tinha.

A Ira, sua companheira demoníaca, jogava espuma pela boca dentro de sua mente, arranhava as malhas cerebrais em seu desespero por fugir daquele lugar odioso. Queria agir.

“Muito perto de casa”. Lhe gritava o demônio.

“Não quero voltar”.

—Não, não vai voltar.

Aeron não podia sobreviver sem seu demônio; se converteram em um único ser, em duas metades de um todo que ficava incompleto sem uma delas. Aeron já não estava disposto a morrer. Desejar seu próprio desaparecimento tinha sido um ataque de loucura, sem dúvida. Sabia, e o aceitava. Não podia permitir que o matassem até ter manchado as mãos com o sangue daquelas quatro mulheres.

Mallory, Tinka, Ginger e Danika.

Sorriu. Virtualmente já saboreava suas mortes. “corte o pescoço delas”, Cronos o rei dos deuses, tinha ordenado. “Não se afaste delas até que seus corações se detenham e seus pulmões não respirem”. Aeron pensava que possivelmente no princípio resistiu; afinal, os inocentes eram inocentes. Entretanto, não podia estar seguro. Permitir que aquelas mulheres seguissem vivendo lhe parecia... horrível.

—Logo. —disse a si mesmo. E tremeu de impaciência.

Tinha matado recentemente. Sabia, embora suas lembranças fossem imprecisas. A única coisa que mostrava sua mente era a uma anciã caída no chão, com as têmporas manchadas de sangue. Tinha os olhos cheios de lágrimas e cortes no braço direito.

—Não me faça mal.—lhe rogava— Por favor, não me faça mal.

Em uma mão, Aeron tinha uma adaga. A outra mão se transformou em uma garra, afiada e mortífera. Se inclinou para frente...

E então, como sempre, a visão se obscurecia. O que tinha acontecido depois? O que tinha feito? Não estava seguro. Apenas sabia que ele nunca teria voltado atrás. Não a teria deixado viva.

“Quero sair! Quero estender as asas e voar!”.

—Sei. —disse Aeron, e deu um puxão nas correntes. Tilintaram e lhe fizeram mais corte nos pulsos dos que o que já tinha, mas não cederam. Mostrou os dentes em um gesto de desprezo. Maldito Reyes.

Aeron não recordava como o tinha vencido, nem como o tinha levado até ali. Só recordava um “sinto muito” torturado dos lábios de seu amigo.

Eram as mesmas palavras que Aeron murmurava quando estava nos subúrbios de Budapeste, observando os humanos, assombrados de que seguissem vivendo sua vida alegremente sem se preocupar de suas debilidades inerentes, nem pelo fato de saber que iriam morrer logo, sem remédio. Alguns deles, pelas suas mãos.

Algumas vezes, tinha sofrido ataques de raiva. Ira tinha julgado e executado aqueles que mereciam sua marca especial de castigo. Estupradores, pedófilos e assassinos. “Como eu”. Outros, entretanto, não mereciam o que fazia com eles. “Como essas mulheres”.

Franziu o cenho. Esse pensamento estava desaparecido no caos de sua mente, era uma idéia que ele teria considerado antes que os deuses o encarregassem com a tarefa da bela morte das mulheres Ford.

De repente, caíram umas rochas da parede da caverna e o sobressaltaram. Aeron olhou para aquele lugar e viu um estreito buraco em cujo centro brilhavam dois olhos vermelhos, olhos de demônio como os seus.

Rugiu a modo de advertência. Estava encadeado e desarmado, mas não estava indefeso. Tinha dentes. Comería a seu inimigo se fosse necessário.

Caíram mais rochas e o buraco se alargou. Então apareceu uma cabeça calva, com escamas, e aqueles olhos vermelhos olharam à esquerda e à direita antes de se fixar em Aeron. No sorriso selvagem da criatura brilhavam um par de presas afiadas.

—O cheirei, irmão. —disse o demônio, com um ligeiro assobio ao falar. Tinha a língua bífida. Seu tom não era de ameaça, mas sim de alegria.

—Eu não sou seu irmão.

A criatura fez uma careta.

—Mas você é Ira.

As garras de Aeron se prolongaram e se tornaram em pontas de navalha.

—Sim, é certo.

“Conhece?”, perguntou a seu demônio.

“Não”.

Houve um terceiro desabamento de rochas enquanto a criatura introduzia alguns ombros escamosos na cavidade, seguidos de um corpinho curto.

—Se se aproximar mais, morrerá.

—Não, não morrerei. Não posso morrer. — respondeu a criatura, e pousou as patas no chão. Tinha uma estatura tão baixa que não chegava nem ao umbigo de Aeron. Sacudiu seu corpinho para tirar o pó das escamas.

—Como pode estar tão seguro?

—Somos amigos.

—Eu não tenho amigos. Quem é e o que faz aqui?

—O amo me chamava Legião antes de me chamar idiota. —disse a criatura, e se aproximou de Aeron um passo, cantarolando. Sorriu e voltou a mostrar as presas— Quer brincar?

Legião. Interessante.

—Formava parte de uma legião, uma legião de que?

—De ajudantes.

Outro passo.

“Serventes do inferno”, disse Ira com desagrado. “Inúteis, descartáveis, sem valor. Coma-o”.

Aeron flexionou os joelhos e os colou ao peito. Estava preparado para atacar.

—Alto.

Por que lhe havia dito isso? Queria que a criatura se aproximasse. Queria ter um festim.

Legião obedeceu, mas com uma careta.

—Mas agora somos amigos. Os amigos algumas vezes se aproximam. Os vi. Aeron não se incomodou em repetir que não eram amigos.

—Para que veio, Legião?

Perguntar primeiro; o jantar, depois.

—Quero jogar. Vai jogar comigo? Por favor, por favor, por favor.

—Jogar o que? Que jogo?

—Apanhar ao demônio! O amo deixou de jogar comigo. Me expulsou de casa. —disse a criatura, e deu um chute numa pedra com a pata— Fiz algo mau e já não posso jogar mais com ele.

—O que fez?

—Mordi a mão do amo. Quer jogar?

E possivelmente perder uma das mãos? Aeron pensou. Deu de ombros.

—Sim, vamos jogar.

—Bem! Podemos mudar uma das regras?

—Que regra?

—O ganhador não pode me golpear com uma pedra.

—De acordo. —respondeu Aeron. Ele só ia mordê-la com os dentes.

Com uma risada estranha e inquietante. Legião saltou pelo ar. Pulou de um lado a outro pelas paredes da caverna e se transformou em um borrão. Em duas ocasiões passou na frente de Aeron como uma exalação, rindo alegremente, e Aeron tentou agarrá-la. Com o movimento, as correntes aprofundaram os cortes que tinha nos pulsos. A criatura se arqueou e ficou fora de seu alcance.

Decidido, Aeron fechou os olhos e ficou em total silêncio. Colocou as mãos nos joelhos flexionados, com a esperança de dar a impressão de tranquilidade.

A risada alegre de Legião ressoava em seus ouvidos, mais e mais perto... umas unhas arranharam sua testa, mas Aeron nem sequer se moveu.

—Me apanhe, me apanhe se puder!

Naquele momento, algo quente roçou sua mão, e Aeron fechou os dedos.

Houve um ofego e um gritinho. Legião se retorceu na mão de Aeron. E sua

risada cessou.

—Ganhei.

Seus dentes se afiaram e inclinou a cabeça para frente. Mordeu. Sentiu um sangue azedo e ardente na boca. Lhe fizeram ampolas imediatamente.

—Ai!

Tossindo e cuspendo, Aeron soltou ao demônio. Com os olhos entrecerrados, perguntou a Ira: “por que não me disse que era venenoso?”.

“Não sabia”, respondeu o demônio com uma careta.

—Me mordeu. —disse a criatura em tom de acusação. De acusação e de dor. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

—Tem sabor de bÍlis, verme asqueroso.

—Mas... mas... me fez sangrar. —disse Legião, e esfregou o pescoço. Um sangue negro lhe manchou os dedos— Prometeu que não o faria.

—Prometi que não bateria. —respondeu Aeron, sentindo algo como... remorso? Sim, sentia um remorso que superava a sua ira constante e sua entristecedora necessidade de matar— Eu... acreditava que fosse assim como se jogava.

—Pois se equivocou. —choramingou Legião, e deu a volta. Depois caminhou para um canto e escondeu a rosto contra a parede para chorar.

“Pelos deuses, como cheguei a esta situação?”.

—Não conhecia as regras. —disse ao demônio. Estava assombrado pelo fato de que se sentia mais como ele mesmo do que se sentiu em muito tempo. Não entendia por que.

Legião olhou por cima do ombro para trás. As escamas brilhavam como rubis sob o olhar vermelho de Aeron. Mas antes eram de cor verde, não?

—Se formos ser amigos, tem que me prometer que não me morderá mais. Eu também tenho sentimentos.

“Amigos?”.

—Legião, eu não quero ferir seus sentimentos, mas...

—Vê?—Sorrindo de novo, o pequeno demônio deu um giro e aplaudiu encantado— Não quer me causar mal. Já somos amigos. O que fazemos, o que fazemos? Quer brincar de outra coisa?

Aeron inclinou a cabeça, e olhou a seu novo... amigo pensativamente.

—Conheço outro jogo ao que podemos jogar.

—Oh, qual é? Qual é? Quero jogar. Como se chama? Vou ganhar desta vez, sei!

—Chama-se “romper as correntes”.

Paris estava estendido na cama, junto à mulher humana. Tinha estado naquele quarto de hotel incontáveis vezes. Conhecia o colchão extra grande, as paredes brancas, as pinturas clássicas situadas estrategicamente. Havia uma mesa negra, um abajur dourado. Era o quarto número quatorze do Hotel Zara. Tinha estado ali com uma mulher diferente em cada ocasião.

Não sabia o nome de sua companheira, e não lhe importava sabê-lo. Era uma turista, e não voltaria a vê-la.

Nunca voltava a ver suas companheiras de cama.

Normalmente, partia imediatamente depois de ter terminado a relação sexual. Ficar podia dar lugar a sentimentos, e como ele não podia estar duas vezes com a

mesma mulher, os sentimentos não seriam mais que algo incômodo.

Aquela noite, entretanto, ficou. A mulher estava dormindo a seu lado, mas ele estava inquieto, tenso. Não queria ir para casa. Maddox tinha Ashlyn, Lucien tinha Anya e Reyes tinha Danika. Vê-los juntos lhe recordava à mulher que ele desejava, a mulher que tinha matado. Sienna.

A adorável Sienna, com suas sardas, seus óculos grossos e o cabelo escuro e encaracolado. Magra, muito magra, sem curva nem seios. Entretanto, o tinha atraído desde o começo. Ele a desejava e se esforçou como nunca por seduzi-la. E ela o tinha traído. Tinha planejado aquela traição desde o começo.

Era uma Caçadora, os piores inimigos de Paris, e tinha usado seu desejo contra ele. O tinha distraído, o tinha drogado e o tinha entregado a seus companheiros. Estes o tinham encerrado, o tinham acorrentado para estudá-lo. Paris tinha estado a ponto de morrer e os Caçadores tinham tido que jogar Sienna na guarida do leão, por assim dizer de algum modo, para mantê-lo vivo.

Promiscuidade não podia sobreviver sem sexo. Quanto mais tempo passava Paris sem relações sexuais, mais se debilitava. Aqueles Caçadores não queriam que morresse. Se morresse, como iriam estudar suas habilidades? Como iriam usá-lo para atrair aos outros guerreiros a seu território? Além disso, se o matassem, liberariam seu demônio no mundo, enlouquecido sem seu anfitrião.

Os Caçadores não queriam isso. Queriam tirar os demônios dos guerreiros, sim, mas só quando tivessem encontrado a caixa de Pandora. E ninguém estava perto de encontrá-la ainda; nem sequer os Senhores.

Assim, tinham enviado Sienna a seu quarto. Ela tinha se colocado escarranchada sobre ele e, lhe fazendo amor, tinha lhe devolvido todas suas forças. Mais do que o normal, na realidade. Pela primeira vez desde que se viu unido a Promiscuidade, se excitou duas vezes com a mesma mulher.

Paris tinha decidido que ficaria com ela. A castigaria, sim, mas ficaria de qualquer jeito para o resto da vida. Porque, durante um breve momento, tinha encontrado a uma mulher que podia salvá-lo. Já não lhe importava que fosse uma Caçadora ou que pensasse que o mundo seria um lugar melhor sem seus amigos e sem ele. Só lhe importava que, por fim, podia ter à mesma mulher uma e outra vez. Saboreá-la, conhecê-la. Possivelmente, mesmo pudesse querê-la.

Ingenuamente, Paris tinha suposto que estavam destinados um ao outro, que os deuses tinham decidido aliviar por fim sua tortura. Estava cansado de procurar uma mulher nova cada dia, de fazer amor sem amar, de não se lembrar de quem acariciava e beijava, de não saber nunca o que gostavam ou não gostavam suas amantes porque havia muitos rostos e preferências, muitos corpos e desejos.

Assim tinha escapado daquela prisão dos Caçadores com Sienna a seu lado. Entretanto, como se fosse um soldado sem treinamento, tinha permitido que lhe disparassem três vezes.

Tinha morrido em seus braços.

“Deveria tê-la protegido”. Tinha passados semanas do ocorrido, mas não conseguia tira-la da cabeça. Não podia se excitar se não pensava nela.

“Ela me desejava”. Não queria estar com ele, mas o desejava. Apesar de tudo, o êxtase tinha brilhado em seu olhar e, uma e outra vez, Sienna tinha murmurado seu nome. Seu nome, não o de outro homem. Por muitas diferenças que houvesse entre

eles, poderiam ter sido felizes juntos.

—Mas não. Eu permiti que lhe disparassem. —disse, e riu amargamente— Valente guerreiro. Foi minha culpa.

—O que ocorre?—perguntou sua companheira, com voz sonolenta.

Certo. Ele não queria que despertasse. Não queria falar com ela.

Paris posou os pés no chão e se levantou da cama.

—Mmm. —disse ela— Eu gosto do que vêem meus olhos.

Ele recolheu a roupa do chão e se vestiu.

—Volta para a cama. —rogou a mulher—O desejo de novo. Preciso de você.

Tinham lhe dito aquelas palavras milhares de vezes, e certamente as diriam umas quantas milhares de vezes mais. A idéia fez com que se encolhesse.

—Tenho que ir.

Naquele momento, nem sequer recordava como era essa mulher, e acabava de olhá-la.

—Possivelmente em algum outro momento.

Era mentira, mas era o mais amável que podia dizer. “Esta é minha vida, a isto ficará reduzida sempre: a estar com uma mulher e partir. Sou patético”.

—Paris, por favor...

—O quarto está paga para toda a noite. Deixo você descansar.

—Parte? Por favor, suplico-o que não...

—Me esqueça. Eu já a esqueci.

Saiu do quarto e do hotel sem olhar atrás.

Capítulo 7

Quando Danika despertou sozinha na cama de Reyes, depois de ter tido outro turbulento pesadelo, se deu conta de que não podia fazê-lo. Não podia ficar ali. Não importava qual fosse seu propósito. Não podia ficar com Reyes. O mero feito de estar perto dele a transtornava de mil maneiras diferentes, e nenhuma boa.

Deveria sentir ódio cada vez que o via. Ódio, raiva e violência. Entretanto, experimentava outra coisa diferente. Se afogava, e pedaços de seu ser morriam e rapidamente ressuscitavam por ele. Por ele. Não por sua família, nem por sua própria sobrevivência. Por ele. Como podia esquecer daquela maneira seu propósito?

Sem saber o que fazer, se levantou da cama e saiu correndo do quarto. Chegou bastante longe, mas depois deu a volta, temendo se encontrar face a face com algum dos amigos de Reyes. Ao final, suas pernas tinham fraquejado e se deteve na escada.

Abraçou a cintura para tentar reter o calor corporal. O frio tinha retornado com força, e Danika estava tiritando. Só havia um ser que tinha conseguido que se aquecesse: Reyes.

—Danika!

A voz de Reyes soou pelo corredor, em tom de pânico, tão aguda como uma navalha. Ela apoiou a cabeça sobre o corrimão da escada; a fadiga e a dor a estavam vencendo. “Deveria correr”. Permaneceu imóvel, como uma tola, estava ansiosa por vê-lo.

—Danika!—sua voz soou mais próxima. Ela não se deu ao trabalho de responder. Ele ia encontrá-la em seguida. Não havia motivo para ajudá-lo.

— Dani...

Seu nome se silenciou e ela notou uma rajada de ar na nuca. Reyes devia ter se detido bruscamente. Não o via, nem sequer pelo canto do olho, mas sentia seu calor até os ossos. Deus, era muito quente. Danika deixou de tremer.

Então, de repente, ele apareceu sentado a seu lado. Sua coxa roçou a de Danika, e ela notou uma descarga elétrica pelas veias, percorrendo todo o corpo. Engoliu em seco.

Durante um longo momento, ficaram sentados em silêncio.

Por fim, ela o olhou. Passou a vista desde suas botas manchadas de barro, pelos jeans rasgados até seus braços poderosos, que descansavam sobre os joelhos. Tinha três profundos cortes na pele. O sangue tinha brotado das feridas e secado.

—Se feriu de novo. — disse ela com preocupação.

—Não é nada.

—Nada. —repetiu ela— É o homem mais torpe que conheci. Sempre está arranhado e sangrando.

Uma pausa.

—Tinha pensado em fugir de mim?

—Sim.

Não havia razão para negar.

—Por quê?

—Como se tivesse que espremer seu cérebro para saber a resposta.

—Me refiro ao motivo pelo que renunciou a fazê-lo.

Danika não respondeu. Temia a verdade, e estava muito cansada para inventar uma mentira, assim desistiu de responder.

—Por que seus amigos e você querem matar a minha família? Nunca me explicou isso. Que eu saiba, não os insultamos, nem invadimos sua propriedade, nem temos feito nada de mau para merecer... isto.

Ele suspirou cansado.

—Não, não têm feito nada errado. E eu não quero matar você.

—Não é isso o que disse da última vez. Da última vez...

—Não vamos falar da última vez. O passado é passado. Acabou-se.

—Não. Não acabou. —disse ela. Em um arranque de ira, deu um murro no joelho. A perna se moveu por um movimento reflexivo— Nunca terminará.

—Não se faça mal, Danika. —disse ele, tão zangado como ela.

—Isso é engraçado, vindo de você. Da última vez me ameaçou, disse-me que morreria se me encontrasse. Bom, pois me encontrou.

—Disse sim. Mas também demonstrei que não posso fazer mal a você de nenhuma maneira.

—Mas seus amigos seguem querendo me ver morta.

—Querer?—perguntou ele, rindo, embora não fosse uma risada alegre— Não. Ninguém quer você morta, mas farão o que tenham que fazer.

—E têm que me matar?

Ele ficou calado.

—E você vai permitir?

Outro suspiro.

—Acaso fiz feito mal a você?

Não.

—O que sabe de minha família Reyes? Minha avó está... desaparecida há duas semanas.

Reyes lhe deu a mão e entrelaçou seus dedos com os dela.

Danika se soltou de um puxão.

—Concordamos com nada de se tocar.

Ele assentiu.

—Não sei nada de sua avó, mas... conheço alguém que poderá dar notícias dela.

—Sim, claro.

—Digo a sério. Não mentiria em algo tão importante como isto.

—Me leve até essa pessoa.

—Não. Não o levarei até ele, mas o interrogarei em seu nome.

—Maldito seja, não. Vou com você.

—Eu...—Reyes esfregou a nuca— Não.

—Não vai me tirar da cabeça, e haverá uma briga se tentar com que fique para trás.

Um longo suspiro, cansado.

—Muito bem. Mas primeiro vai comer. Mal pode se manter em pé.

—Preciso saber o que ocorreu a ela. Não poderei comer um só bocado até que saiba.

Ele estava negando com a cabeça antes que ela terminasse a frase.

—Isto não é negociável. Comerá e tomará banho, e depois iremos.

—Não me diga o que tenho que fazer! Não sou a mesma garota que era quando me seqüestrou. Não vou obedecer docilmente!

—Então acha que foi antes? Dócil?

Ela o olhou com incredulidade.

—Você não?

—Não. Eu vi uma mulher forte e orgulhosa que fez o que era necessário para acalmar a seus familiares e mantê-los com vida.

—Era fraca e estava assustada. Mas agora sei como me defender.

Ele assentiu, mas seguiu a olhando pensativamente.

—Ouvi falar que matou a um humano.

Humano, havia dito ele: a palavra que descrevia suas diferenças do modo mais preciso possível. Então, Danika viu uma chama de negro e vermelho, ouviu um ofego de dor e sentiu a raspadura do cimento nas mãos e nos joelhos. Um lápis, partido, uma exalação de agonia, e já não lhe importou quão diferentes fossem. Só queria que Reyes a protegesse.

—Danika.

De algum modo, só com seu nome, ele era capaz de tirá-la daquelas odiosas lembranças. Engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

—Não me arrependo de meus atos.

Esperava que o que havia dito fosse certo; naquele momento estava muito intumescida para sabê-lo com segurança.

—Me alegre.

—Por quê?

—Ele queria fazer mal a você, e você fez o que era necessário para evitá-lo. Oxalá eu tivesse estado ali.

—Bom, pois não me protegi o suficientemente bem. —respondeu ela com amargura— Como sabe o que ocorreu? Há uma ordem de prisão contra mim, ou algo parecido?

—Não, não há nenhuma ordem. Ninguém sabe. O que vou dizer, Danika, você não pode repetir nunca. Você nos odeia, e com razão, assim te dar esta informação é uma idiotice de minha parte. Entretanto, quero que saiba por que temos feito as coisas que temos feito.

Reyes inalou profundamente e liberou com lentidão cada molécula de ar. Depois afastou o olhar dela.

—Já te contei que nós, os guerreiros que vivemos aqui, não somos humanos. O que não havia dito é que todos estamos possuídos por um demônio. —disse, em tom de vergonha— Lucien, recorda dele? Está possuído pelo espírito da Morte. Quando seu humano morreu, ele foi chamado para guiar sua alma ao inferno.

Danika esteve a ponto de lhe dizer que sabia, mas conseguiu conter as palavras. Entretanto, Stefano lhe havia dito que aqueles homens se converteram em demônios, não que estivessem possuídos por eles. Se sentiu aliviada, e isso lhe pareceu estranho. Já não teria que ocultar que sabia.

“O que está fazendo?”, perguntou a gritos sua mente. Ele não devia saber que ela conhecia a verdade. Ela devia manter isso oculto.

—Demônios?—perguntou. Que outra coisa podia dizer?

—Sim.

—Eu... suspeitava—disse, se decidindo por uma meia verdade— Na última vez que estive aqui vi coisas que não podia explicar. Coisas sobrenaturais.

Reyes assentiu.

—Não quero que se assuste conosco. —lhe disse— Somos demônios, sim, mas não lhe faremos mal. Ao menos, não mais do que já fizemos. —acrescentou com ironia.

Aquilo não era uma promessa consoladora, mas ela teve vontade de se apoiar nele, de todos os modos, possivelmente devia lhe confessar por que estava ali para que pudesse resolver o problema em seu lugar. “Estúpida”. Acha que Reyes seria tão suave se soubesse a verdade, que tinha ido ali para averiguar tudo o que pudesse sobre ele para que logo aquela informação pudesse ser usada contra ele? “Está fazendo isto por sua família, não o esqueça”.

—Não o vi aquela noite.

—Quem não viu quem?

—A Lucien. Quando aquele homem morreu, não vi Lucien. Você disse que estava ali, que viu o que eu tinha feito.

—O humano não morreu na rua, e sim no hospital, três dias depois. De todo o modo, embora tivesse morrido naquela noite, você não teria visto Lucien. Ele permanece no mundo dos espíritos e é invisível enquanto leva a cabo sua tarefa.

Danika tinha que conseguir que seguisse falando, esta era exatamente a informação que desejava Stefano. Enquanto pensava naquilo, sentiu uma pontada de culpa no peito. Por quê? Reyes e aquela horda o mereciam.

—Como é possível? Como pode permanecer no mundo dos espíritos? O que vê ali?

—Isso eu não posso contar.

Não podia pressioná-lo. Teria parecido suspeito, não? Não sabia. Sua mente não funcionava a todo vapor.

—Disse que todos estavam possuídos. Qual é o demônio que o possui?

Reyes ficou tenso.

—Os homens que a atacaram eram Caçadores.

—Caçadores. —repetiu ela.

Reyes acabava de passar por cima de sua pergunta, como ela fazia às vezes com as dele. Possivelmente fosse melhor que não respondesse.

—Uma vez, Ashlyn os mencionou, mas naquele momento não sabíamos o que eram.

—São um grupo de homens que nos quer ver mortos. Pensam que o mundo seria melhor sem nós.

—E seria?

—O mundo não poderá ser perfeito enquanto os humanos tenham liberdade de escolha. Nós não lhes obrigamos a fazer coisas más, as fazem por sua própria vontade. —disse ele com amargura— Mas não parece que os Caçadores estejam dispostos a meditar sobre essa verdade.

É muito mais fácil jogar a culpa de todos seus problemas a algo que não entendem.

O que dizia tinha sentido, mas Danika não permitiu que isso a afetasse. Havia muitas coisas em jogo.

—Bom, você também perseguiu a minha família voluntariamente. Por quê? Me diga. Tenho direito de saber. O que minha família fez a vocês?

—Danika...

—Rogo-lhe isso, me diga.

—Os deuses ordenaram a Aeron... Recorda Aeron?

Ela estremeceu. Nunca poderia esquecer aquele homem. Enquanto se achava seqüestrada na fortaleza, Aeron a tinha levado a cidade para que conseguisse um remédio que Ashlyn necessitava, a esposa de Maddox. Aeron tinha desdobrado asas negras e a tinha levado voando até seu hotel em Budapeste, onde estavam todas as suas coisas. Depois, tinham voltado para o castelo com o Tylenol que necessitava Ashlyn.

Danika tinha pensado que aqueles homens eram muito estranhos: uma estranha combinação do passado e da modernidade. Não sabiam nada de remédios humanos, mas tinham uma enorme televisão de plasma e muitos jogos eletrônicos. Se vestiam como guerreiros antigos, levavam armas presas ao corpo, mas havia um deles que ia continuamente de farra às discotecas da cidade. Mimavam Ashlyn, mas queriam destruir a ela. Aquelas contradições a tinham deixado muito confusa. Ainda a desconcertavam.

—Sim, me lembro do Aeron. —disse por fim.

—Os deuses lhe ordenaram que matasse a sua família.

Ela abriu os olhos desmesuradamente.

—Está mentindo. Em primeiro lugar, os deuses não existem. Em segundo...

—Tampouco há demônios, estou seguro.

Danika abriu a boca e voltou a fechá-la enquanto tentava formar uma resposta coerente. Stefano tinha usado a mesma lógica quando tinha falado com ela. Estava segura de que Reyes e Stefano não ficariam contentes ao saber o muito que se aproximavam seus raciocínios.

—Há deuses, e querem que morra. Quanto antes comece a acreditar nisso antes poderá se proteger.

—Muito bem, mas por quê? Eu não tenho feito nada de mau. Minha família não tem feito nada de mau.

—Não sabemos por que. Esperava que você pudesse resolver o mistério.

—Sinto muito, mas não. Antes ia à igreja todos os domingos. Tentava ser boa com as pessoas que faziam parte de minha vida, e não fazer mal a ninguém de propósito. Agora já não posso dizer o mesmo. Até que conheci seus amigos e a você, eu gostava de pensar que era uma boa pessoa.

—E o é.

—Não sabe nada de mim, e não quero que saiba. Quero que me leve para ver esse homem que... É Aeron, verdade?

Reyes assentiu a contra gosto.

—Quero que me leve para vê-lo.

Reyes manteve a calma.

—Tenho uma bandeja de comida em meu quarto. Já sabe o que tem que fazer primeiro.

—De acordo. —disse Danika, que não queria perder mais tempo— Comerei.

Se agarrou ao corrimão e puxou para cima para ficar em pé. Seus joelhos falharam rapidamente.

Reyes passou o braço por sua cintura para segurá-la. Seu braço estava muito quente, como se fosse marcá-la.

Lhe lançou um vaio furioso. Aquilo era melhor que ronronar.

—Já disse para não me tocar.

Ele não a obedeceu, mas sim a pegou nos braços e a aconchegou contra a fortaleza de seu torso. Danika notou como o coração de Reyes pulsava contra seu ombro, forte e seguro.

—Me solte. — disse ela, com as rosto avermelhadas e a respiração entrecortada — Me deixe, por favor.

—Temo que nunca serei capaz de deixá-la.

Reyes levou Danika ao quarto e a depositou brandamente sobre a cama, com cuidado de não virar a bandeja. Ela não o olhou enquanto a soltava; fixou os olhos na comida. Alargou o braço e pegou um dos sanduíches. Era de peru. O mordiscou durante um momento e meteu várias uvas na boca. Fechou os olhos com satisfação. Ele se afastou, com a adaga escondida às costas, e afundou a ponta no pulso. “Bem, isto está muito bom”. A observou durante todo o momento. Ela não tinha reagido tão mal como ele teria pensado a sua confissão sobre o demônio. Reyes acreditava que ia gritar, demonstrar seu terror ou sua incredulidade de algum modo. Entretanto, tinha aceitado tudo com calma e não tinha pedido nenhuma prova.

Isso significava que já sabia. Que mais haviam dito os Caçadores a ela? Com o

muito que Danika odiava a seus amigos e a ele, teve medo que os Caçadores a tivessem convencido de que trabalhasse para eles como isca. E se ela estava atuando como isca, isso significava que tinha permitido que a drogassem. Provavelmente, para que ele não suspeitasse que o era. Causava tristeza nele pensar que ela se viu obrigada a chegar a tais extremos.

A tinham encarregado da missão de distraí-lo e facilitar a entrada deles à fortaleza? Ou somente estava ali para averiguar tudo o que pudesse sobre ele? Por suas perguntas, Reyes suspeitava que aquele último era o certo. Danika tinha perguntado pelas habilidades de Lucien; queria saber coisas sobre seu demônio. Transmitiria o que lhe havia dito aos Caçadores?

Se ocorria algo à família de Danika, ela o trairia, não havia nenhuma dúvida. E poderia culpá-la por isso? Não, não poderia culpá-la, mas tampouco podia evitar sentir uma aguda dor ao pensar que ela se voltaria contra ele.

Maddox tinha estado a ponto de matar Ashlyn por aquelas suspeitas. E se outros pensavam, por um momento, que Danika fosse uma isca, exigiriam a Reyes que a matasse imediatamente. Ou o fariam eles mesmos. Ele não ia deixar que ocorresse nenhuma das duas coisas. Ganharia o afeto de Danika para que esta não o traísse, ou lhe impediria de ficar em contato com os Caçadores.

Uma vez, decidido o que ia fazer, assentiu. Não podia deixar que partisse. Danika... mitigava sua tortura, pensou. Cada vez que se aproximava dela, sua necessidade de dor se relaxava grandemente. Não tinha se sentido ansioso por saltar da fortaleza nenhuma só vez, nem tinha desejado romper os ossos, nem rasgar os órgãos. Parecia que se conformava com alguns quantos cortes. Assombroso.

—Obrigada pela comida — disse Danika a contra gosto.

Meteu outra uva na boca e mastigou.

—De nada. —disse Reyes. E se deu conta de que ela tinha melhor cor e de que tremia menos — Quando terminar de comer, tome um banho.

Ela ficou tensa.

—Isso será uma perda de tempo.

—Não importa.

—Será que Aeron se nega a falar com as mulheres que não estejam limpas? Não sabia que os demônios tinham padrões de limpeza tão altos. —Quero que esteja confortável —disse ele com um suspiro— Quero que tenha a cabeça clara.

Necessitará de todas as suas forças. Uma ducha será de grande ajuda.

Aquilo a acalmou.

—Muito bem, mas não vou tomar banho com você no quarto.

—É uma pena. —murmurou ele. Ela o olhou fixamente.

—O que disse?

—Há roupa limpa na cômoda. Pega o que necessite.

Sem deixar de olhá-lo, Danika mordeu outra uva. Ele afastou a vista.

—Voltarei logo.

Ela não respondeu e, com um suspiro, ele se virou para partir.

—Reyes. —disse Danika.

—Sim?

—O conheço, —disse ela com um repentino acanhamento — mas na realidade

não sei nada de você.

—E quer saber algo mais?

Danika assentiu a contra gosto.

Tinha verdadeira curiosidade... ou queria informação para passar aos Caçadores?

Ele tinha pensado que não lhe importava seu objetivo, mas naquele momento, queria que tivesse curiosidade. Desejava que quisesse saber coisas dele porque lhe importava.

—O que você gostaria de saber sobre mim?

Danika deu de ombros e ruborizou.

—Quanto tempo vive aqui? Do que você gosta? Tem filhos? Quais são seus sonhos e suas esperanças?

Eram perguntas inofensivas, supôs Reyes.

—Vivo aqui mais do que você tem de vida. Tenho um gosto: por armas. As fabricar, as limpar, as colecionar. Não tenho filhos. —Reyes sempre tinha tido medo de lhes fazer mal. Ou, pior ainda, de viver mais que eles por que tivessem uma metade mortal. Se compadecia de Maddox, que possivelmente iria sofrer aquela perda — Sonho com...—”com você”— Sonho com uma vida tranqüila, sem dor.

—O que...?

—Já respondi suficientes perguntas para que se sinta cômoda em meu quarto. É hora de que vá para o chuveiro. Eu voltarei dentro de meia hora. Se prepare. Averiguaremos tudo o que possamos de sua família.

—Vinte minutos. —disse ela— Volta dentro de vinte minutos.

Reyes assentiu. Já sentia falta dela.

—Até mais tarde.

Capítulo 8

Reyes entrou no lugar particular de Lucien, com cuidado de evitar aos outros guerreiros. Ainda estava muito nervoso, muito tenso. Se separar de Danika exigira um grande esforço de sua parte. A imaginou tomando banho, com a água caindo pelo corpo...

—Ponha Willie no quarto contíguo ao nosso. — Anya estava dizendo a Lucien. Reyes o ouviu através da porta, mas teve que se esforçar por ouvi-lo, posto que seu demônio estava gritando cada vez mais e mais a cada segundo que passava. Danika.

—Não o quero aqui, Anya. —respondeu Lucien— Tem que partir.

—Eu agüento a seus amigos todos os dias. —se queixou ela— Você poderia agüentar a um amigo meu durante uma semana, ao menos.

—Seu amigo tentou matar você.

—Isso ocorreu no passado. Mal recordo o que fiz faz cinco minutos, assim muito menos vou me lembrar do que passou faz semanas.

—O odeia.

—O que diz? O adoro. Temos uma história. Ele foi meu primeiro amigo de verdade no Olimpo.

—Anya, também tentou matar a mim, e me lembro que jurou que o castigaria

para o resto de sua miserável vida.

—E que melhor forma de castigá-lo que o ter perto de mim? Espera, me expressei mal. Olhe, tudo saiu bem no final, assim estou disposta a dar outra oportunidade a ele.

Lucien lhe lançou um grunhido em advertência.

—Os outros guerreiros o matarão. Tem sorte de que já não o tenham feito.

—E por que vão querer matar ao homem que distrai minha atenção deles?

Vinte minutos, pensou Reyes, e depois poderia estar com Danika de novo.

Danika. Lançou um gemido lastimoso do qual não podia culpar a seu demônio.

Embora não quisesse interromper ao casal, bateu na porta.

Suas vozes se calaram bruscamente. Soaram passos. Ao cabo de um segundo, a porta se abriu e apareceu Lucien com o cenho franzido. Anya olhou por cima do ombro do guerreiro e sorriu a Reyes.

—Olá, Dor. —disse enquanto passava os braços pela cintura de Lucien— O que acontece?

Reyes sentiu uma quebra de onda de ciúme, como se com um ferro vermelho vivo o estivesse queimando por dentro.

Danika.

—Vim para o levar junto a Aeron. —informou a seu amigo.

Uma vida sem dor.

Danika seguia pensando nas palavras de Reyes depois que este se foi. O que tinha querido dizer com isso? Podia tentar entendê-lo toda a vida, mas duvidava que encontrasse a resposta.

Por fim fortalecida, se sentindo humana outra vez, rebuscou rapidamente na cômoda de Reyes, e se assombrou ao encontrar ali roupa de mulher. De seu tamanho. Que demônios...? Pegou duas camisas e as observou. Não era possível que as tivesse comprado especificamente para ela.

Como eram camisetas suaves, jérseis e calças e não jeans desgastados como os que ela tinha usado durante suas férias, Danika suspeitava que sim os tinha comprado para ela, e engoliu em seco. Por que o tinha feito? Importava a resposta?

Engoliu em seco de novo, pegou uma camiseta e uma calça. Não se atreveu a olhar a roupa íntima, só agarrou um sutiã e uma calcinha combinando.

Depois tomou banho e se vestiu. Atou aos tornozelos duas adagas que tinha tirado da parede e as colocou por baixos das calças para que não a vissem. Naquele momento, bateram na porta.

—Entre. —disse, e ficou em posição de ataque se por acaso Reyes houvesse mudado de opinião quanto a levá-la para ver Aeron.

Entretanto, não foi Reyes quem entrou no quarto, e sim uma mulher que sorria com alegria.

—Danika!

—Ashlyn!

Ela sorriu também e estendeu os braços. Sua amizade com Ashlyn era a melhor lembrança que tinha dos dias que tinha passado ali, retida na fortaleza contra sua vontade.

Se abraçaram com um suspiro. Danika tinha sentido falta da sua amiga.

—Me lembrei muito de você. —lhe disse Ashlyn— O que esteve fazendo durante este tempo? Como está?

—Fugir. E, se tiver que ser sincera, estive melhor. E você?

—Não me odeie, mas eu estou maravilhosamente bem.

Ashlyn foi para trás e olhou Danika dos pés a cabeça; então, seu sorriso se desvaneceu e em seu lugar apareceu uma expressão de inquietação.

—Emagreceu muito e tem olheiras.

—E você está assombrosa. Resplandecente. Estes homens lhe trataram muito bem.

—Como a uma rainha. —disse Ashlyn, sem deixar de olhá-la— Há algo que possa trazer para você, algo que necessite?

—Uma passagem para casa. A minha família. A cabeça de Reyes em uma bandeja. Além disso, não nada.

Ashlyn voltou a sorrir.

—Reyes não é tão mau. É intenso, mas doce.

Pegou Danika pela mão e a conduziu para a cama.

—Escuta, não quero que se preocupe por nada enquanto esteja aqui. As coisas são diferentes agora. Já não é uma casa de homens. Anya e Cameo também vivem aqui, e me ajudam a mantê-los a raia. Conhece-as? Não? Bom, vai gostar delas. Entre todas encontraremos a maneira de salvar a sua família, disso não tenho dúvida. Os meninos ajudarão. Têm um coração de ouro, quando os conhece.

—Eu não gosto nada ter que te dizer isto Ashlyn, mas são demônios. Demônios verdadeiros, saídos do inferno.

—Sim. Sei.

Danika a olhou com a boca aberta. Não sabia se a tinha entendido bem.

—Sabe? E fica com eles de todos os modos? Por vontade própria?

—Sim. De fato, saúda a seguinte geração de demônios. Maddox e eu vamos ter um filho. —disse, e virtualmente ronronando de felicidade, acariciou o ventre— Estou impaciente!

—Oh, Ashlyn. Parabéns. —disse Danika. Se alegrou, realmente, por sua amiga, e queria o melhor para ela— Está segura de que Maddox...?

—Será um pai magnífico. —disse Ashlyn com segurança.

“Se eu não ajudar a derrotá-lo”. Danika fechou os olhos ante aquela nova complicação. Machucar Maddox significaria machucar Ashlyn, que era uma das melhores pessoas que já tinha conhecido. E o bebê? O que os caçadores fariam ao filho inocente de um demônio?

—O que aconteceu? Ficou pálida.

—Tenho dor de cabeça. —mentiu Danika, esfregando as têmporas.

—Oh, pobrezinha. Nestes últimos meses passou por muita coisa. Mas isso, entretanto, posso arrumar. Uma vez, você foi à cidade para me trazer Tylenol, e agora eu posso fazer o mesmo por você. Há bastante na cozinha. Maddox tem toneladas, para emergências. Já volto.

A cama ricocheteou e soaram alguns passos. Chiaram as dobradiças da porta. “Estou afundada”, pensou Danika. Destruir a vida de Ashlyn não era algo no qual tivesse pensado, e a idéia de que chegasse a acontecer a punha doente.

Entretanto, não teve tempo de pensar na maneira de evitar a queda de Ashlyn. A

porta do quarto voltou a se abrir e, naquele momento, golpeou contra a parede. Ela abriu muito os olhos ao ver um guerreiro que não conhecia. Era alto e muito musculoso, como os outros. Tinha rosto de norte-americano, a mandíbula quadrada e os olhos castanhos de cachorrinho.

Ela ficou em pé de um salto.

—Quem é? O que quer? Onde está Reyes?

—Meu nome é Sabin. —disse ele— Vim te fazer algumas pergunta. E não tenho nem idéia de onde está Reyes.

—Bom, pois então pode ir.

Teve vontades de pegar uma das adagas, mas pensou que não havia nenhum motivo para revelar seu segredo. Ainda não.

Em vez de partir, Sabin se apoiou na porta e cruzou os braços. Era um homem muito bonito, embora de um modo duro. Provavelmente, as mulheres morriam por ele. Ela, entretanto, estava disposta a matá-lo se fosse necessário.

—É um deles.

—Um de quem?

—Dos demônios.

—Reyes te disse que somos demônios?

—Sim.

—Duvido que tenha sido tão travesso. Sabe o que acredito eu? Passou alguns dias com os Caçadores. Acredito que eles lhe disseram isso.

—E?

—E. É interessante que não tenha que me perguntar quais e o que são os Caçadores, ou qual é seu propósito.

—Reyes me disse isso. —respondeu ela, embora lhe tivesse pedido que não repetisse aquela informação. Não queria se sentir culpada por delatá-lo ante seu amigo. E tampouco ia permitir que aquele demônio a fizesse se sentir culpada por ter sido seqüestrada pelos Caçadores.

—E o que lhe pediram que nos fizesse? Me diga e possivelmente te perdoe a vida.

Imediatamente, o sangue dela gelou nas veias. Certamente tinha ficado pálida.

—Me pediram que os matasse. —disse, sem se afastar da verdade. Assim havia menos oportunidades de colocar a pata em cima dela.

—E você vai tentar?

—Depende do que averigüe sobre minha família.

—Não permitirei que ninguém faça mal a meus amigos. Nunca.

—E eu não permitirei que ninguém faça mal a minha família.

—Agora está em seu radar, sabia?—perguntou ele, como se ela não tivesse falado— Os Caçadores não a deixarão em paz. E se os trair para ajudar a nós, coisa que duvido que vá fazer, a apanharão e a torturarão. Se ficar algo de você depois de que eu termine com você, claro.

—Então, estou morta de todo o modo?—perguntou ela— Que notícia. Isso eu já imaginava, idiota.

Ele franziu os lábios. Com irritação? Ou sua resposta o tinha divertido?

—Deveria saber que a tortura dos Caçadores parecerá um jogo de meninos comparado com o que eu farei a você se descobrir que tem a menor intenção de

atacar a meus amigos. Eles não são a origem do mal do mundo, não são malvados, e merecem ser felizes.

Houve algo em seu tom de voz que a surpreendeu.

—E você não?

De novo, ele fez caso omissso de sua pergunta. Reyes e companhia eram professores na arte da evasão. Respondiam as perguntas que queriam e as demais as descartavam como se não tivessem sido formuladas.

—Deveria saber que minha família é tudo para mim e que decapitarei a qualquer imortal que tente lhes fazer mal.

—Falou como uma verdadeira Caçadora. — disse ele, sacudindo a cabeça— Pois sabe uma coisa? Se corta a cabeça deles, se despeça deste mundo. Seus demônios ficarão livres e serão fonte de desgraças que nunca viu.

—Por salvar a minha família pagaria qualquer preço.

—Eu sinto o mesmo pelos meus. — disse o guerreiro em tom de advertência— Entretanto, eu protejo aos meus.

“Minha família tem que estar escondida por minha culpa”. Aquele pensamento apareceu na mente de Danika, e ela empalideceu. Era a responsável? Possivelmente devesse ter lutado com mais ímpeto durante seu seqüestro. “Se morrem será minha culpa”.

De repente, seus olhos encheram de lágrimas. Eram lágrimas de vergonha e horror. Ela era a culpada. Estava muito assustada na noite em que Aeron e Lucien tinha aparecido no quarto do hotel, e tinha ficado gelada. Não tinha gritado. Tinha permitido que a amarrassem, que amarrassem a sua família e que levassem a todas. Como tinha podido ser tão... passiva? Sabin a olhou com um entendimento total.

— Possivelmente pudesse se encarregar de tudo por você mesma, não é? Me economiza o trabalho.

Se referia a que possivelmente pudesse tirar sua vida. Ele não a conhecia bem. Ela nunca teria pensado em se suicidar. Recordava muito bem o golpe que tinha suposto para sua família a tentativa de suicídio de sua avó. Recordava o rosto cheio de lágrimas de sua mãe, e como soluçava em um canto. Recordava as mentiras que tinham contado a ela, a vergonha que tingia suas vozes. “Sua avó teve um acidente. Vai ficar fora por alguns meses se recuperando”.

Atrás das portas fechadas diziam coisas completamente diferentes. “por que terá feito algo semelhante? Tem uma vida estupenda, não tem motivo para querer terminá-la”.

Aquilo era engraçado na boca de seu pai, pensou Danika. Ele tinha tido uma grande vida, mas pouco depois da crise de sua avó, tinha encerrado essa e se foi para uma nova. Deus, de onde tirava aqueles pensamentos tão deprimentes?

De repente a porta se fechou. Reyes, com rosto de poucos amigos, tinha entrado no quarto, seguido de Lucien. Ao ver seu magnífico captor, sua respiração se cortou e o coração acelerou.

“É seu inimigo”, recordou a si mesma. Quantas vezes teria que se recordar por que não podia sua mente captar a mensagem? Tinha tentado afastar a vista dele, mas seu olhar ficou preso no feio corte que lhe atravessava a bochecha.

Os dois deviam ter lutado. Ambos tinham hematomas e cortes no rosto e nos lábios. Estavam manchados de barro. Reyes tinha a camiseta empapada de vermelho,

como se ele tivesse levado a pior parte da briga.

“Não penso em me preocupar com ele”. Reyes viu Sabin e seu rosto piorou. Olhou para Danika, e depois outra vez ao guerreiro, e apertou os punhos.

—O que está fazendo aqui?

—Alguém tinha que interrogá-la. —disse Sabin— Você não queria fazê-lo, assim que o tenho feito eu.

— Não tinha que se aproximar dela.

Ambos se enfrentaram. Seus corpos ficaram tensos. Se ela não tivesse estado tão assustada e angustiada, teria desfrutado do espetáculo.

—Está viva, não? Qual é o problema?

Reyes olhou para Danika.

—Está ferida?

—Eu estou bem. —disse Sabin— Obrigado por me perguntar isso.

—Não me importa. Danika, está bem?

Fisicamente?

—Sim. —respondeu ela, com um nó na garganta.

Reyes empurrou Sabin.

—Não volte a se aproximar dela.

—Te fiz um favor, menino. Seria melhor que me agradecesse.

Lucien se interpôs entre seus amigos.

—Já está bem. Sabin, que sua equipe se prepare. Amanhã vamos a Roma.

—Isto não vai ficar assim. —disse Sabin.

—Sei.

Lucien suspirou com cansaço.

—Por que mudaram os planos?—perguntou Reyes.

—A investigação não estava nos levando a nenhum lugar. Voltaremos para o templo para ver se encontrarmos algo ali.

—Isto não vai ficar assim. —repetiu Sabin, e saiu do quarto com um estrondo.

Danika engoliu em seco. Ficou a sós com Reyes e Lucien. “Não se acovarde”, disse a si mesma, e elevou o queixo.

Lentamente, Reyes se voltou para ela. A angústia se refletia em seu semblante.

—Tinha os olhos cheios de lágrimas quando entramos. Sabin a fez duvidar?

—Duvidar?

Reyes assentiu.

—A fez duvidar sobre você mesma.

—Não. Me advertiu que não fizesse mal a você.

—Ele não expressou a dúvida em voz alta. Terá ouvido ele em sua mente.

—Do que está falando? Apenas pensei que...—Deus santo. Danika ofegou — Esse é seu demônio, esse é seu poder? Fazer com que a pessoa duvide de si mesma e de seus atos, que se sinta culpada pelo que tem feito ou deixou de fazer?

Reyes voltou a assentir.

—Esse desgraçado! Vou matá-lo!—grunhindo, lançou-se para a porta.

Reyes a agarrou e a segurou até que ela recuperou a calma.

—O que usou contra você?—perguntou enquanto lhe acariciava os braços lentamente para cima, até que lhe cobriu o rosto com as palmas das mãos.

Ela sentiu um calafrio nas costas. Não podia se afastar. Oferecia consolo para

sua vergonha, e ela o aceitou com avidez. As palmas das mãos de Reyes eram quentes, ásperas, e lhe davam exatamente o que ela necessitava.

—Minha família. Meu sentimento de culpa.

Ele negou veementemente com a cabeça.

—Não foi sua culpa. É culpa dos deuses, ou nossa, mas não sua.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

—Eu não lutei.

—Nós somos guerreiros. Imortais, nada mais e nada menos. Estamos treinados para matar, para fazer mal. O que podia ter feito contra nós?

—Mais. —respondeu Danika, simplesmente.

Deus, sentia-se tão bem quando ele a acariciava. Por que teria pensado alguma vez em se negar aquele prazer?

—As coisas não teriam sido diferentes.

—Isso não poderemos saber, não acha?

Ele sorriu.

—É obstinada.

A visão daquele sorriso esteve a ponto de derreter os ossos de Danika.

Sempre que tinham estado juntos, ele estava franzindo o cenho, ou zangado, ou amaldiçoava, mas nunca tinha sorrido. E essa expressão iluminou toda seu rosto e suavizou seus olhos até que pareceram de mel.

Danika sentiu outro estremecimento e se obrigou a se afastar dele. Não podia permitir o luxo de sentir consolo pelo que Reyes fazia. Nem se abrandar. Nem desejar.

“Tem que se negar esta felicidade porque poderia ser sua ruína”, se recordou.

Se tivesse ficado junto a ele, o teria acariciado e mesmo se apoiado em seu corpo. Possivelmente tivesse afundado as mãos no cabelo e o teria beijado.

—A...aqui está o Tylenol. —gaguejou Ashlyn, que acabava de entrar no quarto e os tinha visto juntos. Tinha a palma da mão aberta e oferecia duas pílulas de cor vermelha e branca. Na outra mão levava um copo de água— Sinto muito. Não queria interromper.

—Não interrompeu. —disse Lucien enquanto Reyes se afastava de Danika.

Demônios, ela tinha esquecido que o outro guerreiro também estava no quarto.

—Obrigado pelas pílulas. — disse a Ashlyn, aliviada pela pausa.

Pegou as pílulas e o copo; possivelmente antes não tivesse dor de cabeça, mas naquele momento parecia que ia estourar. Tomou as pílulas com um gole de água.

—Ashlyn. —disse Reyes— Obrigado por cuidar de mim... de Danika.

—De nada, é um prazer.

—Sinto chegar tarde. Ashlyn me disse que...— naquele momento, entrou outra mulher no quarto. Era alta, loira e perfeita. Usava um vestido azul, curto, e sandálias de salto combinando. Danika nunca tinha visto uma mulher mais feliz.

Lucien suspirou.

—O que está tramando, Anya? Só sorri assim quando tem algum plano.

Lucien, com todas as suas cicatrizes, era seu homem? Certo. A bela e a fera.

A espantosa mulher enroscou uma mecha de cabelo no dedo e lançou um olhar sedutor ao guerreiro.

—Só queria um pouco de amizade feminina, isso é tudo. —disse, e olhou com

seus olhos de cor azul elétrica para Danika— Estes meninos estão tratando bem de você, carinho?

—Eu... eu...

Danika não sabia como responder. Sim a estavam tratando bem, salvo Sabin, mas não queria admitir. A cada minuto que passava, ocorria algo novo que a impedia de agir contra aqueles homens. Aqueles demônios.

—Se se comportarem mal, me avise e me ocuparei pessoalmente deles. —disse Anya— Prometo isso. Embora não se possa confiar muito em mim, na verdade. Mentir é um de meus passatempos. Lucien, querido, vai demorar muito? Quero fazer uma festa de boas vinda para William e eu gostaria que me ajudasse a escolher a decoração.

Lucien fechou os olhos e sacudiu a cabeça, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

—Tinha pensado em um baile de máscaras com o tema central das criaturas da noite.

Ashlyn interveio:

—Nada de festas. Não, com a busca da caixa e os artefatos, e os Caçadores, e Deus sabe que mais coisas sobre nossas cabeças. Danika, me chame se necessitar de qualquer coisa, de acordo? Qualquer coisa.

E dito aquilo, tirou Anya do quarto, que partiu protestando.

Que mulheres tão encantadoras. E inteligentes, também. O que faziam com aqueles guerreiros? “O que estou fazendo eu com estes guerreiros?”. Danika suspirou. A quais artefatos se referiu Ashlyn?

—Estou preparada. —disse, se referindo ao tema que era mais importante para ela— Onde está Aeron?

Lucien e Reyes se olharam.

—O que?

Reyes se voltou para ela de novo.

—Aeron está aqui, na fortaleza.

—Me levem para vê-lo. — disse Danika sem titubear. Precisava saber, para o bem ou para o mal— Agora mesmo, por favor. Quero vê-lo.

—Está acorrentado, mas não pode se aproximar dele. Neste caso, mesmo que esteja acorrentado não significa que esteja imobilizado. Me prometa que manterá distância.

—Prometo.

Reyes olhou ao teto, como se rezasse pedindo conselho.

—Está bem. Vamos. Espero que consiga as respostas que necessita.

Capítulo 9

Na época em que era guerreiro dos deuses. Reyes tinha lutado contra criaturas celestiais das quais só se falava nos livros e nas fábulas. Contra Cerbero, o cão de três cabeças que estava às portas do Inferno. Contra Quimera, metade humana metade animal. Contra as Arpías, metade mulher, metade pássaro enlouquecido. Todas o

tinham deixado agonizante, sangrando. Então a dor não era prazerosa para ele. E, entretanto, nunca tinha sentido tanto medo como naquele momento: Danika ia enfrentar Aeron.

Aeron, cujo demônio o urgia com a mesma persuasão obstinada que o de Reyes a ele. Um homem que tinha mordido o pulso para tentar se livrar do grilhão da corrente que o aprisionava. Por sorte, só tinha chegado à primeira camada quando Reyes e Lucien tinham chegado.

Mas, e se Aeron conseguisse se liberar quando Danika estivesse perto? E se sua força se incrementava exponencialmente e se rompia os pulsos em um segundo, e se lançava para frente com os dentes dispostos a...? Basta!

Reyes queria levar Danika da fortaleza, mas ela queria obter respostas, assim a ajudaria. Era assim simples: os desejos de Danika estavam na frente dos seus.

Desceu um lance de escadas para o nível mais baixo dos calabouços. Danika ia atrás dele e Lucien fechava a comitiva. Os três desceram da parte acolhedora do castelo até a parte que estava totalmente abandonada. Os muros de pedra estavam se desfazendo, e havia pedaços pelo chão. Reyes não sabia se estava caminhando sobre madeira ou mármore, posto que havia muito pó cobrindo tudo. Sentiu uma nova onda de culpa, mais intensa que antes. “Como posso tratar assim meu amigo?”.

Não servia de nada que Aeron, o verdadeiro Aeron, não quisesse matar às mulheres. Nem que desejasse morrer. Aeron não merecia sofrer daquela maneira, preso e encerrado em um lugar que Anya havia descrito como mais tétrico que o Tártaro, a prisão dos deuses.

Malditos fossem os deuses por terem reduzido Aeron a ser um assassino, e a Reyes a ser um carcereiro!

Em poucos instantes começou para ouvir a voz de seu amigo. Eram grunhidos de irritação.

—Não quero mais brincar de pulsos ensangüentados.

— Já falei que fique quieto.

Ao menos, Aeron não estava gritando.

Reyes dobrou outra esquina e viu os grades da cela. Se deteve bruscamente e estendeu o braço para que Danika não pudesse passar.

—Fique aqui.

—Por quê?—perguntou ela.

—Quero vê-lo primeiro, averiguar se mudou o estado de ânimo desde que o deixamos aqui. Se estiver relativamente calmo, poderá se aproximar dos grades, mas não poderá entrar na cela sob nenhuma circunstância. Entendido?

—Sim.

—Pode lhe fazer perguntas, mas não o insulte nem provoque sua... ira.

—Está bem! Entendo. Ficarei afastada e serei agradável. Vamos de uma vez.

Ele não fez conta. Se manteve imóvel.

—Quando o vir, não tenha medo. Não permitirei que ocorra nada mau a você.

—Sim, como quiser. Vamos. Preciso vê-lo.

Reyes olhou para Lucien, que os estava observando com expressão dura.

—Fica com ela, por favor. Lucien assentiu.

Reyes se afastou e, com uma adaga em uma mão e a chave da cela na outra, abriu a porta. As dobradiças chiaram quando o metal se separou, e voltaram a chiar

quando a porta se fechou. Aeron estava agachado contra a parede oposta à entrada, escondido entre as sombras. Assim que viu Reyes, deixou de murmurar.

Reyes observou seu amigo com a esperança de encontrar nele um sinal do guerreiro que era, não do monstro em que se transformou. Tinha os olhos dilatados e cheios de fome. Os dentes alargados, afiados. Seguia sendo o monstro, então, mas também um homem a quem Reyes amava. As tatuagens que cobriam o corpo de Aeron da cabeça aos pés eram familiares.

Reyes não conhecia o motivo pelo qual se tatuou com desenhos de toda cor de coisas que certamente desejaria não ter feito nunca: matar, mutilar, destruir. Nunca o tinha perguntado, e Aeron nunca o havia dito. Havia coisas das quais era muito doloroso falar. Isso, Reyes sabia muito bem.

— Parte. — ladrrou Aeron.

Não emitiu a ordem arrastando a voz, nem tampouco era o demônio quem falava, e Reyes se surpreendeu.

— Vejo que está lúcido. — disse, e olhou os pulsos de Aeron. Estavam quase curados— Estava enlouquecido quando Lucien e eu aparecemos na caverna. Sinto ter feito mal para o trazer aqui.

— Me solte. Tenho uma tarefa a cumprir.

— Faz duas semanas estava contente de estar encerrado. Não queria fazer o que lhe ordenaram, e me rogou que o matasse.

— Já não estou agradecido. Essas mulheres têm que morrer.

Definitivamente, Aeron não tinha perdido a sede de sangue.

— Então ainda estão vivas? As quatro?

A tensão que irradiava Danika o envolveu. Havia distancia entre eles, sim, mas de todo o modo Reyes sentia sua ansiedade.

— Me fale das mulheres.

Silêncio.

— Por favor.

De novo, silêncio.

Não, não havia silêncio. Ela se deu conta um instante depois, ao ouvir um grunhido e uma exigência:

— Lhe responda! — gritou Danika.

Aeron ficou imóvel; inclusive deixou de respirar. Os olhos começaram a brilhar com um vermelho raivoso que superava qualquer sombra de culpa. Então, sem prévio aviso, saltou para frente. As asas negras lhe saíram das costas e se estenderam por toda a cela. Suas pontas, afiadas como facas, arranharam os muros.

Reyes se manteve firme. Aeron queria atacar, então lhe permitiria que o atacasse. Era melhor isso que atacasse Danika.

A corrente que Aeron levava no pescoço se esticou justo quando o guerreiro estava a centímetros do rosto de Reyes. Tão perto que notou sua respiração de enxofre na pele. Aeron tinha estado tão perto do Inferno que cheiraria ao impregnante enxofre durante dias.

— A garota. — gritou Aeron, e agarrou Reyes pelo pescoço. Começou a apertar com força— A quero.

— É minha, — murmurou Reyes— me fale de sua família.

— Morra!

—Me fale.

Reyes ouviu Danika ofegar. Pareceu ouvir também uma tensa advertência de Lucien.

—Me fale.

Reyes seguiu rogando.

Deixou cair a faca ao chão. Não ia usá-la contra seu amigo para se salvar; agarrou os pulsos de Aeron. Se aquilo era o que tinha que fazer para conseguir as respostas de Aeron, o faria.

Entretanto, muito em breve, a sensação que experimentava enquanto Aeron lhe apertava o pescoço com mais e mais força, se transformou em algo muito bom. A dor era embriagante. Seu demônio começou a ronronar de satisfação.

“Mais”.

—Deve morrer. —rugiu Aeron.

—É inocente.

—Não importa.

—Antes teria importado.

Reyes não pôde acrescentar nada mais. Começou a perder os sentidos. “Tem que proteger Danika”, pensou. Enquanto tentava tirar as mãos de Aeron do pescoço, sua noz estalou, e milhares de agulhas lhe cravaram na garganta. Não podia respirar; o sangue levava as lascas de osso pelo esôfago para o estômago, lhe cortando e se cravando pelo caminho.

Aquilo ia matá-lo. Durante um momento, ao menos. Fechou os olhos com prazer, mas sua mente gritava de angústia.

—Ajuda-o!—gritou Danika a Lucien.

Se agarrou aos grades da cela, e o frio lhe chegou ao mais profundo da alma. Não via Reyes, porque Aeron o tinha completamente envolto em suas letais asas negras.

—Ajuda-o!—repetiu.

Nenhum de seus instrutores a tinham preparado para os demônios que atacavam a outros demônios, assim não sabia o que fazer.

—Por favor.

—Sobreviverá. —disse Lucien, e tirou uma arma da cintura. Olhou o carregador.

—Ninguém pode sobreviver a isso.

—Aeron, solte-o. —ordenou Lucien.

—Não!—rugiu o outro guerreiro.

Passou um momento, Lucien ficou tenso, tirou uma bala do bolso e a pôs no carregador.

Danika estava tremendo violentamente, não podia parar.

—E se acerta Reyes por acidente?

—Como já disse, sobreviverá.

—Por favor, deixe que eu o distraia. O separarei de Reyes, e assim poderá disparar em Aeron.

As dobradiças chiaram quando ela abriu a porta da cela.

Lucien a agarrou pelo braço para detê-la.

—A arma não é para Aeron— lhe disse, e apontou a um canto da cela com um

gesto de cabeça.

Danika seguiu sua linha de visão. Ali, em um canto, havia uma... coisa magra, de um metro de altura... Tinha o corpo coberto de escamas verdes, os dentes largos como sabres e cobertos de saliva, e as orelhas bicudas. Os olhos brilhavam de vermelho, como os de Aeron antes de atacar Reyes.

—Que eu saiba, não trouxe essa criatura aqui. — disse Lucien— Não é nosso amigo.

O que era isso? E por que Danika tinha a sensação de que o tinha visto antes, de que tinha se desconcertado com suas palhaçadas?

—É um demônio. — disse Lucien, como se tivesse lido seu pensamento. Depois mirou à criatura.

—Não atire perto de Reyes. — disse ela. Lucien a olhou com surpresa, como se não pudesse acreditar que ela defendesse a seu captor.

—Tomarei cuidado.

O corpo de Aeron começou a tremer novamente. Seus grunhidos eram como os de um animal na hora da comida. O que estava fazendo? Ela soltou as barras e cravou as unhas nas palmas das mãos. O suor corria por suas costas, embora estivesse tremendo de frio.

Ali plantada, sem fazer nada, se sentia completamente inútil.

Soou um tiro.

Sob o ruído seco, entretanto, ela ouviu uma risada estranha. Alarmada, viu como o demônio pulava de uma parede da cela a outra, e que se arrastava pelo teto.

—Jogar, jogar. Isto é divertido. “Eu o vi antes”, pensou Danika de novo. Mas onde? Em seus pesadelos? Sim, claro. Sonhava constantemente com demônios e com o Inferno, assim era lógico que tivesse visto uma criatura como aquela. Lucien pôs outra bala e disparou de novo. Mais risadas.

Aeron se ergueu. O sangue lhe caía da boca e das mãos. Ao ver Reyes pela primeira vez desde que Aeron o tinha agarrado, Danika teve que cobrir a boca com o dorso da mão. Estava caído no chão, imóvel, e seu pescoço estava... plano.

“Deveria me alegrar, deveria me alegrar”.

Mas não se alegrava. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Deveria odiar aquele homem por tudo o que lhe tinha feito. Deveria, deveria. Essa palavra não significava nada para ela naquele momento. Se inclinou e agarrou o punho de uma das adagas que tinha roubado. Já não lhe importava que alguém soubesse.

Aeron tinha que morrer, e ela tinha que matá-lo. Era tão fácil como isso. Era um assassino enlouquecido. Machucava a Reyes, não o tinha matado porque Reyes não podia morrer, e queria machucar a ela.

Decidida, entrou na cela. Lucien estava muito ocupado seguindo ao demônio com a pistola para se dar conta. Ela avançou de modo hesitante; ao vê-la, Aeron entreceerrou os olhos e seguiu cada um de seus movimentos.

—Legião. — disse —Necessito de você.

A criatura escamosa saltou a seus ombros.

—Aqui estou.

Com dedos ossudos, acariciou a cabeça do guerreiro e começou a lhe sussurrar palavras ao ouvido. Palavras que Danika não entendia, mas que eram suaves, gentis.

O corpo de Aeron relaxou. Já não tinha os músculos contraídos nem os olhos

vermelhos.

Lucien se deteve fora da cela.

—Danika. — disse.

—Vou tirar Reyes daqui. Seu corpo não aceita mais lesões.

Danika continuou avançando. Quando chegou até Reyes, se agachou a seu lado. Sem afastar a vista de Aeron, pôs o dedo no pescoço para ver se tinha pulso. Não o encontrou.

“Não se deixe levar pelo pânico”, disse a si mesma. Reyes era muito vital, muito forte para morrer ali dessa maneira. Não? Entretanto, necessitava atenção médica desesperadamente.

—Lucien, Por Deus, venha me tirar daqui.

—Ele está bem, e eu não quero perder de vista o demônio.

Maldição! Danika não podia deixá-lo ali. Ante a opção de interrogar Aeron ou tentar matá-lo, ou tirar Reyes da cela, não teve que pensar. Agarrou Reyes pelos ombros e tentou arrastá-lo. Era muito pesado, e só percorreu meio metro antes de ter que parar para recuperar o fôlego.

Aeron se ergueu e apertou os punhos. Ia atacar em qualquer momento.

—Era seu amigo. — disse ela, puxando Reyes alguns quantos centímetros mais.

—Mas você não. — respondeu Aeron.

—Não, eu não.

Ele sorriu com perversidade.

—Deseja me fazer mal, pequena humana?

—Sim. Desejo destruir você.

—Tenta.

—Para que se sinta melhor pelo que tem pensado em me fazer? Não, obrigada. Enquanto Reyes necessite de ajuda, não. Mas quando ele estiver fora da cela, é meu.

—Não a assusto?

—Você? Me assustar ? Não mais.

Outro centímetro mais. Um pouco mais e teria conseguido tirar Reyes.

—Então, por que não vem por mim?

—A diferença entre você e eu é que me importam outras pessoas, e não só meus próprios desejos. O sorriso de Aeron se desvaneceu.

—Reyes não pode ser tão importante para você.

Ela não queria que lhe importasse, sabia que não devia lhe importar. Mas... de repente ouviu passos, e isso a salvou de ter que responder a pergunta.

—Vêm outros.

Por fim, Lucien decidiu ajudar. Se aproximou dela, a segurou pela nuca e, antes que Danika se desse conta do que ocorria, estava dentro do quarto de Reyes. Se sentiu muito enjoada. Quando Lucien a soltou, não podia se manter em pé. Caiu no chão de joelhos.

—O que demônios fez?

—Fique aqui. — lhe disse Lucien. Enquanto lutava por ficar em pé, lançou a ele um olhar assassino.

—Não...

Sem dizer outra palavra, Lucien desapareceu e a deixou boquiaberta. Aquele desgraçado! Ela não podia, não queria deixar Reyes ali debaixo, com aquele...

animal.

Decidida a descer de novo, se arrastou para a porta, mas tropeçou com um par de botas.

—Disse a você que ficasse aqui. Danika soltou um ofego de assombro. Lucien tinha aparecido a seu lado de novo, neste momento com Reyes nos braços.

Cuidadosamente, o colocou sobre a cama. Danika se aproximou rapidamente.

—Cuide dele ordenou Lucien.

— Eu... é obvio.

Aquela última palavra foi mais um suspiro. Lucien tinha desaparecido novamente.

Quase com medo de olhar, Danika voltou a cabeça para Reyes. Então seu estômago se encolheu. Tinha a garganta esmagada e o peito imóvel: não respirava.

Lhe caíram as lágrimas. Como podia alguém tão forte ter sucumbido assim? Através do olhar impreciso, pareceu que via que o torso de Reyes começava a se mover, e que o pescoço destroçado se contraía.

“ Por favor! Que seja verdade!”.

Posou-lhe a mão no coração e notou alguns batimentos frenéticos do coração. Estava vivo!

Gritou de alívio e caiu de joelhos. Agarrou-lhe a mão e a apertou brandamente.

—Estou aqui, Reyes...

Ele abriu os olhos.

—Não tente falar. Só quero que saiba que estou aqui. Eu cuidarei de você.

Reyes moveu os lábios, mas deles não surgiu nenhum som.

—Vai faz mal. —disse ela - Disse que não falasse.

—Não volte a ver Aeron sem mim. —murmurou ele— Me prometa.

De novo. Reyes queria protegê-la. Não era de admirar que tivesse conseguido eliminar todas suas prevenções e a tivesse transformado em uma cachorrinha obediente.

—Prometo.

Capítulo 10

Reyes despertou pouco a pouco. Seus sentidos já estavam alerta, graças a várias coisas pouco usuais.

A primeira, um peso sobre o peito. Quente, tão quente e suave. Ele estava acostumado a despertar sem restrições, e com frio. Dois, o aroma de tormentas e de anjo, que lhe enchia o nariz, sedutor e erótico. Era um aroma que desejava com todo seu corpo, mas que era perigoso para sua paz de espírito. Três, não queria se afastar daquele paraíso.

Dor não estava de acordo.

Dor estava rondando na mente de Reyes, e rugindo. Rugia com tanta força que Reyes tampou os ouvidos. O peso de seu peito se moveu para um lado, e o privou daquela deliciosa quentura.

Dor rugiu com mais ferocidade, e ele se encolheu.

—Está tudo bem?

A voz de um anjo, o complemento perfeito para o aroma. Os rugidos se tornaram miados; parecia que o timbre daquela voz apaziguava à besta.

O que tinha aquela mulher? O que era que a fazia tão diferente das demais mulheres às quais ele tinha conhecido?

Ashlyn tinha aliviado a tortura de Maddox. Anya tinha renovado o desejo de amar de Lucien. As duas tinham aceitado aos guerreiros tal e como eram. Danika só tinha incrementado a dor de Reyes, e o tinha tornado louco. Ela nunca o aceitaria, mas embora ocorresse um milagre e sim o fizesse, ele nunca poderia se deitar com ela para não permitir que Dor lhe cravasse as garras na alma e a mudasse.

Não tinham futuro como casal.

Isso, entretanto, não conseguia mitigar o desejo que sentia por Danika. E Reyes voltou a se perguntar por que. Ela era inteligente e valente, mas outras mulheres também. Não? Naquele instante, não lhe ocorria ninguém cujos olhos brilhantes o atravessassem por completo. Ninguém com uma pele tão perfeita. Tão obstinada que se negasse a se render.

Só Danika.

—Está melhor?— ela voltou a perguntar com preocupação— Ontem à noite levou uma boa surra.

—Ontem à noite?

Ele tinha a voz rouca, e cada palavra lhe raspava a garganta. Uma sensação deliciosa.

—Seu cabelo. — disse, e pegou várias mechas entre os dedos— É loiro outra vez.

—Tomei outro banho, e a tintura se foi por completo.

—Eu gosto.

Ela mordeu o lábio inferior.

Reyes sentiu que a temperatura de seu corpo subia vários graus. Oh, se aqueles dentes o mordissem outra vez...

—Ontem à noite?—repetiu.

—Com Aeron. Em sua cela.

Então recordou o que tinha ocorrido. Aeron o tinha atacado, e o tinha encantado. Se sentiu mortificado: Danika tinha presenciado como ele desfrutava, tinha visto como experimentava prazer em um ato tão vicioso.

Envergonhado, fechou os olhos. “Ela não sabe”, disse a si mesmo. “Do contrário não estaria tranquilamente sentada em sua cama, conversando com você. Estaria o chamando pervertido e depravado”.

Algumas mulheres podiam aceitar sua particular forma de obter prazer. Algumas gostavam que as amarrassem, que lhes dessem chicotadas, e ele tinha gostado de causar dor. E quando tinha ordenado a elas que o fizessem a ele, tinham obedecido de boa vontade, com satisfação. Entretanto, pouco depois tinham começado a ansiar aquela dor. Para elas mesmas, e para outros. Quando Reyes notava o brilho faminto de seus olhos, cessava todo contato com elas, com a esperança de que as mulheres voltassem a ser quem era. Mas não tinha sido assim.

Notou a carícia de dedos suaves na testa, lhe afastando o cabelo. Antes, aquele

tipo de toque o desgostava, lhe recordava o que nunca poderia ter. A única coisa que lhe tinha proporcionado prazer eram os arranhões das unhas e a mordida dos dentes na pele.

Tampouco com a carícia de Danika sentia nada fisicamente, mas aquele ato o agitou emocionalmente, e por isso seu contato lhe resultou tão sedutor como uma dentada. Ela nunca o tinha acariciado assim.

“Seu demônio infecta a todas as mulheres às quais deseja. Ter Danika é amaldiçoar sua alma. Não se esqueça”.

—Reyes?

Ele a olhou e focou em seu rosto pouco a pouco.

—Sim.

—Estava longe.

—Sinto muito. Está tudo bem com você?— ele perguntou a ela.

—Sim. Havia... uma criatura com Aeron.

—Sim. Me lembro,

—O tinha visto antes? Sabe de onde procede?

—Não o tinha visto, mas sei que vem do inferno. — Dor o tinha reconhecido, porque eram irmãos— Nem se preocupe.

—Por que não lutou com ele?

—Com o pequeno demônio?

—Não, com Aeron. O vi brigar com ele outra vez.

Não tinha medo. Foi forte e... capaz. Entretanto, desta vez ficou quieto.

Deixou que o ferisse.

Reyes se incorporou sem deixar de olhá-la. Ela estava deitada com as pernas encolhidas; tinha a gloriosa cabeleira loira solta pelos ombros. Usava calça jeans que ele mesmo tinha escolhido. Agradava a ele que o usasse, porque tinha passado horas comprando roupa para ela, com a esperança de poder vê-la algum dia com algo que ele tivesse escolhido.

Tinha os traços muito delicados. Se tivesse caído do céu, Reyes não se surpreenderia. Seu nariz era arrebitado, e tinha o rosto rosado. Os lábios vermelhos, brilhantes.

Como sempre, ao olhá-la notou uma opressão no peito. Dor adorava aquela dor seguida por um vazio na boca do estômago. Reyes sorriu com ironia. Possivelmente devesse passar a vida admirando Danika, ao menos durante sua curta vida mortal; desse modo, seu demônio sempre estaria satisfeito.

Ao pensar na morte de Danika, a dor se transformou em um batimento do coração.

—E bem?—disse ela.

O que era o que lhe tinha perguntado? Ah, sim. Aeron. O desfrute secreto de Reyes.

Tinha boas intenções antes que Dor tomasse o controle.

— Eu tenho feito mal a ele muitas outras vezes. Estava em dívida.

— Não. — respondeu Danika— Essa não é a razão pela qual o fez.

Ele franziu o cenho. Não havia forma de que ela pudesse saber a verdade.

—Então, por quê?

—Queria respostas. Para mim. E pensou que esse era o único modo de

conseguir.

Muito bem, possivelmente sim pudesse. Até aquele momento, ela só tinha pensado mal dele.

Acaso estava... se suavizando?

—Seguem sendo amigos Aeron e você?

—Sim.

Isso esperava. Ele amava Aeron. A Danika, entretanto... Ainda não estava seguro do que sentia por ela nem do que significava para ele. Só sabia que significava algo que não deveria, e que não podia deter as emoções que lhe suscitava.

“Não pode tomá-la”.

—Basta. —disse Danika com tensão.

Ele franziu o cenho com desconcerto.

—Basta o que?

—Não sei. O brilho de seus olhos quando me olha me... inquieta.

—Não posso evitar.

Houve uma pausa.

—Não pode haver nada entre nós, Reyes.

—Eu sei.

Ela abraçou a si mesma.

—O que estou fazendo aqui?

—Não podia deixar você com os Caçadores.

Era verdade.

—Possivelmente deveria ter me deixado.

Reyes fez uma cara irritada.

—Não mencione os Caçadores diante de meus amigos. — ordenou com firmeza.

—Não poderia embora quisesse.

—Por que diz isso?

—Partiram.

A confusão de Reyes se transformou em aborrecimento. Se levantou de um salto e notou a pedra fria nas solas dos pés. Caminhou para seu armário.

—Quando?

—Esta manhã.

—Todo mundo?

—Todos salvo o que chamam Torin. Possivelmente tenham ficado mais. Não verifiquei.

Reyes se deteve ante a porta e beliscou a ponte do nariz. Antes teria se sentido furioso pelo fato de que o deixassem para trás; entretanto, naquele momento, o que sentia por Danika era mais forte que seu desejo de encontrar dimOuniak.

—Vieram buscar você, mas quando viram que estava se recuperando, me encarregaram de te dar uma mensagem.

—Pois me diga.

—Sabin disse que deixasse de se comportar como um gatinho e que cumprisse com seu dever. O que ocorre em Roma? Alguém mencionou um templo.

Reyes fez caso omissa da pergunta e olhou para baixo para ocultar a ira que certamente tinha se refletido em seus olhos. Já não tinha armas presas aos tornozelos e nas coxas, mas ainda usava as calças jeans. Estavam desabotoados. Embora

gostasse da idéia de que Danika o tivesse despido, não gostava que tivesse tirado suas armas.

Tampouco gostava de ter ficado dormindo como um tronco. Ela poderia ter feito algo a ele, e ele não teria se informado. Rapidamente abotoou os jeans e se voltou para o armário. Tirou as armas, que estavam ordenadas e envoltas em um tecido de veludo e se certificou de que não faltava nenhuma. Bem. Não teria que revistá-la.

— Não roubei. —disse ela.

—Muito bem.

Embora não acreditasse. Olhou todas as armas e depois checkou o carregador da pistola. Estava cheio. Teria que ser mais cuidadoso se Danika fosse viver ali, com ele. Não podia ter as armas carregadas. Franziu ainda mais o cenho enquanto metia a pistola na cintura. Se voltou para ela.

Danika o estava observando com cautela. Tinha a pele pálida como a rainha da neve. Ele sentiu de novo a dor no peito e mordeu o interior da bochecha. Os deuses deveriam receber um castigo por conceder a uma só pessoa tanta beleza.

—Vai a alguma parte?—perguntou ela.

—Possivelmente.

Reyes olhou pelas paredes e se deu conta de que faltavam duas adagas, embora ela se preocupasse em mover as facas que estavam a seu redor para que não se notasse sua ausência.

Ele não a culpava, e não ia pedir de volta, embora provavelmente, ela queria ver seu sangue correndo pelos lençóis...

—Por que não fugiu quando teve a oportunidade de fazê-lo?

—Não sei. Sou idiota.

—E por que não me fez mal?

—Tampouco sei. Você é o inimigo, e eu deveria ser capaz de cortar seu pescoço sem problemas. Treinei para isso, sabe?

Ele piscou.

—Para me cortar a garganta?

—Sim. Tive aulas. Não só de defesa pessoal, mas também para aprender como vencer a um inimigo. Nunca voltarei a estar indefesa.

“Eu ajudei a destruir sua inocência, e nem sequer tive que tocá-la. Vergonhoso”.

Reyes apoiou o ombro contra a porta do armário.

—Não seja dura com você mesma. Possivelmente não seja capaz de ferir um homem inconsciente. Isso é algo louvável.

—Mas você não é um homem.

Não, não o era. Era um demônio, e recordar isso fez mal a ele. O suficiente para pronunciar as palavras seguintes sem poder se conter.

—Agora estou acordado. Tenta.

—Nem pensar.

—Tenta.

—Vá para o inferno.

—Tente, Danika. Demonstre a si mesma que pode me vencer.

—Para que tenha oportunidade de me causar mal? Não, obrigada.

—Não me moverei. Dou minha palavra.

Ela estalou a língua.

—Quer que eu faça mal a você?

—Se não quiser me atacar, me beije. —disse ele.

Ela soltou um ofego, e Reyes não soube se era de desagrado ou de impaciência. Então, viu que tinha os mamilos eretos sob a camiseta, e soube que era impaciência.

—Me beije. —lhe disse em voz baixa, rouca de necessidade.

—Vá para o inferno. —repetiu ela, sem deixar de olhar seus lábios; entretanto, não havia veemência em suas palavras, estavam cheias de desejo.

—Se você não vier, possivelmente eu vá até você. —disse Reyes, e se encaminhou para ela. Danika o olhou com pânico.

—Por que está fazendo isto?

—Tenho que saber.

—O que? O que é que tem que saber?

—Quero provar seu sabor.

—E o que ocorrerá quando o tiver provado?

—Deixarei de me fazer perguntas. Deixarei de sonhar com você todas as noites, de pensar em você cada minuto do dia, disse, se aproximando cada vez mais. — Acredito que você também se faz perguntas. Se odeia por isso, e me odeia, mas não pode evitar.

—Não. Eu não o desejo. —disse ela com voz afogada.

—Mentirosa.

Se Reyes não fizesse aquilo, ficaria obcecado para toda a eternidade pelo que poderia ter sido.

Dois passos mais e estava a um lado do colchão. Danika não se afastou.

—Como disse antes, podia ter partido da casa, do quarto, mas não o fez.

—Foi um momento de loucura. —disse ela.

—Muitos momentos. Dormi durante horas.

—E o que? Isso não significa que queira beijar você. Isso não significa que queira que me acaricie. Pelos deuses.

—Então o que significa?

Danika umedeceu os lábios.

—Não tem nada a dizer?—lentamente. Reyes se inclinou para ela.

E lentamente, ela foi se deitando no colchão, se afastando pouco a pouco, pondo mais distancia entre suas bocas. Finalmente ficou imóvel, sem girar, sem empurrar Reyes.

Quando ele esteve a um centímetro, apoiou as palmas das mãos de ambos os lados de Danika e notou a carícia das mechas de seu cabelo. Sentia uma agonia: a agonia de saber que estavam tão perto fisicamente e que só poderiam compartilhar um beijo...

“Mais”, suplicou o demônio. “Mais, por favor.”.

Reyes estava duro como uma rocha. Todas as terminações nervosas de seu corpo tinham cobrado vida.

—O que significa isso?—voltou a perguntar.

—Fala muito. —respondeu Danika. O olhando fixamente, com tanta dureza nos olhos como na voz. Exigente. Ansiosa— Faça-o. Termina de uma vez.

Oxalá fosse tão simples, pensou Reyes. Fazê-lo e não voltar a pensar nisso. Não voltar a desejá-la. Mesmo esquecê-la, de modo que se Aeron a apanhasse, não se

importasse e não desejasse a morte para si mesmo.

—No que está pensando?—perguntou Danika— Mudou de opinião quanto ao beijo?

—Não. Mas talvez não me dê outra oportunidade, e quero saborear cada momento.

—Se formos cometer uma loucura, devemos nos apressar. Saboreia-o logo.

Era evidente que ela estava cansada de esperar, então o agarrou pelo rosto e puxou para baixo. Ele caiu sobre ela, e o ar escapou dos pulmões de Danika de repente. Reyes inalou profundamente para apanhar todas aquelas moléculas e se apropriar de sua essência.

—Isto não significa nada. —disse Danika.

—Menos que nada. —respondeu ele.

—Depois odiarei a mim mesma.

—Eu me odeio agora.

Ela abriu a boca para responder, mas ele a beijou e tragou suas palavras.

Capítulo 11

Deus santo.

“ Como pude viver sem isto?”.

Danika enredou os dedos no cabelo sedoso de Reyes e o agarrou com força, roçando seu couro cabeludo com as unhas. Ele tinha uma língua quente, de homem apaixonado. Seu corpo estava duro sobre o dela.

Por algum motivo, ele apoiou as palmas das mãos de novo sobre o colchão e se elevou, de modo que só suas bocas se tocassem. Não. Não, não, não. Ela queria sentir seu peso, seu calor, sua força e sua dureza.

Não deveria. Não deveria lhe importar outra coisa que sua família, sua liberdade. E, apesar de tudo, desde que tinha visto Reyes inconsciente, perto da morte, não tinha podido pensar em outra coisa que nele. Mau. Aquilo era um equívoco. Como podia ser um equívoco, quando se sentia reconfortada pela primeira vez desde muitos meses? Como podia estar mal se sentia que estava verdadeiramente viva?

“Só um pouco mais”, pensou. Quando tivesse satisfeito sua curiosidade sobre o sabor daquele homem, e sobre o motivo pelo que a transtornava mais que nenhum outro, poderia afastá-lo de si.

Depois poderia se comportar como uma mulher inteligente, como sua magnífica mãe a tinha ensinado a se comportar. Seria responsável e encontraria o modo de interrogar Aeron. Partiria daquela fortaleza e não voltaria.

—Danika. —sussurrou Reyes— Anjo.

Anjo.

—Não pare.

Reyes tinha os lábios muito suaves, mas a barba incipiente de sua mandíbula irritava sua pele. Cada vez que ele movia a cabeça para avançar mais profundamente com a língua, a arranhava um pouco mais, e Danika sentia uma pontada de prazer no

corpo, entre as pernas.

Sem poder evitar gemeu.

—Você gosta de meu beijo?—perguntou ele— Não estou te fazendo mal?

—Sim, eu gosto. Não me faz mal.

—Me alegre.

Ele voltou a beijá-la.

Era tão bom, pensou Danika, que necessitava mais. Possivelmente necessitasse tudo o que ele tinha para lhe dar. Precisava se esfregar contra ele... por que ele não se esfregava contra ela? Algo do desejo que sentia se desvaneceu. Por que a voz de Reyes soava tão calma, tão... controlada?

Aquelas perguntas esfriaram sua paixão, e Danika começou a notar outras coisas. Ela tinha aberto as pernas, mas ele não se acomodou sobre ela. Ela estava obstinada a ele, desesperada por conseguir mais, mas ele seguia afastado, só a tocando com a língua. Ela tinha ofegado uma e outra vez, mas a respiração de Reyes permanecia inalterada.

Danika afundou a cabeça no travesseiro para escapar dos lábios de Reyes. Tinha a respiração entrecortada; ele, em troca, respirava com normalidade. Olhou-o sem saber o que pensar.

—Você começou isto. — disse, notando que a ira se inflamava dentro dela. Ele o tinha começado e, entretanto, não tinha participado— Por quê? E não me diga isso de que precisava terminar com tudo. Está claro que não me deseja.

Ele abriu os olhos de repente. Normalmente eram tão escuros que parecia que as pupilas se dilataram ao máximo. Entretanto, naquele momento eram um mar tempestuoso de emoções, e havia um reflexo vermelho no negro.

Olhos de demônio.

Danika engoliu em seco. Resultava assustador recordar seu demônio interior, mas de todo o modo, seu desejo não se apagou. Seu corpo estava dolorido de desejo, só por ele. Por que motivo?

—Se afaste de mim. — disse, assombrada de sua própria calma.

—Sim eu a desejo. —respondeu Reyes, e sua voz soou torturada, como se estivessem cravando facas sob suas unhas.

—Mentiroso.

Ela repetiu a acusação que lhe tinha jogado antes, e o empurrou pelos ombros. Reyes não se moveu. Franziu o cenho.

—Basta, anjo. Não quer que eu vá.

Anjo. Ele havia tornado a chamá-la de anjo. E uma vez, no calabouço, tinha estado a ponto de dizer que era dele. Danika tentou não se deixar abrandar. Os homens tinham usado expressões carinhosas mais vezes com ela, mas nenhum o tinha feito com aquele tom de posse.

—Você não sabe o que eu quero, —soltou ela— e é evidente que não sou o que você deseja.

A vergonha se refletiu no rosto de Reyes. Vergonha e dor. Fixou o olhar no ombro de Danika, a camiseta dela tinha se movido e deixava à vista sua pele,

—Desejo você. Juro pelos deuses.

Enquanto falava, a parte baixa de seu corpo se roçou com a dela. Não estava excitado. O rosto de Danika ardeu. Quando tinha se aproximado dela, estava muito

excitado. Entretanto, apenas ao beijá-la, havia ficado flácido. “Será que beijo tão mal?”.

—Não me obrigue a pedir outra vez a você que se afaste de mim. — disse ela— Não sei por que está brincando, mas já disse que isto é uma tolice. Necessito...

—Não é um jogo. —a interrompeu ele com firmeza. Danika continuou como se não o tivesse ouvido.

—Preciso voltar para a cela e estou perdendo tempo. Tenho que falar com Aeron.

—Primeiro vai me escutar.

—Reyes, se afaste!

—Vamos conversar, Danika.

Ela lhe lançou um olhar assassino.

—Se me obrigar, o atacarei.

Ele fechou os olhos de novo para ocultar a emoção que sentia.

—Não posso... não...

—Quero ir à cela de Aeron. O resto não me importa. Já passou o momento de falar e de beijar. Como queríamos, já terminou. Não voltarei a me perguntar como é seu sabor.

Por desgraça, ela sabia que sonharia com aquele beijo durante o resto de sua vida. Sonharia com o que poderia ter ocorrido se ele a tivesse desejado seriamente.

—Danika, eu...

—O que? Diga logo, para que possa partir!

Reyes abriu os olhos. Havia fogo em suas pupilas.

—Não diga uma palavra mais. Tenho algo para contar a você.

Durante aqueles últimos meses, sua vontade tinha sido ignorada por completo. Tinham arrebatado sua maravilhosa vida, sua existência tinha sido despojada das necessidades mais básicas. Todo mundo a quem queria tinha desaparecido. A pintura, seu único ponto de contato com a prudência, também. Não ia capitular naquilo.

—Que não diga uma palavra mais, hein? “Está treinada para o combate. Sabe o que tem que fazer”.

—Não queria ter que contar isto a você; tinha a esperança de que com você fosse diferente. Mas não posso permitir que pense que não a desejo.

“Bloqueia sua voz e suas palavras agridoces. Atua!”.

—Eu...

Danika golpeou.

Deu um murro no nariz dele com todas as suas forças, e o quebrou. O sangue brotou e a salpicou. E Reyes gemeu. Entretanto, não foi um gemido de dor, mas sim de prazer, exatamente o que ela tinha querido ouvir enquanto se beijavam.

O assombro a deixou paralisada.

Lentamente, Reyes voltou a cabeça para ela. O sangue tinha deixado de fluir, e o nariz se reajustou quase por completo. Danika abriu os olhos como pratos. Era um guerreiro imortal, sim; sarava rapidamente. Isso também suspeitava depois do que lhe tinha feito Aeron na noite anterior. Não obstante, como podia predizer ela a explosiva necessidade que apareceu em seu olhar pelo fato de que tivesse quebrado seu nariz?

Rapidamente, Reyes se excitou. Ela notou sua ereção entre as coxas, embora estivessem cobertos pelo jeans. O que teria sentido se estivesse nua? Engoliu em

seco, e Reyes lambeu os lábios como se, de repente, pudesse saboreá-la neles.

Um calafrio percorreu as costas de Danika. Seus corpos se roçaram, as pontas de seus seios contra o torso masculino, sua suavidade contra a fortaleza de guerreiro, e a eletricidade saltou. Durante um momento, só um momento, a sensação foi dolorosa, e a dor foi prazerosa em seu interior.

Reyes se separou dela bruscamente, e aquele raio escuro cessou. Ele ficou em pé e se afastou até a parede oposta do quarto.

—Reyes. —disse ela. Estava insegura, assustada, confusa.

—A desejo, mas não posso possuí-la a menos que me faça mal.

Parecia que reconhecer aquilo lhe raspava a garganta. Sua vergonha tinha retornado. Sua culpa. E sua esperança?

—Só posso experimentar prazer com a dor.

—Não entendo.

—Ontem me perguntou qual é o demônio que me possui. Bem, meu demônio é Dor. Faz com que deseje a tortura física com todas as minhas forças. O sofrimento físico é minha única fonte de prazer.

Como tinha sido para ela durante aquele breve instante.

Não, não só durante aquele breve instante. Também tinha ocorrido no dia anterior, quando tinha despertado na cama de Reyes: tinha lhe mordido, e tinha desfrutado fazendo-o.

—Seu demônio pode entrar em mim?—perguntou a ele com o estômago encolhido, isso era impossível, não era?

—Não. —respondeu ele, mas entrecerrou os olhos.

“Não pense nisso agora. Deixaria se levar pelo pânico e perderia o controle”.

—O que está me dizendo é que para estar com você, teria que o torturar?

Reyes assentiu.

A boca dela secou.

—As demais mulheres... lhe fazem mal?

Ele assentiu outra vez.

—E isso funciona?

—Durante um momento. A dor é dor, seja qual for a razão pela qual se inflige.

—Ainda... ainda vê esse tipo de mulheres?

—Não. Faz muitos anos que não.

A ira e o ciúme que havia sentido de repente se dissiparam.

—Quer que eu faça mal a você?—perguntou Danika. Ela seria capaz?

Surpreendentemente, ele negou com a cabeça.

—Desejo sentir dor, e não vou mentir, eu adoraria que fosse você que me provocasse. Mas...

—Mas o que?

—Nunca permitiria que você me ferisse assim.

—Por quê?

—Porque isso mudaria você. E não para melhor. É perfeita tal e como é.

“Não reaja. Age como se não tivesse ouvido suas palavras”.

A conversa era perigosa, e não havia nada bom esperando no final. Ou se voltaria louca e pediria a ele que a deixasse lhe dar o que necessitava, e ele se desgostaria com ela, ou ele continuaria rechaçando-a, humilhando-a. “se afaste dele”.

—Disse o que queria dizer. Agora eu... preciso falar com Aeron. Perdi muito tempo. Preciso encontrar minha família.

O rosto de Reyes se voltou inescrutável. Ela sentiu uma opressão no peito. Por si mesma? Por ele? Não sabia com segurança.

—Que tipo de pessoa seria se seguisse me pondo na frente delas? Possivelmente estejam em perigo, possivelmente estejam assustadas e preocupadas comigo.

—Falarei com ele de novo, e você poderia escutar. —propôs Reyes.

—Mas...

—Já viu que Aeron explodiu apenas em ouvir sua voz. Eu falarei com ele. Entendido?

Danika assentiu a contra gosto. A informação que possuía Aeron era muito importante para discutir por aquele detalhe.

—Me deixará ir buscá-las se Aeron nos disser onde estão?

—Temo que nunca poderei deixar que vá.

Era a segunda vez que lhe dizia algo assim, mas naquela ocasião as palavras foram tão suaves que ela teve que fazer um esforço para ouvi-las. Quando entendeu o significado, esteve a ponto de saltar da cama e atacá-lo. Só o fato de saber que ele gostaria a manteve quieta.

—Então, tenta me reter aqui. — disse a ele — Veremos o que acontece.

—Entendeu errado. Ajudarei você a buscá-las. E a acompanharei onde estejam.

“Se estiverem vivas”. Aquela frase não dita ficou suspensa entre eles.

—Em troca, você não trairá meus amigos ante os Caçadores. Nem sequer a Aeron. Está de acordo?

Os Caçadores tinham jurado a ela que a ajudariam a encontrar a sua família, que as protegeriam. Mas eram mortais, humanos como ela. Odiavam a Reyes e aos outros Senhores, queriam se vingar deles e fariam qualquer coisa por consegui-lo. Mesmo acabar com ela, se ficasse em seu caminho, Danika suspeitava.

Eles lhe tinham pedido ajuda; tinham pedido que entrasse na fortaleza e que conseguisse informação.

Até aquele momento, ela não tinha estado à altura da tarefa. Não tinha tido tempo, nem tampouco vontade. Reyes a tinha distraído.

E naquele momento estava lhe pedindo que trocasse de bando e confiasse no inimigo.

—Está de acordo?—insistiu ele.

—Sim. —respondeu Danika, embora não soubesse com segurança se dizia a verdade.

Tinha que manter uma conversa telefônica com o Stefano aquela noite, e faria o que fosse necessário, usaria qualquer pessoa que a ajudasse a encontrar a sua família. Para manter todas sãs e salvas, deixaria que matassem a todos os amigos de Reyes se fosse necessário.

“E arruinaria a vida de Ashlyn. E a de Anya, também”. Seu estômago se encolheu. Deus, a equação piorava a cada hora que passava.

Já sabia que não podia destruir Reyes.

E isso estava bem. Ele não ia fazer mal a sua família. Ou sim? Se ela conspirava contra seus amigos, ele podia passar de ser seu protetor e se tornar em um demônio assassino. O que significava que também teria que morrer. Maldição!

—Não nos trairá, embora seus familiares tenham morrido?

Acaso suas intenções se refletiam em seu rosto? Se perguntou Danika.

—Disse que sim, não foi?

Naquela ocasião, as palavras soaram afogadas. Os dias seguintes podiam ser os piores de sua vida, a perda de suas esperanças, de sua família... e o fato de destruir aquele homem a quem desejava e temia ao mesmo tempo.

Reyes assentiu gravemente.

—Então vamos.

Capítulo 12

—Não temos feito isto antes?

—Da última vez não funcionou. —disse Reyes. Estava dentro da cela, como no dia anterior, mas Aeron se deu conta de que seu amigo permanecia a uma distância prudente— Pareceu que devíamos tentar de novo.

—Não. Me parece que você voltou por mais. —disse Aeron— Acredito que você gostou do que fiz na última vez.

Um músculo tremeu sob os olhos de Reyes.

—Faz alguns anos - continuou— perguntei a você se podia te dar chicotadas, se podia te bater. Qualquer coisa. Mesmo poderia ter te apunhalado. Não queria fazê-lo, não queria te causar dor, como você não queria fazer a Maddox cada noite, mas sabia que necessitava da dor, assim estava disposto a fazê-lo. O amava o suficiente para fazê-lo.

—E eu o amava o suficiente para te dizer que não. Recorda?

Aeron passou por cima da pergunta por que recordava.

Pensar nisso podia desviá-lo de seus propósitos. Acariciou a cabecinha calva de Legião quando a criatura posou em seu colo, e disse:

—Ainda estou disposto a te ajudar. Se quiser dor, me dê a sua mulher. Com um só corte certo, ela morrerá, e partirá seu coração. Terá a dor eterna. Será meu presente para você. Poderá me agradecer isso depois.

Reyes não respondeu a sua provocação.

—Você mudou. Antes estava desesperado por deixar que escapasse. O que aconteceu?

—Me dei conta de que não posso ganhar contra a sede de sangue. Me abandonei a ela, e nunca tinha sido tão feliz.

—Mentiroso. Odeia o que é. Sei. — disse Reyes, e suspirou ao ver que Aeron não respondia— Me diga onde está sua família, por favor.

—Me libere.

—Sabe que não posso.

—Sei que não quer.

Com uma expressão sombria, Reyes assentiu.

—Tem razão. Não quero.

Legião deslizou a seu redor, e logo duas mãozinhas estavam massageando as costas de Aeron. Tinham escamas, mas eram suaves. Relaxavam seus músculos.

Quando a criatura obteve o resultado que desejava, apoiou o peito contra os ombros de Aeron e olhou para Reyes. Estalou os lábios com fome.

—Ainda não. — disse Aeron.

Não entendia por que gostava daquele pequeno demônio e não dos outros, mas o aceitava. Não entendia por que o tinha seguido até ali, mas se alegrava. Por algum motivo necessitava daquela criatura. Legião o acalmava como ninguém mais tinha podido acalmá-lo. Acalmava a Ira e mitigava a sede de sangue. O mantinha consciente. Salvo quando Lucien e Reyes tinham ido tirá-lo da caverna. Então Aeron se tornou louco.

Tinha estado tão perto de poder escapar... Legião tinha estado comendo a carne de seu pulso e estava a ponto de chegar ao osso, mas havia sentido a iminente chegada dos guerreiros e tinha desaparecido. Tinha reaparecido mais tarde, quando tudo tinha ficado resolvido.

—Sabe onde estão as mulheres?—perguntou Reyes— Ao menos, me diga isso.

Aeron sabia onde estavam as mulheres. Sabia durante cada maldito segundo do dia. Aquilo o provocava constantemente e o voltava louco. Quando as mulheres estivessem mortas, a loucura se desvaneceria, e ele deixaria de sentir ânsia por destruir a todo aquele que encontrava.

—Me diga. — repetiu Reyes.

—Sim. —Aeron admitiu por fim— Sei onde estão.

“No que se transformou?”. Sabia que devia se sentir culpado, mas não tinha a energia necessária. Enquanto tinha estado enterrado no mais profundo da terra, suas emoções se dissiparam, e só tinha ficado o ódio. A necessidade de matar. — Posso lhe chupar o sangue?—perguntou Legião—. Por favor, por favor.

—Não - respondeu Aeron. Entrecerrou os olhos e olhou fixamente a Reyes. Tinha uma tarefa a cumprir, e ia levá-la a cabo.

—E à garota? Posso chupar o sangue dela?— insistiu Legião.

Reyes emitiu um grunhido de advertência.

—Não - repetiu Aeron—. É minha.

Naquela ocasião Reyes deu um passo para frente, e uma folha de prata brilhou em sua mão.

—É minha. —disse.

Então se deu conta do que estava fazendo e se deteve, ainda fora do alcance de Aeron.

Uma pena.

—Sei que está perto. —disse Aeron— Tem uma essência forte. Me incita à luta.

Reyes se retirou para bloquear a única saída. Para protegê-la. Aeron fechou os olhos e, de repente, seus gritos na hora da morte lhe encheram os ouvidos. “Não me faça mal. Por favor, não me faça mal”, diria ela.

Franziu o cenho. Aqueles gritos não eram dela. Eram reais, uma lembrança verdadeira, e a voz pertencia a outra pessoa. Cada um dos gritos era como uma carícia que proporcionava prazer a seus sentidos maltratados.

“Você não é este. Odeia, odeia o que é, naquilo no que se transformou”.

Uma vez, fazia uma eternidade, Aeron tinha observado aos mortais e tinha se sentido fascinado pelo contraste que havia entre a vida humana e a sua. Frequentemente, tinha desejado morrer, mas sabia que certamente existiria para

sempre. Eles morriam um pouco cada dia, mas se aferravam à vitalidade de um modo que ele nunca tinha entendido, nem compartilhado. Eles eram fracos, ele era forte. Entretanto, os humanos não tinham medo de rir e amar.

Amor. Era como se não se dessem conta de que aquilo os podia arrebatara em um instante.

Por quê? Sempre tinha se perguntado, e tinha desejado conhecer a resposta, embora nunca o tivesse conseguido. E ali estava, desfrutando da lembrança dos gritos aterrorizados que tinha ouvido ao torturar a uma mulher, preparando a morte de outra. Mesmo a Ira parecia confusa e equivocada ante a idéia. Aeron não tinha esquecido que seu demônio e ele sempre tinham lutado contra aqueles escuros desejos de matar. No princípio. Mas depois, os deuses tinham ganhado, e eles tinham sucumbido. Naquele momento, a morte lhe percorria as veias, mais espessa que o sangue, e tinha se transformado, paradoxalmente, em sua única razão para viver.

—Você gostaria que lhe rogasse isso?—perguntou com tensão.

—A mim sim, a mim sim!—disse Legião, aplaudindo alegremente.

Reyes não hesitou. Ficou de joelhos.

—Por favor. Me diga onde estão.

Enquanto Legião seguia rindo, o sorriso nos lábios de Aeron se apagou. Se deu conta de que aquilo não era tão gratificante como ele tivesse pensado. Ter a seu amigo de joelhos lhe resultava vergonhoso.

—A quer?

—Não! Não posso.

Mentiroso! Tinha que querê-la. De outro modo, não se teria humilhado dessa maneira. Nunca o tinha feito por outra pessoa, nem sequer por outro Senhor. Os guerreiros nem sequer tinham rogado quando os Caçadores tinham decapitado seu amigo Sulco. Simplesmente, tinham atacado e matado. Teriam conseguido salvar a vida de Desconfiança se tivessem suplicado aos Caçadores?

Possivelmente não, mas por que nem sequer haviam tentando? Eles amavam muito a Sulco, como a um irmão, e sua morte tinha destruído a pouca humanidade que tinham conseguido salvar desde que tinham sido invadidos pelos demônios.

—No que está pensando?—perguntou Reyes, ainda de joelhos.

—Na pior noite de minha vida. —respondeu ele.

—A noite em que abrimos a caixa.

—Não. Em Sulco.

—Era um bom amigo. —disse Reyes— Ele teria detestado nos ver assim.

—Nos teria olhado com decepção e nós não faríamos conta, porque ele teria querido que nos abraçássemos e nos reconciliássemos. Então, teria batido em nós para conseguir nossa atenção.

Ele não podia tolerar que o ignorassem. Não.

Aeron e Reyes se olharam em silêncio. Nenhum dos dois se moveu.

—Por favor. —sussurrou Reyes.

Legião deslizou pelo ombro de Aeron, por seu peito, e desceu para o chão. Apoiou o queixo no joelho do Guerreiro.

—Isto não é muito divertido. Por que não podemos jogar? Por que não podemos beber?

—Logo. —lhe disse Aeron. Depois se dirigiu a Reyes— Diga à garota que se

aproxime das grades.

Então Reyes ficou em pé e negou com a cabeça. O pânico se refletiu em seu semblante.

—Não. Ela...

—Estou aqui!

Ao ouvir aquela voz feminina, decidida, Aeron girou para as grades. Reyes se colocou na frente de um salto; embora permanecesse no interior da cela enquanto ela estava fora, se fazia de escudo com seu corpo.

—Se afaste. Não vou fazer lhe machucar.

“Por agora não”.

Depois de meditar durante alguns instantes. Reyes se afastou a contra gosto e permitiu que Aeron visse Danika. Ela estava junto as grades, se agarrando a elas com tanta força que tinha os nódulos brancos.

Ira explorou na mente de Aeron com uma intensidade frenética. “Age”.

—Não. —respondeu o guerreiro entre dentes.

“ Age! Está aqui, é nossa”.

—Não!

Legião lhe acariciou as têmporas, e os gritos se tornaram um mero sussurro.

—O que?—perguntou Danika, o olhando. Reyes ficou novamente diante dela, com corpo tenso, espectador.

Dedos delicados o agarraram pelo ombro e o empurraram para um lado com suavidade. O guerreiro podia ter resistido, mas não o fez.

De novo, Aeron estava olhando para Danika. Era miúda; só chegava até o ombro de Reyes. Tinha o cabelo loiro e os olhos verdes, e o nariz arrebitado como o de uma rainha. Seu rosto possuía o refinamento do de um anjo. Entretanto, sua expressão não era suave; irradiava uma firme determinação.

—Ainda quer me matar. — disse.

—Sim. —respondeu ela. Tinha os lábios vermelhos, inchados. Era evidente que a tinham beijado recentemente.

Aeron olhou a boca de Reyes. Ele também tinha os lábios inchados. Nunca teria pensado que aquela mulher era o tipo de seu amigo. Entretanto, tinha notado a tensão que havia entre eles dois desde a primeira vez que Danika entrou na fortaleza. Uma tensão que tinha crescido. Era muito intensa. Reyes havia dito, mesmo, que aquela mulher era dele.

Eram inimigos, mas tinham se transformado em amantes. Que bonito, pensou com ironia. E, entretanto, por debaixo do desdém notou... melancolia?

Legião lhe lambeu a bochecha e depois, deslizou seu corpinho para o chão onde, novamente, apoiou os cotovelos sobre o joelho do guerreiro. Parecia que era uma de suas posições favoritas. Mostrou uma língua bífida para Danika.

—Me parece familiar. —lhe disse— Quer jogar?

Ela piscou e sacudiu a cabeça para sair de sua confusão.

—Me viu ontem. E não, não quero jogar.

—Oh. —disse o pequeno demônio.

Sua desilusão foi evidente. Se apertou contra o peito de Aeron, e suas escamas verdes perderam cor.

Feriu os sentimentos de Legião. —grunhiu Aeron estranhamente ofendido por

aquilo. Ao notar a infelicidade do pequeno demônio, a ânsia de sangue esteve a ponto de explodir — Esta conversação terminou. Parte.

—Sinto muito, sinto muito. —disse Danika, se desculpando com Legião— Não queria ofender. Era... um jogo.

—Eu adoro os jogos. —disse a criatura, e mais relaxada, recuperou a cor das escamas—. A vi antes de ontem.

Aeron também relaxou.

Danika negou com a cabeça.

—Sinto muito, mas está me confundido.

—Voa entre chamas. Viu aos serventes do inferno torturar aos mortos.

Danika sentiu uma mescla de horror e assombro.

—Sim, mas só em sonhos. Como sabe? Viu meus quadros? Mas... isso não é possível.

—Não responda. —ordenou Aeron a Legião.

Acabava de ter uma idéia: trocariam informação; possivelmente assim ele pudesse resolver o quebra-cabeça que aquela mulher tinha apresentado.

Chamas. Os serventes do inferno. Era o lar de Legião, e o único lugar onde a criatura podia tê-la visto. Aeron não estava muito seguro de se a garota tinha entrado no inferno de algum modo ou de se Legião estava jogando outra vez. Entretanto, pela primeira vez desde que os Titãs tinham tomado o poder dos céus e lhe tinham ordenado que assassinasse Danika e a sua família, aquela terrível ordem começava a ter sentido. Se a garota podia viajar ao submundo, podia também entrar no mundo dos deuses? Podia vê-los? Podia adivinhar seus segredos? Por que não a tinham matado eles mesmos, então? Isso devia ser uma tarefa muito fácil para qualquer deus. Por que ele tinha que fazer o trabalho sujo para eles?

—Eu... eu não. — Danika passou uma mão pelo rosto, como se estivesse tentando entender o que lhe haviam dito. Quando ficou imóvel, sua expressão se tornou de pedra— Deixem de tentar me distrair. —disse, e olhou fixamente ao Aeron — Onde está minha família?

—Você e eu vamos trocar informação.

—De acordo. —respondeu Danika sem titubear— O que quer saber?

—Viu o inferno? E não me engane. Uma mentira e a conversa terminará.

—Como já disse, vejo-o em sonhos. —disse ela.

—Sua irmã, sua mãe e sua avó sonham com o inferno?

Ela sacudiu a cabeça.

—Nunca me falaram disso.

—E o que...?

—Se supõe que íamos trocar informação. —disse ela com firmeza— Onde está minha mãe?

—Nos Estados Unidos, em uma cidade de Oklahoma.

De repente, os preciosos traços de Danika se viram alagados de alívio, e fechou os olhos. Enquanto tremia, as lágrimas apareceram entre as pestanas e se derramaram por seu rosto.

Ele não podia permitir que aquela visão o comovesse.

—Sonhou alguma vez com o céu?

—Sim.

—O que...?

Danika negou novamente com a cabeça.

—Não. Respondi. Agora é você. Onde está minha irmã?

—Isto é aborrecido. —disse Legião. Se aconchegou no colo de Aeron e fechou os olhos.

—Sua irmã está com sua mãe.

—Oh, graças a Deus. —disse ela com mais lágrimas de alívio.

—O que vê quando viaja a esses planos espirituais?— inquiriu Aeron.

—Vejo um grande mal, e um bem incomensurável. Vejo a morte e a vida. A escuridão e um arco íris de cores. Há criaturas demoníacas que destroem, rodeadas de gritos. Vejo anjos que reparam o prejudicado, e cujas asas emitem cânticos de glória.

Aeron franziu o cenho. Nada do que Danika acabava de descrever era motivo suficiente para que os deuses a marcassem para a morte. E menos ainda para o tipo de morte que ele podia lhe dar: os pecados de seu passado lhe atravessando a pele e os ossos como se fossem de manteiga.

—O que viu dos deuses? O que...?

—Minha avó. Onde está minha avó?

—Não estou satisfeito com sua última resposta. —replicou ele— Me diga se viu os deuses.

—Não sei se os vi.

—Pensa!—rugiu ele.

Ela se encolheu, e Reyes lançou um grunhido a Aeron.

—Como vou saber? Não acredito nos deuses e deusas. Talvez tenha sonhado mil vezes com eles e nem sequer tenha me dado conta.

—A ajude a averiguar ordenou Aeron a Reyes.

Reyes a olhou com uma expressão dura.

—Se está retendo informação, deixa de fazê-lo. — disse-lhe— Aeron cumprirá sua palavra. Lhe diga o que deseja saber e ele falará de sua avó. O que viu recentemente? Nos descreva. O que ouviu? Nenhum detalhe é insignificante.

Ela engoliu em seco e tremeu novamente. Girou para Aeron e lhe perguntou:

—Houve... uma guerra recentemente? Já sabe, lá em acima.

Aeron ficou boquiaberto.

Reyes possivelmente emitisse um ofego e a olhou com toda sua atenção.

Assim era certo. Ela podia ver o interior do céu. A razão pela qual os deuses queriam sua morte tinha se revelado com absoluta clareza.

—Sim. —disse Reyes por fim— Houve.

—Os Gregos lutaram contra os Titãs? Acredito que assim chamam a si mesmos.

—Sim. —murmurou Aeron. Ela ficou pálida.

—Os Titãs venceram, prenderam aos Gregos.

Bom, ao menos à maioria.

—Sim. —disseram os dois guerreiros.

—Os Titãs estão tentando encontrar armas. O rei, acredito, teve uma reunião com o novo Capitão da Guarda. Suponho que é o chefe do exército. Têm um plano. O Capitão virá à terra para observar e esperar, e a seguir, roubar. Não recordo tudo. Possivelmente em meu quadro haja detalhes que me esqueci. Depois de sonhar tento esquecer. Não quero recordar.

—Pinta?—perguntou Reyes.

Ela assentiu.

—Quando sonho com... o céu e o inferno, sempre pinto o que vejo para tirar da cabeça.

—E onde estão agora esses quadros?

—Há alguns em meu apartamento do novo México. A maioria está em um depósito que tenho pagado durante um ano.

Reyes deu a volta para Aeron. Danika também o olhou.

—Respondi a tudo o que queria saber. —lhe disse— Agora é sua vez. Fale de minha avó.

Depois de tudo o que ela lhes havia dito, lhe devia a verdade. Aeron não tentou suavizá-lo. Olhou-a diretamente nos olhos.

—Acredito que a matei.

Capítulo 13

Roma. Um lugar majestoso, empapado de história e opulência, violência e prazer. Estivesse onde estivesse um homem naquela cidade, o mar sempre cantaria como uma sereia, inocente e tranquilo; o céu responderia com uma canção própria, uma melodia serena de luz que se desvanecia.

Nada daquilo podia acalmar Paris. Estava na beira do Templo dos Não Mencionados, escondido entre seus amigos. Esperando. O Templo era um lugar inquietante e estranho; Paris juraria que ouvia gritos dos torturados no vento, se elevando por cima do doce murmúrio das ondas. Tinha surgido das profundidades do oceano pouco antes, e tinha permanecido oculto aos olhos humanos até pouco tempo. Naquele momento, tudo estava cheio de trabalhadores que se moviam de um lugar a outro, limpando e procurando pelos corredores, querendo achar vestígios do passado. Não sabiam que os deuses tinham planejado usar o templo como lugar de adoração e de sacrifício por parte dos mortais a seus criadores divinos.

O fato de fazer surgir aquele templo dos mares, como tinham feito também um semelhante ao que se encontrava na Grécia, era só a primeira fase. Ao menos, isso é o que supunha Paris. Ele era possivelmente, o mais vinculado à humanidade de todos os Senhores do Submundo, e os outros ririam dele se lhes desse sua opinião dos novos deuses reinantes, os Titãs. Entretanto, pensava que seu contato com os humanos aumentava sua impressão dos assuntos espirituais. Depois de passar tanto tempo entre os mortais, conhecia bem suas emoções. Avareza, ciúme e desejo de serem amados.

Sim, havia uma coincidência entre as emoções dos humanos e as dos deuses.

Os Titãs tinham avareza, sede de poder; ciúme dos Gregos, que lhes tinham arrebatado o trono na antigüidade; e desejavam a adoração que lhes tinha sido negada durante milhares de anos. Seus desejos e necessidades não tinham sido satisfeitos durante o tempo que tinham passado na prisão, assim, uma vez livres, estavam decididos a se conceder todos os seus desejos.

E, entretanto, a compreensão de tudo aquilo não ajudava Paris. Não conseguia

dar com o modo de lutar contra eles. Tinham poderes assombrosos: podiam se transportar de um lugar a outro com um pensamento, podiam controlar o tempo e observar o mundo e a seus habitantes. Podiam lançar maldições com uma mão e outorgar benções com a outra.

Paris tinha um demônio que gostava de sexo. Um demônio que se debilitava sem sexo, e que não era uma grande arma em nenhum jogo salvo no da sedução.

Não tinha dúvida de quem ganharia a batalha. Entretanto, se não fizesse nada, seus amigos podiam ser destruídos. Os Caçadores, seus inimigos mais odiados, podiam se tornar os guardiões da paz e da prosperidade. Paris se perguntou o que podia fazer para evitar isso.

Encontrar a caixa de Pandora, sim. Desse modo, os Caçadores não poderiam separar seus amigos e a ele dos demônios. Isso os mataria, porque uma vez que se fundiram, se tornaram inseparáveis.

Se sentia tão impotente... Estava ferido, constantemente zangado. Estava... vazio. E todas aquelas emoções negativas estavam envolvidas em fúria. Sienna estava morta. Ele mesmo tinha incinerado seu corpo em um funeral à altura de um grande guerreiro, e tinha espalhado suas cinzas. Ela não ia voltar.

A quem podia culpar? Aos Caçadores? Aos deuses? A si mesmo?

—Estão preparados?—perguntou Anya naquele momento, e Paris saiu de seu pensamento.

Os guerreiros que rodeavam à deusa assentiram, se deixando levar por seu entusiasmo. Estavam tão ansiosos como ela. Todos se achavam ocultos nas sombras, e os humanos que compilavam rochas e escovavam brandamente o musgo não os tinham visto.

—Lá vamos nós. —disse Anya. Passou as mãos pelos quadris perfeitos e afagou o cabelo comprido e loiro— E, meninos, será melhor que fiquem impressionados com meus poderes e me adulem adequadamente quando terminar.

Houve murmúrios de “Sim, Anya”, e “É obvio, Anya”. Mesmo os Senhores a temiam.

Embora Anya tivesse perdido muitos de seus poderes ao escolher Lucien acima de sua liberdade eterna, e tinha tido que ceder seu tesouro mais valioso para estar com seu homem, seguia sendo a deusa da desordem e podia criar uma tormenta com um só pensamento.

Paris contou cinco Caçadores entre as pessoas que estavam trabalhando no Templo. Tinham a marca do infinito no pulso. A marca da morte. Eles eram os culpados da morte de Sienna; a tinham recrutado, tinham enchido sua cabeça de mentiras. Paris queria lhes machucar, causar o mesmo dano que eles tinham feito a Sienna.

—As coisas que faço por meus homens. —murmurou Anya, e depois se encaminhou para os humanos.

Paris viu como estes ficavam imóveis um a um. As conversações sossegaram e se fez silêncio. Todos se voltaram para olhar à magnífica beleza que se aproximava com uma saia negra curta e uma blusa frente única.

Finalmente, um deles lhe perguntou quem era e se tinha passe especial para estar ali.

—É obvio, carinho. —respondeu ela— De todo o modo, não é necessário que o

cheque; se aproxima uma tormenta. —disse. E, de repente, alguns raios rasgaram o céu dourado e rosa do entardecer— Deveria ir para casa.

Todos os homens estavam olhando para Anya com reverência e luxúria, sem poder dissimulá-lo.

—É minha. —murmurou Lucien, olhando-a com o desejo refletido nos olhos.

Paris fechou os olhos durante um segundo. “Eu também quero ter a alguém para mim”, pensou.

Maddox olhava assim para Ashlyn; Reyes também olhava assim para Danika. A presença de Danika acalmava a necessidade de dor de seu amigo; desde que ela tinha chegado, Reyes não tinha voltado a saltar do telhado da fortaleza, nem havia voltado a realizar suas habituais atividades perigosas. Se cortava, mas o desejo de morrer tinha cessado.

Um Senhor não podia pedir mais.

De repente, começaram a cair gotas de chuva, agudas como flechas, que se cravaram com força no chão. Logo, a chuva foi substituída pelo granizo.

—Depressa!—gritou alguém.

—A tormenta está piorando!—gritou outro.

Os raios estalavam em uma dança elétrica e frenética. Os trovões ressoaram com estrépito; o ar se encheu de redemoinhos de pó.

A tormenta de Anya era algo vivo, magnético. Paris, com o pêlo eriçado, fechou os olhos durante um segundo, só um segundo, desejando que toda aquela eletricidade se infundisse em seu corpo, que matasse ao homem insensibilizado em que se transformou e o transformasse de novo no ser despreocupado que era antes.

Quando o último dos humanos partiu, a tormenta se elevou... até que formou uma cúpula sobre o templo. Ninguém poderia ver através dela, e portanto, os guerreiros ficariam ocultos enquanto revistavam a região.

—Espaçoso?—perguntou Anya.

—Espaçoso - respondeu Lucien. Lentamente, ela baixou os braços. A chuva descampou e os trovões cessaram. À medida que o caos que rodeava o templo se dissipava, Paris observou o local. Espiou um brilho de prata, o canhão de uma arma que aparecia por trás de um dos muros de mármore. Sentiu uma pontada de impaciência e posou a palma da mão em sua própria arma. Havia Caçadores.

Durante milhares de anos tinha deixado aquela batalha nas mãos de Sabin e seu grupo. Tinha tentado ter uma vida sem sobressaltos, com arrependimento. Depois de tudo, ele tinha ajudado uma vez a encher o mundo de escuridão e desespero ao liberar os demônios da caixa de Pandora. Não merecia nada melhor.

—Caçador. —murmurou Lucien. Com as adagas já desencapadas— Às onze em ponto.

—Meu. —disse Paris.

—O vejo, —interveio Sabin— e me pergunto por que você tem que ficar com toda a diversão.

—Meu. —repetiu Paris.

Sabin pôs os olhos em branco.

—Antes contei seis, e aposto qualquer coisa que estão todos aqui, esperando.

—Seis?

—Eu contei cinco.

—Pois contou mal. —respondeu seu amigo, enquanto revisava a câmara de sua 45.

—Nenhum deles leva uma arma e essas armas não são 9 milímetros semi automáticas. —disse Gideon, o mentiroso.

Excelente. Teriam um tiroteio.

Paris bloqueou a inundação de lembranças que ia alagar sua mente: disparos ensurdecedores, o assobio das balas, um ofego feminino de dor.

—Não nos viram, ou já teriam começado a disparar.

Lucien não respondeu. Desapareceu, e apareceu junto à Anya, a quem sussurrou algo que Paris não pôde ouvir. Anya assentiu e, um momento depois, se colocou no centro de um pequeno tornado. Depois, o tornado se elevou por cima dela e criou um grosso muro entre os Caçadores e os Senhores.

Soou o primeiro disparo, mas a bala topou com o muro de vento e caiu no chão inutilizada.

Lucien estava junto a Paris segundos depois, e Anya desapareceu de cena. Entretanto, se ouviam seus protestos.

—Me enganou. O muro era para salvar você, não para me proteger e que pudesse me transportar.

Ele devia tê-la levado para casa. Ou à parte superior da cúpula, para que continuasse provocando a tormenta. Soou outro disparo, e um dos Caçadores gritou:

—Demônios!

—Vieram. —respondeu um de seus companheiros, alegremente— Deve ser nosso dia de sorte.

—Já conhece as regras.

Soou um terceiro disparo. O muro de vento desmoronou. As pedras e o pó explodiram atrás de Paris quando a bala se incrustou por cima de seu ombro. Ele se agachou e se inclinou para frente.

—Rodearemos a eles em direções opostas, —disse Lucien— e nos encontraremos no centro, quando todos estiverem mortos.

—Que corra o sangue. —murmurou Paris.

—Temos que deixar um com vida para interrogá-lo. —disse Strider, o guardião da Derrota. Não podia perder sob nenhum conceito em nada que iniciasse; do contrário, sofria umas dores insuportáveis.

—Está pedindo um milagre. —respondeu Paris.

As balas começaram a assobiar a seu redor.

—Onde estão covardes?—gritou um Caçador.

—Venham por nós. —respondeu Strider— Se puderem.

Paris assentiu e desencapou sua arma. Iriam manter um dos Caçadores com vida se fosse possível; embora, com uma semi-automática na mão, não estava seguro de se recordaria como não matar.

Strider começou a se arrastar pelo chão e desapareceu do outro lado de um arbusto. Segundos depois se ouviu um grito cheio de dor e assombro. Um a menos. Ficavam cinco.

Paris saltou para frente junto a Amun. Ambos se esconderam atrás dos muros em ruínas e rochas, e deslizaram pelo chão coberto de musgo. Ele localizou seu objetivo, um humano a quem poderia ter visto pela rua sem olhar duas vezes. Alto,

um rosto comum. Entretanto, seu olhar estava cheio de ódio.

—Sempre tive a esperança de poder enfrentar a você. De ser quem acabasse com você. —disse o humano, e disparou no joelho de Paris. A bala o acertou totalmente e se alojou em sua perna. Doloroso, mas não debilitante.

Ele se lançou para o Caçador e o derrubou. Os dois rodaram pela dura pedra, lutando. Amun apareceu um instante depois e disparou no pescoço do Caçador. O homem ficou imóvel e Paris se levantou ofegando.

—Espero que... sofra. —murmurou o Caçador antes de morrer— Você merece. — acrescentou, e fechou os olhos. As balas seguiram assobiando a seu redor. Strider se aproximou deles e sorriu.

—Preparados para o próximo?

—É obvio. —disse Paris.

Não olhou a coxa. Depois teria tempo para se curar depois. Teria que tirar a bala. Ficou alojada no músculo, e notava o pequeno cilindro de metal lhe abrasando a carne.

Depois teria que encontrar uma mulher para ter relações sexuais se quisesse se curar por completo.

—Vamos. —grunhiu.

Amun, Strider e ele se uniram à luta. O sangue corria pela perna e deixava um rastro vermelho que se mesclava com os atoleiros que se formaram com a tormenta de Anya. As pernas de Paris tremeram e tropeçou uma vez.

Não encontraram mais objetivos; todos os Caçadores tinham sido derrubados, todos tinham morrido salvo um, a quem tinham deixado inconsciente. Três dos amigos de Paris tinham recebido tiros, e Lucien teve que transportar Gideon de volta à fortaleza para que se recuperasse, pois tinha o estômago crivado.

De repente. Paris se sentiu muito cansado e teve que se sentar no chão. A água e o sangue tinham empapado suas calças, mas não se importava. Queria que houvesse mais Caçadores para poder atacá-los e aplacar o caos de emoções que fervia em seu interior, Lucien transportou o Caçador que estava com vida à fortaleza, e enquanto isso Paris começou a buscar a bala dentro da perna. Lucien retornou, mas estava pálido, trêmulo.

—Está bem?— Paris conseguiu perguntar sem os dentes. Doía-lhe muito! O metal estava escorregadio e escapava de entre seus dedos.

—Recuperou os sentidos e apunhalou a si mesmo com uma pequena faca que tinha escondida. Não pude evitar; me cravou isso também, no pescoço.

Lucien estava sangrando através de um buraco que tinha na garganta.

—Agora estou recebendo a chamada para transportar os outros Caçadores ao além.

Enquanto falava, seus olhos ficaram frágeis e seus movimentos diminuíram.

Morte tinha recebido um encargo, e não havia forma de saber quanto iriam demorar Lucien e seu demônio em escoltar a todas as almas ao céu. Ou ao inferno. Lucien podia ter levado seu corpo, mas certamente não queria sentir a dor do pescoço.

Paris o entendia. Como ia tirar aquela bala da perna? Quando por fim o conseguiu, o braço trêmulo caiu a um lado de seu corpo, e a bala deslizou dos seus dedos ao chão. Strider se deixou cair a seu lado, ileso, e apontou a ferida

ensangüentada com um gesto da cabeça.

—Vê se apura mais os reflexos na próxima vez.

—Idiota. — respondeu Paris e, para se distrair da dor, olhou a seu redor, para ver o que os outros estavam fazendo.

Amun estava a um lado, observando também. Tinha uma mão ensangüentada, mas sua bala tinha atravessado a carne, por sorte. O corpo de Lucien seguia imóvel. Sabin estava limpando uma de suas adagas. Tudo como de costume. Ele esfregou as têmporas para tentar diminuir a dor de cabeça, enquanto seguia estudando a seus amigos. Danika falando de...

Paris abriu muito os olhos. Danika estava ali? Isso não era possível. Entretanto, no atoleiro de sangue que havia a seus pés se formaram umas imagens trêmulas. Vê isso?

—O que?—perguntou Strider— A Lucien? Deveria ter levado seu corpo. Por que o deixou aqui?

—Não. Isso. — disse Paris, apontando sua visão.

Strider arqueou uma sobrancelha.

—Sabin? Sim. Tão feio como sempre, mas não se admira que tenha o rosto de quem vai vomitar.

—Não, a mulher.

Houve uma pausa.

—Que mulher?—perguntou então Sabin, em tom de confusão.

Paris também estava desconcertado. As imagens eram coloridos. Eram cenas diferentes. O único que tinham em comum era Danika.

Em todas as imagens, ela estava levitando sobre as sombras, observando quem a rodeava. Como Amun, mais ou menos. Em algumas, os anjos brincavam alegremente. Em outras, os demônios riam com perversidade. Na cena final, entretanto, Danika estava no centro. Tinha o braço esquerdo estirado, e na palma da mão descansava na caixa de Pandora.

Paris levava milhares de anos sem ver aquela caixa, mas a recordava perfeitamente. Recordava sua forma, as pedras preciosas que a adornavam e suas paredes, feitas com os ossos da deusa da opressão.

Quando Promiscuidade se deu conta do que estava vendo, o demônio rugiu e cravou as garras na mente de Paris, desesperado por destruir a caixa que o tinha aprisionado durante tanto tempo.

“Destrua a caixa! Destrua!”.

—Não posso. Não é real.

O demônio não prestou atenção nas suas palavras.

“Destrua!”.

Face aos gritos que havia dentro de sua cabeça, Paris se inclinou para frente. Naquele retrato final, Danika; estava lhe oferecendo a caixa. Mesmo lhe piscou um olho.

Paris ficou boquiaberto e esqueceu a dor de sua perna.

Que demônios...?

—Como se sente?

Danika estava sentada na ponta da cama de Reyes, com a cabeça entre as pernas e a respiração entrecortada e áspera. Tinha passado uma hora, uma eternidade, desde que Aeron lhe havia dito que acreditava que tinha matado a sua avó.

Tinha pedido os detalhes, e o que tinha lhe contado se mesclava com o que tinham visto os homens de Stefano.

“A levei ao interior de um edifício. Estava sangrando, já estava ferida. Armei as garras. Ela gritou. Isso é tudo o que eu lembro”.

O efeito do golpe devastador já tinha passado para Danika, e só sentia angústia, dor e fúria. Não recordava como tinha saído dos calabouços nem como tinha chegado ao quarto de Reyes. Ele devia tê-la levado ali.

—Tenho que vê-las. —disse— Preciso ver minha mãe e a minha irmã.

Saberiam elas que tinha morrido vovó Mallory? Tinham presenciado sua morte? Oh, Deus... seus olhos se encheram de lágrimas.

Notou mãos mornas e fortes nos antebraços, mãos que a puxaram brandamente para cima. Reyes estava decidido a salvá-la, a afastá-la da escuridão que povoava seus sonhos.

—Sinto o que ocorreu, anjo. Sinto muito.

Ela notou uma terrível opressão na garganta.

—Que o sente? Você formou parte disto, assim me deixe em paz. Minha avó era uma boa mulher, terna e carinhosa. Admita, se alegra de que tenha morrido—gritou.

—Não. Não me alegro. Sua dor me faz mal.

—E você adora sofrer, não?

—Danika, eu... Aeron diz que acredita que a matou. Possivelmente não o fez. Possivelmente sobreviveu.

—Uma mulher de oitenta anos contra um demônio com força sobrenatural? Por favor.

Reyes a sacudiu.

—Não perca a esperança.

—A esperança é um demônio pior que sua Dor.

Reyes a soltou como se tivesse chifres e rabo.

—Me diga a verdade. Fez essa comparação porque está aborrecida do que pode ter acontecido, ou porque verdadeiramente pensa que Esperança é um demônio?

—Tem importância?

—Sim.

Danika deu de ombros.

—Ambas as coisas.

—E como sabe que Esperança é um demônio? Os humanos sempre pensam que é boa e maravilhosa.

—Então, é verdade? Não deveria me surpreender.

—Por quê?

—Vovó me contava contos quando era pequena. Eu acreditava que eram inofensivos, a maneira que tinha de suportar o caos de sua vida.

—Nisto tinha razão. Esperança é um demônio. Um monstro que está abrigado

em um guerreiro tão traidor quanto ela.

—Você o conhece?—perguntou Danika, e franziu os lábios com desagrado— De novo, não sei por que me surpreendo. Vovó me disse que Esperança cria expectativas deliberadamente, faz que a pessoa acredite que pode ocorrer um milagre, e depois destrói essas expectativas e não deixa mais que cinzas e desespero.

Stefano tinha razão. O mundo seria um lugar melhor sem um demônio como aquele.

—Nós não somos assim. — disse Reyes, como se tivesse lido sua mente— Esperança foi atribuída a um guerreiro como eu, sim. Se chamava Galen. Mas era um homem corrupto, possuído por um demônio da corrupção, e combinados são mais perigosos que tudo que possa haver nesta fortaleza. Quando os conheci, se deleitavam elevando e depois esmagando aqueles que os rodeavam.

Reyes a olhou fixamente.

—Necessito que seja sincera, Danika. O que acaba de me contar, foram os Caçadores que lhe disseram?

—Não.

Passou um momento em silêncio enquanto Reyes e ela se olhavam. Ela não podia saber o que ele estava pensando. Que já não podia salvá-la, e que devia morrer? Que se retrataria de sua palavra, uma vez que já sabia que sua avó tinha morrido?

A doce vovó Mallory. Danika recordou aquela noite quando era criança; o céu estava cheio de estrelas, e vovó e ela tinham ido dormir na casa da árvore de Danika.

“Se deite, criança, e contarei a você uma história”.

Danika tinha se metido no saco, tremendo. A brisa da noite estava perfumada de flores e de frescor, mas isso não conseguia acalmá-la. Os contos da vovó não eram como os contos de fadas que sua irmã lia para ela.

—Este vai me assustar?—tinha lhe perguntado.

—Possivelmente. Mas às vezes é bom se assustar. Não quero que seja como eu. Quero que seja mais forte, que tenha mais ferramentas para suportá-lo.

—Eu não quero estar assustada.

—Ninguém quer, mas sentir essa emoção é bom. Dá a você a oportunidade de demonstrar que você é mais forte que o medo.

—Está bem. Escutarei o conto.

—Boa garota.

Aquelas histórias de demônios a assustavam muito quando pequena, e isso por que pensava que eram apenas ficção, mas não a mantinham acordada pelas noites, nem a tinham impedido de desfrutar da vida. Por sua avó.

Enquanto seus pais a teriam consolado pelos pesadelos, a vovó Mallory a tinha ajudado a encontrar a força necessária para não se afundar. Tinha lhe ensinado como lutar contra o mal que tinha na cabeça. Como vencer.

E tinha funcionado... até que Reyes e seus amigos tinham entrado em sua vida. Naquele momento se sentia tão assustada como aquela menina de novo. Por desgraça, já não podia seguir se enganando com que essas histórias eram apenas contos. Eram coisas que sua avó tinha visto. Coisas feias, perversas. Reais.

—Que outras histórias lhe contou?—perguntou Reyes.

—Se lhe disser isso, me ajudará a encontrar seu... seu corpo? Me ajudará a enterrá-la como merece?

—Sim. Se é que está morta. Eu acredito que cabe a possibilidade de que siga com vida.

Reyes se sentou em frente a ela e Danika começou a falar.

—Havia mais demônios que guerreiros. — disse brandamente— Sem a caixa, alguns foram abrigados dentro da prisão do Tártaro. Medo. Solidão. Avareza.

Durante um segundo, pareceu que Reyes não acreditava. Agarrou o queixo com dois dedos.

—E algum foi confinado dentro de um Titã? Naquele momento, eles eram prisioneiros. Claro que havia outras centenas de imortais trancados, assim... Não. Não, isso não é possível. Se tivesse ocorrido, eu teria sabido.

—Talvez seu demônio não soubesse. Estava encerrado dentro de uma caixa pequena e escura. E duvido que os deuses me contassem tudo isso. Além disso, sei apenas o que me contaram. Acredite ou não nisso, não me importa.

—Mas como é possível que sua avó soubesse essas coisas?— então, Reyes inalou bruscamente— Era como você, não? Tinha visões?

Danika assentiu com tristeza.

—Estivemos apossadas pelos demônios durante toda a vida.

“Ela me ajudou a enfrentar os meus, mas eu fracassei e não pude salvá-la dos seus. Deveria ter ficado a seu lado, deveria tê-la ajudado”.

Reyes tinha ficado pálido.

—Tudo isto... é muito para assimilar de repente. Mais demônios? Mais guerreiros possuídos? Sabe o que significa isso?

—Não.

—Danika, significa que estivemos vinculados desde o começo.

Sua voz tinha um tom de reverência. Entretanto, ela não entendeu o que queria dizer.

—Desde o começo do que?

—Estivemos vinculados desde o começo de minha criação.

Isso significaria que o destino tinha tido um papel importante em suas vidas, e naquele momento, Danika não queria pensar no destino.

—Me fale do guerreiro que alberga a Esperança. — pediu.

—Por quê?—quis saber Reyes.

—Para me distrair. Não quero pensar em mim..., já não quero pensar mais.

Reyes lhe colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha, com delicadeza.

—Uma vez, Esperança e eu fomos amigos. Fomos soldados de elite do exército de Zeus. Eu ainda não sabia que ele era um homem capaz de sorrir enquanto cravava uma adaga pelas costas.

—E onde está agora?

—Não sei. Depois da posse desapareceu.

Reyes se inclinou para ela e lhe deu um beijo na bochecha, suave e terno.

—Há algo de que necessite, algo que eu possa trazer?

—Vou destruir seu amigo, Reyes. — disse sem poder evitar — Ao Aeron. Sei que disse que não o faria, mas...

Ele suspirou com cansaço.

—Peço apenas que medite sobre suas ações. Aeron é mais forte que você. É imortal, você é mortal. Provavelmente poderia machucá-lo, mas não morrerá. Ele

pode te fazer mal e te esmagar.

—Em algum momento terá que dormir. Não me importa cortar a cabeça dele enquanto dorme...

—Como já disse a você, — Reyes a interrompeu— possivelmente sua avó esteja viva. Por que se nega a considerar essa possibilidade?

—Aeron recorda seu corpo ensangüentado.

—Mas não recorda ter dado o golpe mortal. É um guerreiro, e não esqueceria algo assim. Isso tem que significar que, quando a deixou, ainda respirava.

Possivelmente... Cavia a possibilidade... E se...?

—Pela manhã a levarei a sua irmã e sua mãe, e possivelmente possa encontrar sua avó. Esta noite farei com que Torin siga seu rastro.

Danika ficou tensa.

—Vai fazer mal a elas? Se lhes fizer mal, eu...

—Não, não. Tem minha palavra. Não sofrerão nenhum dano.

Ela acreditou. Era estúpida, mas acreditou. Não tinha outra opção naquele momento.

—Seja como for, também encontraremos a sua avó. Saberá o que lhe ocorreu.

Danika começou a sentir alívio.

—Preferiria que começássemos esta noite. Aeron sabe onde estão. O obrigue a dizer isso.

—Já tentei duas vezes, mas, realmente, quer que siga o recordando que estão por aí, quando ele deseja sua morte? Torin pode encontrá-la, não tenho dúvida. Só necessita um pouco de tempo.

Ela o agarrou pelo pulso e o olhou. Queria beijá-lo e empurrá-lo ao mesmo tempo. Abraçá-lo e golpeá-lo.

—Obrigada.

—É tão encantadora. — sussurrou ele. Depois sacudiu a cabeça, como se não pudesse acreditar o que havia dito e precisasse clarear a mente— Na cela disse que pintava para tirar da mente os pesadelos. Por que não pinta esta noite? Possivelmente se acalme.

“Não ceda. Já está muito perto do abismo. Está tentando manipular você”.

—Apenas quer que dê a você uma visão do que sonho.

—Não posso querer que esteja tranqüila, além disso, conseguir seu conhecimento sobre os deuses? Danika o soltou e deu de ombros.

—Necessitaria de tintas e tecido...

Ele ficou vermelho.

—Eu... já consegui o que necessita.

—A que se refere?

—Visitei sua casa. Tinha sua bolsa e seu endereço, e depois de tudo não podia ficar de braços cruzados. Fui a seu apartamento, vi o que tinha ali e comprei kits de pintura para a fortaleza. — admitiu com sobressalto— Vai usá-los?

— Eu... possivelmente.

Ele tinha estado em sua casa? O que teria pensado de seu pequeno apartamento? Tinha gostado? E por que a idéia de que tivesse estado rodeado de suas coisas fazia com que ela se sentisse tão bem?

Reyes não tentou pressioná-la. Simplesmente, assentiu como se entendesse sua

reticência.

—Tenho que partir um momento para falar com Torin. Estará bem a sós?

—Sim, é óbvio.

Reyes se inclinou e lhe deu um beijo leve nos lábios. Ela o aceitou. Estava muito cansada para resistir.

—Anjo. — sussurrou ele.

Então Danika lhe rodeou o pescoço com os braços. Possivelmente o abraçasse para sempre. Ali, naquele momento, não existia a dor, nem a perda, nem as dúvidas. Só um homem forte que espantava seus fantasmas.

Ele posou os dedos em sua cintura e a atraiu para seu corpo. Ela separou as pernas para permitir o contato mais íntimo, a dureza contra a suavidade. Lhe escapou um ofego de entre os lábios ao sentir uma descarga de puro prazer, que acabou com sua fadiga.

—O desejo...—disse. Se deu conta de que tinha falado em voz alta só quando as palavras ressoaram em seus ouvidos.

Mordiscou o lábio inferior e depois a olhou com ternura.

—Não sabe o que está dizendo, anjo.

—Então, me ensine.

—Não.

Voltou a beijá-la e introduziu a língua na boca dela para brincar com a sua; seu sabor aditivo era como uma droga para os sentidos famintos de Danika.

—Temos que parar.

—O que?—Danika apertou os braços a seu redor— Não!

—Sim. Devemos parar. —respondeu ele.

A segurou pelos pulsos e a afastou. Depois se afastou.

Ela abriu os olhos, ofegando. Se deu conta de que Reyes estava suando, de que tinha os lábios apertados. Sua respiração era entrecortada. Tinha rugas de tensão ao redor dos olhos; olhos escuros, brilhantes, maravilhosos, que estavam cheios de necessidade. Entretanto, não ia permitir que ela que satisfizesse aquela necessidade.

Parecia que nessa ocasião a desejava; embora não lhe tenha machucado, e Reyes havia dito que era impossível que sentisse desejo sem dor. O que significava?

—Não necessita que um homem a toque neste momento.

—Não estava me tocando.

—Mas queria fazê-lo.

Teria importado a ela? Surpreendentemente, não. Tinha dado esperança, a odiada esperança, mas ela estava agradecida. Ou acaso o demônio de Reyes havia tornado a tomar o controle de sua mente?

Retirou várias mechas de seu cabelo para trás das orelhas com mão trêmula.

—Descanse, anjo. Amanhã iremos de viagem e teremos que nos mover com rapidez, entre as sombras.

“Por causa dos Caçadores”, pensou Danika. Aqueles a quem ela deveria estar ajudando. Com um vazio por dentro, assentiu.

—Se mudar de opinião quanto a pintar, encontrará o necessário nesse quarto. —disse Reyes, e apontou uma porta.

Ela suspirou e observou como ele dava a volta e saía. Levava uma faca na mão.

Quando Reyes chegou ao banheiro do quarto vazio que havia do outro lado do corredor, desabou sobre o chão frio e duro. Fazia tudo o que estava em sua mão para ocultar sua besta de Danika. Não queria que ela soubesse o perto que tinha estado de rasgar a roupa e apunhalar a si mesmo uma e outra vez enquanto entrava e saía de seu corpo suave. O perto que tinha estado de rogar para que ela que o apunhalasse. Inclusive se surpreendia com a intensidade do desejo que sentia.

Tinha que ficar em contato com Lucien e contar a ele dos outros demônios, os outros guerreiros possuídos. Tinha que encontrar Torin e lhe pedir que procurasse à mãe e à irmã de Danika, e também a sua avó. Entretanto, não podia fazê-lo naquele estado. Estava muito nervoso; seu demônio lhe exigia dor. Não havia sentido a necessidade de uma maneira tão premente há semanas, assim tudo o pegava de surpresa. Não sabia como tinha conseguido manter o controle e não tinha ferido Danika. Tampouco sabia por que tinha acontecido.

Com mãos trêmulas, desabotoou a calça. Suas unhas tinham se transformado em garras, e cortou sua pele, uma pele que ardia, muito tensa para conter seus ossos. Sorriu ao liberar seu pênis, mas não sentiu alívio. Ansiava o prazer do aroma de Danika, de seus magníficos olhos o observando, de seus lábios contra os dele.

Reyes gemeu e agarrou a si mesmo com toda a força que pôde enquanto se masturbava. Com a outra mão agarrou a adaga e apoiou a ponta contra a coxa. Com força, afundou a lâmina na carne. A pele se rasgou e brotou o sangue. Seguiu afundando a faca na perna e atravessou uma veia.

“Não é suficiente. Não é”.

Girou o pulso e afundou a faca em seu fêmur. Jogou a cabeça para trás e rugiu ao sentir aquela deliciosa embriaguez. O prazer golpeou em todo seu corpo, uma droga, outro demônio. “um pouco mais”.

Continuou se masturbando. Tinha a mão escorregadia pelo sangue. Moveu os quadris e continuou girando a faca. Sentiu outra onda de dor, de prazer.

E se não tivesse necessidade de sentir dor? E se Danika estivesse ali, lhe sugando com a boca?

Possivelmente pudesse tomá-lo na boca enquanto ele lambia a ela. Gemeu de novo. Ela estaria úmida, úmida só para ele. Seu sabor seria o de ambrósia.

Reyes deu outro empurrão na faca, outro giro, e a ponta partiu o osso em dois e se cravou diretamente em outro músculo. Então alcançou o clímax. Rugiu em voz alta, seus músculos se contraíram e a semente surgiu de seu corpo e se mesclou com o sangue.

Quando cessou a última onda de prazer, ficou desprovido de força e desabou. Os braços caíram aos flancos, flácidos. Estava ofegando e tinha um sabor metálico na boca. Durante o orgasmo mordeu o interior da bochecha.

“Não posso ficar quieto. Tenho que limpar isto tudo antes que alguém me encontre”. Lentamente abriu os olhos e uma luz dourada apareceu em sua mente. Tinha que procurar Torin e...

De repente, ficou petrificado.

Danika estava no vão da porta.

Danika não sabia como assimilar o que tinha presenciado. Isso era o que Reyes necessitava para experimentar prazer? Tinha chegado a pensar que possivelmente pudesse lhe dar o que ansiava. Entretanto, ele não tinha se feito alguns simples cortes superficiais, cortou as veias, o músculo e mesmo os ossos. Tinha sangrado muito.

E naquele momento a olhava com os olhos entrecerrados e os lábios franzidos, com o rosto salpicado de sangue.

—O que está fazendo aqui?—perguntou com frieza.

—Eu... o segui. —conseguiu responder ela—. Eu... eu...—Danika estava tremendo violentamente, e tinha o sabor de bÍlis na boca.

Outras mulheres lhe teriam feito algo assim? Tinham lhe proporcionado prazer desse modo? Não gostava de pensar que outras tivessem satisfeito suas necessidades. Não gostava de pensar que outras tivessem feito algo do que possivelmente ela não fosse capaz.

Reyes ficou em pé, cambaleando. O sangue emanou de sua coxa. Danika achou ter visto o osso quebrado entre o músculo, e não pôde afastar a vista. Seu pênis estava ainda orgulhosamente erguido, grosso e cheio, manchado de desejo e sangue.

Embora estivesse possuído pelo demônio da Dor, Danika não entendia como ele podia achar o prazer em algo tão brutal.

—Me olhe. —ordenou Reyes.

—Estou olhando você. —sussurrou Danika.

—No rosto. —disse Reyes. Subiu as calças e a fechou.

Aquilo tirou Danika de seu transe. Pouco a pouco, elevou a vista. Tinha o umbigo rodeado de um pelo suave, e o abdômen cruzado de músculos duros, um testemunho de sua força desumana.

Ela deixou de tremer à medida que se aproximava de seu rosto. Tinha a sombra da barba no queixo, e isso endurecia os traços cortantes de seu rosto. Parecia perigoso, e a estava olhando com rosto de poucos amigos.

—Disse que ficasse em seu quarto.

Os olhos de Reyes, que normalmente eram da cor do ônix, tornaram-se vermelhos, brilhantes. Danika engoliu em seco.

—Não podia...

—Parte!

—Não me fale assim.

—Parte, por favor.

Ao vê-lo ali, ofegando, zangado, ensangüentado como se acabasse de voltar de uma batalha, ela deixou de se sentir... enojada? Confusa? Assombrada? “Quero pintá-lo assim”, pensou. Era algo muito belo. Escuro, uma mescla de canela e mel, com os olhos como um sol eclipsado.

O que mais a atraía, entretanto, era sua tatuagem. Uma mariposa com as asas desdobradas, a meio vôo, que se entendia pelo peito e pelo pescoço de Reyes. Parecia que observava Danika e que a chamava para que se aproximasse. Sempre lhe tinha parecido algo detestável e cruel, quase diabólico, mas naquele momento tinha uma aparência quase... de ternura. A pele tatuada brilhava com uma mescla das cores dos rubis, os ônix e as safiras. As asas, que habitualmente tinha a ponta afiada, se

suavizaram.

“Eu o vi antes”, pensou. “O pinteí antes”.

Aquela imagem de Reyes tinha algo muito familiar, mas que a Danika escapava. Possivelmente se tratasse de que tinha visto a mariposa tatuada em outros guerreiros... Todos tinham a marca em uma parte diferente do corpo, e cada um em uma cor. Maddox nas costas, Lucien no peito. Aeron. Recordou com um estremecimento, por todo o corpo.

Sem se dar conta, estendeu o braço e tentou tocá-la, desesperada por sentir a marca de Reyes, por conhecer sua textura e sua temperatura.

Ele se retirou bruscamente para trás.

—Não me toque, Danika.

Ela avermelhou de mortificação e baixou a mão.

—Desculpe. Sinto muito.

—Não se desculpe. Eu sinto que tenha visto isto. Por favor, volte para meu quarto. Eu irei em seguida.

—O ajudarei a limpar e...

—Não!

Ela se encolheu.

—Sinto muito, sinto muito. —disse ele— Não fez nada errado, só se ofereceu para ajudar. Mas eu sempre limpo o que mancho, e não permitirei que suje suas preciosas mãos.

Preciosa? Ela? Não havia sarcasmo em sua voz, só sinceridade.

—Por favor, vá.

Ela se deu conta de que estava envergonhado, e não soube o que dizer para tranquilizá-lo. Nem sequer sabia o que pensar para tranquilizar a si mesma.

Saiu do banheiro sem afastar o olhar de Reyes, que tinha começado a limpar. Quando por fim saiu ao corredor, teve que se apoiar na parede. Estava tremendo. Não se moveu dali porque não queria se separar dele. Passaram quinze minutos durante os quais ouviu som de passos, de água, de imprecações. Pouco a pouco foi se deixando levar por outros pensamentos.

Tinha decisões importantes que tomar: aquela noite devia ficar em contato com Stefano. O pequeno celular que ele tinha lhe dado queimava em seu bolso. O que ia fazer se ele não chamava? E queria realmente que a chamasse? Queria se vingar de Aeron pelo que tinha feito a sua avó, mas, poderia permitir que os Caçadores entrassem naquela casa e matassem a seus habitantes? Reyes não seria uma exceção. E ela não poderia dizer a ele porque isso significaria pôr todo mundo de sobreaviso... O que devia fazer?

— Danika...

Ao ouvir a voz de Reyes, abriu os olhos.

—Me esperou.

—Sim. — murmurou Danika — Quero ir com você falar com Torin — disse, e inalou seu aroma fresco de pinheiro. Ele tinha posto uma camiseta negra e uma calça limpa.

Reyes a observou com a cabeça inclinada.

—Não a... assusto?

—Não.

Ele suspirou de alívio.

—De novo, estou indefeso ante você.

Tão indefeso como ela ante ele?

—Não entendo.

—Eu tampouco. — respondeu Reyes, e lhe ofereceu a mão— Vamos, a levarei para ver Torin. Mas não pode tocá-lo, nem sequer pode se aproximar dele.

—De... de acordo.

—Digo a sério. Se lembra da praga que assolou Budapeste enquanto estava aqui?

Ela assentiu enquanto entrelaçava seus dedos com os de Reyes. Ao primeiro contato, sentiu uma deliciosa calidez.

—Com um único roçar de sua pele contra a dele, haverá outra.

Reyes adorava sentir seus dedos entrelaçados com os de Danika. Cada vez que ela estava sozinha e ele a tocava, tinha a pele fria como o gelo. Segundos depois de tocá-la, aquele gelo se derretia, e se convertia em uma espetada deliciosamente dolorosa.

Doloroso.

Tentou não pensar no que Danika tinha visto, mas os pensamentos fluíam de todo o modo. Devia ter parecido um monstro por encontrar o prazer em um ato tão sangrento. Ele tinha gritado seu nome? Não estava seguro.

Dobrou uma esquina com vontade de se voltar para trás para olhá-la, mas não o fez. Ela o tinha visto em seu pior momento e, mesmo assim, não tinha saído correndo e gritando. Reyes se consolou um pouco com isso. Não obstante, tinha notado que sua expressão era de assombro, e sabia que nunca poderia deixar que Dor entrasse em sua relação. Isso significava que nunca poderia fazer amor com ela.

“Isso já sabia, e é o melhor”, disse a si mesmo. Seu anjo só merecia bondade. Merecia a um homem bom, alguém que a fizesse rir. Alguém que não a enchesse de repugnância.

Em apenas pensar nisso sentiu um terrível ciúme, uma besta muito mais feroz que Dor, que gritava em sua mente, e lhe arranhava o crânio.

—Está espremendo minha mão. —disse Danika com um ofego de dor.

Imediatamente, ele diminuiu a força.

—Sinto muito.

Seria capaz de soltá-la alguma vez?

—Sou mais dura do que pensa. —disse ela— Sentiria não ter que ver um de seus amigos com a mão quebrada.

Ela tinha querido fazer uma brincadeira, certamente com a esperança de que melhorasse o humor de Reyes, mas este levou a sério.

—Terei mais cuidado com você, prometo.

Danika estremeceu.

Chegaram ao final do corredor e se detiveram. A porta de Torin estava fechada. Se ouviam vozes amortecidas através da madeira. Vozes que riam? Reyes franziu o cenho ao bater na porta. As vozes cessaram de repente. Foi Cameo quem abriu, e Reyes ficou momentaneamente sem fala de surpresa. Tão bela como sempre, era uma mulher que normalmente permanecia a sós, ou nas sombras, quando estava na fortaleza. Não por escolha própria, mas sim porque os homens não podiam estar junto

a ela sem desejar matá-la. Levava toda a tristeza do mundo em seus olhos prateados e em sua voz atormentada.

Reyes nunca tinha ouvido antes sua risada, nunca tinha visto seu sorriso. Ao menos, não desde que tinham aberto dimOuniak; e o fato de que Cameo estivesse rindo ali, com Torin, que não podia tocar a nenhum outro ser vivo, era assombroso. Normalmente, Torin evitava às mulheres como à praga que abrigava em seu corpo. Como não podia estar com nenhuma, não se expunha à tentação.

Que demônios estava ocorrendo?

O que quer?—perguntou Cameo.

Pelos deuses, a agonia. Ouvi-la era como se afundar em um pesadelo.

—Por que de repente quero cravar uma adaga em meu peito?—sussurrou Danika, confusa, e também um pouco deslumbrada ante a lutadora. Aquele era seu primeiro encontro com Tristeza, e o primeiro era sempre o mais difícil.

—Tampe os ouvidos e fecha os olhos.

Por uma vez ela não o questionou e obedeceu sem pigarrear.

—Preciso falar com Torin. — disse ele a Cameo.

Ela apoiou o quadril contra o marco da porta.

—Bom, pois volta mais tarde. Eu estava aqui antes. Esta é sua mulher?

—Sim. — respondeu ele, e acrescentou sem pausa— Você pode voltar mais tarde.

—É bonita.

Deliciosa, na opinião de Reyes.

—Saia e te darei essa adaga negra que você gosta tanto. A que está pendurada na parede de meu quarto.

A impaciência se refletiu imediatamente em seu rosto. Demônios, Reyes se deu conta de que ficou olhando-a. Sentiu uma dor no peito. Esfregou o peito, sobre o coração, enquanto Cameo olhava por cima de seu ombro para trás, fazia uma pausa e depois olhava de novo a ele.

—De acordo, irei. —disse ela, e o rodeou. Enquanto desaparecia pelo corredor, acrescentou— Mas vou voltar dentro de poucos minutos, assim se apressa.

Reyes puxou a mão de Danika: esta abriu os olhos, aqueles olhos verdes que o atravessavam e o acalmavam de uma vez.

—O que ocorreu?—perguntou.

—Cameo é a guardiã de Tristeza.

—Ah, isso explica tudo. Pobre mulher.

Com os lábios franzidos, Reyes a conduziu para o quarto de Torin. Toda a parede oposta à entrada estava coberta de um sofisticado sistema de informática de alta tecnologia. Havia monitores que mostravam diferentes cenas; algumas eram das ladeiras escalpadas da colina sobre a qual se erguia a fortaleza. Outras eram da cidade e de seus habitantes.

Torin estava sentado de braços cruzados. Tinha o cabelo muito claro e os olhos verdes, um pouco mais escuros que os de Danika. Brilhavam com bom humor.

—O que quer?—perguntou, no mesmo tom que tinha usado Cameo.

—Tem algo a me contar?—inquiriu Reyes. Torin olhou para Danika de um modo significativo, e depois se fixou novamente em seu amigo.

—Não. E você?

—Não.

—Bom, por que está aqui?

—Por minha família. — disse Danika — Sabe onde estão? Aeron mencionou uma cidade de Oklahoma.

—Isso teria sido útil faz umas horas. — disse Torin, e deu a volta para seus computadores— Os meninos e eu tivemos um bate-papo esta manhã, antes que se fossem. Lucien me pediu que procurasse essa mesma informação. Então, quando seus familiares e você estiveram aqui, pus uma tintura especial em sua comida.

Reyes acariciou o braço de Danika com a esperança de acalmá-la. Felizmente, não estalou em cólera ante aquela revelação.

—O seu se dissolveu muito mais rapidamente do que era de esperar—continuou Torin— Não sei o motivo. Se supunha que a tintura devia permanecer durante meses em seu organismo. Depois desapareceu sua irmã, logo sua avó e, por último, sua mãe. Não vi seu rastro há semanas. Não se preocupe; sei o que está pensando. Deveria ter posto um chip em seus sapatos, mas não me ocorreu até agora.

Reyes duvidava que Danika tivesse estado pensando isso, mas ficou calado.

—De todo o modo, estou na frente dos computadores há horas, procurando o mais ligeiro brilho. Nada.

Danika, que tinha ficado tensa de impaciência, se afundou na decepção.

—Até agora mesmo!—exclamou então Torin enquanto se inclinava para a tela.

—O que?—perguntou Danika, de novo tensa.

Sem afastar a vista do monitor, Torin fez um gesto no ar com a mão.

—Viu Paris fazer bolachas, não? Sei que cozinha muito mal, mas isso não é o importante. Quando a pessoa come essas bolachas, se rompem e desaparecem em nosso organismo. Não desaparecem. Há ingredientes duradouros: gordura, colesterol, etc. Nossa tintura é uma mescla especial de ingredientes que modifica a química do corpo, de modo que cada indivíduo emite um sinal próprio. Esse sinal é mais duradouro que os efeitos de uma bolacha.

Reyes se deu conta de que Danika estava respirando entrecortadamente, e lhe apertou a mão brandamente para reconfortá-la.

—Cinco minutos—disse Torin— e terei um mapa de sua situação atual. Mais tarde, quando estiverem perto delas, podem me chamar, e eu lhes direi se tiveram se movido.

Danika se pôs a tremer.

—Minha avó... sabe onde está ela também?

Uma pausa. Um assentimento rígido.

—Já segui sua trajetória com o programa, para saber onde esteve, mas há pouca atividade de seu sinal esta semana.

Então, o rosto de Danika se iluminou.

—Então está viva. Está viva de verdade! Aeron se equivocou. Se estivesse morta, não se poderia lhe seguir, não?

Torin respondeu sem hesitar, com uma expressão grave.

—Exato.

Com os olhos muito abertos, ela tampou a boca com as mãos.

—Oh, Meu deus. Este é o melhor dia de minha vida!

Rindo. Danika se jogou nos braços de Reyes e apoiou a bochecha no oco de seu

pescoço. Sua pele era suave e tinha o perfume do céu noturno.

—Me sinto tão feliz que parece que vou explodir.

Reyes a abraçou, mas olhou a Torin. Seu amigo assentiu secamente em resposta à pergunta silenciosa de Reyes. Parecia que um corpo morto podia emitir sinal.

Reyes inalou profundamente e fechou os olhos. A segurou, encantado com seu contato. Tremeu devido ao esforço de permanecer quieto, embora não pudesse evitar que suas unhas se prolongassem e seus dentes se afiassem. Aquilo só ocorria quando o demônio o esporeava.

“Já alimentei você. Desfruta dela”. Possivelmente não tivessem muito tempo mais.

Capítulo 16

—Desta vez, fique aqui— disse Reyes. Deixou Danika em seu quarto e partiu para fazer algo que não lhe explicou, depois de fechar com firmeza a porta ao sair.

Ela esperou alguns instantes, que lhe pareceram eternos, antes de se sentar na borda do colchão sem afastar os olhos da entrada. Reyes não voltou, e então ela relaxou e tirou o diminuto celular do bolso do jeans.

Não queria trair aos Senhores, nem a Reyes, nem machucar Anya nem Ashlyn; entretanto, se não fazia a chamada combinada, possivelmente os Caçadores tentassem entrar na fortaleza para salvá-la e se produzira uma batalha. Olhou o telefone. Reyes tinha cuidado dela. No dia seguinte ia lhe acompanhar na procura por sua família. Oh, Deus, sua família. Todos seus pensamentos se fundiram em seus seres queridos.

Chamaria Stefano e ganharia um pouco de tempo antes para poder clarear as idéias. Devia fazer a chamada antes que Reyes voltasse. Controlou uma onda de medo e discou o número. Quando levou o aparelho à orelha sua mão tremia.

—Casa Félix. —disse uma voz grave.

—Sou... eu.

Houve uma pausa.

—Ainda está viva.

—Sim. Se deram bem comigo. — admitiu Danika.

—O demônio sempre sorri antes de atirar o golpe final. O que averiguou?

—Há outro demônio aí fora. É a Esperança, e é o inimigo dos Senhores. Além disso, nada mais. Me mantem isolada e me interrogaram sobre você e seu grupo.

—Outro demônio? O que você disse a eles?

—Que me fez perguntas deles, mas que eu não soube o que responder.

Ao menos, aquilo era certo.

—Resultaria possível registrar a fortaleza em busca de jornais, fotografias ou informação sobre o que têm planejado?

—Não. Estive encerrada em um quarto.

—Não lhe dão bem as fechaduras?

—Não.

Mentira.

—Pensou em...?— Stefano não completou a pergunta.

“Seduzir a um deles para conseguir respostas”, Danika a terminou em seu lugar.

—Eu... eu...—não pôde responder.

—Pensa — disse Stefano, e fez uma pausa— Tudo o que faça é em detrimento do bem. Recorda o que te disse. Paz, harmonia. Nada mais adultérios, nada mais suicídios. O bem-estar de sua família.

—Pensarei. — respondeu ela. Entretanto, sabia que não ia fazer isso. Não se prostituiria por Stefano, nem por nenhuma outra causa. Caso se deitasse com Reyes, seria porque o desejava.

—Estivemos vigiando a fortaleza, — disse Stefano— mas não detectamos atividade no interior. Tem idéia do que fazem?

—Não sei, —disse Danika. “Deus, o espírito da mentira me possuiu?”— mas tentarei averiguar.

—Ouviu...?

—Espera. Alguém se aproxima. Tenho que desligar.

Era outra mentira. Pendurou e meteu o telefone no bolso. Durante um momento, ficou ali, imóvel, tremendo. Depois seus ombros afundaram e tampou os olhos com uma mão. Tinha a respiração entrecortada.

—O que me aconteceu?

Tinha se feito aquela pergunta mil vezes. Entretanto, parecia que naquela ocasião tinha a resposta: um amor. Tinha se apaixonado por Reyes desde o começo.

Já o tinha admitido: desejava Reyes, e necessitava não desejá-lo. Aquele desejo tinha começado a colorir todos seus atos, seus pensamentos e o pouco juízo que ficava.

Além disso, estar com Reyes não seria prazeroso. Não podia sê-lo. Teria que apunhalá-lo. Entretanto, possivelmente tivesse que experimentar em pessoa. Talvez assim pudesse tirar ele da cabeça e das fantasias. Poderia tirá-lo de seu pensamento como purgava os pesadelos pintando.

Pintar.

Sem pensar, se levantou e se dirigiu ao quarto onde, conforme Reyes lhe havia dito, haviam kits de pintura. Quando abriu a porta ficou boquiaberta. Tinha esperado uma caixa com pinturas, mas se encontrou com um estúdio, espaçoso, ventilado, cheio de cavaletes com tecidos, e com uma mesa em que havia centenas de pincéis e tubos de pintura.

“Ele fez tudo isto por mim”, pensou. Não porque quisesse ver seus sonhos. Reyes não sabia nada dos pesadelos quando tinha organizado aquilo; o tinha feito porque queria que ela fosse feliz. E se dar conta disso lhe resultou tão impressionante como o estúdio. Seu coração cada vez mais se abrandava para Reyes.

—O que vou fazer com você. — sussurrou.

Quantas vezes ia surpreendê-la? Primeiro a roupa. Depois suas tentativas por aplacar seus medos e, por último, aquele estúdio de sonhos. Cada coisa que fazia, cada coisa que dizia, ia contra seu instinto de conservação. Danika levou uma mão trêmula ao peito e a posou sobre o coração.

Quase sem se precaver, se aproximou da mesa e pegou vários pincéis para sentir seu peso. Reyes queria ver as imagens de seus sonhos, os anjos e os demônios, os deuses e as deusas. De repente, ela queria lhe dar algo, tudo.

Entretanto, enquanto observava as paletas e as cores, compreendeu que sua

primeira pintura daquela noite não seria sobre seus sonhos. O tema seria Reyes.

Reyes preparou a comida para Danika. Felizmente, Paris tinha ido às compras antes de partir para Roma, assim havia muito o que escolher.

Levou uma bandeja com pescado fresco e salada a seu quarto e, ao abrir a porta e não ver Danika, imediatamente sentiu uma pontada de pânico. Depois de uma rápida busca, encontrou-a no estúdio, serena, pintando em um dos tecidos.

Estava tão concentrada que não o ouviu entrar. Nem sequer o olhou quando ele pronunciou seu nome.

Tinha os olhos quase em branco, como se estivesse em transe. Movia o pulso de baixo para cima com graça, e seu corpo se balançava em uma dança fluída. Lhe doeu o peito. Se excitou. Dor lhe arranhou a mente para que se aproximasse dela. “Nem pensar”.

Para não distraí-la, partiu. Respirou profundamente para tentar acalmar os batimentos acelerados do coração. Quando chegou à sala de jogos, estava tremendo. Sem se dar conta, tinha pegado uma de suas facas. Desesperado por sentir dor, se encaminhou para os sofás vermelhos. Seus companheiros se negavam a atapé-los de outra cor por sua culpa, algo que às vezes o envergonhava. Ao menos, não sentia a necessidade de se lançar de novo do telhado da fortaleza.

—Bom, o que terá que fazer aqui para ter um pouco de diversão?

Reyes se voltou para o lugar de onde provinha aquela voz desconhecida. Um segundo depois, tinha arrojado uma de suas adagas.

Havia um guerreiro deitado em um dos sofás, com as pernas estendidas, a viva imagem da tranquilidade. Capturou a arma de Reyes sem esforço e observou o punho.

—Bom trabalho. Você a fez? De repente, Reyes se deu conta de quem era.

—William. O amigo de Anya.

—Sim, sou eu. Sei, sei. Se sente honrado por minha presença, quer jogar pétalas de rosas a meus pés, bla, bla, bla. Entretanto, não há necessidade. Só tenta se comportar como um tipo normal.

Reyes pôs os olhos em branco. Anya não tinha comentado que seu amigo era um arrogante.

—Sim, eu fiz essa adaga. Por que está aqui?

—Por aborrecimento, meu amigo. Por puro aborrecimento. Todo mundo partiu, e não me fizeram uma festa de boas-vindas, nem nada semelhante. Pensei em ver algo na televisão, mas os únicos filmes que têm são pornográficos, e como não estive com nenhuma mulher durante as últimas semanas, me deixam ciumento.

—Os filmes são de Paris. — esclareceu Reyes.

Uma gargalhada. William sacudiu a cabeça.

—Não diga nada mais. Conheci o tipo.

—Não me referia ao por que de estar na sala de jogos, e sim o que faz em Budapeste, e nesta fortaleza.

William deu de ombros.

—A resposta é a mesma: aborrecimento. — disse, mas depois de pensar um momento, acrescentou— Bom, possivelmente troque um pouco. Anya veio me visitar recentemente, e me pôs em más relações com o novo rei dos deuses. Eu falhei com ela, assim queimou minha casa, embora conseguisse o que queria. Não tinha aonde ir, e Anya tem uma dívida comigo.

Reyes ficou muito tenso.

—Se tiver vindo para lhe fazer mal, eu...

—Relaxe. —disse William enquanto levantava a camisa— Não poderia lhe fazer mal embora quisesse, e me acredite, tive vontade. Esfaqueou-me aqui.

Reyes olhou o abdômen onde o outro assinalava. Tinha uma cicatriz longa e larga que atravessava o umbigo.

—Bonita.

—Para uma menina sempre gostou das facas.

William baixou a camisa e sorriu.

Salvo pela cicatriz, olhar William era como olhar ao ser mais perfeito da criação. Tinha a pele lisa, bronzeada e suave. O nariz perfeito, reto. Os dentes perfeitos, as maçãs do rosto perfeitas, o queixo perfeito. Tinha músculos esbeltos e irradiava segurança em si mesmo. Reyes não queria que aquele homem se aproximasse de Danika.

Pensar nisso provocou um nó em seu estômago.

—Disse que desejava uma mulher?

William se incorporou. A impaciência se refletiu em seu rosto.

—Te ocorre alguma?

—O verei dentro de quinze minutos na porta principal.

Sem dizer nada mais. Reyes saiu da sala e foi a seu quarto. Danika estava no mesmo lugar no qual a tinha deixado, perdida em sua pintura. Reyes não entendia muito do processo, mas suspeitava que aquela tarefa lhe levaria várias horas. Ele estava ardendo, e necessitava de dor. No dia seguinte viajaria com Danika. Perceberia seu doce aroma constantemente. Morreria de desejo por ela. E possivelmente não pudesse se cortar quando o necessitasse. Se não se saciava por completo essa noite, possivelmente fizesse mal a Danika. Dor podia lhe obrigar a fazer coisas que ela não queria fazer. Coisas que a obcecariam durante o resto de sua vida. Mas Reyes não ia tolerar isso.

Talvez devesse possuir a outra mulher.

A idéia lhe rondava a cabeça enquanto tomava um banho. Quando esteve limpo e seco, atou as armas ao corpo e se vestiu. Enquanto amarrava os cordões das botas, observou Danika trabalhar. Deitar-se com uma mulher era perigoso, e podia resultar um desastre. Quantas vidas já tinha destruído?

“Possivelmente as coisas não voltem a ser assim”. Possivelmente tivesse passado o tempo suficiente para diminuir o poder de seu demônio, de modo que não afetasse a sua companheira. Possivelmente. Além disso, Reyes sabia controlar melhor a Dor. Entretanto, a idéia de estar com outra mulher lhe produzia asco. Ele queria estar com Danika: desejava só a ela.

Mas não podia tê-la, e sabia. Ainda não. Ao melhor, se a mulher com a que se deitasse aquela noite não desse sinais de ter se contagiado da necessidade de dor... No momento podia apenas inspirar profundamente o aroma de Danika. Depois saiu de seu quarto.

Quando desceu à porta principal, William já estava esperando ali. Ao vê-lo, sorriu.

—Aonde vamos?

—Ao Clube Destiny—disse Reyes. Os dois saíram da fortaleza.

—Vai haver alguém?—perguntou William enquanto caminhavam um junto ao outro— É só meio-dia.

—Sim, haverá gente. Paris visita o clube a qualquer hora do dia ou da noite, assim as mulheres ficam lá, o esperando.

William esfregou as mãos.

—Humanas, não?

—Sim.

Reyes rodeou o tronco grosso de uma árvore, com muito cuidado de não tocar os ramos. Se o fizesse, centenas de dardos envenenados se cravariam no peito.

—Você não gosta das humanas? Reyes olhou ao guerreiro.

—Por que pergunta?

—Porque disse isso em tom de desgosto.

—Oh, sim. Estava aborrecido naquele momento. Comigo mesmo.

—Eu gosto das humanas. Tome cuidado com essa rocha - acrescentou— Do outro lado há um fosso.

—Por que há tantas armadilhas por aqui?—quis saber William enquanto seguiam avançando — Vi arame de espinheiro, dardos e pedras se pendurando das árvores quando vim.

—Os Caçadores vieram de visita uma vez.

—Ah. Não me diga mais. Voltemos para a loira.

Reyes apertou os punhos, que notou vazios sem as adagas. Se sentia como se olhares invisíveis estivessem cravados nele, pondo em destaque seus defeitos, seus enganos. Julgando-o. Condenando-o. O fato de deixá-la ali podia ser uma decisão equivocada, mas não sabia que outra coisa podia fazer. A desejava com todas as suas forças, tinha que consegui-la, mas não podia fazê-lo até que se assegurasse de que ela estava a salvo de seu demônio. E isso significava que teria que estar com outra mulher. Mas, ela o queria se antes possuísse a outra mulher?

—É batalhadora. Eu gosto.

—Não quero falar dela. — cortou Reyes.

—Certo. Um tema delicado. Vejo que seu demônio se acorda quando a menciona. Seus olhos brilham de cor vermelha, como brilham os de Lucien quando me olha. — disse William, rindo, e elevou as mãos em sinal de rendição— Dez minutos comigo, e posso te ajudar a esquecer à pessoa da que não posso falar. Verá.

Caminharam em silêncio durante vários minutos, e logo chegaram aos pés da colina. A sensação de que os estavam observando se intensificou, e Reyes estudou atentamente a zona circundante, atravessando as sombras com o olhar. Não havia nada estranho, ninguém escondido perto, mas de todo o modo, ele não baixou a guarda.

—Vamos terminar com isto. — disse, e seguiu avançando.

Capítulo 17

—Seu relatório, Stefano?

— Em seguida. Falei com a garota. Mencionou a outro demônio. Esperança.

Disse que este é inimigo dos Senhores. Está claro que lhe mentiram. A esperança não é perversa. Além disso, não vimos nem ouvimos nada dele. Quanto a movimentos na fortaleza, às três da tarde, o demônio chamado Reyes saiu do castelo com um guerreiro ao que não pudemos identificar ainda. A garota acaba de sair também.

—Estava atada?

—Não. —respondeu Stefano— Não parecia forçada em nenhum sentido. Estava com o demônio feminino. Cameo, e parecia que a seguia voluntariamente. Eu diria que agora trabalha com os demônios.

Seria uma pena que aquilo fosse verdade; tinha depositado grandes esperança na jovem Danika.

Seu chefe permaneceu em silêncio durante vários segundos. Levavam uma década trabalhando juntos, e sabia que Calen era implacável em sua perseguição aos Senhores.

Feroz, tenaz, desumano. Se acreditava possuidor da justiça divina.

“E assim deve ser”. Calen era um anjo enviado do céu. Um anjo verdadeiro, vivo, que atravessava o ar com asas de glória. Stefano não acreditava possível no princípio, mas logo tinha visto suas asas e depois o tinha olhado nos olhos, olhos tão profundos como o céu, olhos que ofereciam esperança em um mundo de desesperança. E ele tinha se obstinado a aquela esperança com todas as suas forças.

Calen lhe tinha assegurado que, uma vez que os demônios tivessem morrido, o mundo se tornaria em um lugar cheio de paz. A dor, a tristeza, a pestilência e a enfermidade ficariam no passado. Stefano levava dez anos lutando por aquele fim, e nunca se arrependeu. Vingaria a sua esposa, e nenhum casal feliz, sofreria tanto como eles nunca mais.

—Vigia-os bem. Não confie na garota e não permita que a levem a nenhum lugar. Se tentarem transportá-la, não hesite em matá-la.

—Conte comigo. —disse Stefano. Em uma guerra sempre havia baixas de inocentes— Há algo mais— acrescentou, e teve que tragar saliva— A garota... não é uma humana comum. Minha fonte diz que é uma espécie de arma viva. Tem algo sobrenatural, como os demônios. Não se sabe o que é exatamente, mas se está trabalhando para os Senhores e tem poderes especiais...

Houve uma pausa.

—Então, por que a deixou ir à fortaleza? Por que a entregou ao inimigo?

“Porque você me disse que o fizesse”, pensou Stefano, mas não o disse. Tinham o mesmo objetivo e a discórdia só serviria para dividi-los.

—Sinto muito. Como devo proceder?

—Retire-a de lá. E se não puder, mate-a. É preferível que morra a que os ajude.

Danika olhou a seu redor pela discoteca. Do teto se pendurava uma enorme bola prateada, que enviava jogo de luz em todas as direções. Os cristais brilhavam como estrelas em um céu de veludo negro, feito para desejar e sonhar.

Os alto-falantes emitiam um rock húngaro ensurdecedor. As pessoas dançavam, ondulando os corpos ao som daquele ritmo vertiginoso. As mãos acariciavam, vagavam, massageavam..., procuravam. Os garçons levavam bebidas do balcão às mesas e voltavam rapidamente por mais. Onde estava Reyes?

Na pista de baile, pedindo a outra mulher que o arranhasse, que o mordesse, que

o ferisse?

Danika apertou os punhos. Tinha terminado os esboços de dois quadros, e mesmo tinha começado a lhes dar um pouco de cor. Ela tinha escondido o dele. Era somente para ela. O outro, tinha deixado no estudio antes de ir em busca de Reyes, sabendo que ele queria vê-lo. Não o tinha encontrado. Em vez disso, tinha encontrado Cameo, a beleza que fazia com que quisesse chorar. Cameo a tinha acompanhado até aquela discoteca.

—Olhe, provavelmente não deveria ter te trazido aqui, nem ter te deixado sair da fortaleza. Se tenta fugir, não vai gostar do que ocorrerá quando a encontrar. Mas sou a favor dos romances, assim aqui estamos. O vê?

—Não vou fugir. —disse Danika. A dor que lhe causava a voz daquela lutadora era quase insuportável, e esteve a ponto de tampar os ouvidos para bloqueá-la— E não, não o vejo.

—Quando o encontrar, recorda que é um guerreiro com um passado tortuoso que você não pode imaginar. Se o desejar, terá que lutar contra ele.

—Quererá dizer por ele. Lutar por ele.

—Oh, não. Contra ele. Não se renderá facilmente a seus sentimentos. Boa sorte. Recorda, nada de tentar escapar, ou o lamentará.

Dito aquilo. Cameo desapareceu entre as sombras e deixou Danika sozinha, junto à porta.

Bom, tão só como podia ficar uma mulher que estava rodeada de gente. E se houvessem Caçadores? A idéia gelou seu sangue. E se estivessem ali? Stefano lhe havia dito que vários de seus homens estariam pela região. E se a vissem? E se tentassem falar com ela? Stefano e ela não tinham decidido o que fazer naquela situação, porque se supunha que não ia sair da fortaleza. Apesar do frio que sentia, começou a suar.

Onde demônios estava Reyes?

Enquanto caminhava entre a multidão, observava todos os rostos, e não encontrou nenhum familiar. Quando chegou ao bar, não sabia se estava aliviada ou aterrorizada.

—O que vai ser?—perguntou o garçom em húngaro.

Ela tinha passado um mês estudando o idioma antes de ir a Budapeste com sua família, assim sabia o suficiente para se defender um pouco. Pediu um refrigerante; quando o serviram, se encaminhou com o copo para a pista de dança.

Pelo caminho, um homem a puxou pelo braço para ele. Danika franziu o cenho e escapou dele. Sua expressão devia ser assassina, porque o rapaz empalideceu e elevou ambas as mãos em sinal de rendição.

Deu um gole no refrigerante e continuou olhando a seu redor. Cada vez tinha o pulso mais acelerado. Havia um janelão em uma das paredes, em um andar elevado, do que se divisava toda a pista. Outra sala? Provavelmente era a sala dos convidados VIP, e com certeza tinha um guarda na porta. Efetivamente, conforme viu dois segundos mais tarde, a ascensão aquela sala estava vigiada.

Decidida, elevou o queixo e caminhou para lá, o guarda, alto e musculoso, a olhou com rosto de poucos amigos e cruzou os braços.

—Estou procurando Reyes. — disse, primeiro em inglês, e depois em um torpe húngaro.

—Vá embora, senhorita. É uma sala privada. —respondeu o guarda em inglês. Ela insistiu.

—Se pudesse lhe dizer que...

—Vá, ou terei que expulsá-la.

O guarda tentou empurrá-la, mas dedos fortes o agarraram pelo pulso e o seguraram, e ele gritou.

—Não toque na garota.

Uma figura alta saiu de entre as sombras.

—O que está fazendo aqui?—grunhiu enquanto soltava ao homem.

Danika abriu olhos como pratos e o coração lhe acelerou imediatamente. Reyes se ergueu em frente a ela. Estava cheio de cortes e sangrava. Tinha sangue seco salpicado no pescoço, e a camiseta negra rasgada, com um rasgo ao redor do umbigo, que deixava ver um pouco de pele morena.

—Fiz uma pergunta, Danika.

Tinha estado com uma mulher. Danika se sentiu como se a tivessem atravessado uma dúzia de flechas no peito, todas elas envenenadas. Teve uma vontade quase incontrolável de lhe dar um murro no nariz, mas conseguiu se reprimir. Ele teria gostado.

E não haveria mais prazer para Reyes. Ao menos, de sua parte.

—Só vim te dizer que talvez seus inimigos estejam por aqui, te vigiando. Não sabia que ia servir de caça.

Deixou o refrigerante na mesa mais próxima, deu a volta e se afastou, embora não soubesse aonde ia. “Não vou chorar”.

Naquela ocasião, foi Reyes quem a agarrou pelo ombro e a deteve.

Danika não se conteve. Deu a volta e deu um murro em um olho dele. A cabeça de Reyes girou para um lado. Quando voltou a olhá-la, tinha os olhos dilatados de... desejo? Agarrou-a.

—Não me toque. — gritou ela.

Reyes a soltou.

—Se voltar a me golpear assim, lamentará.

—Vai me devolver o golpe?

—Não, mas me jogarei em cima de você e não poderei tirar os lábios do seu corpo.

—Ah, sim?—disse uma voz masculina por cima deles— Luta, neném. Luta.

Ela elevou a vista e viu um homem impressionante que tinha aberto uma das janelas da sala de convidados e aparecia meio corpo. Havia duas mulheres a seu lado, lhe acariciando os ombros e as costas nuas, o lambendo e mordiscando.

Era isso o que estava fazendo Reyes antes que ela chegasse? Danika ficou furiosa. Ao menos, ele tinha a camiseta posta.

—Sobe-a aqui, cara. — disse o desconhecido a Reyes— Que seja uma festa.

—Se cale, William, — rugiu Reyes— Não está ajudando.

—Vamos. Traz a loira. Há muito espaço, e me aborrecerei sem você.

—Não quero que ela suba aí.

Porque estragaria a sessão. Não tinha que dizer em voz alta. Danika já tinha ouvido suficiente. Se afastou rapidamente; oxalá pudesse deixar de tremer.

Em poucos segundos, o braço de Reyes a rodeou pela cintura com uma força

férrea. Lhe lançou um olhar assassino, mas não o rechaçou. Não serviria de nada fazê-lo. Fisicamente, ele era muito mais forte.

—Sei que os Caçadores estavam vigiando. — disse ele— Torin os estava vigiando e me chamou quando se deu conta do problema. E me chamará se houver algum outro.

—Como sabia você que estavam aqui? Viu ao que a capturou?

“Estavam”, havia dito ele. “Outro problema”.

—O que ocorreu?

—Falaremos disso mais tarde.

—Não vou voltar para a fortaleza com você. — disse ela, fazendo caso omisso de sua pergunta.

—Não.

Então o que? Aonde ia levá-la? Ia desfazer se dela?

—É um desgraçado, sabia? Mas está tudo bem, faz o que quiser. Me jogue na rua, não me importa! De todo o modo partiria amanhã e a viagem será muito mais fácil sem você.

Chegaram a uma das paredes do local, em que havia três portas. Duas delas tinham os sinais dos banheiros de homens e mulheres, e a outra exibia um letreiro que dizia particular em letras vermelhas e grandes.

Reyes não parou, mas sim arremeteu contra a porta com o ombro. A fechadura saltou e a porta se abriu. Ele colocou Danika dentro. Ali havia um escritório, várias cadeiras, arquivos e um computador. Ah, e quatro homens. Todos se sobressaltaram e olharam a Reyes com a boca aberta.

—Fora. — ladrou ele.

Houve uma ligeira hesitação, mas não protestaram. Quando saíram de seu assombro, assentiram e se afastaram rapidamente.

Danika foi até o escritório e encarou a Reyes.

—Como se atreve!

—Que como me atrevo a exigir que me deixem esta sala? Os Caçadores destruíram a discoteca faz dois meses, e eu a reconstruí em três dias. E acredite, estão encantados de deixar que use a sala quando a necessito.

Mesmo com as putas? Esteve a ponto de lhe gritar.

—Como se atreve a me obrigar a entrar aqui? Terminei com você!

E a que se referia com que os Caçadores tinham destruído a discoteca? Ela recordava os momentos posteriores à explosão, mas não se deu conta de que os Caçadores a tivessem provocado.

—Não, não terminou. — ele disse brandamente, quase de forma ameaçadora— Acaso está zangada porque saí sem você?

—Por favor!—disse ela desdenhosamente. Elevou o queixo e ergueu os ombros, tal e como tinha aprendido a fazer em uma de suas aulas. Às vezes, aparentar segurança era suficiente para que um oponente saísse correndo— Não estou zangada.

—Mentirosa. Por quê? Me diga.

—Vá para o inferno.

—Quantas vezes tenho que dizer que já estou ali? Reyes se inclinou um pouco mais para ela. Danika se pôs a tremer. —Não temos nada do que falar. Vim para o avisar dos Caçadores, e já o tenho feito.

—Acredito que perguntei como você sabia.
—E acredito que eu me neguei a responder.
—Vai me trair, Danika?
—Deveria.

Ele franziu os lábios em um gesto de mau humor. Passou a mão pela nuca; de repente parecia que estivesse muito cansado.

—O que vou fazer com você?

Claramente, aquela pergunta estava mais dirigida a si mesmo que a ela.

—Nada. Partirei, e você vai voltar com sua amiga. Não se preocupe. Não vou voltar à fortaleza.

Recordou as palavras de Cameo. “Se o desejar, terá que lutar contra ele”.

“Já perdi”, pensou. Com a cabeça alta, tentou se afastar para sair da sala.

Ele estirou o braço e formou uma barreira intransponível. Automaticamente, Danika agarrou aquele braço e lhe afundou as unhas na pele com todas as suas forças, a modo de advertência. Entretanto, ele fechou os olhos e gemeu de prazer. Ela também fechou os olhos e gemeu do mesmo modo. Tocá-lo sempre lhe produzia calidez, e naquela ocasião não foi diferente. O frio abandonou seu corpo. Seus mamilos endureceram e o ventre tremeu. “Como é possível que ainda o deseje?”.

Danika se obrigou a baixar os braços, embora não pudesse controlar o pulso de seu sangue. Não podia parar a escura maré de arrependimento que se estendia por sua mente. Lutar com ele...

—Com quem estava? Veio aqui para estar com uma mulher, não? Não tente negar. Tive namorados e sei como são os homens. A quem escolheu?

Reyes mostrou os dentes e se inclinou por completo para ela. Seus narizes se roçaram e ele grunhiu:

—Não quero saber nada de seus namorados, entendido?

—S... sim.

Deus, aquela fúria... resultava excitante, quando deveria tê-la assustado.

—E, quanto a quem escolhi, está segura de que quer saber?

—Sim. —disse ela. Dessa vez conseguiu, pelo menos, aparentar firmeza.

—Por quê?

“Porque quero matá-la por se atrever a pôr as mãos em cima de você. Porque é meu e não vou compartilhar você”.

—Porque sim. —disse, com o queixo tremulo. Maldita fosse! “Não chore”.

—Sim, vim aqui em busca de uma mulher.

Danika mordeu o lábio.

—E a encontrei.

—Me alegro. —disse ela entre dentes, com uma fúria gelada— Espero que tenham se divertido.

“Espero que o tenha contagiado com alguma enfermidade de transmissão sexual e os dois morram!”.

Deus, quando havia se tornado tão amargurada e tão vingativa?

—Nos divertir? Nem sequer pude tocá-la.

—Como? Não a tocou?

—Não.

—Oh.

Os ombros de Danika afundaram, e fechou os olhos. Sentiu um alívio enorme...

—Assim procurei outra.

Sua fúria renasceu e se concentrou em Reyes.

—E?

—Tampouco consegui tocá-la. As duas teriam me infligido a dor que necessitava tão desesperadamente quando saí do castelo. Estavam ansiosas por me atar e me dar chicotadas. Teriam me feito mal, e a todos teria encantado.

—Como os teria encantado?—Danika se fixou em suas feridas e arqueou uma sobrancelha— É estranho. Parece que já desfrutou de tudo isso.

Ele a pegou pelos braços e a sacudiu.

—Teria me encantado, mas só podia pensar em você. À única que desejava era você, e elas não eram você. Não consegui possuir nenhuma.

Danika umedeceu os lábios.

—Então... você mesmo fez isso?

—Não. Quando cheguei, haviam quatro Caçadores na discoteca.

—Havia?

Reyes assentiu.

—E lutaram contra eles? Quais eram?—perguntou Danika. Rapidamente, se deu conta do que tinha feito. Stefano estaria entre eles?

Reyes, franzindo o cenho, meteu a mão no bolso e tirou várias cédulas de identidade. Os entregou a Danika, e ela os revisou com as mãos trêmulas. A identidade de Stefano não era uma delas.

—Não nos viram até que foi muito tarde. William e eu os tiramos da discoteca e... nos ocupamos deles—lhe explicou, e pareceu que sua ira se desvanecia— Lutei, anjo, e sofri feridas. Preciso de você, e desta vez, vou me permitir isso. Você deixará?

Ela já tinha decidido que queria estar com ele, embora só fosse para tirá-lo da cabeça e conseguir terminar com as fantasias que povoavam sua mente. Embora só fosse para demonstrar a si mesma que estar com Reyes não seria prazeroso.

—Me permitirá isso? Farei as coisas devagar. Serei terno. Tomarei cuidado com você. Não permitirei que meu demônio saia de mim. Não te farei mal.

Ele tinha enumerado todas as razões pelas quais ela devia se entregar a ele, como se tivesse pensado em todos os argumentos em contra que Danika pudesse esgrimir.

—Eu...

Tinha pensado que teria que esfaqueá-lo. Aquilo lhe repugnaria, não? E ele queria que as coisas fossem lentas e ternas? Sem dor?

—O que vai querer que faça?

Poderia dar ele o que necessitava e esquecê-la depois?

—Que me ame, embora seja apenas durante um momento.

Danika grunhiu em voz baixa. E se, quando a relação sexual terminasse, quisesse mais? E se o desejava mais? Lentamente e com ternura... Isso só podia ser ruim para ela, porque faria que se afeioasse a ele.

—Por que lentamente? Por que com ternura?—perguntou-lhe.

—Antigamente, as mulheres começavam a desfrutar muito do que me faziam, começavam a machucar aos que as rodeavam. Eu não quero isso para você. Decidi

me deitar com uma hoje e me assegurar de que não causava dano a ela. Se ela seguisse sendo a mesma depois, eu poderia estar com você sem me preocupar. Se mudasse, teria sabido que devia permanecer longe de você. Mas agora sei que não posso permanecer afastado de você.

Danika se assustou, e se afastou lentamente dele. Reyes tinha uma expressão atormentada. Ela se deteve e abriu a boca para dizer... o que? Sabia o que deveria dizer: não. Deveriam esperar até que ele necessitasse de dor de novo; esse seria o melhor modo de tirá-lo de suas fantasias. De que nunca desejasse machucar ninguém. Entretanto, recordava que, quando o tinha mordido, tinha desfrutado fazendo-o.

“Já sabe o que está enfrentando. Está preparada”.

—Esta noite. —lhe disse— Só esta noite. Amanhã...

Ele exalou o fôlego que tinha estado contendo.

—Amanhã pode me odiar de novo.

Capítulo 18

Paris tinha falado a outros das visões que tinha tido no templo, e todo mundo acreditava que tinha sido ele quem as tinha tido porque seu sangue tinha sido o primeiro a se mesclar com a chuva que Anya tinha desencadeado. Lucien tinha se transportado à fortaleza e não tinha retornado. Sabin havia tentando ficar em contato com Reyes várias vezes, sem obter resposta, e finalmente tinha chamado Torin, que o tinha informado que o guerreiro tinha ido dançar.

Dançar? Aquilo não era normal no sombrio Reyes, pensou Paris, e se perguntou se Danika não teria algo a ver. Como responderia Reyes quando soubesse que sua mulher ia desempenhar um papel essencial na busca da caixa de Pandora?

Enquanto percorria seu quarto temporário, Paris passou uma mão pelo cabelo. Outros estavam se ocupando de vigiar a casa que tinham alugado. Ele deveria estar ajudando; entretanto, seus amigos se deram conta de que não estava atendendo devidamente aos monitores, e o tinham mandado sair.

Ele tinha saído do salão sem pigarrear, contente por poder ter um pouco de tempo para si mesmo. Tinha a mente envolta no caos. Não podia deixar de pensar no que aconteceria... O que aconteceria se Sienna pudesse voltar? E se apenas tivesse que pedir aos deuses?

Desde que os Titãs tinham escapado do Tártaro e tinham derrotado aos Gregos, não tinham feito outra coisa que causar tristeza a seus amigos e a ele. Tinham ordenado a Aeron que assassinasse às humanas, e como o guerreiro se negou, o tinham condenado a enlouquecer de sede de sangue. Os Titãs também tinham açoitado Anya, e a tinham marcado para a morte. E tinham permitido que Sienna morresse.

“Não. Você permitiu que ela morresse”.

Não podia negar isso, mas odiava recordá-lo.

Certamente, os novos deuses não tinham em conta o bem-estar dos guerreiros mais que seus predecessores, mas ao contrário dos altivos Gregos, os Titãs desejavam a adoração de outros. E Paris podia lhes dar por um preço.

Com o coração acelerado de nervosismo e ansiedade ficou de joelhos. O tapete raspou seus joelhos nus. Tirou toda a roupa, porque não queria que nada pudesse ofender aos suscetíveis Titãs. Se algum deles lhe aparecia e Paris o ofendia em algo, o castigaria. Poderiam enviá-lo ao inferno, ou matá-lo, ou ordenar que ele fizesse algo que não quisesse.

—Vale a pena correr o risco. —se disse.

Pegou uma adaga com a mão direita, e a apertou tanto que ficaram brancos os nódulos. “Agora ou nunca”.

Elevou a faca tanto como pôde. A luz da vela da mesinha arrancou brilhos do metal prateado. A quem devia chamar? A Cronos, o rei guerreiro? Cronos entenderia o poder e o respeitaria. Entretanto, parecia que odiava aos Senhores, e tinha sido ele quem tinha ordenado a morte de Anya.

A Réa, a esposa de Cronos? Paris não sabia nada sobre ela. A Gea, a mãe da Terra? Possivelmente ela se mostrasse mais pormenorizada com sua difícil situação. A Oceano, o deus do mar? A Tetis, que amava a Oceano? A Mnemósine, a deusa da memória? A Hiperiôn, deus da luz e pai do sol? A Temis, a deusa da justiça?

Não. Temis estava na prisão, conforme tinha mencionado Anya. A deusa tinha ajudado aos Gregos a derrotar aos Titãs tempos atrás. Assim que tinha recuperado o trono, Cronos a tinha encerrado. A quem podia se aproximar?

Estava Febe, a deusa da lua. Atlas, que uma vez tinha sustentado todo o peso do mundo sobre as costas. Epimeteo, que refletia tarde; se dizia que era o mais tolo de todos os deuses. Prometeo, o deus da previsão. Aquele era um deus que entendia bem a tortura eterna. Tinha passado milhares de anos suportando que uma águia comesse seu fígado todos os dias, e que durante a noite lhe crescesse outra vez para que sua tortura pudesse começar ao amanhecer novamente.

A mitologia era enganosa. Os humanos conheciam fragmentos de realidade misturados com mentiras. Paris, que tinha sido expulso do Olimpo milhares de anos atrás, já não sabia em que acreditar. Não sabia quem era o mais forte, quem era amado nem quem era odiado. Se chamasse o deus equivocado, se chamasse um inimigo... Possivelmente fosse sábio chamar uma deusa, porque quase ninguém podia resistir ao demônio da Promiscuidade. Mas, se tentasse seduzir à esposa de um deus... Anya lhe havia dito que William se deitou com Hera e que como castigo, Zeus tinha tirado sua capacidade de transportar a si mesmo e de transportar aos outros. Desse modo, William não poderia escapar nunca mais de um quarto no que não devesse estar. Teria que ficar e enfrentar ao marido encolerizado.

Portanto, nada de deusas.

Suspirou e pensou em Cronos. Aquele deus era o mais enigmático de todos. Era duro e amargurado. Entretanto, tinha ressuscitado Lucien recentemente, e essa era a habilidade que Paris necessitava.

Se o templo não estivesse cheio de humanos, teria voltado e teria levado a cabo o ritual ali mesmo. Tal e como estavam as coisas, teria que se conformar com essa quarto. Fechou os olhos e murmurou:

—Cronos, rei dos deuses, eu o convoco.

Passaram vários segundos e não aconteceu nada. Paris não esperava que o deus aparecesse imediatamente. Sabia que teria que oferecer um sacrifício para tentar a uma entidade assim para que aparecesse. Assim baixou o braço lentamente, e se fez

um corte com a ponta da faca no peito. A carne se abriu centímetro a centímetro, e o sangue brotou, quente, derramando por seu abdômen.

Entretanto, tampouco obteve resultado.

—Rei dos deuses, rogo que me escute.

O sangue continuou fluindo... fluindo... Paris tinha colocado um copo de água no chão. Era água da chuva de Anya, as lágrimas da terra.

Paris molhou uma mão no copo e mesclou seu sangue com a água de chuva.

—Rogo que me permita te ver. Esperarei humildemente de joelhos. Esperarei eternamente se o desejar.

—Seriamente?—perguntou uma voz, em tom irônico e um pouco zangado.

Paris abriu os olhos. O quarto seguia em penumbra e não havia nenhum halo de luz que rodeasse ao deus, mas ali estava. Cronos. Esteve a ponto de cair da impressão ao vê-lo. O deus tinha o cabelo prateado e uma barba majestosa. Seus olhos eram escuros, insondáveis. Estava envolto em uma túnica branca e tinha um cajado em uma mão. Era a Foice da Morte. Uma arma que nem sequer Lucien possuía.

Era alto e esbelto e irradiava poder. Paris não se atreveu a ficar em pé. Inclinou a cabeça com o pulso acelerado. Cronos tinha ido atendendo sua chamada.

—Obrigado por se dignar a aparecer.

—Não o tenho feito por você. Tinha curiosidade. “Responde com cuidado”.

—Se isso o agradar, me agrada também.

—Não me agrada. Eu não gosto das adivinhações.

Não era um bom começo.

—Ofereço minhas mais sinceras desculpas por o ter importunado, meu rei.

Cronos riu. Seu tom seguia destilando ironia, mas já não estava zangado.

—Parece que aprendeu um pouco de diplomacia e controle durante estes milhares de anos.

—Não graças aos Gregos. —respondeu Paris. Havia uma coisa que tinha em comum com o deus Cronos. Um inimigo, um ódio.

Tal e como esperava, essas palavras deleitaram ao rei.

—Zeus nunca esteve a minha altura. —disse Cronos— Me alegro de que se dê conta disso.

O Titã caminhou a seu redor, mas não o tocou.

—É Paris, o guardião da Promiscuidade. Minha simpatia por seu demônio, porque sei o que é estar encerrado.

—Então, também sabe o que é sofrer.

—Sim.

Cronos fez uma pausa e acariciou o cabelo de Paris.

—Me chamou porque deseja se liberar de seu demônio?

Cronos podia separar ao homem do demônio com apenas um mover da mão. Se o fizesse, Paris morreria.

Paris mal podia recordar como era sua vida sem seu demônio. Sim, queria paz. Sim, queria a liberdade de sua mente. Queria que seus pensamentos fossem sempre deles. Contudo, Promiscuidade ocupava a metade de sua mente e de seu corpo.

—Não, meu rei. —respondeu finalmente.

—Sábia decisão. Isso me agrada.

—Como seu servente, me orgulho de o agradar.

Uma suave gargalhada.

—Bem dito.

Paris manteve a cabeça baixa e observou como sua ferida seguia sangrando. O sangue tinha tomado uma forma parecida com um coração.

—Devo admitir que esperava...

—Um monstro?

—Sim.

Paris não se atreveu a mentir. Aquilo era muito importante.

—Pensei que estaria feliz de poder terminar com os Senhores.

Houve um farfalhar de tecido, e o deus se colocou a suas costas. Então, Paris sentiu sua respiração quente na orelha.

—Seu pressentimento era correto. —sussurrou Cronos. Houve outro ruído de tecido, e a respiração se afastou— Sou um monstro. Sou aquilo no que me transformou a prisão.

—E agora deseja que seu povo o adore. Eu o adorarei durante todos os dias de minha vida se...

Uma forte rajada de vento golpeou as costas de Paris e o derrubou de rosto no chão.

—Me olhe, demônio.

Lentamente, Paris elevou a cabeça.

Ali estava Cronos, em frente a ele uma vez mais. Ele não estava acostumado a obedecer a ninguém, salvo a si mesmo e ao demônio. O instinto lhe pedia que se negasse por princípios. Obedecer era suscitar mais exigências.

Por Sienna, qualquer coisa.

Sem titubear, olhou ao deus.

—Você não pode nem imaginar o que é o que eu quero. —disse Cronos.

—Desculpe.

Passou uma eternidade em silêncio, mas a tensão do quarto não diminuiu.

—Devo admitir que durante um tempo não soube o que fazer com você e com os outros Senhores. —disse o deus finalmente— São fetos, isso é certo, mas têm uma utilidade.

Fetos? Falava como um Caçador. Na realidade, uma vez Paris também o tinha pensado. Os Senhores tinham feito coisas atrozés ao mundo, aos mortais. Mesmo aos Gregos, ao trair sua confiança. Entretanto, levavam séculos tentando expiar seus pecados.

—Que utilidade?

—Como se eu tivesse que te dar explicações. —disse Cronos depreciativamente.

Não havia nada que responder a isso. Nada que pudesse ajudar Paris.

—Sei qual é seu desejo, demônio. Quer à mulher, a Sienna. Quer que volte para você.

—Sim.

—Está morta.

—Como uma vez demonstrou com Lucien, você é mais poderoso que a morte.

Uma risada suave.

—Adulações, doces adulações. Mas não vou conceder o que deseja. O fato, feito está. Ela morreu.

—Estou disposto a pagar um preço.

—Sim, sua adoração. —disse Cronos com ironia— Você, demônio, não tem nada de valor.

—Tem que haver algo. —respondeu Paris com tensão.

—Não. Nada. Não necessito mais guerreiros. Tenho riqueza, liberdade, poder. Você tem minha jaula, mas não posso lhe pedir isso porque prometi não fazê-lo, e minha palavra é lei. Se encontrasse minhas outras armas, possivelmente...

—Por favor. É minha última esperança. Farei qualquer coisa que me peça se me concede esta petição. Estou perdido sem ela. Necessito dela, porque acalma a tormenta de minha alma. É minha âncora. Sem ela sou só a metade de um homem. Alguma vez se sentiu assim? Nunca desejou algo com tanta intensidade que teria estado disposto a morrer por consegui-lo?

Uma pausa. Um suspiro.

—Seu desespero me intriga. E como Anya cedeu seu maior tesouro para salvar a seu homem, estive me perguntando ultimamente o que seria capaz de fazer alguém por amor.

Ao ouvir aquelas palavras, Paris recuperou a esperança.

O deus inclinou a cabeça e o observou pensativamente.

—Me diga por que escolhe a essa mulher antes que qualquer outra coisa que pudesse me pedir. Por que não arrisca tudo e me pede que libere Aeron de sua maldição?

—Eu... eu...

Que tipo de amigo era? Aquilo era o que deveria ter pedido semanas atrás.

—Envergonha-me dizer que não tenho resposta.

De novo, Cronos lhe acariciou o cabelo, quase com ternura.

—Isso não esclarece minha confusão. Ela era sua inimiga, e você a pôs acima de seu amigo. Ele poderia te salvar; a mulher o mataria. O ama; a ela não.

Não, não a amava. Sua culpa aumentou.

—Não posso ter ambas as coisas?

—Ainda não sei se concederei tão somente uma delas.

Paris fechou os olhos.

—Meu corpo pôde responder a Sienna como nunca respondeu a outra mulher desde que fui amaldiçoado. Pensei que ela poderia me salvar de mim mesmo.

—Muito egoísta de sua parte. Pensei que teria aprendido a se controlar durante todos os anos que passou na Terra, mas entretanto, ainda é escravo de Promiscuidade?

“Obrigado por jogar sal na ferida”.

—Sim.

—Se lhe devolver isso, ela terminará por trair você. Sabe, não sabe? Seu amigo continuaria sofrendo, e seguiria o amando embora tivesse escolhido uma mulher acima dele.

Aquelas palavras continham a verdade. Paris se inclinou para frente, agarrando o abdômen, com os olhos cheios de lágrimas.

—Por agora é suficiente. Pense no que te disse, demônio, e voltaremos a nos falar.

Cronos desapareceu.

—O que está fazendo Sabin?

—Me preparando para a guerra. —respondeu ele, observando os guerreiros que o rodeavam. Estavam em sua casa alugada de Roma, e outros o olhavam com atenção — Já sabem.

Pouco antes, Lucien tinha voltado para Budapeste e tinha levado para casa Gideon e Kane, que já se curaram. O teto já tinha começado a se desprender sobre a cabeça de Desastre.

Lucien os tinha levado a Roma para que fizessem Sabin encontrar a razão. Sabin pensava que eram os outros que tinham que encontrar a razão.

—O que? Por quê?—perguntou Maddox.

—É o que faço, o que eu quero. —disse Sabin— Os Caçadores que matamos no templo não são os únicos que estão em Roma. Há mais, e certamente estão nos procurando. Por outro lado, Paris viu a mulher de Reyes sustentando a caixa nessa maldita visão dele. Tinha a caixa nas mãos para nós? Ou para eles?

Aquela pergunta desgraçada provocou um silêncio no salão. Ninguém conhecia a resposta.

—Ela salvou Ashlyn. Gosto dela. —disse Maddox.

Sabin não estava de acordo.

—Sabemos que Danika esteve com os Caçadores. Possivelmente ainda estejam aqui, nos seguindo para poder nos tirar a caixa assim que a encontremos.

—Nós sabemos desde o começo. —interveio Gideon para mostrar sua coincidência com Sabin.

Strider assentiu também.

—Estou com você.

Sabin olhou para Amun. Amun quase nunca falava. Era o guardião dos Segredos, e não podia falar sem revelar coisas sem as quais os outros estavam melhor. Entretanto, ele também assentiu.

Anya cruzou os braços.

—Eu não vou a nenhum lugar sem Lucien.

“Amor”, pensou Sabin com desprezo. Ele tinha se apaixonado algumas vezes durante aqueles séculos, e em todas as ocasiões tinha sido um engano. A última em ganhar seu coração tinha sido Darla, a esposa de Stefano, onze anos atrás. Após sua morte, ele tinha jurado a si mesmo que não voltaria a se permitir aquelas emoções. Sempre fazia com que as mulheres caíssem em profunda depressão, porque não podiam evitar de questionarem todos os seus atos, nos casos extremos, como no de Darla, essas depressões podiam levar ao suicídio. O amor não valia a pena.

Gideon deu de ombros.

—Sabe que odeio lutar contra os Caçadores.

Bem. Ele também estava cansado.

—Quer lutar?—perguntou Maddox— Assim, sem preparação? Fizemos isso em Budapeste, e olhe o que ocorreu: fizeram explodir uma bomba e estiveram a ponto de matar ao Torin. Desataram uma praga na cidade. E em parte, você foi o responsável por trazer os Caçadores a nossa porta. É evidente que você não mudou.

Quando tinham se separado, muitos séculos atrás, Maddox tinha ficado do lado de Lucien com a esperança de obter a paz, e Sabin tinha lamentado a perda de um

grande soldado. Não queria voltar a se separar dos outros guerreiros, mas...

—Você tampouco mudou. —grunhiu Sabin— Não pode haver harmonia sem guerra. A história, uma história que nós vivemos, o demonstrou uma e outra vez. Devemos lutar pelo que queremos, ou nos arrebatarão isso.

—Eu quero que os Caçadores desapareçam. —disse Maddox com tensão.

Era o guardião de Violência. Um guerreiro tempestuoso. A tormenta que bulia em seu interior o impulsionava constantemente a procurar a calma, Sabin sabia, mas também sabia que Maddox tinha conseguido controlar a seu demônio apenas por pensar em sua mulher.

—Mas também quero—prosseguiu Maddox— que meus amigos estejam a salvo. Você está se apressando. Não sabe quantos Caçadores há aí fora, as armas que têm e o que podem usar contra nossas mulheres. Você...

A bela Ashlyn entrou na sala e saudou.

—Olá a todos. —disse.

Respondeu-lhe um coro de “olas”.

Maddox franziu o cenho.

—Está pálida. Tem que descansar. Deixe que a acompanhe a nossa...

—Não, ainda não. Eu... bom, ouvi algo.

Todo mundo, incluindo Maddox, ficou tenso. Ashlyn tinha a habilidade única de ouvir qualquer conversa que se produziu no lugar onde ela se detivera, por muito tempo que tivesse passado e em qualquer idioma. Aquelas vozes só se sossegavam quando Maddox estava a seu lado. Nenhum deles sabia por que, mas Ashlyn dizia que era a prova de que Maddox e ela estavam predestinados.

—Saiu de casa?—inquiriu Maddox em tom irado.

—Sim. —respondeu ela— Saí para dar um passeio, isso é tudo.

—Ashlyn. —disse Maddox— É muito perigoso. Não sabemos quem pode estar aí fora nos vigiando, esperando.

—Não se preocupe. Me disfarcei antes de sair, e além disso, não vi ninguém que me parecesse um Caçador. Não vi nenhuma tatuagem. E se o faz se sentir melhor, a conversa que ouvi é de algumas horas atrás.

—Nos conte, disse Sabin. Por favor. —acrescentou quando Maddox lhe dedicou um grunhido.

—Tinha razão. —disse Ashlyn— Há Caçadores. Estão procurando por você. Ou, melhor dizendo, estavam procurando. Pude ouvir umas doze vozes diferentes. Voltaram para Budapeste, — disse Ashlyn— porque acabam de averiguar onde está o segundo artefato. Vão se apoderar dele.

Capítulo 19

Finalmente, Danika e Reyes chegaram à fortaleza, deixando o entardecer para trás. Não tinham se beijado nem se tocado desde que tinham saído da discoteca. Tampouco tinham falado. Reyes não estava seguro de que se isso era uma bênção ou o contrário. No que ela estava pensando?

O silêncio continuou os envolvendo mesmo quando entraram em seu quarto.

Sem dar as costas a Danika, fechou a porta com chave. Ela não se voltou para ele. Reyes se apoiou contra a porta e sentiu o frescor da madeira através da camiseta. Felizmente, Dor tinha se retirado a um canto de sua mente. Estava satisfeito, ao menos temporariamente, de sua batalha com os Caçadores, e não lançava exigências.

Danika estava em frente à cama, olhando os lençóis. Com medo? Com impaciência?

Reyes esperava que com o último.

—Nervosa?—perguntou.

Passou um momento até que ela respondeu.

—Não.

Mentirosa. Ele não sorriu, embora tivesse vontade de fazê-lo.

—Falamos primeiro?

Mesmo lhe oferecer um adiamento era difícil para ele. Desejava-a em sua cama, nua e se retorcendo.

—Não. Nada de falar.

Ele franziu o cenho. Danika tinha falado com tanta... decisão. Por que não queria falar? “E isso importa? Você tampouco quer falar”.

Lentamente, ela se voltou e o encarou. Como sempre, a visão de seu rosto de anjo lhe cortou a respiração. Tanta beleza em um corpo tão miúdo pensou. Um presente para Danika, possivelmente, mas para ele era definitivamente uma maldição. Não podia afastar os olhos dela. Teria morrido ali mesmo só para que sua imagem fosse sua última visão.

Danika estava ruborizada e tinha os olhos muito brilhantes. Seu peito subia e descia cada vez mais depressa, como se tivesse a respiração entrecortada.

—Vamos fazer amor em silêncio?—perguntou Reyes. Sentia um comichão nas mãos, de tanto que desejava tocá-la. Segurar seus seios e passar os polegares pelos mamilos, pequenos e endurecidos. A boca dele estava cheia de água de vontade de saboreá-la. A morderia naquela ocasião. A... não. Seria suave, se recordou.

Ela abriu muito os olhos.

—Não vamos fazer amor.

—Então o que vamos fazer?—perguntou ele, cruzando os braços.

—Vamos ter relações sexuais. E sim, o silêncio estará... bom.

De novo, ele franziu o cenho com desconcerto.

—Por quê?

—Eu desejo seu corpo, não a história de sua vida. — disse ela.

Aquela frase significava que queria esquecê-lo depois; Reyes fez uma cara irritada. Uma vez, Danika lhe havia dito que não sabia nada dele, e que queria saber mais. O que tinha mudado? Possivelmente fosse um plano para manipulá-lo e conseguir que falasse sobre seus amigos.

Não, não acreditava. Observou-a com atenção. Tinha a mandíbula apertada e os ombros erguidos. Estava ficando pálida. Com mãos trêmulas, ela, agarrou a barra da camiseta e começou a mostrar, centímetro a centímetro, sua pele branca. Tinha o abdômen plano e um umbigo delicado.

Um segundo depois. Reyes estava em frente a ela. Agarrou suas mãos para detê-la. O tecido da camiseta tampou a rosto de Danika, e impediu que Reyes pudesse desfrutar de seus traços. Ela ofegou ao sentir que seu abdômen se roçava com o dele.

—Não quer me desejar. —sussurrou ele no ouvido dela, e Danika estremeceu—
Acredito que quer me manter a distância.

—E pode me culpar por isso?—perguntou ela com um suspiro trêmulo—
Vamos, deixa que me dispa.

—Não, não a culpo.

Reyes puxou a camiseta e a tirou pela cabeça e a deixou de lado.

O cabelo loiro e brilhante de Danika caiu ao redor de seu rosto. Vestia um sutiã negro, um que ele mesmo tinha comprado, e seus seios se sobressaíam pela parte superior. Reyes engoliu em seco, se perguntando se vestia calcinha combinando.

Sem afastar a vista da de Reyes, Danika começou a lhe tirar a camiseta. Ele elevou os braços. No final, ela teve que ficar nas pontas dos pés e ele teve que se inclinar para poder tirá-la; quando Reyes se ergueu, ela emitia outro ofego.

—É muito forte. —sussurrou, e com um suave tremor na mão, passou-lhe os dedos por uma das feridas.

Ao primeiro toque, ele fechou os olhos. Havia algo doce, muito doce, no fato de que lhe acariciasse uma ferida.

—Quando se fez isto?—perguntou ela.

—Acreditava que queria o silêncio. Ela suspirou.

—Faz um momento. —respondeu Reyes por fim.

—Os Caçadores fizeram isso?

—Sim.

Danika franziu os lábios.

—Ao menos está se curando.

Se curando? Maldição. Se alguma daquelas feridas se fechasse antes que tivesse possuído Danika, voltaria a sair para que se reabrissem. Nada o ia impedir de desfrutar daquela mulher. Brandamente. Com ternura. Do modo em que sempre tinha sonhado, mas que nunca tinha podido experimentar.

—Faço mal a você?—perguntou ela, e riu sem alegria— Não importa. Apenas... me beije. Me leve para cama.

Cama. Sim, Oh, sim. Reyes abriu os olhos e a olhou. Deu um passo. Dois. Conduziu-a até o colchão, até que ela o tocou com a parte posterior das pernas e se deixou cair sobre ele. Enquanto o olhava, umedeceu os lábios e se acomodou.

—Tire suas calças. —ordenou ele com a voz rouca.

Ela pousou as costas no colchão e elevou os quadris. Desabotoou o botão, baixou o zíper e deslizou o jeans pelas pernas. Oh, pelos deuses, vestia a calcinha combinando com o sutiã. Eram como uma nuvem de tormenta contra sua pele branca.

Ele se excitou. Estava desesperado por ela. De repente, Dor despertou em sua mente, bocejando, ronronando, Reyes apertou os dentes.

—Agora é sua vez. —disse Danika, se apoiando sobre os cotovelos.

E ele tinha pensado que era preciosa? Ao olhá-la naquele momento, sentiu uma opressão no peito. Era Afrodite em carne e osso. Era a sedução. Era... dele.

“Ainda não... ainda não”. Danika queria que se deitasse a seu lado, não queria chegar a conhecê-lo. E ele não podia fazer uma coisa sem a outra.

—Mencionou a história de minha vida. Bom, eu passei vários anos encerrado em uma cela. —disse— Voluntariamente. Não pelos Caçadores, mas sim porque não podia controlar minha intensa necessidade de dar e receber dor.

—Não acredito...

—Naquela época, na antiga Grécia, lutava contra os Caçadores e destruía cidades. Os gritos eram meu sustento. Depois que um de meus amigos fosse assassinado, um homem com o qual eu tinha rido junto com o qual tinha lutado lado a lado, comecei ver na realidade o que eu era.

—Não quero ouvir isto. —disse Danika. Sacudindo a cabeça.

—Sabia que não podia aprender a controlar a minha besta com uma tentação em cada esquina. Não desejava mais que destruir a todo aquele que sorria, todo aquele que desfrutava. Segundo meu raciocínio envenenado pelo demônio, não tinham direito de sentir alegria.

—Reyes.

—Então pedi a Lucien que me encerrasse. De todos nós, ele foi o primeiro que aprendeu a controlar o seu demônio. Não queria me encerrar, mas concordou. Durante aqueles meses de confinamento, aprendi a cortar a mim mesmo quando necessitava dor. No final, eduquei-me para desejar só isso, minha própria dor. Meu demônio também começou a desejar só minha dor e se esqueceu do resto.

Oxalá o confinamento também funcionasse para Aeron...

—Já basta. Por favor, já basta...

—Por quê? Porque o fato de saber que sofri me faz mais humano, porque não quer pensar que sou algo mais que um demônio? Porque um dia, quando tivermos nos separado, espera esquecer que existo?—perguntou ele, em um tom feroz.

—Sim!—gritou ela, se levantando com a respiração acelerada— Sim, é isso. Sim. Não deveria desejar você, mas o desejo. Não posso o tirar de minha mente, embora devesse estar pensando em outras coisas. Não temos futuro. Um de seus amigos quer matar a mim e a toda minha família. Você vive a vida em guerra, e eu apenas desejo a paz.

Certo. Tudo o que ela havia dito era certo.

—Entretanto, aqui está, em minha cama.

“E aqui estou eu, que não sou capaz de deixar que vá”.

—Sim. —tanto sua voz como sua expressão se suavizaram— Estou confiando em você; confio a minha família, confio meu corpo. Não faça que nossa separação seja pior para mim, por favor.

“Por favor”. Aquela palavra ressoou na cabeça de Reyes. Olhou-a e, durante um breve instante, se viu transportado aos céus. Ao passado. Se viu junto a Aeron, Torin, Paris e Galen.

Galen. Não tinha voltado a se lembrar de Galen há séculos. Galen vibrava de vida; sua mera presença fazia que alguém se sentisse mais forte e melhor. Ele não sabia que aquele guerreiro conspirava contra eles cada vez que se voltavam.

E ao ver aquela imagem de seus amigos sem preocupações, sem cargas na vida, sem pecados e sofrimento, teve que fazer um esforço para não gritar uma advertência que, de todo o modo, não iriam ouvir.

Recordou que naquele dia estavam celebrando uma festa, na noite anterior, uma horda de Gorgonas se colocou na câmara de Zeus com intenção de despertar o deus e convertê-lo em pedra. A petrificação ocorre somente com um olhar daqueles seres, e o rei dos deuses teria ficado surpreso e não teria podido baixar a vista a tempo.

Paris, que sempre tinha sido um mulherengo, estava deitado com uma daquelas

mulheres, com os olhos vendados, é obvio, para evitar se tornar em pedra. A apaixonada fêmea tinha contado a ele os planos de suas irmãs, e imediatamente, Paris tinha alertado ao Guarda. Juntos tinham emboscado às Gorgonas e as tinham vencido em minutos, sem derramamento de sangue.

—Somos invencíveis. —havia dito Lucien orgulhosamente.

Torin assentiu.

—Está errado que queira ficar com uma dessas mulheres com cabeça de serpente como prisioneira? Reyes pôs os olhos em branco. —É como Paris. A idéia de que o mordam e lhe cravem as unhas durante uma relação sexual...—estremeceu ao pensar nisso.

—O que passa é que nunca o morderam bem. — disse Paris com um sorriso.

—Eu prefiro a minhas mulheres ternas e doces, obrigado. —replicou Aeron.

—Reyes. —disse Danika, e o conduziu de volta ao presente.

Ele sacudiu a cabeça para clarear o pensamento, oxalá tivesse sabido o que me esperava.

—Quero dar a você tudo o que me peça, Danika.

Aliviada, ela se deixou cair sobre o colchão.

—Obrigada.

—Mas o fato de me fazer esquecível, dispensável para você, isso não posso dar. Você vai ocupar meus sonhos para toda a eternidade. Tenho que saber que significou algo para você.

—Significa algo para mim, e esse é o problema.

—Resista então, mas faça-o depois. Eu a ajudarei, inclusive. Aqui e agora, me dê tudo de você. —disse Reyes.

Desabotoou as calças, as baixou e as separou de um chute. Salvo pelas armas, não levava nada mais debaixo.

—Me olhe.

Ela o fez, e estremeceu.

—Sou cruel e egoísta, mas esta necessidade que sinto por você, e por nenhuma outra, é mais forte que tudo que tenha experimentado antes. Não poderia aplacá-la nem permanecendo outra vez anos encerrado.

—Eu... não sei como responder a isso.

—Então não o faça. Só dá, e toma.

Um por um, Reyes se despojou de todas as facas. Só quando esteve completamente nu, sem nada que pudesse se interpor entre eles, se aproximou da cama. As pupilas de Danika se dilataram enquanto o olhava, e ficou arrepiada.

Ele apanhou seus pés entre os joelhos e agarrou brandamente a cintura de sua calcinha. Lenta, muito lentamente, começou a baixar-lhe e revelou o paraíso que havia entre suas pernas.

Ela não tentou detê-lo. O animou, levantando os quadris para que o objeto deslizesse com mais facilidade. Ele apertou o tecido no punho e sentiu a umidade na palma enquanto bebia Danika com o olhar. Tinha as coxas magras e a breve mancha de pêlo que protegia sua feminilidade era tão dourada como seu cabelo. Embora fosse uma mulher miúda, parecia que suas pernas se estendiam até o infinito.

—Deliciosa. —disse ele.

—O... obrigada.

Reyes se inclinou para frente e apoiou as palmas das mãos junto a seus quadris.

—Quer que continue?

—Sim. —sussurrou ela, desesperada pelo desejo.

Ele notou que seu membro saltava em resposta.

—Sonhei com este momento, tendo você. —disse.

Levantou-lhe uma das pernas e beijou brandamente o tornozelo. A pele era suave, e o frio desapareceu no momento do contato.

Ela estremeceu de novo.

Com a mão livre, lhe empurrou delicadamente a outra perna e separou suas coxas, mais, e mais...

Emitiu um grunhido, um som primitivo. Dor se moveu de um lado a outro por sua mente, ansioso, mas contente. Danika já brilhava de excitação. Lhe beijou a panturrilha, e ela se agarrou aos lençóis.

—Quer que...?

—Que me faça mal?—terminou de dizer ele.

Uma hesitação.

—Sim.

—Não. —disse Reyes. Tê-la assim e não estar dentro dela, profundamente, já era uma tortura física— Você não. Ela franziu o cenho.

—Experimentará prazer sem ele?

—Oh, sim.

Ao menos, isso esperava. Naquela ocasião, beijou-lhe o interior da coxa. Passou-lhe a língua pela pele e a saboreou; Danika gemeu e elevou os quadris, Reyes deslizou a mão para baixo pela outra perna e se deteve a um centímetro de seus cachos.

—Continuo?

—Sim, por favor.

Ele entrou além daquelas dobras úmidas e colocou um dos dedos em seu corpo. Era estreita e estava quente e deliciosamente úmida.

—Sabia que seria assim. —sussurrou, e entrou e saiu várias vezes.

—Sim...

“Saboreia-a”.

Reyes não soube se aquele impulso provinha de seu interior ou do demônio, e não lhe importou. Tremendo, se inclinou para frente e passou a língua pelo centro do corpo de Danika. Tinha pensado que o anterior era o céu; entretanto, naquele momento se deu conta de que seu corpo era de ambrósia. Sua doçura envolveu sua língua, encheu sua boca. Ela entrelaçou as mãos em seu cabelo e lhe afundou as unhas no couro cabeludo.

Sim, pensou Reyes, e esteve a ponto de gritar.

A lambeu e introduziu outro dedo em seu corpo, e começou a se mover para dentro e para fora, lhe produzindo sensações maravilhosas. O prazer de tê-la debaixo, aberta para ele, era intenso, inegável, e passou um momento antes que se desse conta de que suas feridas tinham começado a se fechar e seu prazer... não tinha diminuído. Era assombroso. Era algo que não entendia. Por quê?

Se não fizesse nada, deixaria de sentir prazer? Seu demônio saltaria e lhe exigiria que fizesse mal a sua amante? Começaria Dor a influir em Danika e a

obrigaria a ser alguém que não queria ser?

Reyes não estava disposto a esperar para averiguar a verdade. Havia muito em jogo.

Passou a mão nas costas e se cravou as unhas, que tinham se transformado em garras, na carne ferida das costas. Sim, sim. A dor, o regueiro de sangue. Como era de esperar, sentiu um calor que o atravessava, e seu prazer se intensificou.

Suas carícias no clitóris de Danika se fizeram frenéticas. Ela gemeu uma e outra vez, e os sons foram como uma sinfonia para a alma machucada de Reyes. Lhe rogou mais; rogou que parasse. Lhe deu o primeiro e negou o segundo. Inseriu um terceiro dedo em seu corpo e alargou a estreita passagem de seu corpo, O clímax se apoderou dela.

Danika se esticou ao redor de seus dedos e sua língua, e o manteve cativo. Ele tragou até a última gota de sua satisfação.

Quando ela se acalmou, ele se elevou por cima de seu corpo. Seus olhares ficaram apanhados. Danika estava tremendo, saciada, com os olhos meio fechados, mas com o desejo brilhando em sua íris de esmeralda.

—Você não...—ela umedeceu os lábios— Vai a...?

—Oh, sim.

—Necessita...?

Ele sacudiu a cabeça com tensão. Seu corpo ardia de paixão insatisfeita, e isso lhe doía de um modo maravilhoso. Fechou os olhos para gozar da sensação. Outras companheiras lhe tinham dado chicotadas, tinham-no apunhalado, tinham-no mordido, mas nenhuma o tinha atormentado daquele modo. A dor-prazer o atravessava como uma melodia discordante que lhe proporcionava o mais doce consolo. Algo com o que Reyes sempre tinha sonhado, mas que nunca teria acreditado que experimentaria.

Como o tinha dado ela?

—É tão belo. —lhe disse Danika— Quero o pintar assim.

—Eu gostaria disso. —disse Reyes.

Abriu os olhos e lhe tirou o sutiã; os seios ficaram livres ante seu olhar. Tinha os mamilos endurecidos, e ele se deu conta de que eram rosados e perfeitos.

Lambeu e sugou um deles e depois o outro, e logo ela esteve se retorcendo de novo. Logo estava rogando a ele outra vez. Logo, ele se perdeu em sua essência e o demônio começou a lhe exigir mais.

—Preservativo. —rogou ela— Preciso o sentir dentro de mim. Agora mesmo.

Reyes assentiu, pegou um dos envelopes que tinha roubado de Paris e se protegeu. Não se arriscaria a impregná-la com sua semente, embora o ansiasse. Nunca faria tal coisa a Danika, não a obrigaria a levar em seu ventre o descendente de um demônio.

Naquilo, ao menos, não seria egoísta.

—Está preparado?—perguntou ela, e se esfregou contra sua ereção.

Maravilhosamente descarada. Seus mamilos lhe criaram uma deliciosa fricção no peito. Por uma vez, não desejou que fossem lâminas afiadas— Preparado? —insistiu ela.

Sim, pelos deuses.

Não teve que guiar seu membro ao interior de Danika. A ponta já estava situada

na entrada de seu corpo, como arrastada para ela por um fio invisível.

—Preciso saboreá-lo. —disse ele.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Esperar é uma tortura. Acreditava que já não torturava às pessoas.

Ele sorriu com tensão.

—Agora, por favor, Reyes.

Foi incapaz de resistir mais. Pegou seu rosto com as mãos e se afundou nela até o final, grunhindo brandamente enquanto o fazia. Ela o abraçou com os braços e as pernas, o rodeando com todo seu ser.

E alcançou o clímax de novo.

Seus gemidos estimularam Reyes. Este entrou e saiu de seu corpo como tinha sonhado. Seus pensamentos se fizeram confusos; Danika era seu único objetivo. Seu corpo perfeito, sua fragrância de tormenta. Seus doces gemidos e suas mãos, que estavam acariciando suas costas. Não havia nenhuma outra coisa de importância. Oh, aquela agonia deliciosa.

“Mais. Necessito mais”.

Beijou-a abrasadoramente, lhe afundando a língua na boca. O desejo de Danika se fundiu com o seu. Possivelmente sua bondade o estava transpassando, porque teve a sensação de que uma luz abria caminho em sua alma e afugentava todas as sombras.

“Mais!”.

Ela se retorceu, e seus mamilos continuaram lhe roçando o peito. A doce essência de sua satisfação o envolveu.

—Como é possível que queira mais?—perguntou com um ofego— Não tenho suficiente. Necessito... necessito...

O prazer se fez muito intenso, e Reyes explorou. Não tinha tido que se apunhalar, só que se arranhar um pouco, aquilo era muito significativo. Tinha desfrutado. Deixou escapar um rugido de prazer enquanto a semente brotava de seu corpo. Parecia que seu espírito tinha abandonado seu corpo.

Não sabia o que tinha ocorrido, nem como. A única coisa que sentiu foram os batimentos de seu coração, o encolhimento de seus músculos, a vibração de seus ossos. Viu apenas o céu. Nuvens, o deslizar de umas asas de plumas brancas, o resplendor do ouro, o brilho multicolorido das pedras preciosas. Uma brisa fresca em sua pele. Estava flutuando, se elevando na vazia.

Quando a última onda de prazer o abandonou, desabou sobre Danika. Ficou sem forças. As nuvens se desvaneceram por completo, e ele tinha a respiração entrecortada e estava suado.

Danika estava muito quente embaixo dele, ofegando, tremendo.

—O que ocorreu?—perguntou-lhe com assombro.

—O êxtase.

Um êxtase diferente dos que já tinha experimentado em sua vida.

—Não. Reyes, você desapareceu.

Capítulo 20

Danika se aconchegou contra o corpo morno de Reyes. Tinha dormido durante várias horas, arrullhada pela satisfação embriagadora que zumbia em sua pele. Reyes dormia também, profundamente, sem emitir um só som. Em duas ocasiões, ela apertou a orelha contra seu peito para se assegurar de que lhe pulsava o coração.

Naquele momento estava acordada, quente e satisfeita. Salvo que sua mente fervia e se negava a se abandonar à calma. Estar com Reyes tinha sido... tudo o que ela não queria. Perfeito, maravilhoso, assombroso, sublime. Nenhum homem a tinha satisfeito daquele modo.

Cada uma de suas abrasadoras carícias lhe tinha provocado uma onda de desejo. E não tinha permitido que ela mantivesse a distância emocional entre os dois... Danika estremeceu. Tinham se conectado em corpo e alma e, em segredo, a tinha encantado.

Entretanto, havia uma pergunta que a atormentava. Bem, além do fato de que Reyes tivesse desaparecido, mas que pensasse que ela o tinha imaginado. Possivelmente fosse certo. Seu orgasmo tinha sido tão intenso que cabia a possibilidade de que desmaiasse momentaneamente, teria sonhado que ele não estava e teria recuperado os sentidos. O que ela desejava saber, por cima de tudo, era se ele tinha desfrutado.

A menos que o tivesse fingido, sim tinha chegado ao êxtase. Entretanto, não tinha permitido que lhe fizesse mal, e ela sabia que o necessitava para experimentar prazer. Além disso, ela queria fazê-lo. Não só para poder tirá-lo da cabeça, o recordando como o pior companheiro de cama que tivesse tido em sua vida, mas sim porque queria lhe dar tudo. Mesmo a dor. Teria querido que ele a recordasse sempre, como ela ia recordar a ele.

Reyes lhe havia dito que não queria manchá-la com a violência de sua vida. E ela pensava que tampouco o desejava. Não obstante, enquanto ele a acariciava, enquanto a devorava com a boca, tinha querido agradar cada uma de suas necessidades.

Outras mulheres lhe tinham feito mal, tal e como ele ansiava. Por que ela não tinha podido fazê-lo?

Danika voltou a cabeça e olhou o rosto de Reyes, que seguia dormindo, relaxado. Já não tinha rugas de estresse no rosto. Seus lábios estavam cheios e rosados. Com cuidado, afastou-lhe uma mecha de cabelo da testa. Ele inalou profundamente mas, além disso não reagiu. Ela notou que lhe enchia o coração, tanto que parecia que ia explodir entre as costelas.

“Importa-me”. Tinha tentado lutar contra aquilo, mas não podia negá-lo.

Sua força e sua coragem constantes a assombravam. Seu passado a fascinava. Ele não queria ferir os outros, assim que se encerrou voluntariamente. Aquilo era disciplina, compaixão, decisão. Estava possuído por um demônio, mas tinha o coração de um anjo. A contradição a deleitava, e suspeitava que poderia passar, felizmente, o resto de sua vida aprendendo e descobrindo aqueles matizes.

Oh, sim. Importava-lhe. E que demônios era aquele zumbido?

Olhou por todo o quarto, e seu rosto roçou contra o peito de Reyes, quente, suave. O coração dela se acelerou ao se dar conta de que o zumbido provinha de suas próprias calças. Era o telefone que tinha dado a Stefano. O medo a invadiu.

Com todo o cuidado que pôde, levantou e, sigilosamente para não despertar

Reyes, tirou o telefone do bolso do jeans e, com pernas trêmulas, foi para o banheiro, onde se trancou.

Abriu o telefone e respondeu a chamada. Tinha a boca seca.

—Sim?

Stefano não se incomodou com nenhuma forma amável de saudação.

—Saiu da fortaleza. —disse.

No dia anterior, ela tinha se alegrado de saber que a estavam vigiando. Naquele momento...

—Sim.

—É evidente que a liberaram.

—Sim.

—Onde está?

—Em um banheiro.

—A sós?

—Sim.

—Está trabalhando para nós, Danika? Ou para eles? Esqueceu tudo o que te disse? Por Deus, querem matar a sua família! Se pudessem matariam a sua mãe, e a sua irmã. Já mataram a sua avó.

Ela estava negando com a cabeça.

—Vamos tirar você daí. — disse ele— É por seu próprio bem, para te proteger. Minhas fontes me disseram que o demônio chamado Aeron está quase louco pelo desejo de matar você. Não queremos que sofra nenhum dano. Ao contrário dos Senhores, queremos seu bem-estar.

Tirá-la de lá?

—Espera. Quer me tirar da fortaleza?

—O mais breve possível.

—Não, não posso. Não pode. Eu...

—Não tem escolha, Danika. Agora mesmo estamos nos preparando para entrar. Embora eles não dêem valor à vida humana, nós sim. Queremos que esteja segura.

Como? Iriam entrar no castelo? Sem dúvida haveria uma batalha, sangue e morte. Tentou controlar o pânico, embora sentisse os batimentos do coração ensurdecidamente nos ouvidos.

—Se pensa que estou trabalhando com eles, por que chamou? Por que está me advertindo do que vai acontecer? Por que quer me ajudar?

—Qualquer um pode cometer um engano. Provavelmente, eles mentiram a você, convenceram você para que deixe sua família e fique com eles para ajudá-los a algo. Possivelmente mesmo a nos vencer.

Ela abriu e fechou a boca, mas não emitiu nenhum som. Tudo o que ele dizia tinha sentido.

—Estará preparada?—perguntou Stefano.

Para surpresa de Danika, não teve que pensar a resposta. O que ele dizia tinha sentido, sim, mas tinha algo que não estava bem... Durante aqueles dias passados, sua ira contra Reyes se dissipou por completo. O ódio tinha sido substituído por... outra coisa. Não sabia qual era a emoção que bulia em seu interior, só que era ao mesmo tempo terna e violenta. Confiaria nele para que a ajudasse a procurar a sua família, o que queria dizer que devia cortar sua rede de segurança, os Caçadores.

—Sim. —mentiu.

—Garota inteligente. —disse Stefano, e seu alívio foi quase evidente— Quantos Senhores há na fortaleza?

—Estão todos. —disse ela, mentindo de novo. Aquela manhã, quase todos os homens tinham partido. Stefano os tinha visto sair? Ou os guerreiros tinham desaparecido como tinha feito Lucien em várias ocasiões?

Se Stefano sabia a verdade, pensaria que a fortaleza fosse fácil de conquistar. “Segue mentindo. Possivelmente, não saiba”.

—Estão armados até os dentes. —disse Danika— Não deveriam se arriscar a entrar no castelo. Por que não saio eu às escondidas, e o busco?

—Não está treinada para conseguir algo assim. É melhor que nos encarreguemos disto. Acha que pode chegar ao telhado sem que a surpreendam?

—Eu... eu... Possivelmente. A que hora tenho que estar lá?

—Dentro de uma hora.

Deus santo, uma hora. Reyes poderia ficar em contato com Lucien com tão pouco tempo de antecipação? Lucien poderia avisar aos outros? Um tenso nó se formou no seu estômago.

—Farei o que possa.

—Não me decepcione, Danika. Tenho que a recordar o que está em jogo?

Stefano desligou e Danika fechou o telefone. Não pôde se levantar: estava muito ocupada tentando respirar. Deus santo, tinha muito o que fazer, e se fracassasse. Reyes poderia perder sua liberdade... ou sua vida.

—Uma conversa muito interessante.

Aquela frase tensa lhe assaltou os ouvidos, e se sobressaltou. Ficou pálida; Reyes estava no vão da porta com uma expressão indecifrável. Se inclinou contra o marco com uma atitude enganosamente calma. Pôs jeans que não se incomodou em fechar. Tinha o torso nu, e as feridas tinham desaparecido.

—Não é o que pensa, eu juro.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Então não estava falando com um Caçador?

Reyes afastou o olhar dela imediatamente. Tirou um braço de trás das costas e lhe lançou uma camiseta.

—Vista-se. Lucien está aqui, e quer falar com você.

Ela pegou o objeto e a pôs rapidamente para cobrir sua nudez. Sua visão ficou bloqueada tão somente durante um instante, mas quando pôde ver de novo, Reyes já não estava ali.

A camiseta terminava à altura de seus joelhos, mas se sentia exposta quando chegou ao quarto. O ar frio lhe acariciou as pernas.

—Reyes, estava ajudando você! Tem que me acreditar.

Ficou imóvel ao ver Lucien. O guerreiro tinha a roupa manchada de sangue. Reyes estava junto a ele, e ambos a olhavam com espera.

—Olhem, —disse ela— se supunha que devia averiguar tudo o que pudesse sobre vocês. Tentei, admito. O chefe dos Caçadores que me capturaram e que me pediram que os espiasse se chama Dean Stefano. Ia me ajudar a encontrar e salvar a minha família. Eu acreditava que para conseguí-lo, tinha que colaborar para os destruir. Entretanto, quando cheguei aqui me dei conta de que não podia fazê-lo.

Falei com ele só duas vezes desde que estou aqui, mas não lhe dei nenhuma informação útil.

—Isso é tudo?—perguntou Reyes, surpreendentemente calmo.

Ela assentiu.

—Muito bem. Então, mudemos de assunto. Informe-me a Lucien o que você me disse, que há outros imortais possuídos como nós. Sabe algo mais deles?

Ela sacudiu a cabeça com desconcerto.

—Do que está falando?

—Dos homens que estão na prisão, dos que abrigam os demônios que nós liberamos.

—Isso não importa agora! Vai deixar que termine? Por favor, é questão de vida ou morte.

Reyes entrecerrou os olhos, mas não disse nada mais.

—Os Caçadores estão a ponto de atacar a fortaleza. Têm uma hora, provavelmente menos, até que cheguem.

—Antes esteve pintando. — disse Reyes, como se ela não tivesse falado— Onde está o quadro?

Danika olhou a Reyes e depois a Lucien. Que demônios...? Ela tinha confessado tudo, tinha admitido seu crime, e isso era tudo o que Reyes tinha a lhe dizer? Havia lhe dito que os Caçadores estavam a ponto de invadir sua casa... e ele só se preocupava com seus quadros?

—Deveria ter vindo antes, —disse Lucien— mas as almas estavam me chamando, e não posso resistir a elas. Pude vir e permanecer aqui um instante, mas você não me viu. Como Reyes te disse, estava pintando. Tenho que ver essa pintura, Danika.

—Não vou dizer onde está até que não me expliquem por que os Caçadores não os preocupam! Querem lhes apanhar e lhes tirar os demônios do corpo. Estão procurando a caixa, mesmo.

—Torin tem toda a colina vigiada. Assim que entrarem no imóvel, os verá. Já tem se desfeito de alguns.

Desfazer-se de alguns: matá-los. Danika esfregou o abdômen para tentar se acalmar.

—Então Stefano mentiu. Não iriam esperar uma hora, mas sim já começaram a atacar.

—Sim, mentiu. Não confiava em você. —disse Lucien— Suponho que disse a você que fosse ao telhado.

Ela assentiu, assombrada.

—Disse isso porque tinha a esperança de que fizesse o contrário. Têm soldados no imóvel, e podiam apanhar. Bem, o que sabe da caixa? Qualquer detalhe, por insignificante que seja, pode resultar útil. Mas tem que me contar isso rapidamente, porque me necessitam fora daqui.

—Já contei a Reyes tudo o que sei, que é muito pouco.

—Sabe onde está? E onde estão outros guardiões dos demônios? Estão ainda encarcerados?

—Não, não sei.

—E sua avó saberá?

—Terá que perguntar a ela.

Oxalá tivessem a ocasião de fazê-lo.

—Paris teve uma visão de você. — disse Lucien. Parecia que seus olhos, de uma cor diferente cada um, começavam a girar, lhe fazendo sinais. De repente, o quarto se encheu de um aroma de flores— Nela, tinha a caixa nas mãos e estava sorrindo.

—Isso é impossível.

—Se souber algo...—Lucien se aproximou dela.

Danika queria sair correndo, mas tinha os pés pegos ao chão e não podia se mover. Depois, já não quis fugir. O guerreiro estava a frente dela, e aquele aroma de rosas invadiu todas as células de seu corpo. Sua mente flutuava pelas nuvens. Sentiu que todos os músculos de seu corpo relaxavam. “Diga o que disser, o farei “.

—O que sabe, Danika? Me diga tudo.

—Nada. —respondeu ela, e sua cabeça caiu para frente. Ia cair sem poder evitar. E em parte, não queria evitar.

De repente. Reyes estava a seu lado. A segurou pela cintura e a manteve erguida. Ele era força, e calor, e afugentava o frio.

—Já foi o suficiente, Lucien.

—Reyes. — disse Lucien, no tom mais desanimado que ela já tinha ouvido falar o guerreiro.

—Não. —respondeu Reyes, igualmente cortante.

—Não o traí. —disse ela. Apoiou o rosto contra seu peito, rogando que ele acreditasse nela. Se permitiu que lhe importasse. Não podia perdê-lo. Já não.

—Eu sei. —disse Reyes, e lhe acariciou o quadril com os dedos.

—Espera. Como disse? Que sabe?

—Sim.

—Bom, e então, por que estava zangado comigo?

—Zangado? Eu não estava zangado.

—Se afastou de mim sem me olhar.

—Anjo. —disse ele com um suspiro— Sou novo nisto de... me preocupar com outros. Me desagradou muito que estivesse falando com um Caçador, me inquietei por sua segurança, mas não queria a assustar com minha veemência. Também sei que estava tentando me proteger ao dizer ao Caçador que todos os guerreiros estavam na fortaleza. Com isso, nos causou problemas que não queria nos causar.

—Não o entendo.

—Agora pensam que todos estamos aqui, quando só somos alguns quantos. Enviarão mais homens com mais armas.

Ela ficou gelada.

—Sinto muito. Não pensei..., acreditava que... Como Lucien disse, Stefano não confia em mim. Possivelmente tenha pensado que eu estava mentindo. Talvez acredite que sejam apenas alguns poucos.

—Posso trazer os outros. —disse Lucien— Estaremos preparados para o pior.

Deus santo. Depois de tudo, ia haver uma batalha.

—Não se preocupe. —disse Reyes— Tudo dará certo. Agora, o quadro. Nos traga ele por favor. Temos que ver se o que você criou tem algum significado, se pode nos ajudar.

Ela assentiu e foi procurar o quadro em seu estúdio. O observou, notando

primeiro as cores vivas e no Complexo número de personagens. Na parte superior do tecido havia dois homens e uma mulher, todos vestidos com túnicas brancas e sentados em tronos. Abaixo havia um homem magnífico, muito bonito, com asas de anjo e chifres de demônio, que dirigia um exército de humanos através de muito sangue. No estômago tinha a tatuagem de uma mariposa, a mesma marca ameaçadora que tinham Reyes e outros guerreiros.

A pintura ainda não tinha secado por completo, assim a levou ao quarto com cuidado.

—Aqui está.

Os dois ficaram boquiabertos ao vê-la.

—O que?

—Sabe quem são esses?—perguntou Lucien com a voz afogada.

—Não.

E não sabia. Além do que tinha pintado, não sabia nada mais.

—Mas os vi muitas vezes em meus pesadelos.

Muitas, muitas vezes.

—O que está sentado no trono central é Cronos, o rei dos deuses. Atlas e Réa, estão a seu lado. Os homens que estão abaixo são Caçadores. —E à cabeça do exército - disse Reyes em voz baixa— está Galen. O guardião da Esperança.

Os dois homens se olharam com consternação.

—Não posso acreditar. Se o que nos disser este quadro é certo, Galen é o líder dos Caçadores — disse Lucien, sacudindo a cabeça— Nunca suspeitei, nunca teria pensado... por que os Caçadores o seguem voluntariamente? A um demônio?

—Danika e eu falamos dele antes, mas sigo sem assimilá-lo.

—Teremos que nos encarregar disto mais tarde.

Agora não temos tempo. Tenho que trazer todos os guerreiros - disse Lucien, e olhou brevemente para Danika—. Diga-lhe. Tem que sabê-lo.

Desapareceu.

—O que é o que tem que me dizer?—perguntou ela apertando o quadro com o sangue gelado.

—Ashlyn ouviu algo sobre certos artefatos que estamos procurando. Sabemos que o segundo tem o poder das visões. —lhe explicou Reyes— É algo que pode ver no céu e no inferno.

Ela franziu o cenho, desconcertada.

—Do que está falando?

—É você. Você é o artefato, Danika. É o Olho que tudo vê. Por isso os deuses querem que morra. Por isso os Caçadores vêm para cá. Todo mundo quer um pedaço seu. E temo que não descansem até que o consigam.

Capítulo 21

Quando Sabin chegou ao castelo, os Caçadores já estavam subindo a colina. Lucien o tinha transportado ao quarto de Torin, onde uma parede cheia de computadores e monitores consumia quase todo o espaço. Outros guerreiros, salvo

Aeron, que ainda estava no calabouço, se encontravam ao redor do gênio da tecnologia, olhando as telas. Não, pensou Sabin. Dor também estava ausente. Outra vez.

—Os faça voar pelos ares. —disse Maddox.

—Não. —interveio Lucien— Se conseguem passar os poços, as redes e as flechas, deixe que entrem. Uma explosão atrairá os humanos à colina, e isso não podemos permitir.

Maddox o olhou com ira.

—Ashlyn...

Lucien o interrompeu.

—Já levei às mulheres a um lugar seguro, embora nenhuma delas quis ir de boa vontade. Com Anya de guarda, sua mulher estará a salvo.

Maddox se acalmou um pouco. Seus ombros relaxaram.

—Muito bem.

—Se os deixamos entrar, a casa acabará pintada de vermelho—disse Paris— Não gosto de limpar, e com Aeron encerrado, essa tarefa cairá sobre meus ombros.

—Lutei contra os Caçadores durante muito mais tempo que você. —disse Sabin— Me acredite, é melhor matá-los aqui que lutar contra eles na cidade, onde os inocentes podem resultar feridos. Meus Caçadores hesitarão em usá-los como escudos, sobretudo às mulheres e os meninos.

—Tudo pelo bem supremo. —disse Cameo zombadora, e Sabin se encolheu ao ouvir sua voz.

—Isto é divertido. —disse William. Sabin o olhou, se perguntando quem demônios o havia convidado. Fazer amigos não estava em seus planos.

—O que faz aqui? Lucien beliscou a ponta do nariz.

—Este guerreiro é nosso convidado, e pode ser de grande ajuda na batalha que se aproxima. Teremos que enfrentar muito mais do que tínhamos imaginado.

—O que quer dizer?—inquiriu Sabin.

—Acabo de me inteirar de que o líder dos Caçadores é nosso velho amigo Galen.

—Galen? Não pode ser. Não soubemos nada dele em milhares de anos.

—Ashlyn nos informou que Danika é o Olho que tudo vê, e uma de suas pinturas nos revelou isso. Os Caçadores lhe pediram que subisse ao telhado. Querem nos roubar isso.

Aquelas palavras, pronunciadas com calma, conseguiram vencer a incredulidade de Sabin. Galen. O responsável pela tortura dos guerreiros. Seu maior inimigo, que uma vez foi amigo.

Galen tinha sido quem tinha sugerido que distraíssem Pandora e abrissem aquela maldita caixa. Galen era quem tinha incitado a necessidade de mostrar aos deuses seu engano. Galen tinha sido seu aliado, ou isso pensavam todos.

—Os deuses não confiaram em nós para que custodiássemos a caixa, —lhes havia dito Galen— acaso não demonstramos qual é nossa força uma e outra vez? Não sangramos por eles, não os protegemos ao longo dos séculos? E escolhem a uma mulher por cima de nós! Elas não têm nem a metade de nossa força!

Cameo tinha se ofendido e tinha passado as unhas no rosto de Galen. O demente riu. Cameo também se ofendeu pelo fato de que a escolhida tivesse sido Pandora em

vez dela, assim os guerreiros se uniram, seguros de que teriam êxito. Mas Galen tinha planejado traí-los desde o começo. Estava ciumento por motivos que nada tinham a ver com a caixa. Os deuses tinham escolhido Lucien para o posto de Capitão da Guarda, e não a ele. Depois de que tudo ocorresse, tinham sabido que Galen os tinha usado para que fizessem o trabalho sujo, abrir a caixa. Enquanto eles levavam a cabo sua brilhante idéia, ele estava mobilizando o exército de Pandora para que o ajudasse a derrotar a seus amigos, e poder capturar aos demônios por si mesmo, levar todo o mérito e usurpar o lugar de Lucien.

No princípio, tudo tinha ido bem. Paris tinha conseguido seduzir Pandora para afastá-la da caixa, porque nenhuma mulher era capaz de resistir a ele mesmo então. Outros se aproximaram da caixa sigilosamente. Entretanto, quando tinham chegado, se encontraram com um quadro de soldados, entre os quais estava Galen.

Iniciou-se uma batalha sangrenta, cheia de violência. No final, a caixa tinha se aberto de verdade, os demônios tinham escapado e, face aos esforços de Galen e os de outros guerreiros, não tinham podido capturá-los. Os demônios eram muito mais fortes do que eles tinham pensado. E pior ainda, a caixa se desvaneceu como se fosse um fantasma, enquanto os demônios devoravam a carne dos guardas de Pandora, como piranhas famintas e desesperadas. Os gritos ainda obcecavam Sabin.

Embora Galen os tivesse traído e tinha ajudado, supostamente, a Pandora, os deuses o castigaram como os outros. Para Sabin, abrigar o demônio da Esperança não era suficiente castigo, mas ele não tinha podido tomar a justiça por sua mão. No turbulento período que seguiu à posse dos demônios, Galen tinha desaparecido, e Sabin ficou de uma vez contido e furioso. A vingança teria sido boa. Possivelmente o conseguisse depois de tanto tempo.

—Como se atreveu a fazer isto?—pergunto Strider— Não era suficiente uma traição para ele?

—Se for ele quem controla aos Caçadores, também talvez que fosse o diretor do Instituto para o que trabalhava Ashlyn. Uma vez, ela mencionou que ninguém nunca tinha visto seu presidente porque nunca se mostrava em público. — disse Maddox.

—Possivelmente. —Sabin deu de ombros— É irônico que uma associação que se gaba da superioridade humana esteja dirigida, em segredo, por um ser que é meio imortal, meio demônio. Como acha que ele se acerta para evitar que os Caçadores saibam a verdade? Não podem sabê-lo, ou teriam se rebelado contra ele. E por que Galen quer que morramos, de todo o modo?

—E por que nos convenceu de que abrissemos a caixa e depois nos traiu?— perguntou Strider— Tinha que ganhar, sempre, fosse ao preço que fosse.

—Olhe quem fala, Derrota. —disse Maddox.

—Possivelmente sempre quis nos esmagar, nos superar, mesmo aos deuses, e ganhar o céu.

Sabin agarrou a adaga que tinha metida no cinturão.

—Sejam quais forem seus motivos, se tiver razão e estivermos a ponto de celebrar uma reunião familiar, eu vou cortar a cabeça dele. Sua caveira ficará muito bem em minha mesinha de cabeceira. Me economizará ter que ir ao banheiro a noite.

Paris lhe lançou um olhar de ironia.

—Eu sou o que faz as brincadeiras aqui. De todo o modo, eu não contaria com que apareça.

—Estou de acordo com você. —disse Torin, se dirigindo a Paris— Por algum motivo, Galen ainda não se mostrou ante nós. Não quer que saibamos que é o líder dos Caçadores.

—Então vamos lhe mandar um convite para vir ao castelo. E com convite quero dizer a seus Caçadores em bolsas de cadáver. —propôs Strider.

—Oh, isso está muito mal. —disse Gideon, querendo dizer o contrário— Isto vai ser muito aborrecido.

—Bom. —disse Torin, enquanto começava a teclar— Vamos permitir que entrem os Caçadores ou não? Querem a Danika. O Olho que tudo vê, e estão desesperados porque pensam que ela poderá ajudá-los a encontrar a caixa e a acabar conosco. Se lhes deixamos entrar, estarão mais perto dela.

Sabin negou com a cabeça.

—Não, não mais perto. Reyes está escapando com ela. Danika se afastará, enquanto os Caçadores se aproximam de nós.

—E como pode ser ela um dos artefatos, de todo o modo? —perguntou Cameo.

—Pelos deuses, mulher! —disse William— Sua voz é como a morte. Não pode ter a boca fechada até que eu tenha partido da sala? Por favor, sério, é a única mulher do mundo a que quero resistir.

E lançou um olhar assassino.

—Será melhor que se cale, —disse Torin a William— ou ocupará uma das bolsas para cadáveres do Strider.

No rosto do Cameo surgiu o mais parecido a um sorriso que Sabin tinha visto fazia séculos.

—Ashlyn disse que Hydra custodia os artefatos, e Anya o confirmou mais tarde. Ninguém esteve custodiando à garota.

—Possivelmente Hydra a cuidasse no passado. —disse Sabin— Danika deve estar no mundo da antigüidade, embora obviamente não seja imortal, assim terá tido que reencarnar. Ou possivelmente sua habilidade passe de geração em geração, e por isso os deuses querem acabar com toda sua família. Ou possivelmente Hydra a perdesse. Demônios, talvez Reyes seja Hydra. Já viram como está com ela.

Houve um momento de silêncio, e alguém disse, rindo:

—Reyes é Hydra!

Então Lucien interveio:

—Que entrem. Lutaremos aqui contra os Caçadores. É mais seguro desse modo. Torin assentiu sem deixar de teclar.

Esporeado pelo desejo de lutar, Sabin observou os monitores, oito telas que cobriam toda a colina. Tinha anoitecido: a única luz que se filtrava entre as folhas das árvores era a da lua. Todos os Caçadores estavam vestidos de negro, e haviam inclusive pintado o rosto. Entretanto, não podiam se ocultar dos sensores de calor, nem tampouco do olho perito de Sabin. Além das manchas vermelhas, cada rangido das folhas, cada movimento da terra os delatava.

Lucien e Sabin decidiram se dividir. Lucien iria à colina, e Sabin ficaria com seus guerreiros no castelo. Enquanto descia ao piso inferior, depois de que Lucien e os outros saíssem ao exterior, Sabin se perguntou se teria que enfrentar Stefano. Aquele homem queria matá-lo por ter causado o suicídio de sua esposa, isso era compreensível, mesmo. Entretanto, Stefano não deixava de atacar a seus homens,

nunca os ia deixar tranquilos, e isso não era aceitável. Ele não ia permitir que os acoisassem daquele modo.

—Gideon, você vá à sala de jogos. Já sabe o que tem que fazer.

—Não, não sei. —respondeu Gideon, e se separou do grupo.

—Kane, corredor norte.

Kane, guardião de Desastre, assentiu e dobrou a esquina seguinte. Ao passar sob um abajur, a lâmpada estalou. Se ouviu uma imprecação, mas o guerreiro continuou seu caminho.

—Cameo. —disse Sabin, e se voltou para olhá-la. Entretanto, Cameo não estava ali. Onde demônios estava? Sabin se irritou. Aquela mulher não fazia mais que desaparecer ultimamente— Amun, corredor sul. Não houve resposta. Amun assentiu e partiu.

—Dois minutos mais—disse Strider— e começará a diversão. Duvido que Lucien e seu grupo possam matar a todos lá fora. Sabin o olhou.

—Por que em dois minutos? Como sabe?

—Radar interno.

Antes que Strider terminasse de pronunciar a última palavra, o som de alguns vidros quebrados se ouviu pela casa. Sabin e Strider sorriram.

—Seu radar é uma porcaria. A diversão começou agora mesmo. Você vá ao corredor oeste, eu irei ao leste.

Strider assentiu e deu a volta.

—Tome cuidado. — disse Sabin enquanto se afastava.

Explodiu outra janela, aquela bem em cima dele. Um momento depois, três homens pendurados em cordas se deixaram cair pelas janelas. Ele cruzou os pulsos e começou a apertar os gatilhos de suas armas. Os homens gritaram e caíram ao chão. Ao ver seus corpos mortos, ele sentiu satisfação. Entretanto, também percebeu o grunhido de seu demônio. Dúvida queria entrar em ação.

—Que se divirta. —murmurou Sabin, que quase podia ver o demônio esfregando as mãos de alegria.

Sua mente se abriu em duas para deixar que o espírito atravessasse o plano mental, procurando os pensamentos débeis para se equilibrar sobre eles. Sabin, que estava muito acostumado à experiência, nem se alterou. Melhor, porque a distração lhe teria ficado muito cara.

Outros dois Caçadores entraram pela janela. Ele lhes disparou tão rapidamente como aos anteriores. Assim era sua vida, sempre tinha sido assim. Lutar, matar. Desde que tinha uso da razão, sabia que não se podia perdoar os inimigos. Para isso o tinham criado, depois de tudo. Para lutar e para matar. E assim era como ia dar seu último fôlego: lutando, matando. Houve um som a suas costas.

Sabin se virou e disparou novamente. Abateu a outros dois Caçadores, que desabaram uivando de dor. Alguém levou a mão à bota e lançou uma granada. Tão rapidamente como pôde, Sabin a agarrou e a lançou pela janela, rezando para que nenhum de seus amigos estivesse por ali. Era melhor que explodisse fora do castelo.

A explosão criou fogo e fumaça, gritos e uma onda de calor que entrou pelo corredor e lhe queimou a pele. Pela janela entraram escombros disparados, e o ramo de uma árvore lhe golpeou a rosto antes de cair ao chão.

Sabin ia saltar por cima dos cadáveres quando se deu conta de que um dos

Caçadores não tinha morrido. O homem tinha conseguido elevar uma arma, e sorrindo, murmurou:

—Não há piedade. Esse é seu credo, não?

Apertou o gatilho, e a bala impactou na coxa de Sabin.

—Desgraçado!

Os disparos a queima-roupa eram muito prejudiciais, e Sabin soube imediatamente que o músculo tinham se feito migalhas. Com um gesto de dor, deu vários tiros no corpo do Caçador.

—Sim, esse é meu credo. —lhe cuspiu.

O homem exalou o último suspiro um segundo depois.

“É muito fraco”, sussurrou Dúvida a um dos Caçadores que havia fora. “Os Senhores o matarão. O mais provável é que não sobreviva para ver outro amanhecer”.

Sabin ouviu com clareza a resposta do homem:

“Não, não. Sou forte. Eu os matarei.”.

“Está morto de medo, e eles podem perceber. O atacam como a um animal. E se lhe cortam em pedaços e os enviam a sua família?”.

Habitado a aquela catarata de dúvidas, Sabin bloqueou os sussurros. Olhou à esquerda e à direita sem parar enquanto se ocultava em um canto junto à janela quebrada. Não havia nenhum Caçador que fosse entrar por ela, e tampouco havia sinal de nenhum outro pelo corredor.

Contendo a respiração, olhou a ferida. Era um buraco sangrento. Ao tocá-lo, esteve a ponto de gritar de dor. Apalpou a parte traseira da perna e notou outro orifício; por sorte, a bala tinha saído de seu corpo. Bem, possivelmente não fosse tão mau, depois de tudo.

Arrancou um pedaço de tecido da barra da camisa e o atou à coxa para deter a hemorragia.

“Como estão seus homens? E os de Lucien? Oxalá não morra nenhum. Os Caçadores lhes superam em número, assim é possível que...”.

—Se cale. —disse Sabin a seu demônio, que estava tentando infundir dúvidas nele.

“A maioria dos Caçadores estão treinados para poder bloquear a mente”, disse o demônio se queixando. “Só alguns quantos se abriram para mim. E já estavam mortos”.

O demônio precisava ouvir os pensamentos de suas vítimas para poder atacar.

—Pobrezinho. —murmurou Sabin— Mas se fizer que me matem , perderá tudo. Se voltará louco. E no final, terá que voltar para a caixa.

O demônio saltou por sua mente, horrorizado.

“ Não! A caixa não!”.

—Então se cale.

O demônio obedeceu.

Fora, Sabin ouviu disparos e ofegos de dor. O deslizamento do aço pela pele e os ossos. Olhou para a paisagem noturna sem sair das sombras nas quais se ocultou. Viu brilhos prateados de adagas e de estrelas atravessar o ar antes de se cravar em suas vítimas.

Divisou a um de seus amigos. Maddox corria e, de um salto, caiu em um grupo de Caçadores. Durante vários segundos houve um caos de pernas e braços, e uma

folha que se movia rapidamente, com fluidez, em uma dança mortal. Depois tudo ficou em calma. E Maddox?

O guerreiro ficou em pé tirando os cadáveres de cima. Depois deu a volta e fez um gesto a alguém. Reyes, que tinha o braço ao redor da cintura de uma mulher, saiu à luz, mas os três desapareceram ao cabo de um momento.

“O Olho que tudo vê. Menos mal que não a matei quando tive oportunidade”.

De repente, alguns passos que se aproximavam chamaram a atenção de Sabin. Muito tarde. Deu a volta e viu quatro Caçadores.

—Encontrei a um!—gritou um homem, enquanto mirava e corriam para ele.

—É meu. Quando se recuperar de meus golpes, será seu.

—Eu lhe farei mal. Agora e depois. Isto é por meu filho, demônio!

O crivaram de balaços: no ombro, no estômago, na coxa, junto à outra ferida. Entretanto, ele não se deixou distrair pela dor, e se lançou para eles com um rugido. Disparou suas armas semi-automáticas até que os carregadores estiveram vazios. Depois as deixou cair e entendeu os braços. As balas seguiam o alcançando.

Os Caçadores e ele se encontraram na metade do corredor. Devido ao choque, todos caíram ao chão. Um deles golpeou a cabeça contra o chão de tal modo que não voltou a se mover. Os outros três tiraram facas e tentaram cravá-la em Sabin. Entretanto, ele esperava aquele ataque, e durante a carreira tinha tirado sua própria faca.

Os humanos, por mais preparados que fossem, não podiam igualar a força e a velocidade de um imortal.

Cortou-lhes o pescoço antes que pudessem lhe fazer nada mais que umas quantas incisões. Ofegando, Sabin ficou em pé. Estava muito enjoado, e cambaleou. Naquele ritmo, possivelmente não vivesse para enfrentar Stefano. E muito menos com Galen, se acaso o covarde mostrasse o nariz.

Fechou os olhos durante um instante, vencido pela fadiga e pela debilidade.

Deve ter desmaiado, porque quando abriu os olhos novamente, havia um humano ante ele. Não era qualquer humano, a não ser Stefano.

Sentiu uma quebra de onda de ódio, mas não tinha força para se levantar.

—Sábua que era você. —disse Sabin. Stefano estalou a língua.

—Se olhe, Dúvida. Deve estar sofrendo. Que pena.

Sabin moveu o braço são, lentamente, para as costas, onde ainda tinha uma adaga na cintura. Sentia o metal contra a pele.

—Oh, eu não faria isso se fosse você. —disse Stefano, elevando a pistola que levava e apontando para a rosto de Sabin.

Sabin ficou quieto.

—Os dois sabemos que não vai me matar.

—Possivelmente. Mas não tenho problema em o ferir, em o levar ao bordo da morte. Minha equipe conta com médicos que sabem como salvar a um homem que está a um passo da morte.

—É um encanto. —disse Sabin. Tinha a mente cheia de uma névoa doentia. Era uma névoa que não tinha nada a ver com a debilidade, a não ser com... drogas? Stefano lhe teria injetado algo enquanto estava inconsciente?

—Sim, sou. Não o cortei os braços e as pernas, como queria fazer. Não tenho escrito o nome de Darla com a faca no seu peito.

Ouvir o nome de sua amante na boca daquele homem era repugnante.

—Ela o odiava, sabe? Você pensa que eu a afastei de você, mas a verdade é que correu voluntariamente a meus braços.

Stefano se enfureceu.

—Mentiroso! Me queria! Nunca teria me enganado, mas seu demônio e você a confundiram, a mudaram. Durante os últimos onze anos roguei ao ciclo que tivesse uma amante para poder lhe arrebatá-la, mas nunca o fez, e estou farto de esperar. Arrebatarei a seus amigos, e sua dignidade. E finalmente, tirarei sua vida.

—E com semelhante violência vai conseguir um mundo melhor?—perguntou-lhe com sarcasmo— Cheio de paz e de harmonia?

Stefano passou a língua pelos dentes. Houve uma mudança de expressão em seu rosto, da ira à compostura, como se a pergunta de Sabin o tivesse recordado qual era seu propósito.

—Onde está a garota?

—Possivelmente a tenhamos vendido. Ou possivelmente a tenhamos feito pedaços e tenhamos tomado o café da manhã. —disse Sabin.

—Onde está, demônio? Me diga a verdade. Não a matou. É o Olho que tudo vê.

—O que? Há dito que é um olho? Seus olhos são bonitos, mas eu não a definiria assim.

Enquanto falava, Dúvida tentou entrar na cabeça de Stefano.

“A garota pode estar guiando aos Senhores para o terceiro artefato neste momento. Se encontrarem primeiro a caixa, não poderão conter aos demônios. Sabin viverá, e você morrerá”.

Stefano entreabriu os olhos. A mão com que segurava a pistola tremia violentamente.

—Basta!

Sabin piscou inocentemente e, com dissimulação, seus dedos se fecharam em torno do punho de sua adaga.

—O que?

—Deixa de me encher a cabeça desses pensamentos envenenados. É isso o que fez a Darla? Assim a matou?

—Se suicidou. —disse Sabin.

Devia tomar cuidado. Não queria provocar Stefano tanto como para que lhe disparasse no rosto. Poderia deixá-lo desfigurado para toda a eternidade, ou mesmo matá-lo.

—Parece que está a ponto de explodir. —lhe disse— Posso o ajudar de algum modo, como, por exemplo, te dizendo que trabalha para um demônio?

Stefano mostrou os dentes com expressão feroz.

—Se faça de idiota se quiser. No final, não se salvará, e não salvará a garota. E não tente me confundir com suas mentiras repugnantes. Meu líder é um anjo, e nossa causa foi ordenada do céu.

Sabin viu que tinha os músculos do dedo tensos, e soube que lhe faltava muito pouco para apertar o gatilho. Estava tão furioso que, provavelmente, já não lhe importava que Sabin seguisse vivendo. E suas palavras o confirmaram:

—Não me importa o que acontecerá a seu demônio quando tenha morrido. Quero que morra. Que seja castigado para sempre.

Sabin juntou forças, girou e rodou no mesmo instante em que soava um disparo. A bala lhe roçou o ombro, o queimando e lhe cortando a carne. Antes que seu inimigo pudesse disparar de novo. Se levantou de um salto e deu um chute no tornozelo de Stefano. Quando o homem caiu ao chão, Sabin lhe tirou a pistola de um golpe.

Em alguma parte, por trás, ouviu passos que se aproximavam. Inimigos ou aliados?

Stefano se arrastou para trás; Sabin desejava se aproximar dele e lhe quebrar o nariz de um murro, ou lhe cortar o corpo. Entretanto, tinha perdido as forças, estava ofegando e enjoado, e tinha os ossos contraídos. A única coisa que podia fazer era esperar, rogando para que fossem seus amigos os que iriam dobrar a esquina.

—Não terminamos. —disse Stefano enquanto ficava em pé. Olhou para o corredor e empalideceu.

Graças aos deuses; isso significava que quem se aproximava eram seus amigos. Ao menos, um deles; pela extremidade do olho viu Gideon, que estava elevando sua arma.

—Sabin. —gritou Gideon— Merda! Não estou aqui, amigo!

Stefano, que não viu outra saída, correu para a janela e se atirou. A menos que houvesse um homem o esperando abaixo, morreria pela queda. Rendeu-se com tanta facilidade?

Gideon não se deteve. Comprovou como estava Sabin e depois se aproximou correndo da janela. Sabin sorriu fracamente. “O treinei bem”, pensou, antes de cair ao chão.

—Acredito no que estou vendo. Nosso amigo favorito com suas asas brancas não apanhou a esse idiota no ar—disse Gideon. Começou a disparar como um louco até que lhe terminaram as balas— Bem! Dei-lhe!

Sabin piscou até que conseguiu clarear a visão. O imortal responsável por sua tortura apareceu. Ali estava Galen, com suas asas brancas revoando delicadamente, ao lado da janela. Continuava tão alto, bonito e forte como sempre, como se não tivessem passado milhares de anos.

Estava sorrindo.

Sabin pensava que estava preparado para ver o guerreiro, mas não era assim.

—Agora já sabe. —disse Galen, com a voz carismática e poderosa que recordava Sabin— Agora começa a verdadeira diversão.

Foram as últimas palavras que Sabin ouviu antes de desmaiar.

Capítulo 22

Três dias. Tinham passado três malditos dias desde que Danika e Reyes tinham escapado da fortaleza. Tinham estado viajando de um lado a outro, de avião, em um carro roubado ou de trem, sem permanecer muito no mesmo lugar. Só no caso de alguém os estarem seguindo. Nenhum dos dois queria conduzir aos Caçadores até a família de Danika. E, por muito difícil que fosse para ela estar outra vez fugindo, era melhor que antes, porque Reyes se encontrava a seu lado. Embora fosse de muito

mau humor.

Não tinham falado muito. Ele lançava ordens de vez em quando, “se agache”, “corre”, “se cale”, e isso era o grosso de sua conversação. Danika não tinha visto nenhum Caçador, mas isso não significava nada, e vivia em um medo constante. Como de costume.

Dormiam em motéis baratos, sempre no mesmo quarto, mas nunca na mesma cama. Algumas vezes, de noite, depois que ele tivesse assegurado as portas e janelas. Reyes se trancava no banheiro. Como naquele momento.

Danika estava olhando a porta com os olhos entrecerrados, deitada na cama, apoiada contra a cabeceira. Sabia exatamente o que ele estava fazendo. Sabê-lo não a desgostava, mas... entristecia. Por que já não a desejava? Por que não ia a ela para satisfazer a seu demônio?

Porque pensava que ela não era mais que um estúpido Artefato?

—Idiota. —murmurou.

Seus amigos e ele se mantinham em estreito contato, pelas conversações que ela tinha podido escutar às escondidas, sabia que os Caçadores tinham atacado a fortaleza. Stefano tinha conseguido escapar ileso. Alguns quantos Senhores tinham muitas feridas graves, mas estavam se recuperando. Oh, sim. E queriam que pintasse. Que respirasse, que comesse e que pintasse. Isso era tudo o que queriam que fizesse.

Alguns meses atrás, aquilo teria sido sua felicidade.

Reyes lhe tinha dado um álbum de esboços, no qual, todas as manhãs, Danika plasmava seus sonhos. Eram pesadelos mais violentos que nunca, nos quais os demônios davam passos nos muros abrasados do inferno. Quando terminava, Reyes arrancava as páginas e as enviava por fax para Lucien. Ela não sabia se os desenhos ajudavam a sua causa; ninguém lhe dizia nada.

—Porque só sou a que pinta. —grunhiu.

A porta do banho se abriu. Reyes tinha apagado a luz, assim que ela só viu sua sombra enquanto ele saía. O aroma de sândalo estava misturado com o aroma acre do sangue, e ambos chegaram ao seu nariz. Embora Danika não pudesse ver seu rosto, ela sim estava banhada pela luz da lua, e ele a estudou. Ela sentiu a intensidade do olhar de Reyes atravessando-a, deslizando sobre ela.

Seu calor..., ela sentia falta de seu calor. Desde que tinha estado com ele, não tinha experimentado outra coisa que frio. Era muito pedir que lhe desse calor? Ao que parece, sim.

—Está preocupada com sua família?—perguntou Reyes enquanto se acomodava na cama que tinha feito para ele no chão.

Ela tinha chamado aos amigos de sua avó e estes lhe haviam dito que não haviam voltado a ver a vovó Mallory.

—Não. Estão bem. Possivelmente esteja louca, mas me convenci de que estão bem. Estou impaciente para vê-las amanhã. Obrigada por ceder no final.

—Não cedi por você. Cedi porque não vi nem um rastro de Caçadores.

—Dá no mesmo. Obrigada.

Passou um minuto, e depois outro. Ele não se moveu. Não fez nenhum ruído; nem sequer se ouvia sua respiração. Danika odiava o silêncio. Permitia a ela se preocupar com o que Reyes estava pensando e pelo que ia ocorrer nos dias seguintes, e se lamentar pelo fato de que antes só queria passar uma noite com Reyes e naquele

momento lhe rogaria outra. E outra. Quanto mais percebia seu aroma, mais o desejava.

—Me distraia, por favor. —lhe disse.

—Como?

—Não sei. Me conte algo de você. —pediu.

—Acreditava que não queria saber nada.

—Mudei de opinião. Sou uma garota, tenho direito a fazê-lo.

Passou outro minuto de silêncio, e ele disse:

—Não quero brincar disto, Danika.

—Não posso dormir. —disse ela— Me fale de algo. Obviamente, leva no mundo muito... muito tempo. Estou segura de que pode me dar alguma lição de história.

Pareceu-lhe que o ouvia soprar e franziu os lábios.

—Não aceita o desafio?

—Me conte algo de você primeiro. Como se mantinha em sua vida anterior?

—Fazia retratos e murais. Não era rica, mas podia pagar as contas. Minha mãe, no princípio, ficou decepcionada. Minha avó também ganhava a vida pintando, e eles queriam algo diferente para mim. Queriam que estudasse medicina, direito... algo mais importante, suponho.

—Pintar é importante. Acrescenta beleza ao mundo.

—Obrigada. —disse ela. Essas palavras a emocionaram mais com respeito a Reyes— Minha avó tentou se suicidar uma vez. Disse que seus quadros a estavam voltando louca. Entretanto, depois daquela tentativa, sua força criativa secou, e nunca voltou a pintar. Essa força deve ter passado para mim, porque comecei a ter sonhos umas semanas depois. Sua vida se encheu de serenidade e a minha, embora só fosse uma menina, se fez turbulenta. Suponho que essa é a razão pela qual minha mãe não queria que eu estudasse Arte.

—O que aconteceu a seu pai? Ficou em casa quando vieram para Budapeste ou está...?

—Morto? Não. Nos abandonou. Formou outra família.

Aquela perda tinha destruído Danika. Ela o tinha por um deus. Ao menos, por um homem bom. Entretanto, ele a tinha abandonado como se não significasse nada.

—Minha mãe me disse que a crise da meia idade o afetou muito.

—Sinto muito.

—Após isso, meus avós, os pais de minha mãe, vieram para casa e ajudaram a minha mãe a nos criar. Meu avô se transformou em um segundo pai para mim, e por isso sua morte foi tão dolorosa.

—Conheceu muitas perdas em sua curta vida.

—Sim.

E não tinha intenção de perder também a Reyes. Tinha tentado evitá-lo, havia lutado contra isso, mas ele se transformou no mais importante do mundo para ela.

—Agora é a sua vez de me contar algo.

Uma pausa.

—Me conceda um momento para que pense.

Ela se deitou de lado. O lençol roçou sua pele, lhe recordando que havia um homem muito bonito e sensual a centímetros dela. “Mas... uso uma camiseta e estou

rodeada de algodão. Meu corpo não deveria reagir como quando estou nua e envolta em seda”. Entretanto, o calor se estendia por seu corpo e se apropriava de todas as células.

—Me fale de suas outras namoradas. —lhe disse. Com aquilo, sua excitação deveria se mitigar. Então, se deu conta do que havia dito exatamente— Com o de “outras” não quero dizer que eu seja sua namorada atual, nem que o tenha sido nunca.

Deus, podia ser mais embaraçosa aquela conversa?

Ele suspirou, e ela teria jurado que sentia seu fôlego de hortelã por todo o corpo.

—Tentei ficar com duas mulheres.

—O que quer dizer com que tentou ficar.

—Ter uma relação com elas.

—E o que ocorreu?—perguntou Danika com uma súbita pontada de ciúme.

—Depois de umas semanas, começaram a atacar a todos aqueles com os que cruzavam. Riam enquanto batiam nas pessoas. Empurravam, arranhavam, davam murros. Mesmo esfaqueavam.

Detectou um tom de culpa em sua voz.

—E pensa que você as fez assim?

—Sei.

—Possivelmente já estivesse em sua natureza. Talvez você só as ajudasse a fazer realidade seus verdadeiros desejos. Talvez se sentisse atraído por esse tipo de mulheres inconscientemente, sabendo que não achariam suas preferências... pouco atraentes.

Mais silêncio.

—Talvez. — disse ele, e naquele momento havia esperança em sua voz.

Esperança. Ela não ia ponderar os benefícios daquela palavra. Essa noite não.

—Você tem uma natureza bondosa. — acrescentou Reyes, em tom pensativo— Entretanto, no mesmo dia em que nos reunimos depois de passar meses separados, me mordeu.

—Estava furiosa com você e assustada por minha família.

—Ou Dor a influenciou e a convenceu para que me atacasse.

—Ou estava furiosa e assustada. — repetiu ela.

—Como eu disse, tem uma natureza bondosa.

—Não. Sinto o desiludir, mas sempre tive um temperamento volátil.

—Não acredito em você.

—Acredita, mas não quer me acreditar. Por quê? Não quer admitir que somos muito parecidos? Acha que não vai gostar de quem sou na realidade?

—Eu gosto de quem é. Só estou assustado de quem é: alguém doce, apaixonada, generosa, considerada. E sim, um pouco selvagem. A desejo mais do que nunca tenho desejado a nenhuma outra mulher.

Deus santo. Aquelas palavras lhe derreteram os ossos.

—Me fale de seus namorados. —exigiu ele então.

—Mas se antes dizia que não queria que falasse deles...

—Mudei de opinião. Sou um homem. Tenho direito a fazê-lo.

Ela riu. Reyes lhe havia devolvido suas palavras.

—Alguma vez esteve apaixonada?

—Não.

Estava apaixonada por Reyes? O que sentia por ele era muito mais intenso que tudo que tivesse experimentado antes. Aquele desejo fervente, o desejo, a suavidade de sua alma...

—Mas tive encontros. — continuou— Muitos.

—A que se refere com muitos?

—Uma garota tem que beijar a muitas rãs antes de encontrar a seu príncipe, conforme me dizia minha irmã. Eu levei a sério e saía com qualquer que me pedisse. E para que saiba, não era uma garota fácil.

—Fácil?

—Já sabe, isso de se deitar com qualquer um que expresse interesse.

Ele soltou um bufo.

—Fique tranqüila, sei que não é fácil. Alguém a chamou fácil? Se for assim, eu...

—Reyes, pare. — disse ela, rindo — Ninguém me chamou fácil. Só queria que você soubesse. Na realidade, só saí com alguns caras a sério.

—Devo matá-los?

—Nossa, acredito que isso é a coisa mais bonita que me já me disse.

Danika pareceu ouvir sua risada.

—Eu nunca estive apaixonado. — confessou então Reyes, e a surpreendeu.

Ela sentiu vontade de começar a dançar e a cantar. Era dele. Sempre tinha sido dele.

—Nem sequer antes de estar possuído?

—Nem sequer.

Tentou imaginar como devia ter sido milhares de anos atrás, quando era um guerreiro dos deuses, vital e despreocupado.

—Como foi antes?

—Como agora, embora... mais relaxado, suponho. — disse, e riu, certamente ao recordar algo. Aquela risada foi como uma carícia para ela— Tinha um lado brincalhão, e não fazia mais que atormentar Aeron. Escondia suas armas, cortava seu cabelo enquanto dormia... No final, começou a raspar a cabeça.

—Oxalá tivesse o conhecido então.

—Possivelmente seja melhor que não. Éramos como crianças. Nascemos com o corpo totalmente desenvolvido, mas nossas mentes eram jovens, e nos maravilhávamos constantemente do mundo que nos rodeava. Estávamos treinados para ser guerreiros, mas só tínhamos aos deuses e suas diversões como modelo.

Nem sequer com aquela explicação, Danika podia imaginar-lhe como se fosse um criança, rindo, correndo e jogando.

—Como é possível que nascesse sendo um homem adulto?

—Se mescla o sangue de um deus, terra, fogo, água... Ao menos, isso é o que nos disseram. E você? Como foi de criança?

—Suponho que era uma menina típica. Tinha birras e me queixava para conseguir o que queria. Minha mãe me chamava “demônio da Tasmânia”.

—Ora, seguro que mesmo então parecia um anjo.

Anjo. O coração dela se acelerou.

—Reyes. — disse Danika sem fôlego.

—Me diga. —respondeu ele, resignadamente.

—Quero estar com você de novo.

—Danika...

Ela grunhiu de frustração.

—Não importa. Só...se cale e dorme. Se deitou de barriga para baixo, irritada, e deu um murro ao travesseiro para aplainá-lo.

Não houve nenhum som que a alertasse de um movimento por parte de Reyes, mas de repente, ele apareceu em cima dela. Seu corpo pesado a esmagou contra o colchão. Danika ofegou.

Ele pegou sua nuca com força e fez que voltasse a rosto para ele para que pudesse respirar. Entretanto, não se moveu, não rodou pela cama para liberá-la. A manteve imóvel. Danika viu seu rosto pela extremidade do olho. Seus olhos brilhavam com fogo.

A luz da lua o iluminava e conferia um brilho dourado a sua pele escura, da cor do mel. Estava ofegando. Sua larga e grossa ereção se apertava contra o traseiro de Danika, e ela estremeceu.

—Não vou a destroçar. —rugiu ele— E se isso significar que não posso voltar a te possuir, não o farei.

—Então é idiota! Isso já me disse antes. Cansei de ouvi-lo.

—Não tem nem idéia do que poderia ocorrer. Não entende o conceito...

—Tem medo de que a sede de dor se aproprie de mim, como ocorreu a essas mulheres. Pois sabe o que? Essa não é minha natureza! Matei a um homem Reyes. Um humano. Um Caçador. O feri, e depois o matei. E ataquei a alguém mais? Ataquei a você, ou a seus amigos, quando tinha muitas razões para fazê-lo?

—Não. — disse Reyes, e se arqueou contra ela— Não.

Danika não pôde evitar um gemido.

—Fiz amor com você, mas não comecei a planejar os assassinatos de seus amigos, nem quis fazer mal a eles. De fato, tentei o proteger depois.

Havia dito “fazer amor”. Antes, insistia em que só era sexo.

—Porque fui suave. Porque mantive meu demônio afastado de você.

Ele queria que lhe pedisse suavidade de novo. Queria que lhe pedisse que afastasse outra vez a seu demônio. Ela sabia, mas não ia fazer.

—Me dê tudo o que tem desta vez. Deixe que demonstre a você que não vou mudar.

—Não. Não estou disposto a me arriscar.

Entretanto, não deixou de se mover contra ela. Deslizou as mãos por seus braços e a agarrou pelos pulsos. Levou-as até em cima de sua cabeça e as aprisionou com apenas uma mão; com a outra, acariciou o lado de seu corpo, e se deteve na curva de seu seio.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Sim. — suspirou— Continue. Me acaricie.

Ele colocou os dedos entre o colchão e seu corpo, e pegou todo seu seio. Danika sentiu uma pontada de prazer. Elevou os quadris para se esfregar contra sua ereção, rogando em silêncio um contato mais íntimo.

—Tire minha camiseta. Me acaricie a pele.

—Muito perigoso.

—Façamos.

—Pensa me forçar?—perguntou ele divertido.

—Se for necessário, sim. Tire minha camiseta.

Grunhindo, como se estivesse sofrendo dor, uma dor doce, liberou-a só o suficiente para lhe tirar a camiseta pela cabeça, e jogou o objeto ao chão.

—Pelos deuses. — murmurou Reyes— Não usa roupa de baixo.

—Tinha esperanças. — disse Danika, que notava os jeans de Reyes contra a pele, ásperos— Parou de resistir?

Passaram alguns instantes eternos antes que ele falasse.

Por fim, disse:

—Iremos devagar. Brandamente. Como antes.

Danika negou com a cabeça.

—Duro. Forte.

—Não. Já me cortei, e não necessito mais dor por agora.

Como tinha se cortado? Desde que tinha saído do banho? Danika soube que mentia.

—Mas...

De novo, ele pegou um de seus seios, e ela se esqueceu de protestar.

—Oh, Deus. Sim, mais.

—Está preparada?

Se sentia como se levasse toda a vida esperando por ele, esperando suas carícias. Desesperada e ansiosa.

—Averigua por si mesmo.

Um segundo depois, lhe tinha dado a volta e ela o estava olhando no rosto. Reyes era um deus, forte e feroz, e toda sua intensa sexualidade estava concentrada nela. Ele passou o olhar por seus seios, e umedeceu os lábios. Depois desceu por seu abdômen, e Danika se pôs a tremer.

Ele continuou para baixo, e se deteve no pequeno triângulo de pêlo que havia entre suas pernas. Colocou a mão entre seus joelhos e as separou. Seu olhar começou a arder. Danika viu chamas crepitando naquelas profundidades escuras como uma noite sem estrelas.

—Se agarre a cabeceiro da cama — ordenou ele. Ela tinha estirado os braços para ele com intenção de lhe arranhar o peito, possivelmente de fazer que sangrasse, mesmo.

— Mas... —se agarre a cabeceira, ou voltarei para meu lugar. Reyes estava perto de perder o controle? Se fosse assim, necessitava que lhe fizesse mal. Finalmente, poderia lhe demonstrar, e demonstrar a si mesma, que era capaz, de fazê-lo.

—Me deixe Reyes, por favor.

—Não. Não o repetirei. Se agarre a cabeceira, ou tudo terminará.

—Muito bem, mas nem sempre vou ser tão complacente. Entende?

Com os olhos entrecerrados, ela elevou as mãos lentamente e se agarrou às barras do cabeceiro. Estavam frios, e ela de arrepiou.

—Contente?

—Ainda não. Não, até que a tenha saboreado. Deus, sim.

—Eu também quero fazê-lo desta vez.

Ele gemeu. Tinha gostado da idéia, mas Danika suspeitava que não ia permitir. Provavelmente pensava que ela ia explorar seu corpo e que ia fazer lhe fazer mal. E

tinha razão. O que tinha que fazer para demonstrar para ele que não se poluiria com a violência que ele necessitava?

—É tão preciosa. — sussurrou ele. Toda sua ira tinha desaparecido. Colocou dois dedos entre suas dobras úmidas e desenhou um círculo ao redor de seus clitoris. Os quadris de Danika se arquearam para cima sem que pudesse evitar. Todo seu corpo estava desesperado por conseguir mais dele.

—Reyes. —sussurrou.

—Mais?

—Por favor.

Aqueles dois dedos entraram nela e voltaram a sair, uma vez, duas, elevando seu desejo a uma altura inconcebível.

—Está empapando minha mão. — disse ele, em tom de orgulho.

—Me lamba, por favor. — rogou ela.

Tinha que ter seus dedos, tinha que ter sua língua.

Ansiava ter tudo, mas suspeitava que nem sequer isso seria suficiente.

Entretanto, em vez de lhe conceder sua petição, Reyes se afastou dela.

—Não!—exclamou— O que está fazendo?

—Me despir. —respondeu Reyes. Tirou as calças e as deixou de um lado. Oh.

—Depressa!

Ele não voltou para seu lado em seguida.

—Reyes?

—Estou procurando os preservativos. — disse ele. Quando se ergueu, tinha um envelope prateado na mão.

—Então, não é tão indiferente, depois de tudo. Não é?

—Comprei-os esta manhã. Sabia que minha vontade é muito fraca.

O pacote desapareceu da vista de Danika. Houve um movimento de lençóis. Depois, notou os dedos de Reyes de novo no interior de seu corpo. Três, naquela ocasião.

—Deus. Sim. Sim.

E então, notou também sua boca sobre a dela, sua língua quente acariciando-a por dentro.

Era maravilhoso, tão maravilhoso. Seu membro se esfregou contra ela, suave e quente. Houve outro brilho prateado e ela gemeu de prazer, e pensou. “Outro preservativo?”. Não podia ser. Ele não necessitava dois. O que...? Por que...? Oh, Deus. Beijou-a todo o corpo, para baixo. Ele sabia onde lamber, onde sugar e onde acariciar.

—Pára um segundo — sussurrou ela. Precisava pensar, e não podia fazê-lo com seus lábios na pele.

—Por quê?—perguntou Reyes. Sugou seus clitoris enquanto afastava o rosto. Ela esteve a ponto de chegar ao clímax ao sentir um prazer tão intenso.

Prata. O que tinha sido esse segundo brilho? O que poderia fazer que ele gemesse dessa maneira?

—Danika?

Uma faca, pensou ela de repente. Se cortou. Danika soube e não gostou.

Fechou os olhos brevemente para não vê-lo.

—Me entregue a faca. Agora mesmo — ordenou.

Reyes ficou assombrado pela ordem de Danika. Estava muito excitado, e maravilhado de não ter necessitado se cortar para manter sua ereção, mas o tinha feito de todos os modos para que Dor não mostrasse sua feia cabeça. Não queria que sua decisão fraquejasse e desse a Danika uma oportunidade para saltar, como naquele momento.

Entretanto, cada vez tinha menos vontade de lhe negar o que estava pedindo. Cada vez mais desejava que lhe fizesse mal.

“Não posso poluí-la, não posso. É muito preciosa. É minha. Levo muito tempo sem ela”.

Ele lançou a faca e a cravou na parede mais afastada.

—Não. —disse a Danika.

—A faca. —replicou ela— Me dê isso.

Com o cenho franzido, ele se inclinou para ela até que estiveram nariz com nariz. Danika não se soltou do cabeceiro, assim seu corpo estava arqueado. Ele notou seus mamilos endurecidos no peito, uma tentação que queria tomar em sua boca.

Logo.

Ele agarrou o membro inchado com uma mão, e pegou o queixo com a outra.

—Me deseja?

—Sim. Sabe que sim.

—Então me terá, mas sem me fazer mal. E eu lhe darei tudo isso, mas sem te fazer mal. É a única maneira em que pode funcionar. Esperou sua resposta, com a ponta de sua ereção lhe apertando o corpo. Quando passou um minuto e não obteve dela nenhuma palavra, se inclinou e sugou um de seus mamilos.

Ela emitiu outro ofego de necessidade.

—Me diga que tenho razão — insistiu Reyes. Sugou o outro mamilo, com força, e depois lambeu a ardência.

—Sim, sim.

Tudo o que precisava ouvir. Se afundou nela até o final, e ambos suspiraram ao unísono. As paredes internas de Danika estavam úmidas, ardentes, como uma seda forjada com fogo líquido. Todos os músculos de Reyes pediam a relaxação, o delicioso prazer que ele nunca tinha experimentado de verdade com nenhuma outra mulher.

Desde o começo, tinha reconhecido a aquela mulher como dele. Como o demônio, formava parte dele, uma parte que necessitava para estar completo. Sua valentia o deleitava, suas brincadeiras o tentavam. Sua disposição para ajudá-lo apesar de tudo o que tinha ocorrido o comovia. Naquele momento, era dele. Era o caminho de saída do inferno, o caminho para o céu.

Ele não sabia se alguma vez poderia se separar dela, mas sabia que tinha que tentá-lo, por sua segurança. Como ela havia dito, a sua era uma vida de guerra e torturas, e isso não ia mudar. Danika merecia algo melhor.

Tinha tentado se manter a distância de Danika, mas tinha fracassado. Amanhã, pensou enquanto entrava e saía de seu corpo.

Ela se retorcia, sacudia a cabeça. Gemia e sussurrava seu nome.

—Como pode ser tão bom?

—Anjo. — disse ele com um ofego— Não sei.

Ela chegou ao clímax um segundo depois. Finalmente, soltou o cabeceiro e

segurou seu rosto; puxando para lhe dar um beijo selvagem.

Suas línguas se entrelaçaram, e lhe cravou as unhas. Então, Reyes a seguiu ao topo do prazer, rugindo seu nome e liberando uma maré de semente. Não sabia como era possível que sentisse um prazer tão intenso sem sofrer dor. Não entendia por que Dor estava tão calma quando ele estava com Danika, como se concedesse a Reyes aqueles momentos de boa vontade. Não entendia como era possível que se sentisse... quase normal com ela.

Tampouco teve muito tempo para refletir. Como a última vez, teve a sensação de que seu espírito deixava seu corpo, flutuava, se elevava, e se detinha quando chegava às portas do céu. Não tinha pensado nisso antes, tinha acreditado que só estava bêbado de prazer. Naquele momento, viu como os anjos voavam a seu lado e as plumas de suas asas lhe roçavam delicadamente a pele. As nuvens os rodeavam, o sol brilhava resplandecente, o céu era de um azul puro.

Um anjo o olhou e sorriu.

—Luz e escuridão. — disse a criatura celestial com um sorriso— Bonito.

Naquele momento, Reyes se deu conta de uma coisa que o assustou. Danika era de verdade o Olho que tudo vê, e aquele Olho era muito mais complexo do que se tivesse pensado. Porque de algum modo, era capaz de abrir uma porta entre a terra e o além. Um portal pelo que muitos matariam.

Danika teve pesadelos toda a noite. Sonhos escuros, turbulentos e sangrentos. O fogo do inferno a devorava, a fumaça pútrida lhe enchia o nariz e lhe provocavam náuseas. Ela tinha estado ali mil vezes, mas o mal sempre a aterrorizava.

Havia demônios com escamas de todas as cores que se arrastavam pelo enorme espaço cavernoso. Gritos, muitos gritos, que chocavam contra as paredes. Não parecia que ninguém percebesse sua presença, porque todos estavam muito ocupados correndo entre as almas encadeadas.

Ela se fixou em uma alma humana em particular; seus traços, de repente, resultavam muito familiares. Era o Caçador que ela tinha matado. Como era possível? Não. Era só um sonho, pensou.

—Me diga o que sabe sobre o Olho. — disse um demônio ao homem.

O Caçador se pôs a tremer, mas permaneceu em silêncio.

Rindo, o demônio começou a lhe cravar as garras na carne e a destroçar. O homem gritou e gritou, mas o demônio continuava sorrindo. Logo, os gritos de Danika se uniram ao coro.

—Estou aqui, anjo. Estou aqui.

A voz de Reyes penetrou em sua mente e a tirou daquele pesadelo. Estava suando, e tinha a respiração entrecortada. Reyes a abraçou e ela se aconchegou contra ele.

—O que ocorreu?—perguntou Reyes, lhe acariciando as costas.

—Vi a um demônio torturando ao homem que matei, e lhe perguntando por mim. Me abrace. — rogou.

Pela manhã, pintaria o que tinha visto. Naquele momento, só necessitava de seu homem. “Possivelmente eu seja o Olho. Possivelmente possa ver, diretamente, o além”. Os pesadelos sempre tinham parecido reais. Tinha sentido que fossem.

Deus, aquela idéia lhe produzia horror.

Reyes a abraçou com torça, sem deixar de acariciá-la, passaram vários minutos,

e ela começou a relaxar. Recuperou a calma. O mal abriu caminho para o bem.

Tinha graça que tivesse sido um demônio a afugentar seus pesadelos, pensou enquanto ficava profundamente adormecida.

Capítulo 23

Amanheceu, mas no quarto do motel não houve nenhum sinal disso. A luz do sol não penetrava nas cortinas opacas que cobriam a única janela, e Reyes devia ter desligado o relógio, porque na tela não havia números vermelhos e brilhantes que dissessem a hora a Danika.

Abriu os olhos lentamente e percebeu um irresistível aroma de café. Se levantou, e o lençol de algodão deslizou até sua cintura, deixando seus seios ao ar.

Estremeceu e subiu o lençol até o queixo. Reyes não estava na cama, e não havia nem rastro de sua roupa.

Onde...?

A porta se abriu antes que ela pudesse terminar a pergunta, e por fim entrou um pouco de luz.

Danika piscou e cobriu os olhos com uma mão.

—Bem, já despertou. —disse Reyes, e fechou.

Como a luz voltou a desaparecer, ela baixou a mão e dirigiu seu faminto olhar ao homem que lhe tinha feito experimentar tanto prazer naquela noite, ao homem que não lhe tinha permitido dar o mesmo.

Ele se deteve junto à mesinha, e ela se deu conta de que levava uma pequena bolsa na mão.

—O café da manhã está na mesa. Sinto que não seja uma maravilha, mas tenho feito a compra aqui, no motel, para poder vigiar a porta e me assegurar de que estava a salvo.

Ela afastou a vista de Reyes com dificuldade e olhou à mesa. Havia uma xícara de café, três barras de chocolate e uma bolsa de batatas fritas.

—É perfeito. — disse. E era certo. Não porque gostasse daquelas coisas, mas sim pelo fato de que ele tivesse se dado ao trabalho—. O que leva nessa bolsa?

—Uma camisa. — respondeu ele, sem explicar nada mais.

O que ocorria a ele? Estava distante outra vez, como se a noite anterior não tivesse existido. Com os olhos entrecerrados, voltou a olhá-lo. Naqueles dias se deu conta de que ele mudava de camisa ao menos três vezes ao dia. Acreditava que sabia por que. Não queria que visse o sangue seco no tecido.

Se tinha comprado uma camisa naquela manhã, era porque devia ter se cortado. Outra vez.

—Tire a camisa. — disse a ele.

Ele apertou os dentes. Foi para o banheiro e lhe disse sem olhar atrás:

—Come, se banhe, se vista. Hoje vamos ver sua família.

Seu coração deu um salto. Estava muito nervosa. Estariam bem? Sentiam sua falta tanto como ela sentia deles? Por que tinham se reunido e não a tinham avisado?

Deixou aquelas perguntas de lado no momento; saltou da cama e correu para o

banheiro. Nua, se adiantou a Reyes, estendeu os braços e se agarrou ao marco da porta para lhe fechar o caminho.

Ele se deteve muito perto dela. Imediatamente, ela desejou sua boca, suas carícias. Aquele aroma de sândalo que o acompanhava a todas as horas do dia a envolveu.

Umedeceu os lábios.

—Tire a camisa.

O olhar escuro de Reyes se fixou nela e a percorreu da cabeça aos pés, e para cima de novo.

—Tem o corpinho mais delicioso que eu já vi em toda minha vida. — ele disse apaixonadamente.

—O... obrigada. Agora, a camisa. Não vai me distrair.

Ele pôs a mão no marco, debaixo da dela, como se precisasse se agarrar a algo. A madeira rangeu sob sua palma, embora ele tentasse aparentar despreocupação.

—Sei por que tem tanto frio todo o tempo.

—Já disse que não vai poder me distrair. Além disso, não tenho frio todo o momento. Me lembro de duas ocasiões nas quais estive a ponto de me abraçar viva.

Ele franziu os lábios, mas o calor de seus olhos se intensificou.

—Não, não todo o tempo.

—Por que, então? Por que o ar está frio? Ao perceber seu tom irônico, o franzido dos lábios se transformou em um enorme sorriso. Todos os nervos do corpo de Danika se eletrificaram e se esquentaram. Aquele sorriso, Oh, aquele sorriso. Era tão embriagador como suas carícias.

—É um portal entre os céus e o inferno — disse ele, e se inclinou até que lhe tocou a orelha com os lábios. Danika estremeceu — Algumas vezes, seu espírito contata com o além e sua mente se enche de imagens.

Ela sacudiu a cabeça com incredulidade.

—Se isso fosse certo, teria tido frio durante toda a vida. Mas não experimentei essa sensação até que o conheci.

—Eu devo ser... uma espécie de condutor para você, então. Cada vez que estou com você, vôo ao céu.

Então foi ela quem sorriu.

—Isso significa que sou melhor amante do que pensava.

Primeiro, pensavam que era uma espécie de Olho que tudo vê. E depois um portal?

“Não. Sou uma garota normal, embora um pouco louca”.

Ao menos, aquela era sua prece. Não queria ser outra coisa. Não queria que todos a perseguissem durante o resto de sua vida. Merecia ter descanso e uma relação. Com Reyes. Podiam ir a uma praia, vadiar sobre a areia branca e ele podia fingir que era seu massagista.

—Com prática, certamente poderia controlar as visões. Poderia decidir se quer visitar o inferno ou o céu, e quanto quer ficar, e a quem quer ver.

—Não quero falar mais disto. Só quero que tire a camisa!—disse ela.

Ele inclinou a cabeça, mas não obedeceu.

Muito bem. Queria evitar o assunto da tortura a si mesmo. Então, lhe daria algo pior para que refletisse sobre isso:

—Me escute bem. Você tem orgasmos quando está comigo, mas sei que só se feriu um pouco. Não é nada parecido ao que lhe têm feito outras mulheres. Isso significa que seu demônio é mais dócil quando está comigo, não é?

Ele titubeou e a olhou com desconfiança. Depois, assentiu com tensão.

Ela ficou surpresa, porque só estava fazendo hipóteses. Se o demônio se acalmava com ela, e com nenhuma outra, devia estar ocorrendo algo. Seria realmente ela uma porta entre dois mundos?

—Se for o Olho que tudo vê e sou um portal, está claro que eu envio a seu demônio a algum lugar quando você está dentro de mim.

Ele ficou boquiaberto.

—Me pergunto aonde vai o demônio. Quem sabe?

Possivelmente viaje para ver seus amigos. Quer pôr a prova a teoria?

Ele se tornou para trás, como se estivesse enjoado.

—Eu... eu...

—São boas notícias, não?—disse ela, caminhando para ele— Pode estar comigo sem ter medo de me destruir.

—Não me atrevo a ter esperanças. — sussurrou ele— Já sabe o que passa quando a pessoa tem esperanças.

Certo. Para isso não tinha uma boa resposta.

—Queria ver minhas feridas. —disse Reyes. Então, subiu a camiseta e a tirou pela cabeça— Olhe.

Seu plano tinha funcionado, entretanto, Danika se deu conta de que teria gostado de continuar com aquela conversa. Fazia algumas observações excelentes. Mas então viu as cicatrizes que lhe cobriam o peito. Algumas chegavam até a tatuagem da mariposa. Havia cortes largos e pequenos, todos eles entrecruzados em uma dolorosa rede.

—Você se fez isso?— ela perguntou, tensa.

—Sim.

Confiaria alguma vez nela para deixar que o ajudasse? Provavelmente não, pensou, e se sentiu decepcionada. A menos que...

Algun dia ia lhe fazer uma surpresa. Se pudesse mandar longe a seu demônio, ele não necessitaria a dor. O que Reyes precisava era ter paz de espírito. E só o apunhalando poderia lhe demonstrar que era capaz de lhe fazer mal, de satisfazer suas necessidades, e não se tornar em uma louca sedenta de dor.

Com aquela idéia, posou a palma da mão sobre o peito e empurrou. Embora Danika fosse forte, ele o era muito mais, e o gesto não o teria movido um ápice se ele não tivesse querido permitir.

Permitiu.

—Terminamos aqui. — disse ela.

Depois, fechou-lhe a porta do banheiro no nariz.

Mulheres. Não as compreenderia nunca.

Estava fazendo um favor a Danika ao manter seu lado escuro afastado dela e, entretanto, o tinha olhado como se ele a tivesse traído. Mesmo naquele momento, duas horas depois, aquela expressão o angustiava.

“E se tiver razão? E se Dor parte quando está com ela?”.

Caso se atrevesse a confirmar uma idéia tão fantástica? Ocasionaria um dano

irreparável se ela se equivocasse? Reyes não sabia.

—Está bem?—perguntou a Danika.

Ela assentiu. Estava muito calada enquanto caminhavam pelas ruas de Oklahoma, entre os edifícios altos de tijolos vermelhos, tentando se manter nas sombras. Não tinham visto nenhum Caçador, nem a ninguém que os olhasse com atenção.

—Estamos perto agora. — disse Reyes, e a puxou pela mão.

Antes, Torin lhe tinha mandado um e-mail para dizer qual era a situação das mulheres. Não tinham se movido, e continuavam juntas.

Danika assentiu de novo. Estava pálida e cansada, e fingiu que não notava o toque de sua mão.

Reyes odiava vê-la assim.

E temia o que podia acontecer se... se descobrisse que sua avó tinha morrido. Odiaria a ele? O insultaria, ou procuraria consolo em seus braços?

Reyes sabia que devia adverti-la, prepará-la para o pior. Entretanto, não pôde fazê-lo. E em poucos minutos, se encontravam em frente ao edifício onde estava sua família; uma edificação deteriorada que tinha as janelas cobertas com tábuas e estava cheia de pinturas.

—Eu entrarei primeiro. — disse Reyes.

—Não. Se assustarão quando o virem.

—Não pode...

Reyes captou um movimento na janela, justo acima deles. Duas das tábuas não estavam juntas e permitiam que houvesse uma greta de visibilidade. E a forma que viu era muito grande para ser uma mulher.

Reyes tinha pensado que se as mulheres ainda estivessem vivas, estariam se escondendo. Não tinha tido em conta o fato de que possivelmente os Caçadores as tivessem apanhado. Tinha pensado que, nesse caso, os Caçadores teriam ficado em contato com os Senhores para sugerir uma troca.

—Danika. — disse, enquanto olhava a seu redor com maior atenção. Tinha que escondê-la, pô-la a salvo. Muito tarde.

A porta se abriu e três homens ficaram à vista. Todos estavam armados e apontavam para Danika, como se soubessem que em Reyes os disparos não fariam nada. Ele ficou furioso. Danika emitiu um ofego de terror.

— Oh, Meu deus.

—Mãos acima, demônio. — disse um dos homens a Reyes— E entrem. Se tentar algo, dispararei na garota.

A Danika? Reyes mordeu o interior da bochecha de propósito, com força. O demônio se sobressaltou e começou a rondar, grunhindo. “Preparado, Dor?”.

“Oh, sim”.

Uma risada perversa.

—Danika. — disse Reyes— Fecha os olhos. Ele não comprovou se ela tinha obedecido. Se limitou a liberar o seu demônio.

O sangue, o açougue, os gritos.

Em um dado momento. Danika teve que tampar os ouvidos com as mãos. Não podia deixar de tremer. Tinha sido uma estúpida e não tinha fechado os olhos, tal e como lhe havia dito Reyes. Tinha a intenção de ajudar.

Então, Reyes tinha se transformado; tinha passado de guerreiro a um esqueleto enlouquecido em um abrir e fechar de olhos, alguns ossos retorcidos, e dentes tão largos, afiados e grossos que poderiam ter sido os de um tubarão.

Os Caçadores começaram a lhe disparar, mas não parecia que ele o notasse. Não se deteve. Simplesmente, os devorou. Se lançou de um a outro e lhes cravou as garras na carne. Soaram bufos e grunhidos inquietantes, como de um filme de terror.

Ela continuou olhando com os olhos exagerados, temerosa de se interpor em seu caminho. Tinha medo de que atacasse a ela também. Reyes já estava salpicado de sangue dos pés a cabeça. Danika queria fugir, se esconder, mas não podia fazê-lo. Sua família estava naquele edifício. Estariam bem?

“Deveria ter vindo antes para buscá-las”.

Entre o terrível caos, ela agarrou uma arma que estava no chão e entrou no edifício. Onde estavam? Olhou na primeiro quarto: vazio. No próximo havia quatro Caçadores carregando suas pistolas. Ao vê-la, miraram-na.

—Suja prostituta do demônio! Não me importa o que dizem que é.

Ela também elevou sua arma. Ambos dispararam ao mesmo tempo. Entretanto, imediatamente, Danika estava de rosto no chão, comendo terra, e Reyes tinha passado por cima dela como uma imagem imprecisa. Os homens começaram a gritar.

Oh, Deus. Danika ficou em pé com as pernas trêmulas. Seguiu andando, decidida a continuar sua busca. Reyes não lhe tinha feito mal. A tinha protegido apesar de tudo. Ela dobrou uma esquina e subiu as escadas. Chegou a um corredor, no final do qual viu outros três Caçadores, todos eles pálidos, trêmulos. Eles a viram também, e dispararam. Novamente, Reyes a empurrou ao chão e levou ele mesmo os balaios. Estava ferido? Oh, Deus...

“Ele gosta da dor, não o recorda? Está bem”.

Danika sentiu um agudo assobio nos ouvidos, e lhe acelerou o coração.

Quando olhou para cima, viu os homens no chão, imóveis. Reyes não estava ali. Ficou em pé de novo e se pôs a correr, embora tropeçasse e caiu duas vezes. Arranhou os joelhos, mas tinha tanta adrenalina no corpo que não sentiu nada.

Do outro lado do corredor, uma mulher gritou.

—Mamãe!—exclamou ela ao reconhecer a voz— Estou aqui!

—Danika?

Outro grito.

—Danika, carinho, corre. Sai daqui!

Ela correu, mas para o quarto do qual procedia a voz de sua mãe. Em poucos segundos estava ali, ofegando. Viu sua mãe e a sua irmã amarradas a um radiador; sua avó também estava ali, amarrada a uma cama, com ambas as pernas engessadas.

Reyes estava rompendo as correntes. Seu rosto era esquelético. Estava tremendo, sangrando. Danika não deveria ter duvidado dele, e não voltaria a fazê-lo. Mesmo naquela forma, queria que ela fosse feliz. As mulheres se estremeciam e lhe davam chutes, mas ele persistia, finalmente, as três ficaram livres.

Danika correu para elas e caiu de joelhos. Abraçou a sua mãe e a sua irmã. Começou a chorar sem podê-lo evitar; as lágrimas se derramaram pelo rosto. Sentia assombro, prazer e alívio.

—Danika, ele é... é...—sussurrou sua irmã.

—Sei, sei. Não se preocupe. Não fará mal a você. É um bom menino.

Sua família estava bem. Estava com elas de novo, as abraçando.

—Acreditava que estivesse morta. — disse sua mãe entre soluços— Me disseram que tinha morrido.

—Mas agora estou aqui. Estou aqui.

Enxugou as lágrimas do rosto e ficou em pé.

—Não voltaremos a nos separar. Juro. Apenas sinto em ter demorado tanto a vir. Sua mãe e sua irmã se levantaram, com debilidade, e caminharam à cama onde estava a avó. A anciã também estava chorando. Danika tomou a mão tremula.

—O que aconteceu?—perguntou-lhe em um sussurro, se referindo a suas pernas engessadas.

—O monstro alado. — disse a avó Mallory— Me encontrou, me jogou ao chão e... e... poderia ter me matado, mas não o fez. Me pegou e me trouxe para este edifício. Acredito que eu sonhava com ele. Tenho tentado bloquear esses sonhos durante tanto tempo que são imagens nebulosas, mas acredito que talvez ele me visse durante um dos pesadelos, porque me olhava como se me conhecesse. Não sei por que, mas lhe disse que não repetisse os enganos do passado. Então, ele me deixou aqui — prosseguiu a anciã, entre lágrimas— Não podia me mover, e fiquei apanhada neste edifício. Esses canalhas devem ter me seguido, porque me encontraram mais tarde, naquele dia. Já tinham a sua mãe e a sua irmã.

Danika as olhou. Ainda choravam. Estavam muito pálidas e tinham olheiras profundas.

—Eles têm feito mal a vocês?

—Não. — respondeu Ginger, sua irmã— Não, estamos bem. A maior parte do tempo nos deixavam tranquilas. Nos davam de comer. Parece que tinham planejado nos usar como chamariz para nossos antigos sequestradores.

“Como tentaram usar a mim”, pensou ela, furiosa. Graças a Deus que Reyes havia... Olhou a seu redor pelo quarto, mas não o viu.

“Lhe dê um momento para se acalmar. Desfrute de sua família”. Porque, naquele momento Danika soube, com toda certeza, que ia ajudar Reyes a vencer aos Caçadores de uma vez por todas.

Ninguém ameaçava a sua família e vivia para contá-lo. E Reyes era sua família.

Capítulo 24

Reyes já havia voltado a si. Tinha encerrado à besta. Depois de experimentar tanta dor física, com toda sua sede de sangue saciada, o demônio ronronava de satisfação, e ele temia o que Danika pudesse estar pensando. Pôs-se a tremer, debilitado pelas feridas, sabendo que ainda não podia reconfortá-la.

Ela estava entre os braços de sua adorada família. Pelos deuses, como brilhava. Se soubesse que ele estava no quarto, não deu sinais disso. Ele saiu silenciosamente para o corredor e chamou Lucien. Enquanto marcava o número, caiu de joelhos.

Tinha tentado ficar em contato com ele enquanto estava comprando o café da manhã, mas não tinha conseguido. Naquela ocasião, entretanto Morte apareceu em frente a ele, com o rosto tenso, com uma expressão de cansaço. Seu aroma de rosas

era muito forte, mais do que nunca tinha percebido Reyes.

Reyes não se incomodou em se levantar.

—Veio recolher as almas?

—Ainda não, mas sinto sua chamada. —disse Lucien—. O que aconteceu, meu amigo? Tem mais buracos que um queijo suíço.

—Os Caçadores estavam aqui, esperando. Tinham a família de Danika como reféns, para as usar contra nós mais tarde.

—Desgraçados. E dizem que são bons moços.

Se ouviu o som de uma risada feminina, e depois o silêncio, e depois várias advertências angustiadas.

—Tem que matá-lo, Dani.

—Não, não. Não o entendem.

—Não há nada que entender.

Reyes não ouviu a resposta de Danika. Suas vozes se transformaram em sussurros. Lucien arqueou uma sobrancelha.

—Suponho que é uma reunião.

Ele assentiu e, com grande esforço, ficou de pé.

—Provavelmente, este edifício está completamente monitorado e vigiado. —murmurou Lucien— Temos que tirar as mulheres daqui rapidamente.

Reyes assentiu.

—É segura a fortaleza?

—Sim.

—Então, nos leve. A mim por último.

Vários minutos depois, Lucien reapareceu.

—É o último. Preparado?

Ele assentiu. Foi tudo o que pôde fazer.

Lucien lhe tocou o braço. Antes que Reyes se desse conta, estava em seu quarto do castelo. As pernas fraquejaram de novo e desabou sobre a borda do colchão. Teve que se agarrar ao poste para se manter erguido.

—Onde estão as mulheres?—perguntou.

—No quarto do lado, trancadas. O deixo com elas. Eu necessito... As almas estão me chamando.

Lucien desapareceu. Quando voltou, um longo momento depois, cheirava a enxofre. Reyes, que não se moveu, não se surpreendeu de que os Caçadores fossem ao inferno.

—Escuta. —murmurou Reyes— Necessito que vá à cela de Aeron.

—Por quê?

—Por favor. Leve o celular e me chame quando estiver lá. Se tivesse forças, iria eu mesmo.

Confuso, Lucien fez o que seu amigo lhe pedia. Em pouco tempo, soou o telefone de Reyes.

—Já está lá?

—Escuta, ontem Danika me contou um sonho que tinha tido. Nele, visitava o inferno. Ouvia e via os demônios e a suas vítimas. Mas, Lucien, não acredito que fosse um sonho.

—Não entendo.

—Quando eu... né... estou com ela, de algum modo transcendendo a meu corpo e vou ao céu. Acredito que ela é um portal para o além.

—Está seguro? Possivelmente você...

—Estou seguro. Da última vez, um anjo falou comigo.

—Por todos os deuses...

—Sim, sei.

—E o que tem Aeron a ver isso com?

—Não com o Aeron. Com seu amigo.

—O pequeno demônio?—perguntou Lucien com assombro— Reyes me explique. Por que?

—Lembra do Caçador que Danika matou? Bem, ela o viu no inferno. Um demônio o interrogava, e lhe exigia que dissesse o que sabia sobre o Olho que tudo vê.

—As conseqüências disso podem ser terríveis.

Reyes sabia muito bem.

—Pergunte ao demônio por que seus amigos querem informação sobre Danika. As barras ressoaram. Se ouviram escuras imprecações. Lucien suspirou.

—Só vejo Aeron.

—Maldita seja. Tenta que saia o demônio. Eu descerei dentro de um minuto.

Reyes fechou os olhos e tentou recuperar as forças, o suficiente para ficar em pé. Quando o conseguiu, se dirigiu à porta do quarto e a abriu. As quatro mulheres estavam sentadas na cama, e ficaram caladas ao vê-lo. Três delas empalideceram. Ele ainda estava coberto de sangue, e provavelmente parecia um verdadeiro monstro. Tinham disparado, apunhalado a ele, tinha a roupa feita farrapos e as feridas ensangüentadas. Entretanto, procurou Danika com um olhar faminto.

—Reyes!—exclamou ela com um enorme sorriso.

Entretanto, ao contemplar seu estado, o sorriso se apagou dos lábios

— Está ferido!

Ela se levantou e se aproximou dele..., mas Reyes saiu e fechou a porta.

Ouviu seu ofego. Danika golpeou a porta com os punhos.

—Reyes!—grunhiu.

Ele já a tinha visto e sabia que estava bem. Era o momento de se afastar, por seu bem. Não podia permitir que seu demônio a poluísse e que ela quisesse ferir depois a sua família.

Fazendo caso omissos de seus gritos, Reyes se dirigiu para as escadas e desceu aos calabouços. Encontrou Lucien em frente à cela de Aeron, agarrado às grades em silêncio.

Reyes se deteve a seu lado e olhou ao interior da cela. Aeron estava encadeado à parede, com os olhos vermelhos e brilhantes. Tinha as unhas alargadas em forma de garra. O demônio, Legião, se deslizou por seu pescoço e por seus braços, e depois por seus tornozelos.

—Pode se transportar. — disse Lucien — Apareceu de repente na metade da cela, mas não quer falar comigo.

—Falo. — disse o demônio.

—Então, me diga onde esteve.

—Inferno.

—Por quê?

—Se te disser por que, meu amigo é livre. — disse Legião — Está triste. Eu não gosto. Assim trocamos.

Na realidade, Aeron estava furioso. Seguiu a Reyes com um olhar fixo, mas não ia contradizer à criatura.

—Temo que não podemos negociar com você. Se liberarmos Aeron. Tentará matar a minha mulher. Por certo

Aeron, — disse Reyes a seu amigo— não matou à avó de Danika. Partiu antes de lhe dar o golpe final.

O guerreiro ficou tenso.

—Fracassei.

—Razão para se alegrar.

—Fracassei—repetiu Aeron.

Reyes suspirou.

—Oh, Oh. Está zangando a ele. — disse Legião, e adotou uma posição de ataque — Pagará.

—Tranquilo, menino. — disse Lucien ao demônio— Só queremos o melhor para Aeron.

Legião vaiou como um gato furioso. O som arranhou a pele de Reyes.

—Não sou um menino. Acha que sou um menino?

Todo mundo ficou imóvel e olhou à criatura. Mesmo Aeron.

Reyes foi o primeiro a reagir.

—É uma... garota?

Um assentimento.

—Sou bonita.

—Sim, é. — disse Reyes, olhando a Lucien— Muito bela.

Aeron teve que se recuperar do assombro.

—Necessito que me ajude carinho. Há um demônio no inferno que estava interrogando a uma alma condenada a respeito de uma mulher. — prosseguiu Reyes — Minha mulher. Acredito que quer lhe fazer mal. Pode me contar algo?

—Oh, Oh. É uma grande noticia no inferno. — disse Legião, com um sorriso de orgulho. Depois, se voltou para Aeron— Posso contar, posso, posso?

Em silêncio, Aeron assentiu.

—É o bilhete para o céu. O demônio que a encontre pode usá-la para escapar.

“Como vou mante-la a salvo se o rei dos deuses, todos os demônios do inferno e os Caçadores querem um pedaço dela?”.

Reyes não podia conciliar o sono aquela noite. Não só porque recordasse uma e outra vez as palavras de Legião, mas também porque Danika estava a poucos metros de distância. Apenas teria que se levantar, abrir a porta que os separava e tomá-la em seus braços. Suas feridas quase tinham se curado por completo, assim tinha forças.

“Uma vez mais”. Era muito perigoso. “Vale a pena. Ela vale a pena”. “Se for delicado, diminui o risco”. Pelos deuses, não sabia de onde saíam aqueles pensamentos, se dele mesmo ou do demônio. E lhe importava? Ter Danika uma última vez, abraçá-la, sentir sua respiração, desfrutar de seu corpo suave...

Agarrou os lençóis e apertou os dentes. Aqueles pensamentos eram arriscados. Se sentiu culpado por os permitir. Naquele estado de distração, não se deu conta de

que havia um intruso no quarto até que teve uma faca no pescoço.

Ficou muito tenso. Abriu os olhos e viu Danika. Se ela tivesse sido um inimigo, não teria reagido com tanta violência. Todo seu corpo se estremeceu e saltou. Ela estava envolta na luz da lua, e tinha o cabelo solto sobre os ombros. Usava uma enorme camiseta branca. Era dele. Teve um sentimento de posse muito forte. Se excitou.

“Luta contra isto”.

—Como escapou?—perguntou a ela.

—Aprendi a abrir fechaduras da última vez que estive aqui.

—Volte com sua família.

—Não. Sinto muito. Vou demonstrar a você que posso te fazer mal sem que eu tenha que sofrer.

Não lhe deu tempo para que o cortasse. Em uma fração de segundo lhe tinha tirado a faca e a tinha imobilizado. Fez que ambos rodassem pelo colchão e a apanhou sob seu corpo.

—Deveria estar com sua família.

Ela empinou o queixo em um gesto de obstinação.

—Senti sua. — admitiu a contra gosto.

Sem poder evitar. Reyes esfregou sua ereção contra o ponto mais suave de Danika. Não pôde impedir que seus quadris se movessem. Ela ofegou, ele gemeu. Era maravilhoso, como sempre.

—Está nu. — sussurrou Danika— Mmm, me alegro.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o beijou. Suas línguas lutaram sem inibições. Ele se arqueou para trás para tirar sua camiseta pela cabeça, e imediatamente depois voltou a beijá-la. Notou seus mamilos duros no peito, e suas mãos nas costas. Danika abriu as pernas e se apertou contra ele.

—Uma vez mais, não usa calcinha. — balbuciou Reyes, enquanto lhe acariciava um seio.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Contente?

—Morro de prazer.

Ela sorriu e o empurrou. Rodou e se colocou sobre ele, sentada escarranchada sobre sua cintura.

—Não entre. Ainda não.

—Não...

Se ergueu sobre ele e se deslizou uma, duas vezes, sobre seu membro. Jogou a cabeça para trás.

—Quero o lambar.—disse.

—Está em cima de mim.

—Sei.

Lentamente, Danika deslizou para baixo por seu corpo, e não se deteve até que sua boca encontrou o membro inchado de Reyes. Ele viu o branco de seus dentes à luz da lua um segundo antes de que ela o tomasse entre os lábios.

Sem que Reyes pudesse impedir, seus quadris se elevaram e empurraram toda sua longitude para a garganta de Danika. Ele não queria fazê-lo, mas não pôde reprimir a ação. “Mais. Necessito mais”. O demônio e Reyes cantavam juntos aquelas

palavras, e então, ele se deu conta de que a besta ainda estava a seu lado, de que Dor não se transportou a nenhum lugar.

“Mais, mais”.

Entrelaçou os dedos em seu cabelo enquanto ela o lambia e o sugava de cima abaixo. Mordeu o interior da bochecha e se fez sangrar.

—Danika. — ofegou.

Ela seguiu lambendo-o enquanto levava uma mão para a perna... fez uma pausa... gemeu... e então levantou um braço, sem deixar de mover a boca... se encolheu, e lhe cravou uma adaga no ombro.

Gritando, ele chegou ao orgasmo com um estalo e ejaculou em sua boca, uma e outra vez. Todo seu corpo se estremeceu. Emitiu outro rugido; o prazer e a dor foram tão embriagadores que não pôde se conter. Não queria lutar.

Ela tragou até a última gota que lhe deu. E, quando por fim Reyes ficou calmo, Danika levantou, sorrindo como uma gata satisfeita. O sangue brotava de seu ombro, e ele notava uma maravilhosa dor.

—Me esfaqueou. — sussurrou, com um nó na garganta. A observou atentamente, inseguro do que ia encontrar em seu rosto. Não parecia que Danika estivesse dominada pela sede de sangue, nem que fosse lhe fazer mal de novo.

Parecia contente consigo mesma.

—Sabia que ia me tirar a primeira faca, então atei outra ao meu tornozelo, com a esperança de que estivesse muito preocupado com a região norte para se preocupar com a sul.

Ele sorriu.

—Trapaceira.

—Era necessário. — respondeu Danika. Ainda estava engatinhando sobre ele, com o queixo sobre seu umbigo, o olhando fixamente.

Pelos deuses, queria aquela mulher. Via o desejo em seus olhos de cor esmeralda. Sua própria paixão despertou de novo, como uma labareda em sua corrente sanguínea. Seu membro se endureceu outra vez, se encheu, desesperado por ela outra vez.

—Não vai mais me negar meus direitos. — disse Danika —Ferir você não vai me mudar, prometo isso. Eu gosto de saber que estou fazendo algo por você. Sei que queria fazer as coisas com ternura; suspeito que desejou desde que teve que abrigar a seu demônio, mas tinha que saber, e eu tinha que saber, que podia fazê-lo selvagem e doloroso se você o necessitar alguma vez.

—Que direitos? — inquiriu ele.

—Sou sua, e você é meu. Eu me ocuparei de todas as suas necessidades. Nunca mais irá a outra mulher. Nunca. Aquelas palavras ressoaram em sua mente. Eram a resposta a milhares de preces.

—Danika..., anjo.

A pegou pelos antebraços e a puxou para si. Pousou as mãos em seus quadris e a colocou em posição para penetrar em seu corpo. Estava úmida, quente.

—Espera. Necessito um preservativo.

—Desta vez quero o sentir. Inteiro.

Ele ficou imóvel, com o coração acelerado.

—E se ficar... grávida?

—Se importaria?—perguntou ela brandamente.

—Antes pensava que sim. Mas agora, com você...

Gostava da idéia. Desejava. Seria maravilhoso ver o ventre de Danika crescendo com um filho dele.

—Importaria a você?

—Acredito que... acredito que eu gostaria.

—Não pensa que seria um mau pai?

—Está de brincadeira? Não haveria uma criança mais querida nem mais protegida.

Ele gemeu, e foi um som de prazer. De prazer verdadeiro, profundo e inexorável.

—Está segura de que o deseja? Deve estar muito segura. Depois disto, nunca a deixarei partir.

Ela o olhou com ternura.

—Talvez o futuro seja incerto, mas estou segura de você. De nós.

Reyes nunca tinha ouvido palavras mais belas.

—Minha. É minha.

—Sua.

Com um só movimento, ele penetrou em seu corpo. Imediatamente, sua mente ficou calma. O demônio, silencioso. Foi-se? Acaso a penetração, a união física, era necessária para afastar ao espírito?

Reyes deixou de pensar quando Danika pôs as mãos sobre seu peito e lhe cravou as unhas. Em toda sua vida jamais tinha imaginado um momento tão perfeito. Um momento no qual seu coração pulsasse de amor, e não pela dor. Ela era dele. Ele era dela.

—Anjo, meu anjo.

Seu orgasmo foi tão intenso como o anterior. Ambos rodaram pela cama, com as bocas unidas, e ele ficou junto a ela naquela ocasião. Suspeitava que seus laços eram tão fortes que não lhe permitiam atravessar nenhuma porta.

De repente, a folha de uma faca lhe afundou nas costas. E não era Danika quem o tinha feito, porque tinha as mãos em seu cabelo. Ele gritou de assombro e rompeu o beijo para olhar para trás.

Aeron estava junto à cama, com as asas estendidas e os olhos de néon vermelho. Aquela facada era para Danika.

Capítulo 25

Paris caiu de joelhos. Tinha deixado os outros guerreiros na sala de entretenimento ao sentir uma pressão para ouvir a voz de aviso do rei dos deuses em sua mente. Estava em seu quarto. Sabia que tinha que tomar uma decisão.

Tinha chegado o momento. Não podia esperar mais estava destroçado, afundado.

Elevou uma adaga e gritou:

—Cronos, rei dos deuses, aqui estou, como me ordenaram!

Enquanto falava, afundou a folha no peito. A pele se rasgou, os órgãos se romperam e o sangue brotou. Sentiu tanta dor que esteve a ponto de desmaiar. Entretanto, tinha que demonstrar sua decisão. Já tinha se deitado com duas mulheres naquele dia; duas mulheres das quais nem sequer recordava. Estava farto de tudo. Completamente farto.

Durante aqueles últimos dias tinha repensado muito. Que novidade era aquilo para um homem que passou muitos séculos se abandonando aos desejos de seu corpo e fechando a mente. Entretanto, sua mente se transformou em um torvelinho de perguntas e possibilidades. Aeron ou Sienna.

—Cronos, eu te rogo, aparece. Peço apenas uma audiência mais. Eu...

—Está gritando sem necessidade. — disse o rei dos deuses atrás dele.

Imediatamente, um aroma de estrelas encheu o quarto. Uma vibração de poder invadiu o ar e fez com que Paris se arrepiasse.

Paris inclinou a cabeça com reverência, adotando uma posição servil. Ainda não sabia se aquele soberano lhe queria mal de verdade ou se Cronos estava só confuso sobre os Senhores do Submundo, tal e como eles estavam com os deuses.

Estava inseguro, mas tinha pensado se comportar como se fosse o último.

—Tenho umas perguntas antes de tomar uma decisão. — disse — Se não se importa, queria fazê-las.

—Me perguntei por você muitas vezes, demônio. Seus desejos e você são um mistério que quero resolver— disse Cronos, e se colocou ante ele — Pergunta.

—Se escolher a Sienna, receberei apenas seu corpo podre?

Cronos riu.

—Que desconfiado. Isso é algo que teriam feito os gregos, estou seguro, porque eram uns desgraçados trapaceiros. Mas eu sou mais generoso. De mim a receberá tal e como era. Para você será igual, falará igual.

Não será uma morta-viva. Terá um coração que pulsará.

—E me odiará como antes?

Cronos voltou a rir.

—Claro que o odiará. É uma Caçadora. Você é um Senhor. Mas estou seguro Promiscuidade, de que você poderá fazer com que o ame.

Seria capaz?

E valia a pena recuperá-la, tanto como para suportar a culpa por não salvar Aeron quando tinha a oportunidade de fazê-lo? Parecia que Reyes sim pensava, porque não podia estar sem a mulher a que Aeron queria destruir tão desesperadamente.

Paris elevou a cabeça lentamente, e seu olhar cruzou com o de Cronos. O rei tinha uma expressão neutra, que parecia de indiferença. Maldição! O que devia fazer?

Danika gritou enquanto Reyes se separava dela de um salto. Viu Aeron e sentiu um terror intenso que se estendeu por todos seus membros. O que ia fazer?

Os dois homens rodaram pelo chão, se pegando e rasgando a pele, mordendo e rugindo como animais. Aeron tentou cortar o pescoço de Reyes várias vezes, enquanto gritava que sua cabeça ia rodar muito em breve. Conseguiu feri-lo duas vezes, e Reyes começou a sangrar profusamente pela garganta.

Reyes já estava fraco. Ela o tinha apunhalado só alguns minutos antes, por Deus.

Sua faca. Sim. Isso era o que necessitava. Onde demônios estava sua faca?

Desceu da cama enquanto os dois homens se separavam e começavam a se mover em círculo, olhando um ao outro, ofegando.

—É minha. —rugiu Reyes.

—Pertence aos deuses. — respondeu Aeron.

—Já não. Como escapou da cela?

—Cronos disse que era hora de agir. E quando os deuses ordenam, eu obedeco. Legião apareceu por debaixo da asa de Aeron.

—Não lutem.

Aeron se inclinou para acariciar a cabecinha do demônio, e a criatura ronronou.

—É bom ter amigos.

—Eu sou seu amigo.

—Não.

—Aeron, eu o amo.

—Não sou Aeron. Sou Ira.

—É Aeron. Meu irmão.

—E de todo o modo, me trancou, embora saiba quão terrível é o confinamento.

—Você me rogou isso!

—Não deveria ter escutado!

Durante aquela conversa. Danika tinha se aproximado sigilosamente de sua adaga e a tinha agarrado pelo punho. Naquele momento, viu que Reyes empalidecia. As palavras de Aeron deviam ter acertado no ponto certo, o sentimento de culpa de Reyes, e deviam ter ferido mais profundamente que uma espada. Ela se ergueu.

Reyes a tinha escolhido acima de seu amigo; Danika entendeu pela primeira vez quão difícil devia ter sido para ele. Aqueles homens tinham suportado, juntos, as chamas do inferno, literalmente.

—Fiz o que tinha que fazer para proteger você de si mesmo. — rugiu Reyes.

—Não. Fez o que tinha que fazer para proteger a ela!—gritou Aeron, enquanto se preparava para outra investida — Minha inimiga.

Reyes estava nu, não tinha armas e provavelmente não queria se aproximar da cama para não atrair a atenção de Aeron para ela. De novo, a estava protegendo sem se preocupar do perigo que ele mesmo corria.

Danika o observou enquanto ele se retirava lentamente para trás. Se pôs a tremer. Queria chamá-lo e lhe dar a adaga para que tivesse algo com o que se defender, mas, e se sua voz o distraísse e perdesse a concentração? E se Aeron aproveitasse a distração para lhe cortar o pescoço?

Ela tinha visto rapidamente que Reyes se recuperava de suas feridas, mas sabia que não poderia se recuperar de uma decapitação.

Legião apoiou os cotovelos sobre os ombros de Aeron e olhou para Danika de um modo suplicante.

—Pare-os. Que Aeron não sofra feridas. — lhe rogou, enquanto acariciava a cabeça de Aeron— Calma, amigo. Calma.

—Estou tentando. —sussurrou Danika. Avançou dois passos, permanecendo nas sombras, com a adaga preparada. “Vá por sua garganta”.

—Sou o demônio da Ira. —quanto mais falava Aeron, mais ecos tinha sua voz.

Era grave e áspera— Me feriu profundamente, e vai pagar.

Finalmente, fixou seus olhos vermelhos em Danika. Ela ficou petrificada.

Reyes rugiu e investiu contra o peito de Aeron. Os dois homens caíram para trás, e as asas de Aeron se chocaram contra a parede. Rodaram com os braços e as pernas entrelaçados.

—Queria me trancar para sempre. — grunhiu Aeron, entre murros.

A cabeça de Reyes girou para um lado.

—E se alguma vez se curar da sede de sangue, me agradecerá!

—Agradecer. Quem me trancou perto do inferno?

—Conheceu legião, não? O novo amor de sua vida?

Finalmente, deixaram de rodar, mas Aeron ficou por cima. Deu outro murro em Reyes. Ao ter o alvo claro, Danika lhe lançou a adaga com intenção de cravar-lhe na carótida. Entretanto, lhe cravou no braço. Aeron estava se levantando para afundar sua própria faca na garganta de Reyes.

Não pareceu que a facada no braço lhe importasse muito. Com um sorriso, se voltou e lançou a adaga. Enquanto Reyes o atacava, se deu conta do que ocorria e emitiu um grito dilacerador enquanto a faca dava com seu objetivo: Danika.

—Não vou esperar muito mais — disse Cronos em tom de aborrecimento— Logo vou perder toda a curiosidade por sua escolha e não concederei nem Sienna nem Aeron.

Paris começou a suar.

“Faça-o. Diga um nome”.

Mas, quando abriu a boca, Cronos inclinou a cabeça e, por seu gesto, pareceu que estava escutando algo que ocorria além do quarto de Paris.

—Oh, sim. — disse o rei dos deuses— Deve escolher logo.

Teria ocorrido algo?

Um segundo depois. Paris ouviu passos. Alguém bateu na porta.

—Paris, está aí?

Sabin.

Paris olhou a Cronos, mas só encontrou um espaço vazio. O rei dos deuses tinha ido. Tinha perdido sua oportunidade? A contra gosto, se levantou e caminhou para a entrada.

—Agora não. — disse, enquanto a porta se abria de par em par.

Sabin viu seu peito ensanguentado e ficou confuso.

—Está bem, amigo?

—Sim. O que acontece?

—Aeron escapou. Reyes e ele estão lutando.

E, como se quisesse demonstrar que era certo, se ouviu um rugido de dor, seguido por uma risada demoníaca.

De repente, a atitude premente de Cronos fez sentido. Ao entender tudo, Paris sentiu pânico. Não tinha mais tempo para sopesar as consequências de sua escolha. Cameo e Gideon apareceram atrás de Sabin pelo corredor. Ambos levavam armas. Sabin os olhou.

—Não temos muito tempo.

—Qual é o plano? —perguntou Paris.

Sabin se voltou para ele. Seu olhar era grave.

—Fazer o necessário para terminar com isto de uma vez.

Reyes tinha visto um brilho prateado pela extremidade do olho. Entretanto, só se deu conta do que tinha ocorrido ao ouvir o ofego de dor de Danika e ver que em seu peito se estendia uma mancha vermelha.

Danika estava ferida. Desabou, silenciosamente, e ficou imóvel.

Reyes se levantou para correr para ela, mas Aeron o agarrou pelo braço para detê-lo. O pânico se apoderou dele quando caiu ao chão. Seu amigo saltou sobre ele e ficou escarranchado sobre sua cintura. Deu-lhe um murro e lhe rompeu o nariz. Reyes mostrou os dentes de um rugido, se retorceu e agarrou Aeron pelos antebraços. Um instante depois, Aeron era quem estava embaixo dele. A satisfação brilhava nos olhos cor violeta de Aeron; o vermelho tinha desaparecido. Aquilo era... culpa mesclada com satisfação?

“A feriu. Devo terminar com isto. Devo ir ajudá-la”.

Olhou para Aeron e o agarrou pelo pescoço com ambas as mãos.

Reyes tinha uma força bruta naquele momento, e Aeron não pôde fazer outra coisa que se mover para tirar-lhe de cima.

Ouviu que seus amigos se reuniam atrás dele. Murmuravam.

—Não o faça, Reyes.

—Solte-o.

—Há outro modo.

Não sabia quem o estava dizendo, e não se importava. Apertou mais e mais forte, transpassando a pele e as veias com as unhas. Da garganta de Aeron brotava um sangue quente.

De repente. Legião saltou sobre o peito de Aeron. Tinha a feia carinha cheia de lágrimas, muito parecidas com diamantes.

—Para, para. É meu.

Reyes apertou com mais força. Quando Aeron estivesse morto, Danika estaria a salvo. Ao menos, de uma ameaça. Poderia curá-la. A salvaria.

Legião gritou desesperadamente e se lançou para Reyes. Mordeu, arranhou. A saliva da criatura devia ser venenosa, porque as feridas lhe ardiam como se tivesse ácido nelas. O sangue lhe ardeu de um modo que fez ronronar a seu demônio. Entretanto, Reyes não cessou de apertar.

—Meu guerreiro. — gritou Legião. Não lhe faça mal.

Aeron tinha os olhos desorbitadamente abertos. Seu corpo se convulsionava, e tinha a pele pálida. Quase azul. Suas resistências eram cada vez mais fracas. Logo ficaria completamente imóvel e Reyes o soltaria, tomaria uma das espadas que havia na parede e lhe cortaria a cabeça. Logo...

—Reyes. — disse uma voz fraca.

Reyes se voltou para um lado e viu que Danika o estava olhando.

Ela o necessitava. Soltou Aeron imediatamente e se levantou com as pernas trêmulas. O corpo de Aeron ficou inerte, mas o guerreiro permaneceu acordado, vigilante. Legião começou a lhe beijar a rosto e o peito, e a arrulhá-lo.

Reyes correu para Danika e se agachou a seu lado. Havia um atoleiro de sangue a seu redor. Tinha tirado a adaga e se aberto a ferida. Estava muito pálida e tinha os

olhos cheios de lágrimas.

—Tentei... ajudar. —disse ela com um sorriso— Por uma vez.

—O fez, anjo. Me ajudou. Lucien necessito de você!

—Estou aqui. — disse Lucien, e se aproximou com uma expressão preocupada.

—Lucien. Encontra um médico e o traga, por favor.

Lucien assentiu e desapareceu.

Começaram a golpear a porta do quarto contíguo, e se ouviram exigências femininas.

—Abram a porta! O que está ocorrendo?

—Danika. Danika, está bem?

Alguém abriu, e duas das mulheres entraram rapidamente no quarto de Reyes.

Viram Danika em seus braços, ensangüentada, e emitiram um ofego de horror.

No segundo seguinte estavam junto a ela. A terceira, a avó, estava engessada, e tiveram que levá-la.

Um dos guerreiros gritou:

—Não, Aeron, não!

Outro gritou:

—Não quero disparar em você!

Então, Reyes se deu conta de que Aeron se levantou. O fato de que as quatro mulheres estivessem no mesmo quarto devia ter dado novas forças a ele.

A irmã de Danika gritou quando o guerreiro tentou apanhá-la, e conseguiu escapar se arrastando. Outros saltaram sobre Aeron para tentar derrubá-lo. Entretanto, ninguém o disparou, tal e como tinham ameaçado. Reyes não podia culpá-los. No final, ele tampouco tinha sido capaz de matar a seu amigo.

Aeron tirou os guerreiros de cima como se fossem moscas, e se aproximou mais e mais das mulheres. Legião estava voando entre os guerreiros, também, mordendo-os como tinha feito com Reyes.

—Não façam mal a meu amigo.

Ao contrário de Reyes, eles não permaneciam em pé. E não se fortaleciam com a dor. Caíam, imóveis. A saliva da criatura era veneno para eles.

E logo não ficou ninguém que se interpor no caminho de Aeron enquanto o guerreiro se dirigia para seu objetivo.

“Não fica mais tempo”.

Paris caiu de joelhos pela terceira vez no centro do quarto. Não teve que se cortar nem chamar o deus, porque Cronos apareceu assim que Paris tocou o chão.

—Já despertei Sienna de entre os mortos. — disse o rei — Está esperando em minha sala do trono, e pode estar aqui em segundos. Pode ser sua tão somente diga as palavras.

Oh, abraçá-la de novo. Acariciar sua pele suave, olhá-la aos olhos. Que suas mãos delicadas desenhassem seu corpo com reverência. Ela tinha se sentido atraída por ele, embora fosse contra sua vontade. Tinha lhe permitido entrar em seu corpo, e aquele tinha sido o melhor momento de sua interminável vida.

—Se não escolher a ela, possivelmente eu fique. Faz muito tempo que não tenho a uma mortal.

Cronos deu de ombros.

Paris mordeu a bochecha. Não deveria ter chamado a aquele deus, nem deveria ter lhe pedido um favor. A idéia de que Cronos a tocasse, a beijasse, o punha doente. “É minha!”.

—Por que nos odeia tanto?

—Os odiar?—Cronos riu, mas não havia alegria em suas gargalhadas— O ódio é uma explicação muito simplória. Poderia dizer que é lógico que eu não goste de ninguém que uma vez serviu a meus inimigos. E ainda assim, admito que me sinto intrigado pelos Senhores do Submundo. Há mas humanidade em vocês do que poderia se esperar de seres, que são metade demônio, mesmo agora o que se chama Aeron caminha para suas vítimas, grita dentro de sua mente para se deter, para se voltar.

Paris ficou petrificado.

Um suspiro.

—Devo dizer que me surpreendeu. Tinha a avó em suas mãos, só devia lhe cortar o pescoço. Entretanto conseguiu reprimir sua sede de sangue e a deixou escapar. Mesmo conseguiu apagar sua lembrança da mente para se deter, para dar a volta. A força de vontade que se requer para obter algo assim... me maravilha.

Entretanto, Aeron não seria capaz de esquecer o assassinato daquelas quatro mulheres. Paris sabia. Desde o começo, o atormentado guerreiro tinha sabido que aquilo mudaria sua vida para sempre, e não para melhor. Aeron estaria eternamente torturado por isso.

E Paris, sabendo que poderia tê-lo impedido.

—Vejo como ferve sua mente. — disse Cronos enquanto se agachava a seu lado. Seus olhares se cruzaram— Deve saber que se escolher Aeron, jamais voltará a ver Sienna. Me assegurarei disso porque posso fazê-lo.

—E se escolher Sienna?

—Aeron matará às mulheres. A todas salvo Danika. A ela decidi conservar. As outras são inúteis para mim.

—Então por que ordenou a Aeron que as assassinasse?—perguntou Paris com incredulidade.

Cronos deu de ombros.

—Sabia que uma delas era meu Olho, minha vista do reino espiritual, mas não sabia qual era até recentemente. Pensei em destruir toda sua linhagem para que não se pudesse usar em meu contrário nunca mais. Portanto, todas tinham que morrer. Entretanto, ao ver a garota mais jovem, recordei tudo o que o Olho fez por mim no passado, antes que Zeus a seduzisse e a usasse para me vencer. Ao contrário de sua antecessora, Danika já concedeu seu coração. Não se deixará seduzir por outros deuses.

—Então, por que não libera Aeron, se já não quer destruir Danika e a sua família? Por que deixa sua liberdade em minhas mãos?

—Porque me dei conta de que os humanos enfrentam diariamente à questão que você me expôs. Quem é mais importante, um amante ou um amigo? E agora, demônio, me fartei de esperar sua resposta.

Paris engoliu em seco. A escolha definitiva. Tinha sabido que tinha que fazê-la, mas naquele momento, no momento da verdade, sabia também que se odiaria fosse qual fosse sua decisão.

—Escolhe. —ordenou Cronos com ira— Enquanto Sienna caminha pelo céu, Aeron está sobre as mulheres. Está elevando sua faca. Sienna está chorando porque não entende seu futuro. Aeron está...

—Aeron. —disse por fim Paris, e caiu para frente destroçado pela perda da única mulher a que poderia ter amado— Escolho Aeron.

Subitamente, Aeron desabou junto à cama. Legião se aconchegou a seu lado e lhe acariciou a rosto. Reyes o olhou, assombrado, e viu que seu amigo sorria na inconsciência, e que a paz relaxava todas as rugas de seus olhos.

Que demônios tinha passado? Aeron estava a ponto de dar um golpe mortal, e Reyes era incapaz de impedi-lo. De repente, tudo havia se congelado, detido. Ninguém podia respirar nem se mover. E depois os guerreiros envenenados que dormiam tinham despertado como se não tivesse ocorrido nada. E logo, Aeron tinha caído.

Todos se olharam com desconcerto. Lucien chegou um momento depois com o médico, um humano aterrorizado que esteve a ponto de desmaiar ao ver o grupo de enormes guerreiros.

—Reyes. — sussurrou Danika.

Reyes se inclinou para ela e lhe beijou a têmpora.

—Não fale, amor. Economiza as forças. O médico...

—Estou tendo uma visão.

Não lhe importavam suas visões. Importava-lhe ela.

—Tenta afastá-la da cabeça. Fica desperta, comigo, enquanto o médico a cura, de acordo?— se voltou para o homem em questão e lhe disse— Cure-a.

O humano entrou em movimento rapidamente.

—É obvio, é obvio.

—Estou no céu, deitada em um estrado de mármore. — disse Danika, Sorrindo, com os olhos frágeis— Estou coberta de branco e os anjos estão cantando.

—O que? Não. Não. — disse Reyes, e sacudiu a cabeça violentamente ao se dar conta do que ela estava dizendo — Agüenta, agüenta.

O médico se ajoelhou junto à Danika, e começou a tirar seus instrumentos de uma maleta.

—Depressa. — ordenou Reyes ao humano.

Entretanto, não foi necessário. Os olhos de Danika se juntaram, e sua cabeça caiu para um lado. Desapareceu um instante depois, e ele ficou segurando o ar. Seu grito ressoou nos céus e na terra, e finalmente, no inferno.

Capítulo 26

—Onde está?

—Que demônios fez com ela?

Reyes estava afundado em uma das poltronas da sala de jogos, com um copo de brandy misturado com ambrósia na mão. A mãe e a irmã de Danika ficaram diante da tela onde ele estava vendo filmes de Danika quando era criança. Sua avó estava sentada junto a Reyes, com as pernas engessadas e estiradas.

Reyes tinha pedido ao Lucien que buscasse os filmes três dias antes, e após isso, não se moveu da poltrona. Naquele momento, aquele era seu único vínculo com Danika e, com sorte, sua chave para encontrá-la. “Danika. Sinto sua falta, meu amor”. Não se importava que os Caçadores, com toda segurança, estivessem se preparando para atacar. Não se importava que seus amigos estivessem se preparando para a guerra.

Passos. Uma tapa no rosto. Ele tocou a mandíbula, mas por uma vez, estava muito intumescido para desfrutar da dor.

—Nos fale!— lhe exigiu a irmã.

—Por favor. —lhe rogou a mãe— Luta contra seu lado malvado e nos ajude.

—Deixem ele em paz. —lhes disse a avó— Eu via demônios em meus sonhos, e este homem não é um demônio. Ele ama a nossa menina, e está fazendo todo o possível para trazê-la aqui outra vez.

—Se soubesse onde está, já a teria resgatado. —disse Reyes por fim— Falhei com ela. Se sente melhor?

Silêncio.

—Bom, pois resgata-a!—gritou Tinka, a mãe.

—Não sei como fazê-lo. —admitiu ele, e sentiu uma dor muito intensa que não o satisfazia absolutamente.

Tinham passado cinco dias desde que Danika se desvanecesse. Naqueles cinco dias, Aeron tinha recuperado os sentidos e sua necessidade de matar tinha desaparecido, como se nunca tivesse existido. Se desculpou.

“Me perdoe. Por favor, me perdoe, porque duvido que eu possa me perdoar alguma vez. O amo, e nunca teria feito isto de propósito. Pelos deuses, Reyes, sinto tanto.... “

E Reyes tinha feito o mesmo: suplicar o perdão de seu amigo.

“Eu também o amo, meu amigo. Deveria ter cuidado melhor de você. Pode me perdoar?”.

Se abraçaram, e Legião, que nunca ficava longe de Aeron, tinha aplaudido com entusiasmo. Entretanto, a sensação de perda de Reyes não se mitigou. Tinha chamado aos deuses uma e outra vez, tinha rezado, tinha suplicado, mas não havia conseguido nada.

Não sabia que outra coisa podia fazer.

Tinka e Ginger, a irmã de Danika, começaram a andar e a murmurar diante dele. Reyes olhava a televisão. Pareceu ouvir a pequena Danika rindo.

—Quem a levou?—perguntou uma delas.

—Ouvi um dos monstros... dos guerreiros dizer que era coisa dos deuses. — respondeu a outra— E todos ouvimos Danika dizer que se via nos céus.

—Se Danika viu o céu, então é ali que está. — disse a avó.

—Bem. Então, vamos supor que o guerreiro tinha razão e que os deuses a levaram. Por quê?

—Provavelmente porque é um portal.

Reyes se negou a usar a palavra “era”. Isso significaria que Danika estava... morta.

As três mulheres o olharam.

—Do que está falando? O que é isso de um portal?

Enquanto ele explicava, teve que conter as lágrimas. Dor estava choramingando em sua mente. Na tela, Danika riu de novo. O que estava fazendo? Reyes se voltou para um lado para vê-la. Estava soprando as velas. Imaginou um filho dele, dos dois; seria tão bonita como ela, e ele teria sorrido ante aquela imagem se não se sentisse tão triste.

—Minha filha era um portal entre...

—É. —disseram Reyes e seu demônio ao unísono— É um portal. Ainda está viva.

—Isso não é possível. —disse Tinka— Se está viva... Custa-me acreditar que seja um portal entre o céu e a terra. Como eu não ia ter notado algo assim?

—Em seus sonhos. —disse Reyes— Estava sempre em seus sonhos.

—Eu fui como ela. —disse a avó Mallory com um suspiro de tristeza— A primeira vez que vi uma de suas pinturas, estive a ponto de desmaiar. Estava assustada, admito, e não sabia o que fazer. Se eu não tivesse lutado contra minhas visões tão terrivelmente, possivelmente teria me dado conta do que ocorria e teria podido ajudá-la.

—A ajudou. Os contos que lhe contava lhe deram força e coragem para enfrentar a seus pesadelos em vez de fugir deles.

Os olhos de Reyes queimavam, e os esfregou com o interior do pulso. “Minha Danika, minha doce Danika”.

A avó lhe apertou a mão.

Tinka seguiu caminhando de um lado a outro. De novo, Reyes deu uma olhada na tela. Naquelas imagens, Danika tinha provavelmente onze anos, e estava pintando. Estava coberta de tinta. Era como um arco íris vivo.

Reyes se sentia mais perto dela assim. Não podia deixá-la. Tinha rogado a Anya que fizesse um milagre, como o tinha feito para Maddox e Ashlyn. Anya tinha tentado ajudá-lo, mas não tinha podido. Reyes tinha pedido então a seus amigos que o decapitassem para terminar com sua tortura, mas eles se negaram. No final, tinha se sentido aliviado, porque sabia que sua alma iria ao inferno, e isso o situaria ainda mais longe dela.

Ela estava no céu. Viva; Reyes não podia pensar em outra coisa. Mas, de todo o modo, estavam separados. E, se ele tinha que ganhar seu lugar ali, o faria. Voltariam a estar juntos.

Parecia que Ginger e Tinka se esqueceram de sua presença. Continuaram caminhando e falando.

—Parece que este homem a ama.

—Essa é a palavra chave: parecer. Não me importa o que digam. Não posso esquecer o que é, e o que são todos eles.

—Demônios.

—Sim. Os mesmos demônios que Danika pintava.

—Mas ele chorou quando ela desapareceu.

—Na realidade, soluçou.

“E ainda quero fazê-lo”, pensou ele. Dor se aconchegou em um canto de sua mente, lambendo as feridas. A criatura se apaixonou por Danika como Reyes. Estava perdida sem ela. O demônio e ele eram duas metades da mesma coisa, assim Reyes supôs que era lógico que os dois amassem à mesma mulher.

—Se houver alguém que possa trazê-la de volta, é ele.

Reyes escutava vagamente, bebendo as imagens de Danika que apareciam na tela. Mesmo então era um anjo, cheia de luz e de esperança para o futuro. “Não sou nada sem ela”.

—Está me escutando?—perguntou Ginger, que voltou a se colocar em frente a ele, com as mãos nos quadris.

—Não. —disse ele— Se afaste.

Tinka se uniu a sua filha.

—Tem que haver algo que possa fazer.

—Traga-a. —insistiu Ginger— E deixarei de tentar convencê-la para que o abandone.

—Embora não servisse de nada. —disse Tinka entre soluços— Ela queria que estivesse em sua vida.

As duas mulheres se abraçaram. Reyes sentiu outra pontada de dor no peito.

Finalmente, Ginger e Tinka se afastaram e se sentaram em um canto da sala, cochichando. Reyes pôde ver a tela com todo os detalhes. Ali estava Danika, mostrando orgulhosamente um quadro que acabava de terminar.

—Não têm má intenção. —disse a avó Mallory.

—Sei.

—Possivelmente se me concentro o suficiente, voltem minhas visões.

Possivelmente possa achar uma forma de arrumar isto.

Possivelmente. Entretanto. Reyes não ia se desesperar. Pela primeira vez, fixou-se no quadro de Danika. Franziu o cenho e pegou o controle remoto. A câmara se afastou do quadro e mostrou a uma mulher com o cenho franzido, uma versão mais jovem da avó, que estava estudando as cores e os traços.

Reyes apertou o botão de retroceder. Quando a pintura voltou a aparecer na tela, apertou o botão de pausa. Ginger voltou a se colocar em frente a ele com uma expressão decidida.

—Se afaste.

—Oh, desculpa. Você...

—Se afaste!

Com um ofego, ela se afastou.

—Está bem. Não tem por que gritar.

Ele olhou a pintura com toda sua atenção. Ficou em pé com impaciência.

—Mallory. Olhe o quadro e me diga o que vê.

Ela obedeceu e ficou assombrada.

—Oh, Meu deus. É... é...?

—Isso eu acredito.

Possivelmente acabasse de encontrar a maneira de salvar a Danika.

Danika flutuava em um negrume, rodeada por um vento gelado. De vez em quando notava o toque de alguns dedos no rosto e no pescoço, e sabia que estava envolta em um tecido porque notava a seda fria na pele nua. Periodicamente ouvia uma voz.

“Me diga o que vê”.

Sabia o que queria quem estava lhe falando: saber o que estavam dizendo os

demônios no inferno e os anjos no céu. Também sabia que quem falava não podia invadir sua mente sem convite, porque o tinha tentado uma e outra vez, e não o tinha conseguido.

Ela projetou uma imagem de Reyes deliberadamente. Seu guerreiro. Seu amor. Sentia falta dele. O desejava.

Ele a tinha abraçado com ternura enquanto ela sangrava, tinha-lhe devotado sua força e lhe tinha rogado, com o olhar, que se curasse. Ela tinha desejado ficar a seu lado com todas suas forças, mas mãos fantasmais a tinham agarrado e a tinham levado.

Danika odiava ao dono daquelas mãos e sabia que era o homem que gritava naquele momento.

“Já basta. Não mostre esse demônio outra vez”.

“Não vou te mostrar outra coisa. Me envie a seu lado”.

Silêncio.

“Quero voltar para casa”.

“Me diga o que vê”.

Ela ficou gelada. Durante um momento, aquela voz tinha parecido como...

“Me diga o que vê”.

Reyes! Aquela era a voz de Reyes. O coração de Danika acelerou. “Meu amor”, disse.

“Estou aqui, doce Danika. Estou aqui”.

Alguém lhe roçou os lábios com dois dedos. Entretanto, o frio não a deixou. Não percebeu o aroma de sândalo, só a doçura das nuvens. Naquele momento, soube que não tinha sido Reyes quem tinha falado.

“Reyes não me chama doce Danika, canalha”.

Houve um rugido de fúria.

“Reyes morrerá se não me disser o que vê”.

Em sua mente, Danika gritou e gritou e gritou. O som era de angústia e de dor, de agonia e de ira, e o projetou para a mente de seu atormentador.

“Basta. Já é suficiente”.

“Vai machucá-lo?”.

“Não”.

“Quem é? Por que está me fazendo isto?”.

“Você pode me ajudar a reger o mundo, juntos nos asseguraremos de que haja prosperidade e segurança nos céus. Nunca nos ocorrerá nada mau”.

“Quem é?”, insistiu Danika. “Deixa que lhe mostre isso”.

Um momento depois apareceu em sua cabeça a imagem de um homem alto e esbelto.

Tinha uma rosto amável, mas também formidável, e o cabelo prateado. Usava uma toga branca e estava sentado em um trono de pedras preciosas.

Reconheceu-o pela pintura que tinha feito para Reyes. Era Cronos.

A imagem de sua mente se moveu, e Danika viu uma mulher muito bela sentada junto ao trono do deus. Tinha o cabelo comprido, loiro, e os olhos verdes. Se parecia com ela. O deus e a mulher se sorriram com felicidade; deles irradiava uma grande paz.

“Uma vez me ajudou. Pode me ajudar de novo. Com suas visões e meu poder,

podemos fazer o mundo tal e como foi uma vez: sublime, sereno, belo”.

“Não fui eu quem o ajudou”.

“Não, não foi você precisamente, mas o poder das visões passa de geração em geração. Uma vez, seus ancestrais guiaram meu caminho, me mantiveram informado, me ajudaram a reinar. Por que você não quer fazer o mesmo? Quando acessar, será livre e poderá caminhar por todo o céu. Seu único trabalho será observar a meus aliados e inimigos, e me informar de suas atividades. O resto do tempo será seu”.

“Quero a Reyes”. De novo, ela projetou a imagem do guerreiro.

“Não o pode ter. Ele pertence ao Submundo, e você pertence a mim”.

“ Não!”.

“Discutir comigo não mudará nada”.

“Então te direi uma coisa. Eu sou de Reyes, e ele é meu. Nunca terá nenhuma resposta minha enquanto estiver separada dele”.

Notou que o deus se aproximava dela com passos carregados de cólera.

—Cronos!—gritou Reyes do telhado da fortaleza— Cronos, se mostre!

O vento soprou com hostilidade, como se quisesse atirá-lo ao abismo. Antes, Reyes teria se sentido feliz por isso, mas Danika o tinha mudado para melhor. Tinha lhe dado uma razão para viver.

—Cronos!

—Aqui estou, Dor.

Surpreso, Reyes deu a volta. O rei dos deuses estava do outro lado do telhado, vestido de branco. O vento lhe sacudia a toga violentamente contra os tornozelos. Irradiava força e poder.

—Onde está?

—A salvo. —disse o deus.

—Me mostre, por favor. Rogo-lhe isso.

Cronos assentiu, moveu uma mão pelo ar e Danika apareceu ante Reyes. Estava tal e como havia descrito a si mesma antes de desaparecer, deitada em um estrado de mármore. Era uma visão dourada, brilhante, coberta de branco do pescoço até os pés.

—Está... sofrendo?

—Não. Decidi ficar com ela então a curei.

—Obrigado.

—Não o fiz por você.

Não importava. Tinha-o feito, e por isso. Reyes estaria eternamente agradecido.

—Quero tê-la a meu lado—conseguiu dizer, apesar do nó que tinha na garganta, e tentou acariciar seus lábios suaves.

Cronos agitou a mão e a imagem desapareceu.

Reyes notou que o demônio uivava.

—Por favor, amo-a. —disse de novo.

—E ela ama a você, mas agora sou eu quem a tem, e vou utilizá-la. Minha decisão de eliminá-la foi... apressada.

—Por que a necessita?

—Isso é coisa minha. O que tem que saber é que a distrairia.

—Não a distrairei. Juro.

—Não poderá evitar.

—A amo.

—Sim, já sei, mas isso não me importa. Os demônios a querem, seus inimigos mortais a querem, mesmo seus amigos a querem para seu próprio benefício. Não pode protegê-la de tudo.

—Sim posso. Morreria por ela. Amo-a. Não permitirei que sofra nenhum dano. Cronos arqueou uma sobrancelha.

—Como não o permitiu quando Ira a esfaqueou?

Reyes sentiu uma onda de culpa.

—Cada vez que penso no que sofreu, me sinto destroçado. Não permitirei que volte a acontecer—disse Reyes, e apertou os punhos— Hoje vi algo. Uma das pinturas de Danika. Você estava nela.

O deus inclinou a cabeça, e sua expressão se voltou pensativa.

—O escuto.

—No quadro se vê que um de seus inimigos o decapitou.

A ira obscureceu o rosto do rei.

—Como se atreve a pronunciar semelhante blasfêmia! Ninguém é suficientemente forte para fazer algo assim. Deveria te matar por sugerí-lo.

Reyes sabia que era um terreno perigoso, mas continuou.

—É certo. Não mentiria quando há tanto em jogo para mim.

—Onde está esse quadro? Me mostre ele agora mesmo.

A fortaleza tremeu. Algumas pedras caíram no vazio.

Reyes negou com a cabeça.

—Entregarei em troca de Danika.

—A pintura! Agora!

—Primeiro, façamos o trato.

Cronos tomou ar, o conteve e o exalou lentamente.

—Ela é de minha propriedade e, ao contrário de você, eu não negocio com o que é meu.

—Então, pode se despedir de sua cabeça. Duvido que o Olho se equivoque.

Embora Reyes tivesse temido que o deus o fulminasse por seu atrevimento, se fez o silêncio durante um longo momento. Depois, o deus disse:

—Quando puder me demonstrar que é o suficientemente forte para protegê-la, volte a me chamar. Falaremos.

Dito aquilo, Cronos desapareceu.

—Antes foi uma deusa. Me diga como posso demonstrar a Cronos que sou capaz de proteger Danika.

Anya estava escolhendo a roupa que ia vestir naquele dia, enquanto William lhe rogava que devolvesse o livro de profecias que lhe tinha roubado, sentado sobre a cama. Lucien tinha ido à colina, para checar que as armadilhas funcionavam.

—O primeiro é o primeiro, pequeno. Sou uma deusa. — disse a Reyes. Depois se voltou para William— E suplicar não lhe cai bem.

Depois, seguiu passando modelitos pela barra do armário.

—Me prometeu que me devolveria o livro.

—Mas não disse exatamente quando.

—Ficarei aqui até que me dê isso.

—Razão demais para que eu fique com o livro. Eu gosto que esteja comigo. William deixou cair a cabeça entre as mãos.

—Não queria interromper, —disse Reyes— mas...

—O segundo é o segundo, não tinha terminado. William, o que te parece este vestido?

—Eu adoro. —disse o guerreiro com um sorriso.

—Anya, por favor. —rogou Reyes.

—Muito bem. Espero que esteja preparado para receber minha bronca. Olhe, carinho, ajudei a romper a maldição de morte que atava Maddox a você, mas você falou mal de mim para Lucien umas semanas depois. Isso foi muito errado de sua parte.

Ele abriu a boca para falar.

Ela elevou o dedo indicador e arqueou uma sobrancelha, o desafiando a que dissesse uma só palavra. Reyes franziu os lábios.

William riu.

—Tem problemas. —disse.

—Depois, —continuou Anya— fez que Lucien esperasse dias antes de lhe dizer onde estava Aeron. Além disso, já tentei te ajudar com Danika. Nem sequer me agradeceu. Por outra parte, não conheço bem aos Titãs. Já estavam encarcerados quando eu nasci. E, finalmente, cheira muito mal. Faz quanto que não toma banho, carinho?

—Sinto muito ter falado mal de você, Anya. Só tem que me dizer como te ressarcir por todos meus pecados, e o farei. Mas por favor, primeiro me ajude. Cronos me exige que lhe demonstre que posso proteger Danika antes de me devolvê-la.

Anya observou ao guerreiro. Tinha emagrecido muito, porque mal comia, e não tinha tomado banho nem trocado de roupa em vários dias. Estava muito pálido e tinha o cabelo murcho. Francamente, parecia um desastre.

O que mais lhe chamou a atenção, entretanto, era que pela primeira vez não estava cheio de cortes.

—Nossa, como é que não está se fazendo mal?

—Sofro durante todos os minutos do dia. Não tenho necessidade de me fazer feridas.

—E se, quando ela voltar, deixa de sofrer e tem que se cortar de novo? Ainda a querará?

—Me faria farrapos alegremente se pudesse tê-la a meu lado.

—Interessante. É evidente que falou com o rei dos deuses. O que te disse, exatamente?

William se inclinou para frente com interesse. Reyes lhes contou palavra por palavra de sua conversa com o Cronos.

—E como reagiu a notícia das pinturas de Danika?

—Com fúria, e acredito que com medo também. E se não me devolve isso?— se perguntou ele. De repente, os joelhos lhe falharam e caiu ao chão. Ficou ali, esperando— Demônios. Não acredito que já tenha estado tão fraco.

—Bom, não vai demonstrar nada salvo debilidade nesse estado tão lamentável.

—disse Anya. Depois ficou pensativa— Cronos disse que há hordas de demônios que a perseguem. Possivelmente devesse os enfrentar e matá-los.

—Isso levaria séculos. —disse William.

—Sim, é certo. Mas a única coisa que tem de sobra é tempo.

—Possivelmente devesse bater um pouco em Cronos. —sugeriu William— Isso lhe demonstraria sua força.

Anya aplaudiu com entusiasmo.

—Exato! Se vencer Cronos, terminará com este joguinho de uma vez por todas, e além disso liberará ao mundo de uma vez por todas de seu desagradável caráter.

Reyes abriu olhos como pratos.

—Está brincando. Vencer ao Cronos?

—Tem razão. Provavelmente não é possível. Por desgraça, é o ser mais poderoso do universo e você... bom, você não.

—Eu sou um homem apaixonado. —disse ele, com um brilho de loucura nos olhos. Um brilho que assustou Anya. Se Reyes fosse enfrentar Cronos, Lucien ia se zangar. E ela não gostava nada que Lucien se zangasse.

—Nossa... Reyes, carinho, vamos seguir pensando em outra solução. Algo que...

Não pareceu que a ouvisse. Ficou em pé e saiu do quarto.

Anya se arrependeu de ter aberto sua bocarra.

Depois de comer tudo o que pôde, Reyes fez com que Lucien o levasse ao armazém onde Danika tinha guardado todos seus quadros. Sua mãe, sua irmã e sua avó o acompanharam, o que lhe resultou reconfortante.

Durante horas revisaram as pilhas de quadros, e sua determinação por recuperar Danika se incrementava segundo a segundo. Embora Cronos não tivesse voltado a aparecer, Reyes notava seu olhar vigilante sobre ele, como se o deus quisesse ver a pintura através de seus olhos.

Entretanto, Reyes não a mostrou. Ainda não. Desde aquela noite em que tinha falado com ele sobre o telhado, Reyes tinha deixado de ver filmes da infância de Danika. Embora desejasse fazê-lo, se conteve. Sabia que era o melhor.

—Só um pouco mais, anjo, e estaremos juntos de novo. Juro.

Tinha pronunciado aquelas palavras centenas de vezes. Para ela. Para si mesmo. Sua família tinha deixado de sacudir a cabeça cada vez que o fazia.

Ginger meneou a cabeça.

—Não posso acreditar que minha irmã tenha tido que suportar estes pesadelos.

Tinka abraçou a sua filha pela cintura. Eram muito belas; loiras, de pele rosada. Danika deveria estar ali para desfrutar delas.

—É mais forte do que tinha pensado. E melhor pintora, também. Sabia que era boa, mas nem tanto - disse Ginger.

Tinka começou a chorar.

—Não posso acreditar que eu pedisse a minha filha que ocultasse tudo isto em um armazém. Deveriam estar em uma galeria de arte. São muito belos, não são?

Como Danika.

—Sim. —respondeu Reyes— Quando Danika voltar, ela encontrará alegria em suas pinturas. Eu prometo.

—Desejava tanto o odiar...—disse Ginger com um suspiro.

Ele sorriu. Sua língua afiada o divertia, recordava muito a Danika.

Acaso tudo ia recordar sempre Danika? Não se importava, adorava as

lembranças, mas, se pensasse mais nela ia se desmoronar sob o peso da tristeza.

—O que é que estamos procurando, exatamente?— perguntou Tinka.

—Pergunte a Mallory—respondeu ele, que não queria cessar sua busca para responder. Não ia se render. Se fosse necessário, exalaria seu último suspiro procurando por Danika.

—Procurem qualquer pintura em que apareça Cronos, o rei dos Titãs, e deixem a um lado para que Reyes a estude. E, antes que o pergunte, Cronos é alto, tem o cabelo prateado e barba, e sempre usa uma toga branca.

Um dos quadros lhe chamou a atenção. Era uma colorida imagem de anjos e demônios, de vida e morte, de sorrisos e sangue. Como Ginger, Reyes estava assombrado por tudo o que Danika tinha visto em sua infância. Assombrado de como tinha prosperado, face à carga que suportava, emergindo como a lutadora decidida, mas gentil a que ele conhecia.

Alguns quantos quadros mais, e encontrou quatro pinturas nas quais figurava Cronos. Em uma, o deus percorria uma cela cujas paredes estavam em chamas, e o ambiente cheio de fumaça. Em outra, tentava se liberar, matando com precisão se valendo de sua foice, que se estendia e se estendia por cima das cabeças de seus inimigos.

Por que Cronos não levava a foice quando tinha visitado Reyes? Temia usá-la e se arrepender depois? Se fosse assim, significaria que Cronos o necessitava vivo. Possivelmente o rei dos deuses tivesse trocado sua foice por algo. A vida de Danika? Anya tinha mencionado uma vez que mesmo os deuses estavam atados pelas leis de dar e tomar, de semear e recolher.

Reyes franziu o cenho e afastou tudo aquilo da cabeça no momento. Não era tão importante como salvar a sua mulher. Afastou outro grupo de quadros e viu Cronos encurralando a um grupo de deuses temerosos, os guiando para a cela que ele tinha ocupado. Deuses aos quais Reyes tinha defendido uma vez. Ao vê-los, sentiu uma pontada de lealdade esquecida. A expressão de Cronos era fria e decidida. Era evidente que queria matá-los, mas também que queria que sofressem o mesmo destino que ele tinha suportado.

Durante horas, Reyes seguiu olhando os quadros. As mulheres lhe deram água e sanduíches, mas ele permanecia em silêncio, como se necessitasse de concentração. Finalmente ele, tinha examinado todos e cada um dos quadros.

Não tinha encontrado o que queria. Danika o teria destruído? O teria escondido em alguma parte?

Entretanto, tinha aprendido algumas coisas úteis. Começou a revisar a lista mentalmente.

Cronos odiava o confinamento. Faria qualquer coisa por evitá-lo.

Preferia a vingança à segurança completa, porque se tivesse matado aos Gregos, em vez de encerrá-los, teria se assegurado que nunca voltariam a atacá-lo para conseguir o trono. Para mantê-los na prisão, tinha arrebatado de Anya seu tesouro mais precioso, a Chave Absoluta.

Sua foice podia se prolongar tanto como as unhas de Reyes.

Tudo aquilo, além da primeira pintura que tinha visto... ficou boquiaberto ao dar com a resposta. Ficou em pé de um salto, com a respiração entrecortada. Sorriu pela primeira vez em dias.

—O que?—perguntaram as mulheres ao unísono.
—Sei o que tenho que fazer.
Perto, estava muito perto. Apenas tinha que conseguir chegar ao céu.

Capítulo 27

—Sinto tanto sua falta, anjo...

Passou um longo momento, mas não houve resposta.

Reyes estava estendido em sua cama. Estava a horas ali, possivelmente um dia inteiro. Tinha perdido a noção do tempo enquanto tentava, uma e outra vez, estabelecer contato com Danika no plano mental. Ela estava no céu. Era um portal, e tinha enviado a Reyes duas vezes ali; pensar que podia fazê-lo de novo era razoável. O problema era que naquela ocasião não havia penetração para facilitar o caminho. Reyes esperava que suas uniões tivessem forjado um laço emocional e espiritual o suficientemente forte para substituir a união física.

—Estou perdido sem você.

“Estamos perdidos”, matizou o demônio.

—Estamos perdidos sem você. Sua família quer que volte, o desejam tão desesperadamente como eu. Eu cheguei a gostar delas, porque me ajudaram a conhecer você como é. Uma mulher forte e valente.

Nada.

—Está grávida de nosso filho, Danika? Se não, não há nada que eu deseje mais que te dar um filho, que vê-lo crescer em seu ventre.

Claramente, sua maternidade tampouco era a chave. Reyes engoliu em seco.

—Danika, me fale. Estou zangado, Danika. — grunhiu. “Mas não com você. Com você, nunca” — Logo vou ter que me cortar. Sangrarei. E você não estará aqui para me curar e fazer com que me sinta melhor...

“Reyes?”.

Reyes abriu os olhos. Aquela era a voz de Danika, sussurrando em sua mente. Tinha funcionado! Reyes sentiu alívio e alegria.

—Danika? Me fale de novo.

“Oh, Meu deus. É você de verdade? Sonhei com você, e rezei por você, e supliquei por você”.

—Estou aqui, estou aqui — disse ele, com os olhos cheios de lágrimas—
Necessito que me puxe, anjo.

“Como?”.

—Imagine. Imagina suas mãos me agarrando. Pode fazê-lo. Sei que pode. É um portal. Pode...

Reyes sentiu algo frio. Era como gelo que se cristalizava em suas veias, mas não se moveu. Dor estava tentando se agarrar a ela, mas não podia.

—Sinto você.

“E eu a você, mas...”.

—O que ocorre, anjo?

“Não posso chegar a seu espírito. Estou agarrando o ar, nada mais que o ar”.

—Então tenta agarrar meu corpo.

Quase não teve que terminar a frase. Sentiu dedos fantasmais, mas firmes, que seguraram seus braços e o puxaram poderosamente, tanto que o levantaram da cama e o puxaram através do teto. O gesso se rompeu e cedeu, e caiu sobre ele como uma chuva.

Depois atravessou outro teto, e viu durante um instante Maddox, rodando fora da cama para pegar uma faca, e Ashlyn, nua, com um ofego de assombro. Reyes não pôde reprimir um sorriso.

“Paro?”, Danika perguntou-lhe.

—Não, não! Continue, anjo. Continue me puxando para você.

Reyes rompeu o telhado, e de repente se encontrou rodeado pelo céu da noite, passando entre as estrelas. Passou por entre as nuvens, que deixaram um fino filme de umidade na pele dele.

A lua se fez maior, mais dourada, e de repente, Reyes rompeu uma capa invisível, e o ar se esquentou e passou de negro a azul em um instante. As nuvens se transformaram em cachos de diamantes e Reyes viu colunas de ouro que flanqueavam um caminho serpenteante de esmeraldas.

Sua respiração se cortou ao se dar conta de que estava no céu.

Havia anjos que pululavam em todas direções. Moviam as asas brandamente, com graça. Alguns o olharam e se surpreenderam. Outros franziram o cenho e seguiram seu caminho rapidamente. Para advertir a alguém? A quem? Os anjos não respondiam ante os Titãs nem ante os Gregos. Isso Reyes tinha aprendido das pinturas de Danika. Teria gostado de sabê-lo, possivelmente para pedir que lhe permitisse usar o exército celestial... Possivelmente algum dia...

Rompeu outro muro invisível e depois, por fim, se encontrou junto à Danika. Seus joelhos falharam e ele caiu a seu lado. Ela posou uma mão no cabelo e outra no queixo. Tinha a pele ligeiramente azul do frio, e estava envolta em um tecido branco, como uma rainha de inverno. Sua rainha.

—Pelos deuses, senti falta de você. — lhe disse. Quanto tinha desejado aquele dia, aquele momento— Nunca voltarei a me afastar de você.

“Reyes! Está aqui por fim. Sinto você. Sinto seu calor”.

—Tem frio, anjo?

“Muito”.

—Deixa que eu aqueça você.

Se aconchegou a seu lado e a envolveu.

—A amo muito.

“Eu também o amo. Quero ver você, mas não posso sair deste... sonho. Não posso fazer com que meu corpo desperte”.

Ele a beijou brandamente nos lábios.

—Sabe onde está Cronos?

“Oh, sim. Sempre sei. Está com seu conselho”.

—E ouve do que estão falando?

“Já sei. Falam do de sempre. Do que fazer com você, comigo. De onde procurar os outros artefatos”.

—Pode trazê-lo aqui?

“Possivelmente, mas, para que? O odeio. Odeio vê-lo”.

—Sinto pedir isso mas tenho que fazê-lo. Confia em mim, anjo. Por favor. Você é capaz de controlar uma forma física com a mente. Quando Cronos chegar, apanha-o com sua mente e o segure. Não teremos muito tempo. Ele tem uma chave dentro de seu corpo que lhe permite se liberar de qualquer prisão.

Uma pausa. Depois: “Está bem. Tentarei”.

—Se puder e a tiver, tenta lhe tirar a foice. E, Danika... aconteça o que acontecer, eu amo você.

Se fracassassem, Cronos mataria Reyes. Aquele era um desafio direto e nenhum rei ignoraria. Importaria um castigo severo a ele.

—Tenho-o.

Passou um momento. E outro. O pequeno corpo de Danika ficou tenso sob suas mãos.

“Está zangado. Não tem a foice; a deu a Caos, a quem pôs a cargo do Submundo quando encarcerou Hades, em troca de uma alma humana. Uma mulher. Uma lutadora. Acredito. Tem o raio de Zeus”.

—Segura bem o raio, anjo. Pegue-o se puder. “Já está quase aqui. Alguns segundos mais”. Cronos apareceu junto ao estrado de Danika. Quando viu Reyes, grunhiu. De seus olhos saíram faíscas quando o raio foi arrancado da sua mão.

Reyes soube que, desde aquele momento, qualquer palavra que saísse de sua boca, qualquer emoção que se refletisse em seu rosto, era muito importante. Fingindo uma despreocupação que não sentia, se apoiou em um dos cotovelos.

—É muito amável por ter vindo.

—Morrerá por isso, guerreiro.

Lentamente, Reyes se levantou.

—Provavelmente estará se perguntando o que acontece.

—Tenho a Chave Absoluta, demônio. Destrói qualquer grilhão e abre todas as fechaduras. Não poderá me ter aprisionado muito tempo.

—Sei. Mas não está preso. Somente está... em um abraço momentâneo. Me disse que o chamasse quando pudesse te demonstrar minha força. Cronos, o chamo agora.

—Acha que vou o ajudar depois disto? É muito idiota Dor.

“O que está fazendo?”, perguntou Danika. “Não estou segura de poder segurá-lo muito mais tempo. É muito forte”.

Reyes se sentiu apressado e caminhou para Cronos.

—Liberará Danika e a enviará à terra comigo. Juntos, ela e eu destruiremos a qualquer inimigo que pense que pode usá-la.

—Você...

Reyes o interrompeu.

—Em troca, se ela quiser, dirá a você as coisas que vê em suas visões.

—O fará de todo o modo. — disse Cronos com desprezo.

—O fez até agora? Se acha que está em perigo, proteja-a. Mas faça-o daqui, enquanto ela está comigo.

Reyes se aproximou de Cronos; tirou uma faca e a pôs no pescoço do deus.

—Poderia cortar sua cabeça, como na pintura. Não poderia evitá-lo, e morreria.

Se fez um silêncio absoluto entre eles. Reyes esperou... esperou...

—O felicito, guerreiro. — disse Cronos— Demonstrou seu torça.

Aquilo era mais que uma afirmação; era uma promessa, um juramento. Um trato entre eles.

Ao menos, Reyes rezava para que fosse.

Tremendo, assustado, baixou a faca. Se aproximou de Danika e a puxou pela mão.

—Libera-o, anjo.

“E veremos o que ocorre”.

Um momento depois, Cronos estendeu os dedos. O raio voltou para sua mão e, com os olhos entrecerrados, o rei se aproximou de Reyes. Este esperava que o atacasse, mas Cronos não o fez.

De repente, Danika emitiu um brusco ofego e se levantou. Reyes se voltou para ela. Estava piscando como se a luz fizesse mal a seus olhos. Quando o viu, ofegou de novo.

—É real.

Então, rodeou-lhe o pescoço com os braços e ele a pegou pela cintura. Ambos se abraçaram com uma enorme alegria.

—Consegui!—disse Danika, rindo.

—Conseguimos. Anjo, não quero me separar de você nunca mais.

—Não se preocupe. Não vou a nenhuma parte.

—Minha vida é a de um guerreiro, como você me disse uma vez. Poderá viver com isso?

—Está brincando? Os irmãos guerreiros estão em minha lista de presentes de Natal. E, nossa, parece que os demônios, e não refiro a você! Me querem como mascote. Por não mencionar que os deuses e os Caçadores vigiam todos meus movimentos. Sou uma garota muito célebre. Você poderá viver com isso?

Ele sorriu.

—Por você, qualquer coisa.

Lhe devolveu o sorriso.

—Bom.

—Você e eu estaremos juntos para sempre.

—Deixem esta conversa tão comovente para depois. O que viu na pintura?— perguntou Cronos— Quem tentou me cortar a cabeça?

Não tentou. Consegui. Reyes fechou os olhos e reuniu forças. Tinha tido a esperança de evitar aquele tema durante um momento mais. Danika apoiou a rosto em seu pescoço, e ele pegou forças dela.

—Não descarregue sua ira contra nós, por favor.

—Dou minha palavra de que não o farei — respondeu impientemente o deus — Agora, me diga quem me decapitou.

—Uma decapitação? —perguntou Danika— Recordo esse quadro. O culpado era um guerreiro chamado Galen. Esperança.

—Um demônio. — rugiu Cronos, olhando a Reyes— Como você.

—Ele também é nosso inimigo.

Uma longa pausa. Depois, Cronos assentiu.

—Eu gostaria de ver a pintura. —disse—Devolvi você a seu homem. Peço apenas em troca que me avise se houver alguma ameaça contra mim.

Ela assentiu.

—Sempre e quando estiver com Reyes, direi qualquer coisa que queira saber.

—Muito bem. —disse Cronos, e seus lábios se curvaram ligeiramente, como se quisesse sorrir— Terei que me assegurar de que viva para sempre e de que jamais se separe de seu guerreiro, não?

—Reyes! Reyes! Não vai acreditar nisso.

Danika entrou em seu quarto e se deteve junto à cama.

Reyes estava deitado, nu, com os olhos meio fechados daquela maneira tão sexy que Danika adorava. Tinha o cabelo revoltado e os lábios vermelhos e suaves de suas últimas dentadas. Era um claro exemplo de satisfação.

Ela nunca tinha sido tão feliz.

Tinham ocorrido muitas coisas durante aquelas últimas semanas.

Aeron tinha ido vê-la com a cabeça baixa e olhos cheios de tristeza, e tinha se desculpado pela dor e pela preocupação que lhe tinha causado. Ela o tinha perdoado sem hesitar. A sede de sangue de Aeron tinha levado Reyes a sua vida, e Reyes era a melhor coisa que já tinha ocorrido a ela, assim não podia estar zangada com seu amigo.

Mesmo de Legião ela gostava. O pequeno demônio ficou na fortaleza e era a companhia constante de Aeron. Parecia que o ajudava a sair da lama emocional no que parecia que se encontrava ainda o guerreiro.

Quando Reyes havia dito a Danika que Legião era uma garota..., bom, Danika tinha ficado surpresa. Mas, ao ver o brilho possessivo dos olhos de Legião cada vez que Aeron estava perto, Danika sorria. Se Aeron se apaixonasse por alguma mulher, provavelmente Legião comeria a pobre moça.

E Paris, o doce Paris. Como outros, passava a maioria do tempo entre Budapeste e Roma, onde continuavam procurando os artefatos restantes. Entretanto, estava muito calado; já não brincava nem via seus filmes. Danika detestava vê-lo assim, e tinha decidido lhe dizer que, fosse qual fosse o problema, tudo se resolveria. Ele a tinha abraçado e tinha partido do quarto.

Por outro lado, havia duas pessoas que estavam de bastante bom humor: Torin e Cameo. Ficaram muito bons amigos e sempre estavam juntos, rindo e sussurrando. Embora não pudessem sussurrar muito, na realidade; tinham que permanecer a distância um do outro, para evitar que Torin lhe contagiasse com a enfermidade, então seus sussurros eram na realidade conversações. Entretanto, estava claro que para eles eram as únicas pessoas que haviam na sala. Danika não sabia se estava acontecendo um romance, mas gostava de pensar que sim. Ambos mereciam a felicidade em suas vidas.

Outro guerreiro feliz era William, o que fazia feliz a Anya, o que, a sua vez fazia feliz Lucien. William tinha se mudado indefinidamente para o castelo e flertava muito com Ginger, que fingia indiferença, mas que ruborizava cada vez que ele se aproximava. Danika se dava conta de que nenhum dos dois tinha intenções sérias, mas era agradável ver como se divertiam.

A família de Danika só ia ficar uma semana; depois iriam para casa. Ela sabia que ficaram tanto tempo porque não confiavam completamente em Aeron, e queriam estar a seu lado no caso dele mudar de idéia. Não era de se admirar que ela as quisesse tanto! Ia sentir falta delas, terrivelmente e as visitaria freqüentemente, mas

sua vida estava na fortaleza, com Reyes.

Gilly, sua jovem amiga de Los Angeles, também tinha se mudado para o castelo. Danika tinha se assegurado disso. Reyes e ela a tinham instalado no quarto contíguo ao dele, com a esperança de ajudá-la na transição de sua vida normal à vida entre os demônios. Parecia que os homens gostaram, e a tratavam como a uma irmã menor, embora não deixavam de se queixar de que sua vida, antes ordenada, se transformasse em um caos. Gilly estava receosa, mas Danika sabia que isso passaria com o tempo.

Ashlyn tinha tomado à garota sob seu amparo. Danika a amava mais ainda por isso. Aquela mulher ia ser uma boa mãe, tivesse um menino, uma menina, um demônio ou um metade humano, metade demônio. Danika se pôs a rir. Possivelmente algum dia ela tivesse que enfrentar o mesmo dilema.

Quanto a Reyes e ela, tinham passado a maior parte do tempo na cama, juntos, se amando. Ela nunca, em toda sua vida, tinha sorrido tanto. Seguia tendo pesadelos, mas já não os temia. Na realidade, os aceitava sem problema. Reyes sempre a abraçava depois, algo que ela desejava com todas suas forças sempre que abria os olhos.

Por outro lado, queria pensar que também reconfortava a ele. A necessidade de Reyes de dor física havia voltado, assim tinha que se cortar várias vezes ao dia. Algumas vezes, ela o ajudava, inclusive. Entretanto, já não tinha aquele olhar enlouquecido quando ela se aproximava com uma faca. Simplesmente, se sentava e desfrutava. O mais assombroso, entretanto, era que já não necessitava de dor enquanto faziam amor. Então, o demônio se transportava a outro plano, tal e como ela tinha suspeitado.

—Venha para a cama, anjo, e acreditarei em tudo que me diga.

—Venha você! Tem que ver isto!

Ele ficou em pé, e ela o puxou pela mão e o levou ao estúdio.

—Teve outro pesadelo?

—Mais ou menos.

Quando passaram pela porta, apareceu ante sua vista um quadro cheio de cores. Ela se deteve em frente ao quadro e Reyes a abraçou pelas costas.

—Muito bonito. — disse ele, apoiando o queixo no ombro de Danika.

—Olha-o bem. Eu... acredito que encontrei o terceiro artefato.

—O que? —Olhe a base da pirâmide. Vê esses homens?

—Sim. São Galen e Stefano.

Ela também o observou atentamente. Contemplou as pirâmides do Egito, enquanto as pessoas entravam em seu interior.

—Em meu sonho, estavam percorrendo os corredores desta pirâmide e falando de um manto de invisibilidade. Diziam que, quando o tivessem, o usariam para entrar nesta fortaleza.

Reyes a abraçou e lhe beijou a cabeça.

—É muito inteligente. Temos que dizer a Lucien.

—Certo...mas, primeiro tem que se vestir.

Ele riu.

—Amo você, anjo.

—Eu também o amo.

—Tenho a sensação de que logo vamos ao Egito. Pode suportar outra aventura?

—Posso fazer frente a qualquer coisa sempre e quando estiver com você.

Ele se inclinou e a beijou com ternura.

—Como era capaz de viver sem você?

—Não vivia. Não vivia de verdade.

Ele a beijou uma vez mais.

—Não, é verdade. Até que a conheci estava morto por dentro. Você me deu tudo isso. Amor, vida, felicidade.

—E você me deu isso também. Quem o teria pensado? Você, eu e esse doce demônio. — Danika sorriu lentamente—. Somos um trio de felicidade.

—Agora e sempre. —disse Reyes.

—Agora e sempre.

Fim